**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA**

BETINA LEME

Poemas reunidos de Paulo Mendes Campos

Versão Corrigida

São Paulo
2018

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA**

Poemas reunidos de Paulo Mendes Campos

Versão Corrigida

Betina Leme

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Augusto Massi

São Paulo
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

L551p Leme, Betina
 Poemas reunidos de Paulo Mendes Campos / Betina
 Leme ; orientador Augusto Massi. - São Paulo, 2018.
 502 f.

 Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
 Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
 Paulo. Departamento de Letras Clássicas e
 Vernáculas. Área de concentração: Literatura
 Brasileira.

 1. Poesia. 2. Paulo Mendes Campos. 3. Edição. 4.
 Estabelecimento de texto e notas. I. Massi, Augusto,
 orient. II. Título.

LEME, Betina. **Poemas reunidos de Paulo Mendes Campos**. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq, pela concessão da bolsa de mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, pela oportunidade.

Ao meu orientador, pela paciência, pela paciência, pela paciência.

Aos professores, alunos e funcionários da graduação e da pós, pelo aprendizado, sempre, de um jeito ou de outro.

A todos os envolvidos nos trabalhos das bibliotecas e acervos que frequentei e frequento, pela atenção e por tornarem a pesquisa possível: Instituto Moreira Salles (RJ), Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ), Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (SP), Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, Biblioteca da ECA-USP, Biblioteca Municipal Alceu Amoroso Lima (SP), Biblioteca Florestan Fernandes (FFLCH-USP), Biblioteca Mário de Andrade (SP), Biblioteca Sérgio Milliet (CCSP-SP).

A Aline, Marina e Darcy, pela amizade e pela acolhida sempre tão queridas em Minas e no Rio.

A Maria Antonia, Odi (*in memoriam*), Bibiana e Helena, porque sim.

RESUMO

LEME, Betina. **Poemas reunidos de Paulo Mendes Campos**. 2018. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

O trabalho aqui apresentado consiste na reunião, organização, estabelecimento de texto e notas, em um único volume, dos poemas de Paulo Mendes Campos. A forma final que tomou esta dissertação evoluiu organicamente durante o processo de pesquisa, mais por necessidade que por opção inicial. Dadas as condições em que se encontrava a organização dos poemas do autor mineiro até o momento em que iniciamos nossa pesquisa, tal necessidade mostrou-se imperativa para que seja possível, posteriormente a esse esforço, aprofundar o contato com a produção do poeta de maneira mais sistemática, visto que ela, diferentemente de outras que costumam ser estudadas na universidade — já mais pesquisadas e canônicas —, não havia recebido, até o momento, um tratamento que a tornasse mais acessível ao tipo de leitura que é necessário ser feito quando tomamos a obra de um autor como objeto de estudo. Além da reunião e organização dos poemas, foi realizado procedimento de cotejo entre as várias edições. A pesquisa foi feita em bibliotecas, hemerotecas (físicas e virtuais) e acervos de institutos de pesquisa. Recorreu-se também à aquisição de livros em sebos. Espera-se, assim, que esse esforço inicial ora apresentado contribua de maneira a estimular o estudo e a divulgação de uma obra que, há tempos, é merecedora de atenção.

Palavras-chave: Poesia. Paulo Mendes Campos. Edição. Estabelecimento de texto e notas.

ABSTRACT

LEME, Betina. **The collected poems of Paulo Mendes Campos**. 2018. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

The objective of our work evolved organically during the research process, until its final form, more by necessity than by initial option, and consisted in: gathering, editing and establishing the text of the poems of Paulo Mendes Campos, in order to enable the study and contribute to the dissemination of his work. Given the conditions in which the poet's work was organized up until the moment we began our research, this necessity proved imperative so that it is possible, after this effort, to deepen the contact with the poet's work in a more systematic way, since, unlike that of other authors who are usually studied in the university — already more researched and canonical — it had not yet received a treatment that made it more accessible to the type of reading that is necessary to be done when we take a literary work as object of study. In addition to the gathering and organization of the author's poems, a collating procedure was carried out between the various editions. Extensive research was done in libraries (physical and virtual) and collections of research institutes, as well as the acquisition of used books.

Keywords: Poetry. Paulo Mendes Campos. Edition. Establishment of the text and notes.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	25
2.	SOBREVOANDO PAULO MENDES CAMPOS	29
2.1	<i>REFERÊNCIAS PARCIAIS</i>	66
3.	PROCEDIMENTOS DE EDIÇÃO	73
4.	POEMAS REUNIDOS	83
4.1	<i>POEMAS ORGANIZADOS</i>	83
4.1.1	POEMAS ANTIGOS (anteriores a 1951)	83
	Os domingos	84
	Auto-retrato	86
	Poema das aproximações	87
	Elegia 1947	89
	Ode a Federico Garcia Lorca	91
	Bolero 1942 (Madrigal 1942)	95
	A Mário de Andrade	96
4.1.2	A PALAVRA ESCRITA (1951)	97
	Neste soneto	99
	Marinha	100
	No verão	101
	A festa	102
	Brasão	103
	Sentimento do tempo	104
	Três coisas	105
	O tempo	106
	Tempo-eternidade	107
	Soneto de paz	108
	It's better to be happy	109

A uma bailarina	110
Despede teu pudor	111
Renascimento	112
Poema de dezembro	113
Poema indivisível	114
Domingo em Paris	115
Um poeta no mundo	116
Um dia de homem	117
Amor conduziu-me ad uma morte	118
Rural	119
A morte	120
Em noite tropical	121
O suicida	122
Os lados	123
Sonho de uma infância	125
Translúcido	126
Hino à vida	127
Em Belo Horizonte	128
Poema de Paris	130
O bêbado	131
A pantera	132
Canção romântica	133
Cântico a Deus	134
O homem da cidade	135
O visionário	136
4.1.3 O TEMPO DA PALAVRA (1958)	137
Fragmentos em prosa	138
À morte	146
Sextilhas	148
Os dias	149
Lápis-tinta	150
Definição	150
Quadro	151
Amor do jardim	152

	O poeta no bar	153
	Os dias da semana	155
	Em face dos últimos mortos	156
	A fugacidade de todas as coisas	158
	Ela	161
	Sermão do diabo	162
	Josette	163
	Pesquisa	164
	Repetição do mundo	165
	Infância	166
	Rei da ilha	169
	“If”	170
	A prostituta	170
	4 de maio	172
	Balada com porcos negros	173
4.1.4	O DOMINGO AZUL DO MAR (1958)	177
	Poema didático	178
	Moscou-Varsóvia (26 maio 1956)	180
4.1.5	TESTAMENTO DO BRASIL (1966)	183
	Um menino	184
	We are such stuff	185
	Tudo acabado entre nós ou O espectro da rosa	187
	Epitalâmio	187
	Cavalaria andante	189
	Cabo Frio	191
	Os relógios	192
	Long John	196
	Camafeu	197
	Unidade	198
	Either/or	199
	Perguntas	202
	Imitado de Chu Iuan (340 A. C.)	203
	Retrato do artista aos 7 anos	215
	No princípio do amor	208

	Litogravura	211
	O hóspede	212
	Testamento do Brasil	216
	Um homem pobre	220
	O morto	226
	Rondó para amigo ou amiga	227
	Copacabana 1945	230
	Balada do homem de fora	234
4.1.6	BALADA DE AMOR PERFEITO (1979)	239
	Cantiga para Lygia Peixoto	240
	Nem juventude nem velhice	241
	Pequeno soneto em prosa	244
	Do tresloucado	246
	A luz em Diamantina	247
	Cantiga para Gabriela	250
	Loa literária do desengano	251
	Cantiga para Hélio Pellegrino	255
	Depois de reler o manifesto surrealista	256
	Cantiga para Tom Jobim	259
	Litania da Lua	260
	Cantiga para Djanira	263
	Epitáfio	264
	Pré-operatório	265
	Balada de amor na praia	266
	Para Roniquito	268
	Insônia	270
	Relógio de sol	272
	Declaração de males	273
	Cantiga para Mário Quintana	276
	Nascimento do dia	277
	Risco de bordado	279
	Balada de amor perfeito	280
4.1.7	ARQUITETURA (1979)	283
	FOGÃO: DOLORES	284

	SALA DE JANTAR	285
	PORÃO	286
	ESCRITÓRIO: ACHANDO ELEGIA	287
	"SOLITUDE BLEUE":	
	[CONVERSA FIADA NO JARDIM	288
	VARANDA	289
	JARDIM: AMANHECER	290
	FINIS CORONAT OPUS	291
	PROJETO	292
	TANQUE DE ROUPA: SCHERZO	293
	JARDIM NOTURNO: SCHERZO	294
	BANHEIRO	295
	NOVENA	296
	JARDIM: BOCA DA NOITE	297
	MURO, JARDIM, PAI	298
4.1.8	POEMAS (seção do livro <i>Trinca de copas</i> , 1983/1984)	299
	Arenga e reza de um guia de Ouro Preto	300
	Lemas do meu caminhão	304
	História sagrada	307
	Prima Vera	308
	Impressão do Brasil	309
	Tombo: estrambote	311
	Motes no infinito	312
	Cantiga de nibelungo	315
	Dreaming of both (rococó)	318
	No fundo do Rio Rio	320
4.2	<i>POEMAS (DES)ORGANIZADOS</i>	325
4.2.1	Poema a Otto Lara Resende ou	
	[Vinte e três agostos no coração (1945)	327
4.2.2	Soneto a quatro mãos (1945)	329
4.2.3	Do livro <i>ANTOLOGIA DE POETAS</i>	
	[<i>BRASILEIROS BISSEXTOS</i> (1946)	330
	Fragmentos marinhos	331
	Inutilmente	334
	Rondó à lua	335

	Madrigal	336
	Previsão	336
	Lagoa Santa	337
4.2.4	Do livro <i>O COLUNISTA DO MORRO</i> (1965)	338
	Crônica suína	338
	O pobre no supermercado	342
	“Depois da solidão quando menino”	346
4.2.5	Do livro <i>O ANJO BÊBADO</i> (1969)	
	Poema de uma tradução	347
	Letra de choro para Lúcio Rangel	352
4.2.6	Selecionados do livro <i>TRANSUMANAS</i> (1977)	356
	A vida em trânsito	357
	Oriental	358
	Viver é fingir	358
	Elegia	359
	Oriental	359
	Infinito em câmara lenta	360
	Trova	360
	Milagre	360
	Didática	361
	Ódio	361
	Nova Sulamita	362
	Legenda	364
	Trança humana	364
	Bilhete ao Motinha da Samambaia	364
	Astecas	365
	Via smarrita	365
	Linguística	365
	Verbo	366
	Idade	366
	Ciência natural	366
	“Como tem passado?”	367
	Foto-lembrança	367
	Antropologia	367

De um informe antigo	368
Canto e conto: duas ferramentas	368
Belle Époque	368
Confissão	368
Ecologia	369
Oriental	369
Embrulho	369
Realismo mágico	369
Oriental	370
Episódio	370
Haicai	370
Aspiração	370
Sapiens-faber	371
To tea or not to be	371
Estilos	371
Linguística	372
In vino veritas	372
À musa de um ano	373
Oriental	373
Carta a Pero Vaz Caminha	374
Para-Verlaine	379
Procura-se	379
Sapiência	379
Caverna de Platão	379
1949	380
Datilografia	380
Introspecção	380
Sudário	381
Viajantes	381
Lírico	381
Sempre errado	381
Oriental	382
Copacabana	382
Maria	382

Engenharia	383
Lullaby	383
Adolescente	383
Oriental	383
Lassidão	383
Olvido	384
Coctail party	384
Terceto	384
Oriental	385
Oriental	385
Sobrevivente	385
Migração	386
Longe dos olhos	386
Aviso à entrada	386
Corações	387
Prometheus	387
Oriental	387
CPF 008453377	388
Receita para um Picasso	388
História	388
Dies Irae	389
Nietzscheana	389
Em tempo	390
Vents	390
Geopolítica	390
Nomes de lugares: Estória do Brasil	391
Amarmaria	394
Minihaicai	394
Trabalhos e dias	394
Velhice	394
Amor	395
Original ao fogo	395
Oriental	395
Morte	396

	Minha paróquia	396
	Translação	396
	Canto lendo Quintana	397
	Oriental	397
	Distinguo	397
	Idade ambígua	398
	Seascape	398
	Poema real	398
	Multidimensional	399
	Cantiga para Daniel	399
	Cantiga para Oscar Niemeyer	399
	Cantiga para Joan	400
	Cantiga para Lulu Silva Araújo	400
	Cantiga para Chico Buarque	400
	Cantiga para Érico Veríssimo	401
	Cantiga para Jorge Campello	401
	Cantiga para Geraldo Carneiro	401
	Cantiga para Luis Reis	402
	Economia de trabalho	402
	Bar	402
	Prece	403
	Oriental	403
	A Mallarmé	403
	O olho do Homem	404
4.2.7	Do livro DIÁRIO DA TARDE (1981)	410
	Ele e ela	411
	Vai da valsa	413
	Círculo vicioso – 1959	416
	Beco	417
	Inverno com tudo	417
	O indispensável	418
	Rus in urbe	418
	Era uma vez um nariz	419
	Password in heaven	419

O herói	419
Blues	420
Réplica para Sergio Corazzini	420
Anfigúrico	420
Sol e sombra	421
Modernete moral fora de moda	421
Grifo	421
Bilhetes trocados	422
Sonoroso	422
Chão de estrelas	422
Atento sou	423
BLEU BLANC ROUGE	423
Cantiga de Nibelungo	425
Matemática	427
Retardado	427
Para um menino felino	427
O instrumento é necessário	428
Oriental	428
Tríduo de partido alto	428
Oriental	428
Profissão: menino	429
Coriscos na serra	429
Coriscos na floresta	429
Coriscos no bairro dos funcionários	429
Coriscos na lagoinha	430
Coriscos no parque	430
Coriscos no parque	430
4.3 <i>POEMAS (NUNCA) ORGANIZADOS</i>	431
4.3.1 Carlos Drummond de Andrade (Tentativa de expressão)	432
4.3.2 Vou-me embora pra Imbituba	434
4.3.3 Pela madrugada	436
4.3.4 Soneto	437
4.3.5 De volta do week-end	438
4.3.6 POEMAS DE JUNHO	

	A volta	440
	O cone de sombra	440
4.3.7	CANÇÕES	
	Signos	441
	Cantiga de ninar	441
	Maria	441
4.3.8	“Um estrangeiro de meia idade”	442
4.3.9	Publicados em <i>VIOLÃO DE RUA</i>	
	Poema para ser cantado	444
	Vivência	447
4.4	<i>NOTAS</i>	449
5.	RECEPÇÃO CRÍTICA	461
5.1	Sessentão dos bons – <i>Carlos Drummond de Andrade</i>	463
5.2	Presença do poeta – <i>Guilhermino Cesar</i>	465
5.3	Revelações do poeta plural – <i>Claudio Willer</i>	469
5.4	Encontro com a poesia de Paulo Mendes Campos – <i>Fábio Lucas</i>	473
5.5	Resgate do poeta Paulo – <i>Affonso Romano de Sant’Anna</i>	476
	REFERÊNCIAS	479
	ANEXOS	
	<i>ANEXO A</i> Carta de Mário de Andrade a Otto Lara Resende (24 set. 1944)	497

1 INTRODUÇÃO

Paulo Mendes Campos (Belo Horizonte, 1922 – Rio de Janeiro, 1991) é conhecido, por grande parte dos leitores que já tiveram algum contato com sua obra, essencialmente como um cronista mineiro que morava no Rio de Janeiro e integrava o famoso quarteto formado por ele, Otto Lara Resende, Fernando Sabino e Hélio Pellegrino. Fato menos divulgado, no entanto, é que se dedicou também à poesia.

Seu primeiro (e breve) artigo, publicado no *Diário de Belo Horizonte*, foi sobre o poeta Raul de Leoni. Na primeira metade da década de 1940, ainda morando em Minas Gerais (muda-se para o Rio de Janeiro em 1945), arrisca voos mais ousados, escrevendo extensos artigos críticos sobre poetas como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira.

O primeiro livro, *A palavra escrita* (1951), foi de poemas. O segundo, *O domingo azul do mar* (1958), também. Em 1966, sai uma reedição dessa produção anterior, acrescida de 23 novos poemas (estes sob o título de *Testamento do Brasil*). A partir de 1960, embora ele continue a publicar poesia, ocorre um predomínio das coletâneas de crônicas (publicadas em jornais e revistas da época). Não apenas as crônicas como diversas outras atividades requisitavam do autor tempo e energia, impedindo-o de se dedicar à poesia com a intensidade que desejava.

Paulo Mendes Campos roteirizou documentários, filmes e programas de televisão. Foi redator de publicidade, *ghost-writer* e passou por outros tantos variados empregos (foi, por exemplo, funcionário do extinto IPASE – Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, do Rio de Janeiro). Fez, também, inúmeras adaptações para livros infanto-juvenis e traduções de prosa em geral (Heinrich von Kleist, Gustave Flaubert, William Shakespeare, Charles Dickens, Julio Verne, Oscar Wilde, James Barrie, John Ruskin, Guy de Maupassant, H. G. Wells, Alphonse Daudet, L. Frank Baum, C. S. Lewis, Jane Austen etc.).

Além disso, escreveu bons ensaios – na tradição dos *essays* ingleses, escapando à tendência brasileira dos estudos acadêmicos.

Leitor voraz e estudioso sistemático, refletiu de maneira leve e culta sobre autores como Guimarães Rosa, Joseph Conrad, Augusto dos Anjos, Walt Whitman, Dante Milano, Virginia Woolf, Cassiano Ricardo, Bernard Shaw, García Lorca, Pablo Neruda, Saint-Simon, Fernando Pessoa, W. H. Auden, Manuel Bandeira, Mark Twain, Robert Frost, Pedro Nava, John dos Passos, entre outros.

Como poeta, continuou ativo, escrevendo e traduzindo (García Lorca, Pablo Neruda, Rosalía de Castro, Jorge Luis Borges, Paul Verlaine, Paul Eluard, Jacques Prévert, William Butler Yeats, Philip Larkin, Paul Valéry, W. H. Auden, T. S. Eliot, Dylan Thomas, Emily Dickinson, Apollinaire, Cummings, Mathew Arnold, William Blake, James Joyce, e outros mais). Suas traduções eram pensadas, estudadas, lapidadas.*

P.M.C. — como ele mesmo assinava muitos de seus artigos, crônicas e poemas — foi inovador em muitos aspectos ainda pouco estudados de sua obra. Raramente, no entanto, a crítica se debruçou sobre sua obra poética com o devido cuidado visando acompanhar e compreender sua evolução.

A título de exemplo, podemos citar o livro *Diário da Tarde* (Civilização Brasileira; Massao Ohno, 1981)[†]. Com diagramação criativa, o livro simula, a cada capítulo, um pequeno jornal. Os conteúdos são diversos, mesclando poesia, ensaio, humor, comentários de futebol, máximas, criando uma experiência de leitura interessante — aliás, muitos autores contemporâneos têm feito sucesso e sido chamados de inovadores por utilizar recursos semelhantes. Esse livro pode ser considerado, em alguns aspectos, uma espécie de síntese da obra de PMC no que diz respeito a multiplicidade de gêneros e interpenetração de linguagens.

Embora aparentemente mais esparsa com o passar do tempo, sua produção poética foi contínua. Há poemas incrustados em vários de seus livros de crônicas, além daqueles que foram divulgados em periódicos e não compilados posteriormente em livros. Em 1990 — um ano antes da morte do autor — foi publicada uma antologia, *Os melhores poemas de Paulo Mendes Campos*, organizada por Guilhermino Cesar (Global Editora). Pela mesma editora e coleção (Os melhores poemas), a antologia foi reeditada em 2015, organizada desta vez por Humberto Werneck (Guilhermino Cesar faleceu em 1993), que cuidou de ampliar a seleção de poemas e incluir uma seção específica para poemas em prosa. Apesar disso, o acesso à obra poética de Paulo Mendes Campos pode ser considerado ainda restrito, por várias razões.

Em primeiro lugar, porque antologias são, por natureza, restritivas, visto serem sempre recortes feitos de acordo com as escolhas de quem as organiza. Em segundo lugar, porque os livros de poemas editados em vida do autor encontram-se, no momento, esgotados. Ainda com relação aos livros esgotados, há outra questão a considerar: mesmo que os garimpemos em sebos, perceberemos que todos eles pecam, de uma maneira ou de outra, pela falta de

* Um breve exemplo disso pode ser visto na internet, em artigo de Elvia Bezerra (“Dos cadernos de Paulo Mendes Campos”, Blog do IMS, 2 abr. 2013): <<https://blogdoims.com.br/dos-cadernos-de-paulo-mendes-campos-por-elvia-bezerra/>>.

[†] Recentemente foram publicadas duas novas edições: uma pelo Instituto Moreira Sales (2013), e outra pela Companhia das Letras (2014).

clareza com relação à organização dos poemas. As dúvidas surgem, principalmente quando o objetivo é uma leitura mais aprofundada da obra, e os livros não trazem dados suficientes que deem conta de respondê-las.

Há, ainda, a questão de que outros tantos poemas encontram-se praticamente perdidos no momento, pelo fato de não terem sido publicados nos livros específicos de poesia. Estão “escondidos” em livros de crônicas (também esgotados, ao menos em seu formato e seleção originais) ou em revistas e jornais que, como se costumava dizer nos tempos em que a mídia impressa predominava entre os periódicos, já viraram “embrulho de peixe”.

Assim, quando decidi aprofundar o contato com a poesia de Paulo Mendes Campos de maneira mais sistemática, por ocasião do mestrado do qual resulta esta dissertação, deparei com uma série de dificuldades básicas decorrentes do fato de que sua obra poética, diferente da de outros autores que costumam ser estudados na universidade — já mais pesquisados e canônicos —, não havia recebido, até o momento, um tratamento que a tornasse mais propícia ao tipo de leitura que é necessário ser feito quando se toma uma obra como objeto de estudo.

O OBJETIVO DE NOSSO TRABALHO evoluiu organicamente durante o processo de pesquisa, até tomar sua forma final, mais por necessidade que por opção inicial, e consiste na reunião, organização, estabelecimento de texto e notas, em um único volume, dos poemas de Paulo Mendes Campos, de maneira a possibilitar o estudo e contribuir para a divulgação de uma obra que, há tempos, é merecedora de atenção. Essa etapa de pesquisa e organização, portanto, dadas as condições em que se encontrava a obra do poeta, mostrou-se imperativa, não nos restando escolha a não ser aceitá-la e transformá-la em nosso objeto de pesquisa de mestrado.

Outro aspecto a chamar a atenção durante a pesquisa foi a quantidade de informações imprecisas e/ou desconstruídas referentes à biografia do autor, principalmente em artigos de revistas/jornais e textos publicados na internet. Durante a leitura dos materiais, as dúvidas surgiam recorrentemente e acabavam por demandar mais pesquisa e leituras para dirimi-las. Dessa atividade resultaram o capítulo “Sobrevoando Paulo Mendes Campos” e muitas das notas que acompanham os poemas aqui reunidos.

Como parte das atividades de pesquisa, foram realizadas duas viagens ao Rio de Janeiro para consulta ao acervo do **Instituto Moreira Salles** (mar. 2014 e ago. 2015), onde se encontra o arquivo de Paulo Mendes Campos, e ao acervo da **Fundação Casa de Rui Barbosa** (ago. 2015), para consulta aos arquivos de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Hélio Pellegrino. Em São Paulo, foram de especial importância os acervos da **Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin**, do **Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-**

USP) e da biblioteca da **Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP)**. Além disso, recorri aos sebos, sem o que este trabalho provavelmente não teria sido possível.

A pesquisa certamente não está esgotada, tampouco a sistematização de todas as informações coletadas. Porém, o material já começa a ganhar, por meio desta reunião imperfeita, contornos que o tornam mais adequado à leitura crítica e em profundidade. Passo que pretendemos dar em seguida.

2 SOBREVOANDO PAULO MENDES CAMPOS[‡]

Sem dúvida, o mundo é enigmático. Mas, em sua viagem, ela absorvera alguma coisa mais simples do que a água e mais pura do que o peixe de cada dia, alguma coisa que está na cor e não é a cor, está na forma dos objetos e não é a forma, está no oceano, na luz solar, no vento, nas árvores, no marechal, na sombra que se desloca, mas que não é a sombra, o marechal, o vento, a luz solar, o oceano. Alguma coisa infinitamente sensível e unânime, que se esvai ao ser tocada, alguma coisa indefinidamente acima da compreensão das gaivotas.

(Paulo Mendes Campos, “Sobrevoando Ipanema”, *Manchete*, 23 mai. 1959).

Nasci a 28 de fevereiro de 1922, em Belo Horizonte,
No ano de Ulysses e de The Waste Land,
Oito meses antes da morte de Marcel Proust,
Um século depois de Shelley afogar-se no golfo de Spezzia.
Nada tenho com eles, fabulosos,
Mas foi através da literatura que recebi a vida
E foi em mim a poesia uma divindade necessária.
[...]

(Paulo Mendes Campos, trecho de “Fragmentos em prosa”, *O domingo azul do mar*, 1958 – seção O tempo da palavra)

Trança humana

A arte é uma rede de comunicações no tempo.
Há subestações de alta potência:
Homero, Dante, Shakespeare, Bach, Goya...
E há fiações, fusíveis, parafusos, isolantes,
Singelos e imprescindíveis.
(Paulo Mendes Campos, *Transumanas*, 1977)

Paulo Mendes Campos nasceu em Belo Horizonte (MG), em 28 de fevereiro de 1922, às duas horas de uma tarde de carnaval.¹ Quando tinha 2 anos, a família mudou-se para o distrito de Saúde², a cerca de 180 quilômetros da capital mineira, onde seu pai foi clinicar³. Lá, moraria até quase completar 6 anos.

[...]
Da casa em que nasci não me lembro nada.
Contam que via o demônio e o apontava na parede,

[‡] Para este capítulo, optou-se, para tornar a leitura mais fluida, pela apresentação das referências bibliográficas de acordo com o sistema de chamada numérico (vide “Referências parciais”, p. 66-72).

Alvoroadamente, como se fora um anjo.
 Minha vida começa em Saúde, arraial de minha infância,
 De que cito algumas estampas essenciais:
 Eu e Iris brincando no jardim.
 Iris no caixão sobre a mesa escura.
 A notícia do assassinato do meu tio Arquimedes,
 Chegada cautelosamente no serão familiar,
 Seu Rodolfo caçador com sua perna de pau
 (Derrubou o cacho de cocos com um tiro),
 Minha mãe, revólver em punho, procurando ladrão no quintal,
 O leproso dos Correios, que comia ovos cozidos,
 A besta Mascote, a besta Mansinha,
 Meu encontro com a morte de um tuberculoso em uma casa desconhecida,
 O guizo da mula sem cabeça tilintando na várzea.
 Lembro-me da partida sem pena.
 Sempre parti sem pena.
 Ainda hoje, quando subo os degraus do avião, do navio,
 É sempre a mesma emoção, uma alegria doloridamente física,
 Uma névoa infantil nos olhos, imitando as lágrimas,
 Uma pulsação dentro de mim como antes de um beijo.

Não sei se foi feliz a minha primeira infância.
 Não trouxe no coração uma saudade direta
 E tive terror dos mascarados e do batuque noturno dos tambores. [...] ⁴

Iris, citada no poema, foi uma irmã que morreu – eram nove irmãos, cinco homens. Os mascarados e o batuque noturno dos tambores, que lhe teriam causado tanto terror, seriam, segundo Renard Perez⁵, lembranças confusas das congadas.

Essa fase passada em Saúde é evocada em vários de seus escritos, tanto em verso como em prosa, e sempre com essa característica que o próprio autor nomeia: em forma de “estampas essenciais” – condizente com as reminiscências de uma criança da sua idade de então. “Guardo as primeiras lembranças da pequenina cidade na qual minha família foi morar: Saúde (hoje Dom Silvério)[§] encerra as estampas que abriram meus olhos.”⁶

As imagens-estampas trazem em comum a forte impressão causada pelo impacto emocional e/ou pelo estranhamento em sua consciência infantil. Nelas, não há discernimento entre realidade e fantasia, apresentando-se ambas com o mesmo peso: “Meu encontro com a morte de um tuberculoso em uma casa desconhecida, / O guizo da mula sem cabeça tilintando na várzea.” As lembranças são acessadas sob a forma de instantâneos e não têm necessariamente compromisso com uma estrutura narrativa coerente. Seu compromisso maior

[§] O povoado de Nossa Senhora da Saúde foi elevado à condição de distrito em 1873, com a denominação de Saúde; posteriormente, em 1938, teve o nome mudado para Dom Silvério, quando de sua emancipação como município. (*Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, v. XXV, ano 1959. Informação disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/domsilverio.pdf> >. Acesso em: maio 2018.)

é com a criança, resgatada não apenas por meio do conteúdo de suas lembranças como também pela forma – bricolagem de reminiscências^{**}.

Há uma crônica do autor, “*Video tape da insônia*”⁷, que começa exatamente com os quatro primeiros versos da segunda estrofe do poema “Fragmentos em prosa” (já citados anteriormente neste capítulo): “Da casa em que nasci não me lembro nada. Contam que via o demônio e o apontava na parede, alvoroçadamente, como se fora um anjo. Minha vida começa em Saúde, arraial de minha infância [...]”. Há diferenças, depois, entre os textos, mas a relação é claramente de derivação. No que diz respeito ao conteúdo, o poema é mais recheado tanto de informações como de impressões – a crônica é mais enxuta: tudo que há na crônica, também está no poema. No que trazem em comum, a diferença se faz notar, em algumas passagens, apenas pela presença ou não da quebra dos versos; em outras, porém, há mudanças na estrutura das frases/versos que tornam a crônica mais prosa e o poema mais poema. Carlos Drummond de Andrade, em artigo, chama a atenção para “‘Fragmentos em prosa’: título enganador de longo poema em verso desmesurado, com ritmo infalível”⁸.

Ivan Marques⁹, em posfácio escrito para uma antologia de crônicas de Paulo Mendes Campos, chama a atenção para o fato de que, em sua obra, poesia e crônica estão intimamente relacionadas. E comenta: “Uma demonstração explícita desse cruzamento está na série de crônicas que têm origem em poemas.” Com relação a esses casos, aponta que “a adaptação se limita muitas vezes a eliminar as quebras dos versos sem mutilar o texto original”¹⁰. Não deixa de mencionar o clássico ensaio de Antonio Candido sobre o gênero – “A vida ao rés do chão”¹¹ –, no qual o crítico chama a atenção para a “larga onda lírica” como qualidade distintiva da crônica de Paulo Mendes Campos perante as de Carlos Drummond de Andrade e Fernando Sabino. Marques sugere, ainda, que o berço dessas crônicas líricas é a poesia, lembrando que “a despeito do prestígio que obteve com sua obra de cronista, foi como poeta que o autor estreou na literatura”¹².

No caminho inverso das crônicas originadas de poemas, há, também, os poemas derivados de crônicas. A título de exemplo, podemos citar a crônica “Insônia”, publicada no livro *O anjo bêbado* (1969)¹³, e o poema de mesmo título, publicado em *Poemas* (1979)¹⁴.

Humberto Werneck¹⁵, em recente antologia de poemas de Paulo Mendes Campos por ele organizada, agrega à seleção uma seção denominada “Poemas em prosa”, para a qual selecionou textos que vinham sendo tratados por outros críticos, até o momento, como

^{**} Reminiscências, aqui, no sentido de imagens do passado que se conservam na memória como lembranças vagas e incompletas, de maneira fragmentária – ou, como diz o poeta, na forma de “estampas essenciais”. Recordações provenientes dessa fase da infância não se apresentam à mente de maneira organizada em uma narrativa contínua e coerente.

crônicas. Trata-se de seleção pessoal, como aliás o são todas as antologias, e certamente não esgota os textos do autor que podem ser classificados como poemas em prosa. Por exemplo, Werneck deixa de fora do livro o “Poema das aproximações” — primeiro poema em prosa publicado por Paulo Mendes Campos, na seção “Poemas Antigos” de seu *O domingo azul do mar* (1958).

Mas não enveredaremos por esse tipo de discussão. O objetivo, aqui, é apresentar um quadro geral da vida e da obra de Paulo Mendes Campos, utilizando para isso seus poemas, crônicas, artigos, entrevistas, cartas, além de textos e entrevistas de terceiros, bem como chamar a atenção para características do autor, sua obra e seu contexto. Deixemos registrado, neste momento de nosso sobrevoo, que uma das principais características de sua obra é essa indefinição, essa porosidade de que é feita a fronteira entre poesia e prosa.

Perto de completar 6 anos (1928), estava de volta à capital mineira, e passa a estudar no Grupo Escolar Barão do Rio Branco.¹⁶

[...]

As primeiras letras. Meu ódio à disciplina.
O mistério do pátio das meninas.
Minha primeira paixão chamava-se Maria e usava tranças.
Minha segunda paixão chamava-se Maria e tinha olhos bonitos,
Minha terceira paixão chamava-se Maria.

Brincar de grande era com a gente mesmo, a correr em cavalos de pau,
Brincar de pequeno era retirar da caixa as figuras recortadas
E tecer os enredos.
As fitas em série aos domingos: *O Grande Guerreiro!*
Os filmes de cobói: Bob Steele! Buck Jones!
Ruas de Nova Iorque! Tempestade sobre a Ásia!
Os livros! A importância de retirar um livro da Biblioteca Pública!
Robinson, Gulliver, Dom Quixote! *O duplo assassinato da rua Morgue!*
[...]¹⁷

Em 1930, aos 8 anos, muda-se para uma casa na Avenida Paraúna (que mais tarde passará a se chamar Avenida Getúlio Vargas, para desgosto do poeta). Naquele tempo, Belo Horizonte ainda em construção, havia muitos lotes vagos; as casas eram espaçadas e “davam a impressão de uma criança com os dentes adultos a nascer”. A rua não asfaltada soltava um “pó quase escarlate” que adería à pele. Paulo Mendes Campos andava em um bando “terrível e sem compaixão”¹⁸:

Éramos a quadrilha da Paraúna e, modéstia a parte, não tínhamos rivais: nem mesmo o pessoal da Barroca^{††}, nem os afamados bandoleiros da Santa Efigênia podiam conosco. Não imperávamos apenas em nosso “distrito” como também íamos provocar o inimigo em seu próprio território armados de pedras e porretes e sobretudo de uma enorme vontade de brigar. Se a Paraúna apanhava na quinta, o que aconteceu poucas vezes, voltava novamente na sexta para descontar.¹⁹

Quando chega a revolução de 1930, a família, por precaução – porque a casa ficava perto do regimento da cavalaria e do Palácio da Liberdade –, muda-se temporariamente para outro bairro:

Tinha voltado do grupo escolar, lavara^{‡‡} de meu corpo o pó vermelho que se esconde agora sob o asfalto da cidade, vestira a calça comprida da roupa de marinheiro, e calçara com dificuldade, com o meu único braço útil, o sapato do pé direito. Foi aí, exatamente nesse instante, que rebentou a revolução. O braço direito estava na tipoia com duas fraturas.^{§§} Aderi logo e de todo o coração ao movimento revolucionário, quando soube que meu pai nos levava para o bairro da Serra, onde residiam parentes. [...] Com um braço quebrado, um pé descalço, as férias inesperadas, a guerra, eu não podia reluzir mais de contente, estado luminoso que se chocava com a opacidade baça dos adultos. Foram dias e horas e minutos de uma riqueza inumerável, sem aulas para ouvir, sem roupa para mudar, sem o tédio que advinha da monotonia dos horários.²⁰

A temporada fora de casa, porém, não terá gosto apenas de aventuras e traquinagens (cometidas às pencas, de acordo com o relato da crônica). O menino que foi para a Serra, descrito pelo próprio autor como “uma graça de alienado”, viverá por lá algumas experiências que o farão começar a perceber outro mundo para o qual sua atenção não havia se voltado até então – e, provavelmente, não fosse pela situação de exceção, com o qual demoraria ainda algum tempo a tomar contato:

^{††} Refere-se à Favela da Barroca, situada, na época, nas imediações de onde atualmente se encontram a Praça Carlos Chagas e a Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, no bairro de Santo Agostinho. A favela foi removida do local em meados da década de 1930, por ocasião das obras de conclusão da Avenida do Contorno. Encerradas as obras, a região foi posteriormente ocupada por moradores de maior poder aquisitivo. A população da Barroca foi transferida para a região de uma antiga pedreira esgotada, que fornecera material para o nascimento de Belo Horizonte, e que se transformou no bairro até hoje conhecido como Morro das Pedras. (RIBEIRO, Raphael Rajão (coord.). *Histórias de bairros de Belo Horizonte: Regional Oeste*. Belo Horizonte: Arquivo Público da Cidade, 2011; BORSAGLI, Alessandro. Os anos 1930: a primeira crise urbana e o modernismo. Disponível em: <curraldelrei.blogspot.com.br/2010/09/os-anos-1930-primeira-crise-urbana-e-o.html>. Acesso em abr. 2016).

^{‡‡} Na edição da qual transcrevi, aparece grafado como “levara”. Entretanto, pelo contexto, “lavara” faz muito mais sentido (ele chega da escola, toma um banho, veste sua calça de marinheiro, calça o primeiro pé do sapato etc.).

^{§§} Quebrou o braço ao pular de um bonde em movimento, conforme conta em “Depoimento” no livro *Os bares morrem numa 4a. feira* (1980, p. 4-5).

A Serra se viu invadida, aos poucos, de personagens que me obrigaram a outros pensamentos, mulheres, homens e crianças, pardos ou pretos, que lá chegavam sujos, esfarrapados, olhos magoados de pavor, mãos trêmulas. O medo existia; a miséria existia. Vinham fugidos da Barroca, do Barro Preto, dos miseráveis barracos que ficavam no alto do Bairro de Lourdes, das vizinhanças da batalha. Sentavam-se no chão, cobriam as mãos com o rosto, e ficavam esperando. Meu pai costumava distribuir mantimentos entre eles, que agradeciam com os olhos molhados e as mãos tímidas. Estavam famintos de tudo. Esse gesto me fez viver ao longo de todos os anos uma gratidão especial por meu pai, como se aquela fome, aquela dor e aquela miséria fossem minhas. Pois era a primeira vez que a vida me levava a sério.²¹

Interessante lembrar que, nesse mesmo ano de 1930, um poeta 20 anos mais velho que Paulo Mendes Campos, Carlos Drummond de Andrade (que nessa época ainda morava em Belo Horizonte e trabalhava na Secretaria do Interior)^{***}, publicava seu primeiro livro: *Alguma poesia*. A edição, com tiragem de 500 exemplares, se deu nas oficinas da Imprensa Oficial. Os custos foram bancados do próprio bolso do poeta, por meio de várias parcelas mensais descontadas em seu contracheque. A editora pela qual sai o livro, Edições Pindorama, era um selo imaginário criado pelo amigo e escritor Eduardo Frieiro, que também havia se utilizado dos mesmos expedientes para editar os próprios livros. Além de emprestar o selo, Frieiro também fez o projeto gráfico de *Alguma poesia*, mesmo não concordando com o conteúdo.²²

Um ano depois, Frieiro propôs a criação da Sociedade Editora Amigos do Livro, da qual fizeram parte, além dele, Drummond, Emílio Moura, João Alphonsus, Cyro dos Anjos, Aníbal Machado, Guilhermino Cesar^{†††} e Abgar Renault, dentre outros. Cada sócio colaborava com uma parcela e garantia, assim, a confecção de 200 exemplares do livro da vez.²³

Na época, Belo Horizonte não dispunha de uma editora sequer. A Amigos do Livro vinha suprir o vazio editorial da capital mineira. O objetivo não era editar apenas livros dos associados, mas também apoiar novos escritores, com pequenas obras inéditas, bem como reeditar obras importantes e esgotadas da literatura mineira. Durante seus 12 anos de existência (1931-1943 – tendo havido, ao longo desse tempo, modificações de direção e sócios), foram editados sob sua marca 23 títulos.²⁴

^{***} Drummond, então com 28 anos, também dá testemunho da Revolução de 1930, tal como vivida em Belo Horizonte e não muito distante de onde estavam Paulo Mendes Campos e sua família, no poema “Outubro 1930” (*Alguma poesia*, Belo Horizonte, Edições Pindorama, 1930) e na crônica “Um dia de outubro” (*A bolsa e a vida*, Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1962).

^{†††} Cinquenta e nove anos mais tarde, Guilhermino César será o responsável pela organização da antologia *Os melhores poemas de Paulo Mendes Campos* (São Paulo, Global, 1990).

Em suma, a importância da Sociedade Amigos do Livro pode ser assim resumida: a disseminação de uma proposta que, em certa instância, pode ser considerada como formadora de uma sociabilidade intelectual e literária que alimentou as gerações que se sucederam e que pode ser considerada responsável pelo surgimento de um espaço público de circulação de ideias na “*novelha*”^{†††} Belo Horizonte.²⁵

E é fato que, quando a nova geração de escritores mineiros começa a arriscar seus primeiros passos na cena literária, a partir da segunda metade da década de 1940, ela se beneficiará dessa “sociabilidade intelectual e literária” de que fala Cleber Cabral²⁶. Todos os autores citados anteriormente (Drummond, Emílio Moura, João Alphonsus, Cyro dos Anjos, Aníbal Machado, Guilhermino Cesar e Abgar Renault) terão, cada um à sua maneira, presença importante na vida intelectual de Paulo Mendes Campos e seus companheiros de geração, tanto em Minas Gerais como no Rio de Janeiro, para onde se mudam vários deles e onde conseguem projeção nacional.

Enquanto os mais velhos desbravavam territórios e preenchiam o vácuo editorial de Minas Gerais, o garoto Paulo Mendes Campos estudava no Grupo Escolar Barão do Rio Branco: “Era um menino endiabrado, estando por diversas vezes para ser expulso, o que só não aconteceu por ser o seu companheiro de travessuras o sobrinho da diretora...”²⁷ Entre suas primeiras leituras, após o processo de alfabetização, estava a antologia escolar de Olavo Bilac e Manoel Bomfim^{§§§}, como se deu com quase todas as crianças de sua época.²⁸

Já a essa altura, sem contar as sílabas, líamos correntemente. Mistério era descobrir por que motivo tanta gente havia escrito tanta coisa sem graça. Logo na primeira página, embirrei com o tal de Machado de Assis. Aquele “lobriguei luz por baixo da porta”,^{****} me aborreceu. Lobriguei lembrava lombriga; lombriga lembrava vermífugo...²⁹

††† Nota do autor do artigo: “O termo ‘novelha’ é fruto de uma brincadeira morfológica, na qual as palavras velho e novo se imiscuem, como fibras, a partir da imagem do novelo, para constituírem um ‘novelho do presente’, onde os fios do ontem e do porvir se entrelaçam e se indiscernibilizam para criar os trajetos de uma modernidade possível, ainda que tardia.” (CABRAL, 2010, nota de rodapé n. 19).

§§§ Pela descrição, trata-se de *Prática da Língua Portuguesa*: Livro de Leitura para o curso complementar das Escolas Primárias (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1899). Outra obra didática da mesma dupla de autores, leitura também obrigatória na época, era *Através do Brasil*, publicada pela mesma editora (1910). Esta última destinava-se ao ensino secundário. Uma interessante análise sobre ambas, seu conteúdo e sua inserção na história das edições didáticas brasileiras pode ser encontrada em: SANTOS, Alessandro do Nascimento. *Pátria, nação, povo brasileiro na produção didática de Manoel Bomfim e Olavo Bilac: Livro de Leitura (1899) e Através do Brasil (1910)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, PUC-SP, 2010.

**** Refere-se ao conto “Entre santos” (*Várias histórias*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1896).

Enquanto na rua e na escola a molecagem rolava solta, em casa a literatura era bastante presente, embora ele talvez nem se desse conta do fato. Seu pai, o médico Mário Mendes Campos (1894-1989), publicara dois livros de poemas quando moço, escrevia artigos literários para jornais e viria a se tornar, na primeira metade da década de 1930, membro da Academia Mineira de Letras.^{††††} Manuel Bandeira, em seu *Itinerário de Pasárgada*³⁰, ao falar sobre suas primeiras colaborações na imprensa, menciona-o *en passant*:

Por causa de um hiato num verso do poeta mineiro Mário Mendes Campos travei com o crítico Machado Sobrinho derramada polêmica, pelas colunas do *Correio de Minas*, de Juiz de Fora, o que fez minha irmã dizer em casa que eu queria penetrar na literatura brasileira via Juiz de Fora. *O Correio de Minas* foi o primeiro jornal em que colaborei seguidamente. Antes disso só publicara uma crônica no *Rio-Jornal* e um artigo intitulado “Uma questão de métrica” no *Imparcial* de 25 de dezembro de 1912.

Quanto à mãe, D. Maria José, o futuro marido a conheceu numa ocasião em que ela recitava um poema de Alberto de Oliveira^{††††} na presença do poeta: “[...] Isso foi em Ubá, terra do meu pai. Ao ver a colegial recitando Alberto de Oliveira diante do próprio, meu pai, homem sensível, ficou comovido até às lágrimas, e foi nessa ocasião que ele falou pela primeira vez com a minha mãe.”³¹ Que fique registrado: o gosto da moça não se limitou aos parnasianos, como se verá a seguir.

Otto Lara Resende também dá testemunho da vocação da família Mendes Campos para a poesia: “Paulo se iniciava nos poetas por sua própria mãe. Seu pai, Mário Mendes Campos, médico e letrado, pertencia à Academia Mineira. Conhecia e adivinhava a literatura hispano-americana. Quem, senão o pai do Paulo, podia nos dar a notícia de um poeta chamado Vicente Huidobro? A família Mendes Campos respirava a liberdade da poesia”.³²

A Biblioteca Municipal de Belo Horizonte será, para o garoto, uma feliz descoberta:

Um dia entrei na Biblioteca Municipal de Belo Horizonte e me emprestaram um livro, uma edição juvenil de *Robinson Crusoe*: fiquei deslumbrado com a minha importância, com a porta que se abria e com o próprio livro. Na semana seguinte, retornando à biblioteca, incorporei ao meu mundo D. Quixote e Sancho Pança. Mamãe me levou ao terceiro andar do edifício literário, narrando-me contos de Edgar Poe, dizendo-me versos de Antônio Nobre e Vicente de Carvalho, apresentando-me por fim aos originais de Baudelaire.³³

^{††††} Ocupou a Cadeira 19, sucedendo Francisco Lins (1866-1933). (Disponível em: <academiamineiradeletras.org.br/cadeiras/>. Acesso em: maio 2018.)

^{††††} Antonio Mariano Alberto de Oliveira (1857-1937), farmacêutico, professor (português, literatura e história) e poeta. Junto com Olavo Bilac e Raimundo Correia, formou o que ficou conhecido como “a tríade dos poetas parnasianos brasileiros”. Fundador da cadeira n. 8 da Academia Brasileira de Letras.

Em outro de seus escritos autobiográficos, conta que deve à mãe “o manejo do revólver, o gosto do claustro, o recolhimento na hora do crepúsculo, o entendimento da passagem entre o efêmero e o símbolo”³⁴.

O pai, por seu lado, garantia ao garoto livre acesso à sua biblioteca, permitindo que ele “revirasse de pernas para o ar a sua livralhada”:

Foi lá que descobri, em livros e revistas, os nomes de Adelino Magalhães, Jackson de Figueiredo, Marques Rebelo, Cecília Meireles, Francisco Karam, Murilo Araújo, Nestor Vitor, Cruz e Souza, Emiliano Pernetta, Tasso da Silveira, Andrade Murici... E foi no escritório de meu pai que entrei pela porta de um supermercado literário: a *Biblioteca Internacional de Obras Célebres* – uma antologia em vários volumes, da Antiguidade ao princípio do século. Dos restos daquela fabulosa crestomatia guardo até hoje, carinhosamente enquadrados, os retratos românticos de Coleridge, Byron e Shelley. E foi nela que a morte entrou pelos meus olhos, ao ler, reler e recomençar a elegia de Thomas Gray sobre um cemitério de aldeia. Sou capaz de repetir poemetos de Goethe e do esquecido Arnaut, decorados naquele oceano literário.³⁵

Aos 11 anos, em 1933, presta o exame de admissão para cursar o Ginásio no Colégio Arnaldo e é aprovado. Conta que no exame foi-lhe pedido para “ler e analisar um trecho de Coelho Neto que sabia de cor: ‘Selva augusta de velhos troncos intactos...’.”³⁶ Por essa época, lia também narrativas policiais e de aventura: “Tarzan, Emilio Salgari, Rafles, Sherlock Holmes, Sax Rhomer, Fenimore Cooper...”.³⁷ Nesse primeiro ano ginásial, comete dupla façanha: leva bomba em matemática e foge de casa^{§§§§} – não necessariamente nessa ordem.

[...]

O Colégio Arnaldo, aversão à matemática, nulidade em desenho,
O dedo imenso e estúpido do Padre Coqueiro...

Aos onze anos, armado de revólver, fugi de casa.

Foi o romancista Osvaldo Alves que me vendeu latas de conservas no
[armazém.

Em companhia de Georges e Aristeu,

Demandei Goiás em busca dos índios.

A primeira sede violenta,

O desconhecido amedrontando e tentando,

Cardoso, velho lenheiro, homem bom já falecido, que em sua casa na

[Mutuca nos deu cama de palha, café com broas e conselhos mansos:

Acho que vocês vão dar umas estopadas, meninos. O mundo é grande!

[...] ³⁸

§§§§ Uma narrativa mais detalhada dessa fuga pode ser lida na crônica “Marcha para o Oeste” (*Os bares morrem numa quarta-feira*, 1980, p. 127-129).

Em alguns relatos posteriores, nos quais relembra essa época, Paulo Mendes Campos atribui a mudança de colégio à bomba em matemática;³⁹ em outros, à fuga de casa.⁴⁰ Provavelmente, ambas devem ter pesado na decisão dos pais. O fato é que passará a estudar em Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto, em um colégio administrado por padres salesianos.

Reprovado no primeiro ano ginasial,
Fui mandado para o colégio interno de Cachoeira do Campo.
Lágrimas convulsas na primeira noite.
Lágrimas depois em muitas noites.
Conheço a pusilanimidade, a traição, a delação.
Conheço a covardia, a bofetada de um padre.
Feroz e indisciplinado é o coração da infância.
[...]⁴¹

Fui então cursar como interno o primeiro ano ginasial no Colégio Dom Bosco, em Cachoeira do Campo, e estreei na literatura: a obra se intitulava “Fugindo de casa”. Vieram logo outras. O romance *Winetou*, lido no refeitório, me inspirou a criação de *Motano*, um índio pele-vermelha. Um pedacinho do “Noturno de Belo Horizonte”, de Mário de Andrade, me animou a desenrolar um poema comprido (sobre o mesmo tema, porém diurno), sem métrica e sem rimas. E por aí fui entrando nos desvãos da literatura tosca, tendo por único leitor o colega Décio Mossoró, que tinha letra boa e passava meus versos e minhas prosas a limpo.⁴²

[...]
Minha rebeldia fez-me a vida infeliz.
Meu medo do inferno fez-me a vida infeliz.
Minha sensibilidade fez-me a vida infeliz.
Meu tempo de internato em Dom Bosco, durante três anos intermináveis, foi
[uma coisa infeliz, irremediavelmente infeliz, até hoje infeliz.

No segundo ano, segundo a linguagem salesiana,
Comecei a ficar túbio; participava da *Société Impiété******
Como um de seus mais revoltados membros.

Devo a Mário Lúcio Brandão minhas primeiras conversas literárias.
Achávamos uma injustiça Abílio Barreto não pertencer à Academia
[Brasileira de Letras.

[...]

Não esquecer nada que seja contra o Colégio Dom Bosco,
[...]
Não esquecer...
Não esquecerei nada.
[...]⁴³

***** Título dado por um dos padres do colégio ao pequeno grupo formado por Paulo Mendes Campos e outros colegas, onde se discutiam assuntos literários e religiosos (PEREZ, 1971, p. 320).

A única experiência que parece persistir positiva, dessa época de Dom Bosco, além de algumas poucas amizades e do aprofundamento de seu interesse pela literatura, é sua relação com a natureza circundante. Relação esta, aliás, que estará sempre presente ao longo de toda a obra do autor, desde os escritos autobiográficos até os poemas e a prosa mais delirantes.

[...]
 Era suave o perfume do eucalipto, suave era o ar,
 Doces eram as laranjas, as ameixas, as jabuticabas,
 Majestosos eram os pinheiros,
 Frescas eram as águas nascentes,
 Ásperos e belos os caminhos da montanha.^{††††}
 Coisas da natureza, obrigado, obrigado.
 Obrigado, amigos meus.
 Que contentamento deixar Dom Bosco e seus fantasmas!
 Ah! Se pudesse levar apenas o aroma das resinas!
 [...]⁴⁴

Depois de três anos no Colégio Dom Bosco (1934-1936), recebe “o bilhete azul”, ou seja, é convidado a mudar de escola – por ser um aluno rebelde e discutir com os professores. Muda de colégio e de cidade para cursar os dois últimos anos ginasiais:⁴⁵

[...]
 Em 1937, fui para o Ginásio de Santo Antônio, em São João del-Rei,
 De sadios holandeses franciscanos.
 Várias liberdades desconhecidas:
 A de fumar,
 A de pôr as mãos nos bolsos,
 A de fazer rodinhas,
 A de sentar-se nos recreios,
 A de conversar com maiores e menores,
 A de sair aos domingos
 A de namorar,
 A de opinião.
 [...]
 Aplicação e desprezo pelos estudos,
 Uma adivinhação de poesia nos florilégios estúpidos,
 Estudos de gramática portuguesa
 (Nasóculos, quotiliquê, ludopédio),
 Romances: Júlio Diniz, Júlio Verne, Camilo, Coelho Neto;
 Desorientadas e frustradas inquietações políticas e patrióticas;

^{††††} Aqui, a referência ao último verso do poema “O cacto”, de Manuel Bandeira (*Libertinagem*, 1930), é inquestionável: “— Era belo, áspero, intratável.” A obra de PMC é cheia dessas referências a outros autores, e nem sempre tão fáceis assim de reconhecer. Como leitor voraz que foi, além das muitas traduções que fez, torna-se tarefa praticamente impossível para uma só pessoa o reconhecimento de todas essas menções ao longo de sua obra, por maior que seja a erudição do leitor. Especialmente com relação a esse verso de Bandeira, sua evocação é recorrente na obra de Paulo Mendes Campos.

A amizade dura de Frei Godberto;
 Orador do Grêmio Literário Jackson de Figueiredo;
 A vontade de escrever uma coisa;
 O medo da morte;
 O medo do tempo.
 [...] ⁴⁶

Assim como a natureza, também a morte e o tempo serão temas recorrentes ao longo de toda a obra do autor. No que diz respeito aos dois últimos, há uma relação mais intencional-consciente entre o tema e o ato de escrever que o próprio Paulo Mendes Campos reconhece e descreve. Além dos versos aqui transcritos (“[...] A vontade de escrever uma coisa;/ O medo da morte;/ O medo do tempo. [...]”), podemos encontrar tal relação bem explicitada em outro relato de cunho autobiográfico:

Quando era adolescente e resolvi fazer-me escritor, comprei três cadernos: num fui copiando poemas sobre a morte; no outro anotava todos os trechos que me pareciam pertinentes ao problema do tempo; transcrevia no terceiro verso e prosa que se referissem à solidão. Tempo, solidão, morte. *No way out.* ⁴⁷

Em sua dissertação de mestrado, única até o momento a tratar do poeta Paulo Mendes Campos (as outras existentes até esta data tratam do cronista), Luciano Rosa da Cruz Santos ⁴⁸ apresenta uma análise do trinômio tempo, morte e memória — escolhe este último elemento para compor a tríade, em substituição a “solidão”, por considerá-lo mais presente e significativo na poesia de Paulo Mendes Campos. De fato, são inquestionáveis a importância e a recorrência desses temas na obra do autor, e o recorte que propiciam é bastante produtivo. Entretanto, devemos estar atentos para que a pertinência dessa escolha não nos leve a perder de vista outras facetas do poeta.

Do mesmo texto de onde saiu o último trecho aqui transcrito, imediatamente após a expressão “*No way out*”, que passa a ideia de autocondenação aos temas citados, segue-se esta reflexão:

Em vez de sair para o mundo, mesmo que ficasse em casa, eu me fechava num quarto escuro; mesmo que saísse para a rua, estava confinado a três dimensões depressivas. Por um motivo ou por outro, eu me negava a própria vida sobre a qual tinha a pretensão de escrever. Fechando as portas da comunicação do mundo exterior (e também do interior, quase por uma consequência), fadava o meu destino de escritor a uma frustração cruel. Mas não sabia. Pior que isso, e ignorando ainda mais as conclusões de minhas três premissas, criava condições intoleráveis a meu destino de homem simplesmente. ⁴⁹

Se é verdade que a morte/ escuridão/ sombra – uma das “dimensões depressivas” (segundo palavras do poeta) dentre as citadas até o momento – é recorrente ao longo de toda a obra do autor, não menos verdadeira é a constatação de que há, também de maneira recorrente, surpreendentes e delicados contrapontos de vida e luz, e que o tom característico do poeta é resultante do contraste e da coexistência entre esses elementos.

Mas voltemos ao Ginásio Santo Antônio, em São João del-Rei, com seus “sadios holandeses franciscanos”, quando o ainda adolescente Paulo Mendes Campos sentia “A vontade de escrever uma coisa;/ O medo da morte;/ O medo do tempo”, e ainda não via um “*way out*”.

Devido ao equívoco de um professor, o jovem estudante é nomeado orador do Grêmio Literário Jackson de Figueiredo, e arranca risos da turma ao se referir ao “talento polimorfo” do patrono.⁵⁰ A gafe, aparentemente, não o inibe:

Dei para estudar gramáticos pedantes. Ensaiei passadas incertas em alguns de nossos livros políticos e sociais, como Alberto Torres. Valia tudo na minha confusa jornada: um dia carregava um volume de Camilo nas mãos, no outro um romance de Aldous Huxley. E era com religiosa reverência que via cruzar, ao vivo, a ponte da Cadeia o laureado poeta local, Bento Ernesto Júnior.⁵¹

No Ginásio, a *Gramática e Antologia Nacional*, de J. Mesquita de Carvalho (Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935) ajudou de maneira mais sistemática no aprendizado literário. Leu Camilo, Coelho Neto, Júlio Diniz (que causou grande impressão). Conheceu também a obra de alguns modernistas, como Jorge de Lima e Mário de Andrade. Teve acesso à revista *Mensagem*, de moços de Belo Horizonte – um deles, João Etienne Filho (com quem passaria a conviver poucos anos depois, na capital), havia sido seu contemporâneo no Colégio Arnaldo.⁵²

Bonito foi quando achei na antologia de Carvalho Mesquita [sic] uma poesia esquisita, a história de uma boneca de olhos de conta cheinha de lã, que rolou na sarjeta e foi levada pelo homem do lixo, coberta de lama, nuinha,

como quis Nosso Senhor; Jorge de Lima foi o meu primeiro *frisson nouveau*.^{**** 53}

Em São João del Rei, conheceu Otto Lara Resende, futuro jornalista e escritor, também nascido em 1922. Otto estudava, em regime de internato, no colégio Padre Machado, de que o pai era fundador-diretor. Paulo jogava basquete pelo Santo Antônio, contra o qual o time do Padre Machado costumava jogar. Conheceram-se no café Java^{§§§§}, frequentado pelos estudantes da cidade. Embora ambos fossem ávidos leitores, aparentemente nessa época a conversa nunca foi para os lados da literatura. Para Otto, o amigo era apenas um jogador de basquete. Consta que o primeiro, na época grande bebedor de café e refrescos, foi apresentado ao uísque pelo segundo no café Java.⁵⁴

Terminado o ginásio, Paulo Mendes Campos volta a morar em Belo Horizonte. Sua família continuava a residir na mesma Avenida Paraúna (atual Av. Getúlio Vargas) para a qual havia se mudado quando ele tinha 8 anos de idade. Otto, também na capital, faz o primeiro ano do curso pré-jurídico no Colégio Arnaldo. Paulo ingressa no complementar de Odontologia.

Paulo Mendes Campos, nessa época, jogava basquete na equipe de juvenis do Cicle Moto Clube, dirigida por João Etienne Filho.⁵⁵ Aquele mesmo Etienne, um bocado versátil – além de jornalista, foi também professor (de disciplinas de literatura, história, teatro e jornalismo); ator e diretor de teatro; jogador, treinador e juiz de basquete⁵⁶ –, de que Paulo lia artigos na revista *Mensagem* quando ainda estudante em São João del Rei⁵⁷. Um belo dia, no vestiário, o rapaz mostra ao treinador um soneto. Pouco tempo depois, pelas mãos de Etienne, já estaria colaborando com um artigo sobre o poeta Raul de Leoni para o jornal *O Diário*.⁵⁸

Entretanto, fica apenas um ano na capital mineira: perseguindo o sonho de ser aviador, vai para Porto Alegre como aluno da Escola Preparatória de Cadetes da Aeronáutica. Essa experiência será evocada em alguns de seus escritos posteriores, crônicas e poemas.

^{****} Quanto ao poema de Jorge de Lima, trata-se de “Boneca de pano” (*Poemas escolhidos*, 1932). | Paulo Mendes Campos organizará uma antologia poética de Jorge de Lima, publicada em 1969 pela editora Sabiá. | *Frisson nouveau* (“arrepio novo”) foi uma expressão utilizada por Victor Hugo em carta a Baudelaire para descrever o impacto que a leitura de *As Flores do Mal* lhe provocara [“Vous dotez le ciel de l’art d’on ne sait quel rayon macabre. Vous créez un frisson nouveau” – 6 out. 1859]. Posteriormente, vai se tornar uma das expressões mais lembradas e usadas para definir aquela nova poesia que surgira rompendo com a estética e a ideologia francesas de então.

^{§§§§} Na entrevista dos quatro mineiros a Narceu de Almeida Filho para a revista *Ele & Ela* (n. 117, jan. 1979), o nome do café aparece como “Cafê Jarbas”. O correto, porém, é “Cafê Java”, tal como consta de dois relatos de Otto Lara Resende: em entrevista a Renard Perez (1971) e na crônica “O jovem poeta setentão” (*Bom dia para nascer*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993). Outros dados de pesquisas sobre a São João del-Rei daquela época confirmam nossa conclusão: “São João del-Rei, nas décadas de 20, 30 e 40 do século XX, possuía vários ‘cafês’ – Java, Ideal, Avenida, República e o aristocrático Rio de Janeiro [...]” (SOUTO; SILVA, 2011, p. 230-231).

Na primeira vez que fui a Porto Alegre queria ser soldado. Contava dezoito anos e (o verbo é adolescente) almejava uma vida a grande velocidade entre o céu e a terra, voando na liberdade da minha solidão. Aprendi ordem unida com um prazer físico, mas não cheguei a decorar a nomenclatura das peças de matar. O capitão, no outono, confiou-me a vigilância duma indolente estrada vermelha, por onde deveria avançar o nosso inimigo. Dormi devagar sobre o fuzil. Quando acordei, ventava nas ramagens altas, e descobri de vez o meu coração paisano, um coração sem inimigos visíveis, e apenas armado de suas heranças obscuras, de seus conflitos. Foi naquele crepúsculo, longe do acampamento, que me senti desligado. O resto seria mero protocolo.⁵⁹

[...]

Ginasial – é o grau de instrução que tenho.

Em 1940, em Porto Alegre,

Aluno da Escola Preparatória de Cadetes,

Queria ser aviador.

Em dez meses de disciplina, de estudos bélicos,

De marchas, ordem unida, maneabilidade,

Manobrando fuzis e metralhadoras,

Não descobri dentro de mim, sob a farda, o soldado.

Fui definitivamente um paisano.

[...]

Elza era delicada e ia ser dentista.

Altamira apaixonou-me logo, muito branca de olhos verdes.

Uma judia guardei como lembrança de perfeição adolescente.

Também as decaídas inesquecíveis.

As putas são ásperas e guardam purezas intratáveis. *****

[...]

Os dias de acampamento ficaram inesquecíveis

Com suas estrelas

Suas alvoradas em cima do Guaíba,

E o brincar de guerra em correria pelos montes.

Inesquecível minha fuga, à noite, por uma corda

E os dez dias de cadeia que se seguiram

Ao lado de um colega de pincenê que lia *O vento levou*.

Em Florianópolis, um catraieiro me salvou de morrer afogado.

Inesquecível.

[...] ⁶⁰

O gosto pela literatura continua firme e forte. Na Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre, torna-se colaborador da revista *Hiléia*.^{†††††} Descobre o poeta Mário

***** Aqui, novamente a referência ao último verso do poema “O cacto”, de Manuel Bandeira (*Libertinagem*, 1930): “— Era belo, áspero, intratável.” Em *Testamento do Brasil* (1966), o poema “We are such stuff” também traz mais uma dessas evocações: “Só o diminuto cacto é áspero em nossa casa”.

††††† Fundada em 1922, era o órgão oficial da Sociedade Cívica e Literária do Colégio Militar de Porto Alegre. Seu título, então, era *Hyloea* – homenagem à luta pela Hiléia Amazônica, nome dado pelos naturalistas Alexander Von Humboldt e Aimé Bonpland à floresta amazônica equatorial, que estava correndo risco de internacionalização na década de 1920. Ao longo do tempo, teve o nome alterado para *Hiléia* e depois *Hiloea*. Em 1972, volta a se chamar *Hyloea*. (Disponível em:

<<http://www.cmpa.eb.mil.br/component/content/article?id=378>>. Acesso em: maio 2018.)

Quintana⁺⁺⁺⁺⁺, de cuja obra será crítico entusiasmado para o resto da vida. No retorno a Minas, introduzirá seu grupo de amigos à obra de Quintana: “Quando deixei o Rio Grande e a carreira militar, vim declamando sonetos de Mário Quintana pelo convés do navio que me trouxe de volta. *Este silêncio é feito de agonias e de luas enormes, irreais...*”⁶¹

Mais de 25 anos depois, sua admiração continuará intacta, como podemos ler em uma carta escrita a Mário Quintana:

Era adolescente, aí mesmo em Porto Alegre, quando encontrei teus poemas. Mudei de cidades, de bairros, de casas: teus livros mais antigos sempre me acompanham. Alguns de teus poemas e muitos de teus versos não precisam estar impressos em tinta e papel: eu os carrego de cor e, às vezes, eles brotam espontaneamente de mim como se fossem meus. De certo modo, eles são meus, e há de convir comigo que a glória melhor de um poeta é conceder essas parcerias anônimas pelo mundo. Pois a poesia é de quem se apossa dela. De minha parte, confesso-te, eu me orgulho de tua poesia. Havia um corredor que fazia cotovelo: um mistério encanando com outro mistério, no escuro...^{§§§§§} Na surpresa desses dois mistérios encadeados, te envio meu abraço de aniversário.⁶²

OS QUATRO MINEIROS:

FERNANDO SABINO, HÉLIO PELLEGRINO, OTTO LARA RESENDE E PAULO MENDES CAMPOS

Enquanto Paulo descobria, no Rio Grande do Sul, que não tinha vocação para as armas, em Belo Horizonte Otto cursava o segundo ano de pré-jurídico e estreitava amizade com João Etienne Filho, que conhecera na redação do jornal católico *O Diário*.^{*****} Etienne, embora apenas quatro anos mais velho (1918-1997), já se correspondia com muitos escritores (Tristão de Athayde/Alceu Amoroso Lima, Lúcio Cardoso, Mário de Andrade, dentre outros) e, por receber livros para registro, tinha uma boa biblioteca em casa, que Otto passa a frequentar e na qual reencontra Fernando Sabino.⁺⁺⁺⁺⁺ Hélio Pellegrino, por sua vez, entrou em contato com Etienne graças a um poema enviado para a seção “Sociais” d’*O Diário*. Poema bem mineiro, por sinal: intitulado “O mar”, era inspirado na Lagoa da Pampulha (o autor “nunca tinha visto o mar”). Ao telefonar para agradecer pela publicação, é convidado

⁺⁺⁺⁺⁺ Mário Quintana havia sido aluno do Colégio Militar, anos antes, e publicou seus primeiros poemas na revista.

^{§§§§§} “Havia um corredor que fazia cotovelo: / um mistério encanando com outro mistério, no escuro...” são os dois primeiros versos da “Segunda canção de muito longe”, de Mário Quintana (*Canções*, Editora Globo, 1946).

^{*****} O pai de Otto, Antônio de Lara Resende, foi, durante algum tempo, diretor-gerente do jornal (para mais detalhes: WERNECK, 2012. p. 107.)

⁺⁺⁺⁺⁺ Otto conheceu Sabino superficialmente quando tinha 11 anos (e Sabino, provavelmente, 10 anos), num encontro de escoteiros, mas ficaram amigos mesmo depois que se reencontraram na casa de Etienne. (ALMEIDA FILHO, 1979, p. 15; 16.)

por Etienne a visitar o jornal. Pouco tempo depois, também passa a frequentar a casa do jornalista, onde conhece Otto.⁶³

Hélio Pellegrino e Fernando Sabino se conheciam desde o jardim de infância Delfim Moreira, por volta dos 4 ou 5 anos de idade. Continuaram estudando juntos no Grupo Escolar Afonso Pena e depois no Ginásio Mineiro, já compartilhando o interesse pela literatura. Nunca mais se separaram. Sabino foi o mais precoce do grupo: publicou seu primeiro conto em 1936, aos 12 anos de idade.⁺⁺⁺⁺⁺

De volta a Belo Horizonte, Paulo se incorpora ao grupo. Otto, ele já conhecia dos tempos de São João del-Rei. Hélio, ele conhece na casa de Etienne. Com Sabino, a amizade começa numa festa.⁶⁴ Etienne, como já dito anteriormente, fora seu técnico de basquete e já havia publicado um artigo seu n’*O Diário*.

Começava a se consolidar o grupo que ficaria, tempos depois, conhecido como “os quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse”⁺⁺⁺⁺⁺. Antes dessa alcunha grupal de fim dos tempos, o grupo recebera de Etienne outra bem menos glamorosa, como nos conta o próprio:

Colaborei em várias revistas. Comecei em Belo Horizonte como secretário de uma revista que só saiu dois números, chamada “Mensagem”. [...] A “Mensagem” ressuscitou mais tarde em forma de jornal e teve quatro fases. [...] Em todas as quatro fases, se eu não comecei, acabei como secretário. Foi isso que me fez ter veículo para publicar os primeiros artigos do Paulo Mendes Campos, do Otto Lara Resende e do Hélio Pellegrino. O Fernando Sabino já tinha publicado na “Folha de Minas”, graças ao Guilhermino César, que já trabalhava lá.

Mais tarde o Fernando aderiu ao nosso grupo e formou-se o que se chamava de “Os cretinos iluminados”: o Fernando, o Otto, o Paulo Mendes e o Hélio Pellegrino. Eu tinha jornal e revista na mão e recusava: “tá muito ruim esse poema seu, não vou publicar não”. Eles se queimavam. Eu tenho artigos lá em casa assinados por Otto Mendes.⁶⁵

Brincadeiras à parte, Etienne sempre reconheceu a qualidade dos jovens mineiros para quem abriu as portas: “Eu não fiz ninguém. Eu apenas ajudei. O talento, a vocação, o jeito de cada um para determinada coisa nasce com ele. [...] O que eu encontrei foi gente boa a quem eu dei o veículo de comunicação.”⁶⁶

Paulo Mendes Campos relembra como foi essa época em Belo Horizonte:

⁺⁺⁺⁺⁺ O irmão mais velho de Sabino era amigo de Guilhermino Cesar e mostrou a este o conto “O misterioso assassinato”. Cesar, na época, era assessor do chefe de polícia, e levou o conto para a redação da *Argos*, revista da polícia mineira, onde foi então publicado (WERNECK, 2012. p. 106-107.)

⁺⁺⁺⁺⁺ “Os quatro mineiros do apocalipse” será o título dado à entrevista feita por Narceu de Almeida Filho com o grupo, publicada na revista *Ele & Ela*, n. 117, jan. 1979. “Os quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse”, segundo Humberto Werneck (2012, p. 108-109), será sugerido em 1980, por Otto, quando da gravação do LP duplo *Os 4 mineiros* (Som Livre), produzido por Marilda Pedroso.

Tornei-me amigo de outros sonhadores do mesmo ofício. Nossa irmandade de boca aberta lia Emílio Moura, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, Bandeira, José Geraldo Vieira, Marques Rebelo, Jorge Amado, Murilo Mendes, Manoel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Alphonsus de Guimaraens, Graciliano Ramos... Era a guerra: nossas leituras dependiam das manobras de Hitler, mas as novidades (para nós) foram aparecendo, em português, principalmente em espanhol e, por fim, em francês. Nossa geração leu, praticamente em coro, Neruda, Maiakovski, Knut Hamsun, Hermann Hesse, Rilke, Kafka, Verlaine, Rimbaud, Tchekov, Dostoievski, Bernanos, Fromentin (Dominique), Benjamin Constant (Adolphe), Romain Rolland, Ortega Y Gasset, Lorca, Fernando Pessoa, Paipini [sic], Chesterton, Unamuno, Molière, Racine, Roger Martin du Gard, Andre Gide, Maurice Baring, Gogol, Léon Bloy, Ibsen, Charles Morgan, Pirandello... De minha parte centrei meu furor literário em meia dúzia de nomes: Machado de Assis, Mário de Andrade, Drummond, Baudelaire, Gide e Valéry.
***** 67

Quanto aos estudos formais, retoma o complementar de Odontologia (interrompido quando foi para a Escola Preparatória de Cadetes, em Porto Alegre), mas desiste e resolve estudar Direito e Veterinária. Não avançando muito em nenhum, acaba por abandoná-los.⁶⁸ As discussões sobre literatura nos cafés, as colaborações nos jornais, as leituras e os estudos a que se dedicava de maneira autodidata eram suas atividades constantes (e continuarão a sê-lo até o fim da vida, apenas com a substituição dos cafés mineiros pelos bares cariocas).

Paralelo a isso, terá trabalhos variados. Em entrevista a Beatriz Marinho, conta que um desses trabalhos consistia em tomar conta da biblioteca da Saúde Pública de Minas Gerais ocupando a função de “mata-mosquito”.⁶⁹ Data deste período a leitura que fará de um livro do acervo da biblioteca:

Aos 20 anos de idade, trabalhando numa biblioteca de medicina, dei para ler tratados sobre a loucura, tóxicos estupefacientes, os únicos que eu podia entender ou que de certo me interessavam naquela sala. Foi assim que me caiu nas mãos e na alma o tratado dum médico francês sobre um princípio ativo do qual nunca ouvira falar: o *Anhalonium Lewinii*, extraído da raiz dum cacto mexicano chamado *peyotl*. Falei com entusiasmo a médicos e leigos sobre o livro. O desconhecimento da mescalina era total, obrigando-me ao silêncio até poucos anos, quando li *The Doors of Perception* de Aldous Huxley.⁷⁰

***** À extensa lista, nessa mesma entrevista a Beatriz Marinho (1985), somaria ainda muitos outros nomes: “Hoje esta constelação continua brilhando em mim, mas distingo outras estrelas na Via-Láctea: Dante, Platão, Shakespeare, Mallarmé, Camões, James Joyce, Verlaine, Leopardi, Conrad, Li-Po, Hölderlin, Tosltoi, Whitman, T.S. Eliot, Proust, Alphonse Daudet, Emily Dickinson... Homero... Auden, Apollinaire, Cummings, George Herbert, Morgenstern, Philip Larkin, Jorge Luis Borges, Cecília Meireles, Fernando Pessoa, Juan Ramón Jimenez, Dylan Thomas, Jean-Paul Toulet, Laforgue... Homero e Dante eu já disse...” (MARINHO, 1985, p. 1-2).

Muitos anos depois, em 1962, estimulado pelo livro de Huxley, experimenta LSD, e dessa experiência resulta o relato do qual foi extraído o trecho aqui transcrito. Muito provavelmente, foi um dos primeiros (se não o primeiro) brasileiros a ter contato com a droga. Ingeriu o ácido lisérgico na presença de um médico, em situação controlada e monitorada. Nessa época, o LSD era estudado e tinha seus efeitos acompanhados por cientistas – estava ainda distante o uso recreativo e disseminado que lhe seria dado algum tempo depois, no final dos anos 1960.

É interessante chamar a atenção para o fato de que Paulo Mendes Campos foi, desde sempre, um tanto quanto curioso. E estudioso. Quem, no mundo, no início da década de 1940, já havia lido algo a respeito e estava interessado em discutir os efeitos da mescalina? Nem Huxley...

Conforme as contribuições para os jornais vão ficando mais consistentes, Paulo, Otto, Sabino e Pellegrino, dentre outros jovens, passam a ser conhecidos em Minas como “os rapazes da nova geração”. Para esses moços mineiros, Carlos Drummond de Andrade era uma das referências principais. Sobre ele, conta Otto Lara Resende: “Sua maneira de ser e de dizer foi decisiva para o grupo de antigos rapazes mineiros. Andamos sobre suas pegadas. Num certo sentido, nosso ambiente cultural estaria mutilado, seria outro, não estivesse profundamente impregnado de Carlos Drummond de Andrade.”⁷¹

Também sobre a maneira de dizer de Drummond, testemunha Paulo Mendes Campos:

Minha geração – Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Hélio Pellegrino, J. Etienne Filho, Wilson Figueiredo, Carlos Castelo Branco, Murilo Rubião – falava fluentemente um idioma oarístico, colhido nos versos de Drummond. Era a maneira mais econômica, secreta e eloquente de nos entendermos.⁷²

Em 1943, escreve um artigo crítico sobre a poesia de Drummond, que será dividido para publicação em dois números d’*O Diário*. Envia-o por correio, acompanhado de carta bastante formal em que reitera sua admiração, e a de seus amigos, pela obra do poeta mais velho: “Talvez seja interessante o Sr. saber que sua poesia é recebida por um moço de vinte anos e que comigo há muitos outros rapazes aqui que o admiram, compreendem e estimam.”⁷³

As cartas do rapaz para o poeta mais velho vão se tornando, com o tempo, bem menos formais. A saudação, antes dirigida ao “Sr. Carlos Drummond de Andrade”, passa, ainda em 1943, a um “Caro Carlos”. Quanto ao conteúdo, os comentários sobre a obra e os artigos publicados por Drummond passam a dividir espaço com a troca de ideias sobre assuntos

diversos. Em 1944, sua impaciência com o ambiente provinciano de Minas, um dos motivos que o fariam se mudar para o Rio de Janeiro um ano depois, já se manifestava, em tom de desabafo:

[...] Os sujeitos que devíamos repudiar são na maioria bons sujeitos, pais de numerosas famílias e, se defendem, em geral, atrás da gravidez das respectivas esposas. Esse fenômeno tão banal é aqui carta-branca para tudo: inatividade, canalhice, burrice e colaboracionismo do mais devasso. Tudo nessa terra conspira contra a decência. Eles acabam enxotando os poucos honestos e esforçados ou, então, transformam esses em desonestos e apáticos, isto é, dão bons empregos para eles, açúcar, falta de caráter e impecáveis ternos de linho. A burguesia mineira é apavorante. A inércia dessa gente me enfastia. Estou convencido de que a decantada dignidade mineira é apenas apatia, comodismo, preguiça. Conseguiram arranjar o nome de uma virtude para uma série de vícios. [...] (grifos do autor)⁷⁴

Nessa época, Paulo Mendes Campos se desdobrava num sem número de atividades que nem ele, quando se recorda, consegue entender como dava conta. Tomava conta da biblioteca da Diretoria de Saúde Pública, trabalhava no escritório de construção civil de um tio, dirigia o suplemento da *Folha de Minas*, escrevia para a *Folha de Minas* e para o *Estado de Minas* e, à noite, ajudava voluntariamente n’*O Diário* redigindo as notícias que vinham do Rio de Janeiro por telefone.⁷⁵ E ainda não acabou: cooptado por Hélio Pellegrino, ajudava na distribuição de boletins clandestinos contra a ditadura de Getúlio Vargas.⁷⁶

A SEMANINHA DE ARTE MODERNA E A VISITA DE MÁRIO DE ANDRADE AOS “VINTANISTAS”

Em 1944, o então prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek, organizou a Exposição de Arte Moderna, de 6 de maio a 17 de junho, apelidada de “Semaninha de Arte Moderna”. Esta levou a Minas artistas e intelectuais de São Paulo e do Rio de Janeiro, e contou com exposição de obras de arte e ciclo de debates – coincidindo, também, e não por acaso, com a inauguração da Pampulha. A intenção de JK era transformar a capital mineira num palco de debates sobre as tendências culturais daquele momento, tirar a cidade da pasmaceira e elevá-la ao nível das outras metrópoles brasileiras.⁷⁷

Foram dias de fortes emoções para a conservadora sociedade mineira, dividida entre favoráveis e contrários ao modernismo. O evento teve direito a discussões inflamadas, desmaios e oito telas da exposição retalhadas com gilete. A semaninha levou a Belo Horizonte um time de alto nível: Décio de Almeida Prado, Sérgio Milliet, Caio Prado Junior, Samuel Weiner, Oswald de Andrade, José Lins do Rego, Jorge Amado, Anita Malfatti, Alfredo Volpi,

Di Cavalcanti, Carlos Poty, Carlos Scliar, Djanira, Hilde Weber, Rebolo Gonzales, Santa Rosa, Martha Loutsch^{††††††††}, dentre outros.

O estopim da confusão ficou por conta de Oswald de Andrade – cumprindo maravilhosamente bem o seu papel de representante do Modernismo. Em um pronunciamento empolgado, lá pelas tantas, bem ao estilo oswaldiano, fez algumas de suas provocações, ridicularizando os intelectuais católicos Alceu Amoroso Lima, Georges Bernanos e Otto Maria Carpeaux. A provocação colou, e quem respondeu imediatamente a ela foram dois jovens mineiros: Otto Lara Resende e Hélio Pellegrino.⁷⁸

Para entender essa reação, é fundamental resgatar alguns fatos. Primeiro, muitos desses jovens mineiros eram católicos praticantes – alguns mantiveram essa posição, embora bastante matizada, até o final da vida, como foi o caso de Otto; outros, nem tanto. Nessa época, porém, é certo que os três intelectuais atacados por Oswald eram alvo de grande admiração dos rapazes. Não apenas deles como também de João Etienne Filho, que os estava apoiando no início da carreira de escritores. Etienne correspondia-se com Alceu desde 1936 e, inclusive, em 1946, mudando-se para o Rio, seria durante algum tempo (acaba por voltar a BH anos depois) seu secretário e também seu professor assistente na cadeira de Literatura Brasileira em duas faculdades: Católica (futura PUC-RJ) e Santa Úrsula.⁷⁹

Sobre a relação dos moços da geração mineira com Alceu Amoroso Lima (ou Tristão de Athayde), conta Otto Lara Resende:

Para mim, como para numerosos de meus companheiros, Tristão era mais do que uma glória nacional: era um mestre com quem pouco depois iríamos manter contato pessoal. Quando completei meus dezoito anos [1940], ele compareceu a Belo Horizonte para uma série de conferências [...]. Datam dessa época as cartas que lhe escrevemos, alguns de meus companheiros e eu. Eram cartas intermináveis, de admiração, mas também de debate, e é possível que alimentássemos a pretensão de, em vez de ser orientados, orientar o nosso mestre carioca. Tristão respondeu sempre, com paciência beneditina, e suas respostas nos reuniam para a leitura coletiva, seguida de brigas homéricas, uma vez que, no nosso grupo, já vários de nossos amigos pendiam para as soluções sociais hostis ou indiferentes à fé católica.

[...]

Compreende-se, assim, que Hélio Pellegrino e eu não tenhamos podido ouvir calados as maldosas indiretas com que Oswald de Andrade, numa sua palestra em Belo Horizonte, fez restrições pessoais a Tristão de Athayde. A conferência de Oswald foi praticamente interrompida, cedendo lugar a um acalorado debate entre o conferencista e alguns ouvintes, assim como a um desmaio feminino. Só mais tarde pude entender quanto aquele bafafá todo

^{††††††††} Sessenta anos depois, a filha de Martha, a jornalista Monique Bouffis, falaria sobre o atentado a gilete contra as telas da exposição, revelando a autoria conforme relato de sua mãe. Não fica claro, no depoimento, se Martha realmente presenciou o ato ou se tinha convicção do que dizia por dedução. Sobre o atentado, ver: VILLAMÉA, Luiza. Gilete iconoclasta. *Istoé*, n. 1832, 17 nov. 2004.

agradara ao supostamente enfurecido Oswald de Andrade, que me convidou, como seu aguerrido adversário, para um jantar regado a bons vinhos e excelentes piadas.⁸⁰

Em outro relato, Otto atribuiria a discussão à defesa que ele fez de Otto Maria Carpeaux:

A certa altura da conferência não aguentei ficar em silêncio diante do show oswaldiano e gritei um aparte desafiador. Queria provas de que Carpeaux tinha sido mesmo secretário do nazista Dollfuss. Minha convicção estava baseada num artigo de Álvaro Lins. Oswald parou, deu um tapa na mesa e saiu para a chacota. Misturou o nome de Carpeaux com o meu e passou a se referir a um jocoso Otto Lara Maria Carpeaux de Resende. Amigos vieram em meu socorro e Paulo Emílio Salles Gomes subiu numa cadeira e deu um morra à geração da piada. Como o bate boca prosseguisse tumultuado, a mulher de Oswald, que estava sentada à mesa, Maria Antonieta D’Alkimin, recorreu ao extremo lance: desmaiou. Foi um escândalo. Ao fim e ao cabo, entre mortos e desmaiados, todos nos salvamos e nos divertimos a valer. Saí sem cumprimentar o conferencista. Na porta da rua, alguém me bateu no ombro. Era o Oswald, sorridente: “Vamos sair por aí repetindo o espetáculo”, me disse ele. Só faltei cair para trás, estupefato. A gente tinha uma certa reserva com o Oswald por causa da briga dele com o Mário de Andrade. Mas o fato é que começamos ali ele e eu uma relação de mútua simpatia.⁸¹

Os relatos de Otto aqui transcritos são bem posteriores ao ocorrido, e é provável que a verve do jornalista já tarimbado, ao se lembrar do acontecido tantos anos antes, tenha ajudado a florear os fatos aqui e ali para deixá-los mais interessantes literariamente.

Quanto a Paulo Mendes Campos, já carregava, naquela época, algumas características que continuariam a acompanhá-lo para o resto da vida: não gostava de falar em público, não gostava de se meter em polêmicas, preferia manter o lugar de discreto observador introspectivo-reflexivo. Precisava de alguma bebida para soltar a língua. Em carta a Drummond, uma carta bem diferente das outras, aliás, com a grafia um pouco descuidada e sem pontuação alguma do início ao fim (já prenunciando outra característica que o acompanharia vida afora: o experimentalismo), o jovem poeta dá notícias da semaninha que acabara de acontecer:

[...] aqui as coisas vão bem e a semana de arte moderna esteve muito animada com debates muito calorosos principalmente por parte do hélio e do otto versus o senhor osvald de andrade que fez muitas blagues e tolices e voltou encantado com a nova geração mineira inutil dizer que não participei desses debates porque havia muita gente na sala e não era possível alimentar o fogo da eloquencia porquanto não servia bebidas alcolica [sic] e nem bebidas de especie alguma e tenho uma dificuldade enorme de falar mas

pude assim apreciar melhor e amanhã se casa o nosso amigo fernando e a gente já começa a separar e a criar distancias uns entre os outros até que a velha amizade da adolescencia se prostitua em simples formulas de delicadeza escorregadia e os amigos proximos se tornam em amigos distantes e a gente vai perdendo a pureza de ser franco e de falar o que pensa mas espero preferir o sioencio [sic] a toda espécie de elogio que não for sincero e quanto mais sei que essa carta deve estar aborrecendo muito porque eu mesmo já estou ficando amolado com ela mas aguarde que segue carta breve e confie na minha amizade paulo⁸²

Em setembro do mesmo ano, Mário de Andrade visita Belo Horizonte especialmente para passar uma semana com os rapazes. Seria sua última viagem a Minas. Fernando Sabino, que se correspondia com ele desde 1942^{*****}, já estava casado e morando no Rio de Janeiro. Para os outros, mesmo aqueles que ainda não o conheciam pessoalmente, Mário era já referência inquestionável, conforme relata Otto:

Alguns rapazes da nova geração já se correspondiam com ele. Mário estava, assim, sempre presente em nossa turma e se tornara naturalmente um amigo como qualquer outro. Nas intermináveis conversas pelas madrugadas frias de Belo Horizonte, o seu nome surgia fatalmente, como o nome de um companheiro de geração. Ele soubera insinuar-se de tal forma, de tal forma penetrara a realidade de nossa geração – a dos vinte anos – que ninguém se lembraria dos seus cinquenta anos bem vividos. E nem da glória que o cercava, e da consagração literária, motivos suficientes para afastar tanta gente do reino humano dos homens... Mário era um companheiro: não era um mito.⁸³

Em entrevista a Joel Silveira⁸⁴, Paulo Mendes Campos conta ter passado um dia inteiro conversando e bebendo chope com o novo amigo no Grande Hotel.

Certa vez, Rodrigo M. F. de Andrade os encontrou – a Paulo e a Mário – às nove da manhã tomando chope no bar e conversando sobre literatura, e ficou impressionadíssimo em ver o famoso escritor, àquela hora matinal, a discutir por tanto tempo com um simples rapazinho. Mesmo muito tempo depois da morte de Mário, Rodrigo ainda se referia ao caso.⁸⁵

Nessa mesma entrevista, num relato que parece mais uma crônica bem-humorada em estilo conversa de pescador, conta também que, depois de conhecer Mário, os dois trocaram mais de cem cartas:

***** Sabino enviou a Mário de Andrade seu livro de estreia, *Os grilos não cantam mais*, lançado em nov. 1941, pelo selo da editora Pongetti (RJ); a edição, de mil exemplares, foi financiada pelo pai do estreante. A partir daí, iniciaram a correspondência que se estenderia até 1945, ano da morte de Mário. (WERNECK, 2012. p. 129.)

[...] A partir daí, ingressei no rol – infindo – de intelectuais que trocavam cartas com Mário de Andrade. Eu tinha mais de cem delas^{§§§§§§§§}, e pretendia publicá-las em livro. Aí aconteceu o desastre!

— Que desastre?

— Eu guardava as cartas do Mário numa caixa, por sua vez guardada num armário do meu quarto. Certo dia, mandaram, lá em casa, o armário para ser consertado. E quando o carpinteiro trouxe o armário de volta, disse à minha mãe: “Olhe, encontrei lá no armário uma caixa com uma papelada velha, esquecida no canto, e toquei fogo em tudo.” Quase matei o portuga.⁸⁶

Otto Lara Resende, em um dos capítulos d’*O príncipe e o sabiá*, comenta que estava pensando em publicar um livro com as cartas que Mário escreveu para os rapazes de Minas: “As do Paulo Mendes Campos estão extraviadas, mas o Hélio Pellegrino já me deu cópia das suas.”⁸⁷ Fernando Sabino publicou, em 1981, as mais de 30 que recebeu durante os três anos de correspondência, de 1942 até pouco antes da morte de Mário, no livro *Cartas a um jovem escritor* (Ed. Record).

Com a sua ida a Belo Horizonte (a terceira que realizava em sua vida), em setembro de 1944, a sua ação de presença tornou-se ainda maior entre os moços de Minas. Era preciso contar tudo ao Mário, aconselhar-se com ele, mandar-lhe os poemas para que ele opinasse. E me lembro com que paciência respondia a todas essas impertinências. [...] E nos vinham as suas longas cartas, onde o técnico – o artesão – era sufocado pela humanidade que as invadia. Mário – na sua intuição admirável – compreendeu-nos a cada um de nós, a cada um de nós se ligou em solidariedade. Por isso, suas cartas eram uma festa de amizade.⁸⁸

Se as cartas de Mário de Andrade a Paulo Mendes Campos tivessem sobrevivido, talvez fosse possível entender melhor alguns comentários feitos pelo poeta mais velho a terceiros. Para Murilo Rubião, por exemplo, que também o conheceu nessa viagem, Mário escreve, em carta de outubro de 1944, que Paulo Mendes Campos parecia ser, para ele, um “caso” de “‘devassidão’ da inteligência” e de “uso voluptuário do pensamento”.⁸⁹ Para Otto Lara Resende, também em carta^{*****} escrita logo após o retorno a São Paulo, Mário escreverá que, dentre todos os moços que acabara de conhecer, Paulo era o que mais o inquietava:

Aqui entra explicação do que eu falei do Paulo. Parte apenas, que outra parte eu escreverei a ele. Eu disse que ele talvez estivesse mais certo que os outros de você, no exercício do sentimento. Desculpe, mas estou me lembrando

§§§§§§§§ Na existência de cartas trocadas entre ambos, é fácil acreditar. Entretanto, que fossem mais de cem, aí já soa quase impossível. Naquela época, as cartas eram enviadas pelo correio, e Mário faleceu em 1945, ou seja, dificilmente teria havido tempo para tanto.

***** O conteúdo da carta é de especial interesse para a compreensão da relação de Mário de Andrade com os vintanistas. Por isso, além dos trechos aqui disponibilizados, achamos por bem disponibilizá-la integralmente no ANEXO A desta dissertação.

daquela cena alusiva a isso, pra mim tão dolorosa meu Deus! em que a cotia, percebendo a triste precocidade de Macunaíma criança, resmunga pensativa que “curumi faz isso não”, e joga caldo envenenado no menino, ele cresce com a ação do veneno e vira homem-feito pra sempre...

[...]

Eu compreendo o Paulo na espécie da sua gratuidade. Mais da sua disponibilidade que da sua gratuidade exatamente. Não creio, como o Hélio enxerga, que isso o aproxima de Gide. Se há, se houver qualquer coincidência possível, eu imagino mais no Paulo um como que desespero inconsciente pela mocidade que estão querendo roubar dele. É o que mais sente, de vocês, o desequilíbrio entre a maturidade imposta e a mocidade roubada, entre a mocidade feita e a mocidade espontânea. De maneira que se explode num cântico a García Lorca, pouco depois desliza em análises muito finas e bastante grã-finas, sobre o lago. Aliás Gide é moral. É mesmo tremendamente moral, através do seu amoralismo convencionado (não convencional) e da curiosidade pelo ato gratuito. Ao passo que o Paulo é imoral. É, eu creio, exatamente in-moral, não-moral, contra-moral, enquanto tudo isso são elementos viris do exercício da mocidade. O Paulo não me pareceu feliz. Me pareceu mesmo o mais infeliz de vocês todos. Não sei se ele queria que eu dissesse isto nesta carta que está me saindo tão coletiva, mas que ele se ressinta de mim não me faz mal. Não me pareceu que vocês estivessem bastante conscientes, bastante compreensivos do Paulo. É o mais envelhecido de vocês, o mais maltratado por si mesmo, o que mais luta em favor do exercício da mocidade. Como pensamento não é o mais amadurecido, mas é o mais gasto. Como moço, talvez seja o mais criança...⁹⁰

No ano seguinte, Mário de Andrade encontraria os jovens mineiros pela última vez, no Congresso Brasileiro de Escritores, em São Paulo. Décadas depois, bem mais maduro e olhando em retrospecto, Paulo Mendes Campos comenta: “Devíamos ser umas crianças intoleráveis, mas os outros nos tratavam com bastante complacência, principalmente o Mário, que aturava com afeto a nossa incapacidade de conversar a sério, aderindo sempre.”⁹¹

Em outro momento, Paulo transformará em crônica uma cena da visita de Mário a Belo Horizonte:

[...] Uns meses antes da morte de Mário de Andrade, estava eu ao lado dele na Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte, debaixo da marquise da Chapelaria Londres. Devíamos estar esperando o Otto Lara Resende e o Fernando Sabino, porque não estava chovendo, e estes dois já chegavam atrasados naquele tempo, mesmo para encontrar um Mário de Andrade. Sem falar, eu ia ouvindo Mário lançar umas ideias muito generalizadas sobre poesia brasileira – como quem tem pressa por sentir que a conversa vai ser interrompida. A certo momento ele me disse: “Eu sou muito melhor poeta do que geralmente dizem por aí. Mas também sei, com toda a lucidez, que sou muito pior poeta do que o Drummond e o Manuel.”
*Touché!*⁹²

E por falar em Manuel, em outubro de 1944, um mês depois da visita de Mário de Andrade, o jovem candidato a crítico tem um ensaio publicado pela *Revista Brasileira*, da

Academia Brasileira de Letras: “A evolução de Manuel Bandeira até ‘Libertinagem’”⁹³. Esse não será seu único artigo sobre Bandeira, vários outros virão ao longo das quatro décadas seguintes. O último provavelmente foi em 1986, para o *Jornal do Brasil*, no qual revela que chegou também a ser editor do amigo mais velho:††††††††

Foi no mercado paralelo que Bandeira fracassou, não se aguentando como editor, depois de publicar a novela do amigo Honório Bicalho, seu iniciador em xadrez, encadernação e grafologia. Eu, colecionador de fracassos, na companhia de Lúcio Rangel e Irineu Garcia, em 1957, também não dei certo como editor. E também ficamos os três na edição de uma única obra – **Flauta de Papel** – uma seleção de crônicas de Manuel Bandeira.⁹⁴

Algumas notas interessantes sobre o trecho que acabo de transcrever:

- 1) A editora de uma obra só, pela qual saiu *Flauta de Papel*, chamava-se Alvorada. O desenho da capa, uma caricatura de Manuel Bandeira, é de autoria de Carlos Drummond de Andrade.
- 2) Bandeira e o amigo citado, Honório Bicalho, conheceram-se em uma cidade chamada Mendes (RJ), em 1908. Bicalho era filho do engenheiro Francisco de Paula Bicalho, um dos responsáveis por chefiar as obras de construção de Belo Horizonte. Quando Bandeira voltou da Europa, Honório estava morando em Juiz de Fora e mantinha uma coluna no *Correio de Minas*, jornal da cidade. Bandeira passou a visitar o amigo e a colaborar nos jornais locais. Assim se deu a famosa discussão entre Bandeira e Machado Sobrinho, no *Correio de Minas*, sobre um hiato num poema de Mário Mendes Campos, pai de Paulo Mendes Campos. A tréplica de Bandeira ocupou quase página inteira da edição de 15 de julho de 1917.⁹⁵

O debate com Machado Sobrinho é uma das histórias contadas no *Itinerário de Pasárgada*, autobiografia poética de Manuel Bandeira lançada em 1954 e dedicada a Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e João Condé, amigos que tiveram papel importante para a escrita e a publicação da obra. Carlos Newton Júnior, ao discorrer sobre o livro, chama a atenção para a contribuição de Paulo no que diz respeito ao conteúdo:

†††††††† Até hoje ainda não encontrei, em nenhum dos textos que falam sobre a vida e a obra de P.M.C. (que são poucos e curtos), menção a essa empreitada dele como editor. No livro, não há qualquer crédito aos editores. Achei, em vários jornais da época, notícias referentes ao lançamento do livro que citam os editores. O próprio Paulo Mendes Campos publicou, no *Diário Carioca* (“Flauta de papel”, 8 mai. 1957), um artigo crítico sobre o livro, sem mencionar que era seu editor.

Registre-se, ainda, que uma das mais importantes sementes do *Itinerário de Pasárgada* encontra-se numa entrevista que Bandeira concedeu a Paulo Mendes Campos, publicada, em 1949, na revista *Província de São Pedro*^{*****} – entrevista à qual, inclusive, o poeta se refere no *Itinerário*, remetendo a ela os leitores interessados em maiores detalhes sobre as circunstâncias e motivos de alguns poemas do livro *Belo Belo*. O cotejamento do texto da entrevista com o do *Itinerário* revela que Bandeira aproveitou, na escritura da sua autobiografia, não apenas o “tom” de depoimento da entrevista, mas passagens inteiras, ligeiramente modificadas.⁹⁶

Justiça seja feita, antes dessa entrevista Manuel Bandeira escrevera uma crônica que já continha o germe do germe de suas memórias, com pequenos trechos que foram claramente reaproveitados na entrevista cedida a Paulo Mendes Campos. Trata-se de “Confidências a Edmundo Lys”, datada de 29 de abril de 1946.⁹⁷ Mas há grande diferença entre elas. Além da extensão e do detalhamento bem maiores da entrevista de 1948, creio ser legítimo afirmar que um dos motivos dessa diferença é mérito do planejamento feito pelo entrevistador. Isso fica mais claro quando lemos a apresentação:

O crítico, diz T. S. Eliot, deve ter um sentido muito desenvolvido dos fatos.^{*****} À procura de fatos fomos visitar o poeta Manuel Bandeira com umas perguntas escritas num papel. Não pretendíamos realizar uma entrevista normal, mas uma reportagem exclusivamente literária. As questões estavam na própria obra do poeta. Tentando obter dessa obra explicações tão objetivas quanto possível, moveu-nos a convicção de que, em matéria de poesia, o impressionismo crítico tem nos dado páginas bem escritas e interessantes, mas que esse não é o método mais sério, mais honesto e mais eficiente se desejamos conhecer o poeta e a poesia. [...] A crítica moderna de poesia vem tentando estabelecer para si critérios mais positivos. [...] Hoje não apenas os críticos tentam explicar o poeta. O próprio poeta procura se conhecer, explicando-se. Podemos ver um Stephen Spender analisando minuciosamente os seus processos de criação sem dizimar a emoção que seus versos nos provocam.⁹⁸

***** Essa entrevista foi publicada pela primeira vez em 1948, com o título “Reportagem com Manuel Bandeira”, em *O Jornal* (Rio de Janeiro), dividida em quatro partes: 19 e 26 set. 1948, 3 e 10 out. 1948. Newton Júnior não cita essa primeira publicação em seu texto, apenas a segunda: CAMPOS, Paulo Mendes. Documentos da vida literária: Manuel Bandeira fala de sua obra. *Província de São Pedro*, n. 13, p. 164-172, mar.-jun. 1949.

***** Refere-se, muito provavelmente, ao artigo “The function of criticism” (1923), incluído depois por Eliot no livro *Selected Essays* (1932). Nos cadernos de Paulo Mendes Campos, disponíveis para pesquisa no acervo do Instituto Moreira Salles (RJ), é possível verificar que ele era um aplicado leitor de textos de teoria e crítica literárias, pois fazia anotações exaustivas durante a leitura. Embora não costumasse indicar, muitas vezes, o autor e o texto que estava estudando, em muitos casos é possível reconhecê-los pelo conteúdo anotado. Em seu processo de anotação, é possível também observar que, em muitos casos, traduzia os trechos que considerava mais importantes à medida que os transcrevia. É comum encontrar palavras riscadas e substituídas por outras mais adequadas, por exemplo. Em carta de Fernando Sabino (*Cartas na mesa*, Rio de Janeiro, Record, 2002) a P.M.C., escrita de Nova York, datada de 1º ago. 1946, lê-se: “Já comprei o Eliot pra você”. Seria esse livro? O poeta mineiro também foi tradutor da poesia de Eliot, e não apenas estudioso de seus artigos. Atualmente, há disponível uma tradução de Ivan Junqueira: “A função da crítica”, em: *Ensaio*, São Paulo, Art Editora, 1989.

O grande mérito do *Itinerário*, reconhecido por toda a crítica, é exatamente o fato de se tratar da “primeira biografia estritamente literária que se publica no Brasil – história da formação de uma inteligência poética e não apenas relato de uma vida de poeta”⁹⁹. Esse mérito, decerto, é devedor, em parte, ao jovem crítico Paulo Mendes Campos, como sua apresentação claramente faz notar.

O exercício da reflexão sobre a crítica de poesia já vinha sendo cultivado por ele há algum tempo. Em artigo de 1947¹⁰⁰, por exemplo, podemos ler: “A pessoa que desejasse estudar um poeta nosso, em quase todos os casos, teria não só que fazer tudo por si, como deveria esclarecer os mal entendidos que juízos críticos levianos foram aglutinando em torno de cada nome de nossa literatura.” Esclarece que, com isso, não se refere aos valores “revisionáveis”, e sim aos valores positivos: “sua linguagem, suas ligações, sua influência etc.” Comenta que esses estudos ainda eram raros no país, o que tornava sua linguagem de difícil acesso para quase todos. Sugere maior difusão desse tipo de crítica:

É justamente pela sua função social dentro da literatura que a crítica vale e sem dúvida, é mais importante para as letras de um país uma boa educação crítica geral do que um crítico fora do comum.

No Brasil é fácil ver que necessitamos menos de críticos judiciosos do que de uma compreensão genética dos métodos, dos recursos, da importância e do conceito de crítica.¹⁰¹

Comenta sobre a “fórmula” comum e geralmente utilizada, na época, quando se queria falar de um poeta:

A “fórmula” nos informa se o poeta era otimista ou pessimista, se amava a espécie humana ou não amava, se era tímido porém expansivo ou se era expansivo porém tímido, se a dor possuía para ele um significado transcendente [...], e informa ainda sobre seus conceitos de arte, de beleza, de amor, colocando-lhe no final um rótulo: poeta da morte, poeta da solidão, poeta da angústia etc. [...]¹⁰²

Com linguagem clara e acessível, chamará a atenção, também, para a relação indissociável entre forma e conteúdo:

Quando um verso exprime um pensamento importante independente de sua forma poética, a poesia fatalmente foi prejudicada. [...] São os “crentes” da poesia, os que dão um valor objetivo (eu ia dizer prosaico) ao que o poeta procurou exprimir em seus poemas. [...] a poesia tem conceitos, tem raciocínios, tem conclusões, entretanto, justamente por ser poesia, não podemos aceitar isto em outra língua que não seja a poética. [...] A poesia é, de certo modo, uma forma delicada de pensar. Erigir, porém, o “pensamento poético” em verdade corrente é negar a importância da poesia.¹⁰³

Em 1946, um ano antes desse artigo e dois antes da entrevista com Bandeira, foi divulgada em alguns jornais a notícia de que lançaria um livro de ensaios. Veja-se, por exemplo, esta notinha, publicada no Suplemento Letras e Artes do jornal *A Manhã*, na coluna “Informações Literárias”, em 28 de abril de 1946: “Paulo Mendes Campos, considerado uma das mais importantes figuras literárias da nova geração, estreará com um livro de ensaios.” O livro nunca foi publicado.

Em entrevista a Maria Julieta Drummond de Andrade, em 1984, Paulo confessa que a crítica literária fora sua verdadeira vocação.

— Por que a deixou, então?

— Porque descobri que o meu julgamento poderia estar marcado pelo gosto pessoal ou de grupo, por falta de maturidade, por todas essas questões que cercam a efemeridade do momento literário. Se até os grandes, como Rémy de Gourmont e Saint-Beuve fizeram besteiras... Abandonando a crítica, cometo apenas as minhas besteirinhas particulares, que não comprometem ninguém.¹⁰⁴

Em outra entrevista, desta vez a Beatriz Marinho, em 1985, comenta que, no início da carreira, considerava a crítica o departamento mais importante da literatura: por meio dela exerceria seu ofício. “Dois ou três anos depois, percebi que não tinha conhecimentos suficientes para praticar a crítica: não era eu um médico das letras, era um charlatão mais ou menos habilidoso. Caí fora.”¹⁰⁵

MUDANÇA PARA O RIO DE JANEIRO – 1945

Em conversa com Joel Silveira, conta que há tempos tinha planos de mudar-se para o Rio de Janeiro, por se tratar da cidade onde as coisas aconteciam, mas que um fato acabou precipitando as coisas: em 1945, leu que Neruda estava no Rio visitando amigos brasileiros (Di Cavalcanti, Vinicius de Moraes e outros). Viajou para lá na mesma hora, ficando inicialmente hospedado na casa de Fernando Sabino e depois na de Vinicius de Moraes.

A vinda de Neruda ao Rio não era só um ato poético – era também um ato político. Vim conhecer Neruda, sobre o qual eu já havia escrito vários artigos. Artigos estes que a Gabriela Mistral, que então residia como diplomata no Rio (era cônsul-geral do Chile), enviava a ele, Neruda. De forma que ele já conhecia meus artigos, o que significa dizer que já me conhecia de nome. Fiquei um mês no Rio, morando na casa de Vinicius, onde o Neruda costumava aparecer. Aliás, foi na casa de Vinicius que

Neruda leu para mim um trecho do *Canto general*, que eu traduziria mais tarde ^{*****}, um trecho lindo, aquele em que ele fala das alturas de Machu Picchu – depois resolvi encerrar em definitivo minha vida em Belô, e me mudar para o Rio. Menti para o meu pai, dizendo que havia arranjado um bom emprego no Rio, e me mandei. E logo não tardaria a me enturmar com uma turma de alto quilate: Vinicius, Di, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Lúcio Cardoso, Santa Rosa, Sérgio Milliet, uma porção de outros. Fui morar com Vinicius e depois com Rubem Braga e tinha como companheiro de birita o usineiro Antôgenes Chaves (que deve ter pago tonéis de uísque para a patota), Rosário Fusco, Olívio Montenegro, Lúcio Rangel, uma porção de outros.¹⁰⁶

Já morando no Rio, Carlos Drummond de Andrade e Augusto Frederico Schmidt arrumam para ele seus primeiros empregos em jornais cariocas. Maria Julieta Drummond de Andrade¹⁰⁷, na entrevista já citada, descreve as impressões que guardou do jovem poeta: “rapaz sofisticado, admirador de Eliot e Valéry, que conheci nos anos 40, quando, num arrebatamento provinciano, ele se mudou de Belo Horizonte, sua cidade natal, para o Rio [...]”.

Quando me mudei para o Rio, não tinha emprego nem ferramenta. CDA, com sua solicitude silenciosa, arranhou-me dois empregos e emprestou-me uma máquina de escrever. Fui morar num quarto de um apartamento da Avenida Copacabana. A empregada era uma adolescente mulata, uma capetinha chamada Jandira. Um dia, dona Zilda, a senhoria, procurou-me escandalizada: Jandira estava copiando num caderno barato os poemas de Drummond, veja só o senhor se tem cabimento. Um dia a capetinha foi despedida e eu verifiquei, com alegria, que surrupiara o meu exemplar de *A Rosa do Povo*. Ganhei um novo exemplar com uma dedicatória: “por amor a Jandira”.¹⁰⁸

Segundo Elvia Bezerra,

Foi para o Centro do Rio, onde se concentravam as redações dos jornais, que ele se dirigiu assim que Augusto Frederico Schmidt lhe pôs em contato com Paulo Bittencourt, dono do *Correio da Manhã*. Quando o novo redator publicou o artigo “Paul Valéry” no *Correio*, em dezembro de 1945^{††††††††††}, dando início à vida de jornalista morador da cidade, despediu-se das areias de Copacabana, onde até então era visto entre dez da manhã e 13h30, em

***** Além de Neruda, PMC traduzirá poemas de J. L. Borges, Lorca, Pedro Salinas, Rosalía de Castro, Umberto Saba, Paul Verlaine, Apollinaire, Paul Eluard, Paul Valéry, Jacques Prévert, Philip Larkin, W. H. Auden, T. S. Eliot, Dylan Thomas, Emily Dickinson, Cummings, Mathew Arnold, William Blake, James Joyce, e outros mais. Alguns de seus poemas e crônicas serão inspirados nessas traduções. Fez traduções também de prosa (William Butler Yeats, Heinrich von Kleist, C. S. Lewis) e adaptações para livros infanto-juvenis (Gustave Flaubert, William Shakespeare, Charles Dickens, Julio Verne, Oscar Wilde, Guy de Maupassant, H. G. Wells, Jane Austen, entre outros).

†††††††††† A data correta da publicação do artigo no *Correio da Manhã* é 4 nov. 1945. O mesmo artigo foi publicado também no *Diário de Pernambuco*, uma semana depois, em 11 nov. 1945.

frente ao Alcazar. Como a admissão no jornal não dispensasse o bar,^{*****} passou a frequentar o Pardellas e o Vermelhinho, mais perto da avenida Gomes Freire, 471, onde ficava a sede do jornal.

No *Diário Carioca* ele assinava, a partir de 1946, a coluna “Semana literária”, que em 1950 passaria a ser diária, sob o título de “Primeiro plano”. [...]¹⁰⁹

Depois da morte de Valéry (20 de julho de 1945), Drummond escreve um artigo bastante espirituoso na revista *Magazine*, no qual afirma: “Paul Valéry morreu duas vezes: uma em Paris, de morte natural e pacífica, outra no Rio, de morte violenta, às mãos dos noticiaristas.” Descreve, em seguida, de maneira hilária, o que andou lendo sobre o poeta na imprensa brasileira, para então se queixar: “Pobre grande poeta! Não encontro nos jornais o depoimento, que eu gostaria de ler, de Manuel Bandeira, Lauro Escorel, João Cabral de Melo Neto, Joaquim Cardoso, Paulo Mendes Campos – nos quais faço fé em assuntos valeryanos.”¹¹⁰

Realmente, Drummond tinha razão: o artigo “Paul Valéry” não deixou a desejar. Faz uma boa e aprofundada apresentação do poeta francês, em linguagem clara, sem baratear o texto.^{§§§§§§§§} Essa, aliás, é uma das características da crítica de Paulo Mendes Campos: consegue ser didática sem subestimar o leitor; complexa, sem deixar de ser acessível. Trata-se de uma rara qualidade num crítico, principalmente em se tratando de poesia. Por que acabou por desistir da crítica – ou pelo menos de um certo tipo de crítica – é uma questão que merece discussão mais aprofundada.

O fato é que passou a se dedicar às colunas fixas que ocupava em revistas e jornais, onde publicava suas crônicas e seus ensaios (na tradição dos *essays* ingleses^{*****}), bem como seus poemas. Conquistou um espaço onde podia se expressar com maior liberdade e passou a ser reconhecido na cena literária, principalmente, como cronista. Nessas colunas,

^{*****} Os bares e o álcool serão temas recorrentes na vida e na obra do autor. Muitos de seus poemas e crônicas têm cenas antológicas de bebedeira. Para citar apenas duas, peguemos, por exemplo, “O bêbado”, poema de seu primeiro livro, *A palavra escrita* (1951), e “O cego de Ipanema”, de seu primeiro livro de crônicas (1960), de título homônimo (analisada em artigo de GINSBURG, Jaime. Cegueira e literatura. *Aletria* (UFMG), Belo Horizonte, v. 10/11, p. 53-64, 2004).

^{§§§§§§§§} Segue um trecho do artigo “Paul Valéry” (*Correio da Manhã*, 4 nov. 1945), no qual o poeta mineiro comenta sobre o impacto dos versos do poeta francês na sua compreensão da poesia: “Foram os versos de Paul Valéry que me fizeram concluir que o sentimento poético é uma espécie de imaginação instantânea, quer dizer, uma aventura imaginativa que prescindisse do tempo e tivesse a fonte do prazer na própria forma do verso. Ou, transpondo os termos, podemos dizer: a forma condensada da imaginação é a poesia.”

^{*****} Sobre os *essays*, o próprio Paulo Mendes Campos escreveu: “Para quem critique a crônica ou a literatura jornalística em geral, o conhecimento das letras inglesas aponta sugestões opostas: se o crítico conhece bem os *essays* dos antigos, possivelmente compreenderá que o jornalismo de certa qualidade não é uma atividade tão desimportante quanto se faz crer [...]” (“Flauta de Papel”, *Diário Carioca*, 8 mai. 1957).

adaptando a linguagem ao espaço e ao público leitor, refletiu de maneira leve e culta sobre autores como Guimarães Rosa, Augusto dos Anjos, Walt Whitman, Dante Milano, Virginia Woolf, Cassiano Ricardo, García Lorca, Pablo Neruda, Raul Bopp, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, Pedro Nava, John dos Passos, entre outros.

Tornei-me cronista porque foi o caminho que me ofereceram. Ser jornalista em casa também tem seus encantos, uai. A crônica me permitia a liberdade de espaço, liberdade de horário e liberdade de assunto: três proveitos num saco só.

[...]

A única relação que existe entre o poeta, o cronista e o jornalista é a matéria-prima: palavras. O cronista é um ser ambivalente; fica sempre no meio, uma ponte entre o castelo do poeta e a redação de notícias.¹¹¹

Foram inúmeros os jornais e revistas com que PMC colaborou: *O Diário* (MG), *Diário da Tarde* (MG), *Folha de Minas*, *Correio da Manhã*, *Diário Carioca*, *O Jornal* (RJ), *Jornal de Letras*, *A Manhã*, *Correio Paulistano*, *Folha da Tarde*, *Jornal do Brasil*, *Comício*, *Manchete*, *Pasquim*, *Senhor*, *Quatro Rodas*, *Ele & Ela*, *Cláudia...* e a lista segue. Dentre as revistas, a *Manchete* provavelmente foi aquela em que ele trabalhou durante mais tempo como colunista, e que o tornou mais popular como cronista.

Além do trabalho remunerado como cronista, sempre teve outras atividades. Roteirizou documentários, filmes e programas de televisão, foi redator de publicidade, *ghost-writer*, traduziu e adaptou uma grande quantidade de livros infanto-juvenis, foi funcionário do extinto Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (Ipase) e diretor da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional^{††††††††††}, entre outras tantas ocupações, muitas delas imprescindíveis para o pagamento das contas no final do mês.

Ao discorrer sobre seu trabalho na Biblioteca Nacional, nos dá um pequeno vislumbre de como foi o funcionário Paulo Mendes Campos – e, se repararmos bem, parece estar improvisando uma pequena (e trágica) crônica.

São leitores e brasileiros opostos: o leitor dos salões não tem, em geral, o respeito mínimo pelo livro [...] O leitor da obra rara é o contrário [...] Há dois brasileiros antagônicos: o que destrói o livro e o que deseja eternizá-lo. Teoricamente, eles seriam reconciliáveis através de educação e cultura. Na prática, ainda não deu certo [...] Os ministros de Educação e Cultura é que se pareciam muito. Conheci vários deles. “Pintavam” na Biblioteca Nacional

^{††††††††††} De 1961 ou 1962 a 1969 ou 1970 (os registros não são precisos nos Anais da Biblioteca Nacional, e o atendimento da Divisão de Informação Documental da BN, com o qual entrei em contato por telefone e por e-mail, não consegui dirimir minha dúvida). Na entrevista cedida a Beatriz Marinho, comenta que, antes da Divisão de Obras Raras, foi diretor da Circulação.

poucos dias depois da posse, corriam as dependências com certa pressa jovial e encantada, sentavam-se no gabinete do diretor e diziam com extrema-unção: “A Biblioteca Nacional é uma das minhas preocupações: quero fazer tudo por ela”. A frase era espantosamente a mesma, parecia decorada do script da telenovela. A gente ficava esperando, mas a verba não aparecia: continuava chovendo pelas goteiras nos armazéns; o elevador de cargas continuava enguiçado; os aparelhos de ar condicionado não eram instalados; as restaurações de preciosidades não podiam ser feitas; a torre moderna (para alojamento adequado dos livros raros) continuava no projeto; e tivemos de recusar a doação da biblioteca de Machado de Assis (a promessa foi feita a mim, por d. Laura), devido à falta de espaço. Isso foi no meu tempo. Sei que as coisas melhoraram um pouquinho, mas espero que continuem melhorando muito. Quem foi de fato funcionário da Biblioteca Nacional continua com o pensamento lá, preocupado nas noites de tempestade, apavorado com a água e o fogo, os ratos e todos os ferozes bibliófagos.¹¹²

QUASE BISSEXTO –

Paulo — Nasci em Belo Horizonte mesmo, em 1922...

Fernando [Sabino] — ... quase bissexto...

Paulo — ... quase bissexto, nasci no último dia de fevereiro [...] ¹¹³

O poeta não estreou em livro, como muitos acreditam, com *A palavra escrita* (1951). Foi, na verdade, em 1946, na *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos*, organizada por Manuel Bandeira¹¹⁴. Em 1964, por ocasião da segunda edição revisada e aumentada, publicada pela editora Organização Simões, Bandeira resolveu excluir Paulo Mendes Campos da seleção por considerar que este deixara de ser bissexto e passara à categoria de “poeta contumaz”.

Entre 1946 e 1951, período anterior à publicação de seu primeiro livro, muitas águas rolarão por debaixo da ponte desse (quase-)bissexto. Alguns dos poemas que depois farão parte d’*A palavra escrita* serão conhecidos em revistas e jornais. Outros tantos serão publicados em periódicos diversos e jamais farão parte de suas coletâneas posteriores.

Em 1949, Paulo viaja pela primeira vez ao exterior: vai à Europa, com economias que juntara fazendo extras. Visita Londres, permanece 10 meses em Paris e só volta ao Brasil em novembro. De lá, envia ao *Diário Carioca* pequenos relatos, crônicas, poemas e traduções.

Opta por ficar apenas em Paris, negando-se a bancar o turista afoito que pula por todos os cantos e acaba “não conhecendo nada ou conhecendo só pela rama”¹¹⁵. Logo na chegada, o jornalista português Novais Teixeira, que conhecera no Brasil, vai buscá-lo no aeroporto e passam a noite bebendo. No dia seguinte, de ressaca, vai visitar o túmulo de Baudelaire. “Foi

minha mãe, quando eu era ainda menino, quem me deu os primeiros versos de Baudelaire – que me fascinaram.***** E ainda hoje Baudelaire é uma das minhas fascinações.”¹¹⁶

Eu vivia aquela vidinha de Saint-Germain. Não tinha preocupação de procurar escritores nem nada. Paris vivia o auge do existencialismo. Sartre, Camus, Simone de Beauvoir, Juliette Gréco eram os donos e as vozes da cidade, com plantão diário no Café de Flore. Eu também ia lá todo dia beber a minha cervejinha ou o meu anis. Conheci uma porção de gente, conheci o Picabia, o Benjamin Péret, que me foi apresentado pelo Mário Pedrosa.¹¹⁷

Certa vez, caminhado pelas ruas de Paris, doido para fumar e sem fogo, vê Sartre se aproximando, “vindo não sei de onde, pitando furiosamente. Me deu uma vontade louca de pedir fogo a ele, mas como poderia fazer isso, pedir fogo a um filósofo existencialista? De forma alguma.” Quando Sartre visita o Brasil, tempos depois, Paulo descreve a cena a ele e o filósofo cai na gargalhada. “Dos brasileiros, na época, lá estavam o Guimarães Rosa, o Antônio Bandeira, o Cícero Dias e uma porção de gente que por lá passava.”¹¹⁸

Em 1951, casa-se e lança seu primeiro livro, *A palavra escrita*, no mesmo dia. Conheceu a esposa, a inglesa Joan Abercrombie, por intermédio do irmão dela, muito amigo seu, que trabalhava na agência de publicidade Thompson. Era a primeira vez de Joan no Rio, visitando o irmão; em três meses, o casal namora, noiva e casa. A moça não falava português.¹¹⁹

Quanto ao livro, *A palavra escrita*, trata-se de produção artesanal com tiragem de 126 exemplares, pela extinta Editora Hipocampo, sob responsabilidade dos poetas-editores Geir Campos e Thiago de Mello, bastante exigentes na seleção dos 20 títulos que publicaram durante o curto período de existência da editora (1951-1953).***** Se a divulgação foi pequena – afinal, tratava-se de tiragem reduzida –, a repercussão também foi diminuta. Saíram algumas notinhas nos jornais:

***** Na entrevista a Beatriz Marinho (1985, p. 1), P.M.C. conta sobre suas primeiras visitas à Biblioteca Municipal de BH, ainda criança, quando sua mãe o leva ao terceiro andar do edifício e apresenta a ele “os originais de Baudelaire”.

***** O título de estreia da editora foi *A mesa*, de Carlos Drummond de Andrade. Alguns autores publicados pela editora: Lêdo Ivo (*Ode Equatorial*), Augusto Frederico Schmidt (*Ladainha do mar*), Cecília Meireles (*Amor em Leonoreta*), Jorge de Lima (*As ilhas*), Manuel Bandeira (*Opus 10*), Guimarães Rosa (*Com o vaqueiro Mariano*), Henriqueta Lisboa (*Madrinha Lua*), Cassiano Ricardo (*Vinte e cinco sonetos*), Murilo Rubião (*A estrela vermelha*), Emílio Moura (*O instante e o eterno*), dentre outros. Para um relato detalhado sobre as Edições Hipocampo e uma lista completa das obras publicadas, ver: CRENI, Gisela. *Editores artesanais brasileiros*. Belo Horizonte: Autêntica; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2013. p. 49-70.

Ainda esta semana, aparecerá “A palavra escrita”, livro de poemas de Paulo Mendes Campos, edição dos Hipocampos. P. M. C. ***** estreia aos 29 anos, depois de intensa atividade literária, desde a reportagem de suplemento à crítica de poesia, da tradução de T. S. Eliot à crônica ligeira.¹²⁰

E breves comentários como o de Sergio Milliet em seu *Diário Crítico*:

Dezembro, 23 – Reconheci a voz do poeta triste, uma voz que já ouvi mais de uma vez. Na adolescência ela murmurou aos meus ouvidos. Vinha de além-túmulo, do bom e ingênuo Villon. Mais tarde tornei a percebê-la em certos poemas de Verlaine. Deparei com ela em Apollinaire, em Manuel Bandeira e de vez em quando em um ou outro poeta ainda. É uma voz grave, de muita doçura, e há no que diz uma desesperança sem alarde, que não desce nunca até a queixa.

O poeta triste é triste porque sabe que existem desencontros, que os irremediáveis se acumulam à nossa frente, que remorsos flutuam nas águas da consciência, que as partidas são falazes, que os gestos mentem, que no mais liso asfalto dos caminhos da vida buracos se abrem inesperadamente. [...] O poeta triste é triste porque é um vidente. [...] O poeta triste vive com fantasmas, a seu lado, de poetas que como ele sentiram a imensa e quieta desolação do mundo. [...] A poesia de Paulo Mendes Campos prescinde de exegeses. Ela é límpida e espontânea. O que nos diz não é “original”, brota bem de dentro e se exprime em ritmos familiares. Mas é necessário e urgente e por isso, nos comove sempre.¹²¹

Em 1956, Paulo Mendes Campos faz uma viagem de dois meses à União Soviética, China e Polônia, a convite do governo soviético, como um dos cinco brasileiros integrantes de uma comitiva de 21 profissionais de diferentes áreas e países. Não pertencia, na época, a partido algum, e tampouco viria a pertencer depois. Perguntado por Joel Silveira, em entrevista realizada poucos meses antes de sua morte, se já havia sido do Partido Comunista: “Não, nunca pertenci a partido nenhum. Não sou homem de partidos.” Ao que Joel Silveira retruca: “Mas como é que você se define politicamente? De direita é que você não é. Você pensa e escreve como um homem de esquerda.”

Digamos que sou um socialista. Acho que o mundo dá mais ou menos para todos, mas não dá para ficar nas mãos de alguns poucos enquanto milhares ficam sem nada. Então eu me defino como um socialista por racionalismo absoluto. Já me interessei até por uma revolução, uma reviravolta, que pudesse instalar o socialismo no Brasil.¹²²

***** Era assim que o escritor assinava muitos de seus artigos, crônicas e poemas publicados em jornais e revistas. Em seus cadernos (atualmente no acervo do Instituto Moreira Salles-RJ), também era comum assinar da mesma forma.

Sua estreia oficial e comercial, digamos assim, foi com *O domingo azul do mar* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958), também de poemas. Esse segundo livro recebeu, em 1959⁺⁺⁺⁺⁺, o Prêmio Alphonsus de Guimaraens, do Instituto Nacional do Livro, na qualidade de melhor livro de poesia de 1958. Os membros da comissão julgadora eram Antônio Olinto, Augusto Meyer e Manuel Bandeira.

Contrastando com a premiação, *O domingo azul do mar* rendeu a Paulo Mendes Campos aquela que provavelmente foi a mais dura crítica recebida pelo poeta até hoje. Mário Faustino¹²³, em sua coluna “Poesia-Experiência”, no Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, reservou uma página inteira para desancar impiedosamente o autor e o livro, sugerindo que este não constituía “documento humano digno de conservação e exame”. No meio do caminho entre a louvação e o massacre, algumas outras críticas foram publicadas nos periódicos da época. Mais recentemente, artigos que tratam do poeta e do livro têm sido invariavelmente favoráveis. ⁺⁺⁺⁺⁺

A partir de 1960, embora Paulo Mendes Campos continue a publicar poemas, ocorre predomínio das crônicas, que, presentes em vários jornais e revistas, popularizam o autor como cronista. Mas é importante chamar a atenção para o fato de que mesmo em seus livros de crônicas há também poemas – tanto em versos como em prosa. Em alguns desses livros, há seções que o próprio autor indica como experimentais ou como de “prosa poema”, por exemplo. Trata-se, enfim, daquela porosidade que há, na obra dele, entre poesia e prosa, já mencionada no início deste texto. Uma das expressões dessa porosidade é *O Diário da Tarde* (Civilização Brasileira; Massao Ohno, 1981), livro no qual os mais variados gêneros textuais dividem democraticamente o espaço das páginas.

Quanto aos livros exclusivamente de poesia, a maioria foi organizada de modo cumulativo, ou seja: cada novo título traz, além dos novos poemas, sempre agrupados em uma ou mais seções, todos os títulos anteriores, compostos de suas respectivas seções. Ao publicar os novos livros, porém, não houve o cuidado editorial de manter a sequência original das seções e/ou indicar-lhes as datas. Resultado: quem pega algum desses volumes para ler, a

⁺⁺⁺⁺⁺ Nas raras fontes em que havia menção ao prêmio, a data da atribuição estava errada: 1958. Encontrei a data correta pesquisando no site da Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional, numa pequena nota do *Diário Carioca*, 24 out. 1959. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_04&PagFis=47731>. De posse da nova informação, atualizei a página dedicada ao autor na Wikipédia (e, de carona, a página dedicada ao poeta Homero Homem - com quem o prêmio foi dividido - que reproduzia o mesmo equívoco). No decorrer de minha pesquisa, o que mais encontrei foram informações errôneas sobre Paulo Mendes Campos na internet, principalmente com relação a dados bibliográficos e biográficos. Infelizmente, se multiplicam por diversos sites e migram para trabalhos universitários.).

⁺⁺⁺⁺⁺ Ver seção 5 “Recepção crítica”, para alguns desses artigos reproduzidos na íntegra. Nas Referências, ao final da dissertação, há também uma parte dedicada à “Bibliografia sobre Paulo Mendes Campos”.

2.1 REFERÊNCIAS PARCIAIS

¹ MARINHO, Beatriz. Paulo Mendes Campos. A literatura não aconteceu na minha vida: ela veio no sangue. Entrevista a Beatriz Marinho. *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, p. 1-3, 22 set. 1985. p. 2.

² CAMPOS, P. M. Depoimento. In: _____. *Os bares morrem numa 4a. feira*: crônicas. São Paulo: Ática, 1980. p. 4-5. | CAMPOS, P. M. Uma vida de menino. In: _____. *A arte de ser neta*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985. p. 42-43.

³ PEREZ, Renard. Paulo Mendes Campos. In: _____. *Escritores brasileiros contemporâneos*. 2. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. 2ª Série. p. 317-328. p. 319.

⁴ CAMPOS, P. M. “Fragmentos em prosa”. In: _____. *O domingo azul do mar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. p. 113-120.

⁵ PEREZ, op. cit., p. 319.

⁶ CAMPOS, P. M. Uma vida de menino. In: _____. *A arte de ser neta*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985. p. 42-43.

⁷ CAMPOS, Paulo Mendes. *Video tape* da insônia. In: _____. *Cisne de feltro*: crônicas autobiográficas. Organização e apresentação Flávio Pinheiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 33-36.

⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. Sessentão dos bons. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 mar. 1982. Caderno B, p. 7. (O artigo pode ser lido na seção “Recepção crítica” desta dissertação.)

⁹ MARQUES, Ivan. A vida não vale uma crônica. In: CAMPOS, Paulo Mendes. *O amor acaba*. Crônicas líricas e existenciais. Seleção e apresentação Flávio Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 265-76.

¹⁰ Ibid., p. 269.

¹¹ CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et. al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22

¹² MARQUES, op. cit., p. 267.

¹³ CAMPOS, P. M. Insônia. In: _____. *O anjo bêbado*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969. p. 71-73.

¹⁴ CAMPOS, P. M. “Insônia”. In: _____. *Poemas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. (Coleção Poesia hoje, v. 30). [2. ed., Civilização Brasileira, 1984]. p. 38-40.

¹⁵ CAMPOS, Paulo Mendes. *Melhores poemas*: Paulo Mendes Campos. 4. ed. Organização Humberto Werneck. Direção Edla van Steen. São Paulo: Global, 2015.
[Trata-se da mesma coleção “Os Melhores Poemas” pela qual foi publicado, em 1990 (2. ed., 1997; 3. ed., 2000), *Os melhores poemas de Paulo Mendes Campos*, organizado por Guilhermino Cesar. Werneck manteve a seleção de Guilhermino Cesar, a ela acrescentando 40 poemas + 6 poemas em prosa.]

¹⁶ CAMPOS, P. M. Depoimento. In: _____. *Os bares morrem numa 4a. feira: crônicas*. São Paulo: Ática, 1980. p. 4-5. | CAMPOS, P. M. Uma vida de menino. In: _____. *A arte de ser neta*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985. p. 42-43.

¹⁷ CAMPOS, P. M. “Fragmentos em prosa”. In: _____. *O domingo azul do mar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. p. 113-120.

¹⁸ CAMPOS, Paulo Mendes. Em favor da própria rua. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 8 jun. 1947. 2ª Sessão, coluna Semana Literária, p. 1.

¹⁹ Ibid, p. 1.

²⁰ CAMPOS, Paulo Mendes. Quando veio a guerra. In: _____. *Cisne de feltro: crônicas autobiográficas*. Organização e apresentação Flávio Pinheiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 49-50.

²¹ Ibid., p. 52-53.

²² WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais (1920-1970)*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 64-65.

²³ Ibid., p. 63-64.

²⁴ CABRAL, Cleber A. Literatura e edição: a Sociedade Editora Amigos do Livro como projeto político. In: SAID, Roberto; NUNES, Sandra (orgs.). *Margens teóricas: memória e acervos literários*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 184-195.

²⁵ Ibid., p. 184-195. [Disponibilizado on-line, sem paginação.] Disponível em: <https://www.academia.edu/4573328/CABRAL_Cleber_A._Literatura_e_edi%C3%A7%C3%A3o_a_Sociedade_Editora_Amigos_do_Livro_como_projeto_pol%C3%ADtico._In_SAID_Roberto_NUNES_Sandra._Org._Margens_te%C3%B3ricas_mem%C3%B3ria_e_acervos_liter%C3%A1rios._1ed.Belo_Horizonte_Editora_UFMG_2010_p._184-195>. Acesso em: maio 2018.

²⁶ Ibid.

²⁷ PEREZ, op. cit., p. 319.

²⁸ MARINHO, op. cit., p. 1.

²⁹ CAMPOS, Paulo Mendes. Primeiras Leituras. In: _____. *Primeiras leituras: crônicas escolhidas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

³⁰ BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. Estabelecimento de texto, apresentação e notas Carlos Newton Júnior. São Paulo: Global, 2012. p. 51.

³¹ SILVEIRA, Joel. Paulo Mendes Campos: um erudito sem erudição. [Entrevista.] In: _____. *A milésima segunda noite da Avenida Paulista*. Posfácio Fernando Moraes. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 161-169. p. 164.

³² RESENDE, Otto Lara. Enfim, a grota. In: _____. *O príncipe e o sabiá e outros perfis*. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto Moreira Salles, 1984. p. 205-208. p. 206. [Texto originalmente publicado no jornal *O Globo*, 8 maio 1981. Posteriormente publicado em: CAMPOS, Paulo Mendes. *O mais estranho dos países – Crônicas e perfis*. Seleção Flávio Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 341-345.]

³³ MARINHO, op. cit., p. 1.

³⁴ CAMPOS, Paulo Mendes. Meditações imaginárias. In: _____. *Cisne de feltro*. Organização e apresentação Flávio Pinheiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 17-19. p. 17.

³⁵ MARINHO, op. cit., p. 1.

³⁶ Ibid., p. 1.

³⁷ Ibid., p. 1.

³⁸ CAMPOS, P. M. “Fragmentos em prosa”. In: _____. *O domingo azul do mar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. p. 113-120.

³⁹ CAMPOS, P. M. Uma vida de menino. In: _____. *A arte de ser neta*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985. p. 42-43.

⁴⁰ MARINHO, op. cit., p. 1.

⁴¹ CAMPOS, P. M. “Fragmentos em prosa”. In: _____. *O domingo azul do mar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. p. 113-120.

⁴² MARINHO, op. cit., p. 1.

⁴³ CAMPOS, P. M. “Fragmentos em prosa”. In: _____. *O domingo azul do mar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. p. 113-120.

⁴⁴ Ibid., p. 113-120.

⁴⁵ MARINHO, op. cit., p. 1. | CAMPOS, P. M. Uma vida de menino. In: _____. *A arte de ser neta*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985. p. 42-43. | PEREZ, op. cit., p. 320.

⁴⁶ CAMPOS, P. M. “Fragmentos em prosa”. In: _____. *O domingo azul do mar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. p. 113-120.

⁴⁷ CAMPOS, P. M. Uma experiência com ácido lisérgico. In: _____. *O colunista do morro*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1965. p. 131-150. p. 131. [Esse mesmo texto será reeditado, com o título um pouco modificado, em: CAMPOS, P. M. Experiência com LSD. In: _____. *Trinca de Copas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. p. 11-29. Posteriormente, também com o título “Experiência com LSD”, entrará na seleção feita por Flávio Pinheiro para a antologia de crônicas autobiográficas *Cisne de feltro* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001).]

⁴⁸ SANTOS, Luciano Rosa da Cruz. *Verso e controvérsia: a poesia de Paulo Mendes Campos sob o signo de 45*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

⁴⁹ CAMPOS, P. M. Uma experiência com ácido lisérgico. In: _____. *O colunista do morro*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1965. p. 131-150. p. 131-132.

⁵⁰ MARINHO, op. cit., p. 1.

⁵¹ Ibid., p. 1.

⁵² PEREZ, op. cit., p. 321.

⁵³ CAMPOS, Paulo Mendes. Primeiras Leituras. In: _____. *Primeiras leituras: crônicas escolhidas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. [Texto consultado no Google Livros, sem paginação definida.]

⁵⁴ PEREZ, Renard. “Otto Lara Resende”. In: *Escritores brasileiros contemporâneos*. 2. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. 2ª Série. p. 287-294.

⁵⁵ WERNECK, op. cit., p. 107.

⁵⁶ ETIENNE FILHO, João. João Etienne Arreguy Filho. In: MEMÓRIA do jornalismo mineiro. Belo Horizonte: Departamento de Comunicação Social PUC-MG; Centro de Referência Audiovisual da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte, [1995?].

⁵⁷ PEREZ, Renard. Paulo Mendes Campos. In: _____. *Escritores brasileiros contemporâneos*. 2. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. 2ª Série. p. 317-328. p. 321.

⁵⁸ WERNECK, op. cit., p. 107.

⁵⁹ CAMPOS, Paulo Mendes. “O armador”. *Manchete*, 21 nov. 1964. Disponível na página da exposição digital “Em 1964 – Arte e cultura no ano do golpe”, do Instituto Moreira Salles: <em1964.com.br/o-armador-por-paulo-mendes-campos>, acesso em abr. 2016.

⁶⁰ CAMPOS, P. M. “Fragmentos em prosa”. In: _____. *O domingo azul do mar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. p. 113-120.

⁶¹ MARINHO, op. cit., p. 1.

⁶² CAMPOS, Paulo Mendes. Carta a Mário Quintana. *Manchete*, Rio de Janeiro, 30 jul. 1966.

⁶³ ALMEIDA FILHO, Narceu de (Coord.). Fotos de Isabel Garcia. Os quatro mineiros do apocalipse. *Ele & Ela*, n. 117, p. 14-23, jan. 1979. Entrevista com Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e Fernando Sabino. p. 16-17.

⁶⁴ Ibid., p. 16.

⁶⁵ ETIENNE, op. cit., p. 24-25.

⁶⁶ Ibid., p. 8.

⁶⁷ MARINHO, op. cit., p. 1.

⁶⁸ PEREZ, op. cit., p. 321.

⁶⁹ MARINHO, op. cit., p. 3.

⁷⁰ CAMPOS, P. M. Uma experiência com ácido lisérgico. In: _____. *O colunista do morro*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1965. p. 131-150. p. 132.

⁷¹ RESENDE, Otto Lara, citado por SILVEIRA, Joel. O anjo torto e o poeta radical. In: SILVEIRA, Joel. *A milésima segunda noite da Avenida Paulista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 189-196. p. 194.

⁷² CAMPOS, P. M. CDA: velhas novidades. In: *Os bares morrem numa 4a. feira: crônicas*. São Paulo: Ática, 1980. p. 121-123. p. 122.

⁷³ Carta do arquivo de Carlos Drummond de Andrade consultada no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, em agosto de 2015.
Manuscrito a caneta tinteiro. Sem data. Assinada: “Paulo Mendes Campos / Av. Getulio Vargas 1671 / BHte.” (Pasta CDA - CP - 0308).

⁷⁴ Carta do arquivo de Carlos Drummond de Andrade consultada no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, em agosto de 2015.
Datada de 16 de abril de 1944. (Pasta CDA - CP - 0308).

⁷⁵ WERNECK, op. cit., p. 117.

⁷⁶ ALMEIDA FILHO, op. cit., p. 14-23.

⁷⁷ SOUZA, Eneida Maria. Imagens da modernidade. In: _____. (org.) *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p. 19-30.

⁷⁸ Ibid., p. 19-30.

⁷⁹ ETIENNE FILHO, João. Memórias de um secretário do Dr. Alceu. *Síntese Nova Fase*, v. 20, n. 61, p. 173-180, 1993.

⁸⁰ RESENDE, Otto Lara. “Algumas reminiscências e um testemunho”. In: _____. *O príncipe e o sabiá*. Organização Ana Miranda. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto Moreira Salles, 1994. p. 22-25. p. 23-24.

⁸¹ RESENDE, Otto Lara, citado por WERNECK, op. cit., p. 142-143.

⁸² Carta do arquivo de Carlos Drummond de Andrade consultada no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, em agosto de 2015.
Datilografada. Data a lápis: 9.VI.1944. (Pasta CDA - CP - 0308).

⁸³ RESENDE, Otto Lara. No aniversário da morte de Mário de Andrade. In: _____. *O príncipe e o sabiá*. Organização Ana Miranda. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto Moreira Salles, 1994. p. 15-17. p. 15.

⁸⁴ SILVEIRA, op. cit., p. 165.

⁸⁵ PEREZ, op. cit., p. 322.

⁸⁶ SILVEIRA, op. cit., p. 165.

⁸⁷ RESENDE, Otto Lara. Podia ser pior. In: _____. *O príncipe e o sabiá*. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto Moreira Salles, 1994. p. 253.

⁸⁸ Id. No aniversário da morte de Mário de Andrade. In: _____. *O príncipe e o sabiá*. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto Moreira Salles, 1994. p. 15-17. p. 16.

⁸⁹ ANDRADE, Mário de. *Mário e o pirotécnico aprendiz*. Organização, introdução e notas Marcos Antonio de Moraes. Apresentação Eneida Maria de Souza. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros: Giordano; Belo Horizonte: UFMG, 1995. p. 75.

⁹⁰ Carta de Mário de Andrade a Otto Lara Resende, datada de 24 de setembro de 1944. Acervo do Instituto Moreira Salles, RJ, arquivo de Otto Lara Resende. Publicada na revista *Serrote*, n. 1, 2009. Disponível em: < <https://www.revistaserrote.com.br/2011/06/de-mario-para-otto/>>. Acesso em: maio 2018. (Vide ANEXO A “Carta de Mário de Andrade a Otto Lara Resende (24.09.1944)”, nesta dissertação.)

⁹¹ CAMPOS, Paulo Mendes. Um conto em 26 anos. *Suplemento Literário*, Minas Gerais, p. 3, 28 ago. 1971. [Posteriormente publicado em: CAMPOS, P. M. *Os bares morrem numa 4ª feira*. São Paulo: Ática, 1980.]

⁹² CAMPOS, Paulo Mendes. Transumanas. In: _____. *Transumanas*. Rio de Janeiro: Codecri, 1977. p. 7-11. p. 10-11

⁹³ CAMPOS, Paulo Mendes. A evolução de Manuel Bandeira até “Libertinagem”. *Revista Brasileira*, Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, ano IV, n. 11, p. 81-86, out. 1944.

⁹⁴ CAMPOS, Paulo Mendes. O cronista Manuel Bandeira. *Jornal do Brasil*, 23 dez. 1986. 1º Caderno, p. 11.

⁹⁵ GUIMARÃES, Júlio Castañon. Um retrato do artista. In: _____. *Por que ler Manuel Bandeira*. São Paulo: Globo, 2008. (Leitura online no Google Livros, texto sem paginação.)

⁹⁶ NEWTON JÚNIOR, Carlos. A “Vida Nova” de Manuel Bandeira. In: BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. Estabelecimento de texto, apresentação e notas Carlos Newton Júnior. São Paulo: Global, 2012. p. 7-17. p. 10-11.

⁹⁷ BANDEIRA, Manuel. Confidências a Edmundo Lys. [1946] In: _____. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. p. 670-672. [Crônica publicada em: *Andorinha Andorinha*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.]

⁹⁸ CAMPOS, Paulo Mendes. Manuel Bandeira fala de sua obra. [Entrevista.] *Travessia*, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 5, n. 13, p. 124-140, 1986. P. 124-125. (Nota dos editores: Republicado tal como na *Província de São Pedro*, Porto Alegre, n. 13, 1949, com licença do autor.) [Nota minha: entrevista publicada pela primeira vez com o título “Reportagem com Manuel Bandeira” em *O Jornal*, Rio de Janeiro, 1948, dividida em quatro partes: 19 e 26 set. 1948, 3 e 10 out. 1948.]

⁹⁹ OLIVEIRA, Franklin. Flauta de papel. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 4 jan. 1958. 1º Caderno, p. 10.

¹⁰⁰ CAMPOS, Paulo Mendes. Semana Literária – O pensamento poético. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 13 jul. 1947. 2ª Sessão, p. 1.

¹⁰¹ Ibid.

¹⁰² Ibid.

¹⁰³ Ibid.

¹⁰⁴ ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. “Paulo Mendes Campos – Na mutação permanente reside a graça lúdica da literatura” [Entrevista]. *O Globo*, Matutina, Cultura, p. 29, 20 mar. 1984.

¹⁰⁵ MARINHO, op. cit., p. 2.

¹⁰⁶ SILVEIRA, op. cit., p. 165-166

-
- ¹⁰⁷ ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. “Paulo Mendes Campos – Na mutação permanente reside a graça lúdica da literatura” [Entrevista]. *O Globo*, Matutina, Cultura, p. 29, 20 mar. 1984.
- ¹⁰⁸ CAMPOS, Paulo Mendes. “CDA: Velhas novidades”. In: _____. *Os bares morrem numa quarta-feira*. São Paulo: Ática, 1980. p. 121-122.
- ¹⁰⁹ BEZERRA, Elvia. Lições de boemia – o álcool e os bares nos cadernos de Paulo Mendes Campos. *Piauí*, n. 88, jan. 2014.
- ¹¹⁰ ANDRADE, Carlos Drummond. Fim de um poeta. *Magazine*, [sem indicação de mês] 1945. (Artigo consultado no acervo de CDA, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa.)
- ¹¹¹ MARINHO, op. cit., p. 2.
- ¹¹² MARINHO, op. cit., p. 2.
- ¹¹³ ALMEIDA FILHO, op. cit., p. 15.
- ¹¹⁴ BANDEIRA, Manuel. *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zelio Valverde S. A., 1946.
- ¹¹⁵ SILVEIRA, op. cit., p. 167.
- ¹¹⁶ Ibid., p. 167.
- ¹¹⁷ Ibid., p. 167.
- ¹¹⁸ Ibid., p. 168.
- ¹¹⁹ Ibid., p. 163.
- ¹²⁰ *Última Hora*, 3 out. 1951, p. 3
- ¹²¹ MILLIET, Sérgio. Dezembro, 23. In: _____. *Diário Crítico*. 2. ed. São Paulo: Martins; Editora da Universidade de São Paulo, 1981. v. 8 [1951]. p. 134-5.
- ¹²² SILVEIRA, op. cit., p. 168.
- ¹²³ FAUSTINO, Mário. O domingo azul do mar. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1958. Suplemento Dominical, coluna Poesia-Experiência, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&PagFis=86661>. [O artigo foi publicado posteriormente com o título “Poesia de circunstância” em: _____. *De Anchieta aos concretos*. Pesquisa e Organização Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 341-58. O novo título foi atribuído pela organizadora.]
- ¹²⁴ PAIVA, Aline Domingues de. *Tradutores mineiros: o caso de Paulo Mendes Campos*. Monografia (Bacharelado em Letras com ênfase em tradução) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. p. 67.
- ¹²⁵ Ibid., p. 35-36.
- ¹²⁶ MARINHO, op. cit., p. 2.

3 PROCEDIMENTOS DE EDIÇÃO

Figura 1: Imagem sistematizada da organização, feita em vida pelo poeta, dos livros exclusivamente de poemas.

Fonte: Betina Leme, para esta dissertação.

(OBS: As cores utilizadas na figura evocam o colorido predominante nas capas das edições originais.)

A “Figura 1”, apresentada no início desta seção, é autoexplicativa e capaz de nos poupar alguns parágrafos descritivos — que talvez não viessem a ser tão bem-sucedidos quanto ela para ilustrar a organização cumulativa pela qual passou um conjunto específico de poemas de Paulo Mendes Campos. Foi possível chegar a essa concisão depois de algum tempo de pesquisa e visitas à biblioteca. Depois que está pronto, parece muito fácil, até óbvio. Trabalho ingrato e necessário, este de organização.

Este “pacote” representado na Figura 1 engloba os poemas mais conhecidos e divulgados do autor, aqueles que foram publicados em livros exclusivamente de poemas:

A – A PALAVRA ESCRITA

CAMPOS, Paulo Mendes. *A palavra escrita*. Gravura de Athos Bulcão (1 gravura P&B). Niterói: Hipocampo, 1951. [36 poemas]

Composto a mão. 6º. Livro das Edições Hipocampo. Impresso (“acabou-se de imprimir”) a 25 de outubro de 1951 – 126 exemplares papel ingres autenticados pelo autor: de 1 a 100 para os subscritores, de 1 a XX para o poeta, de A a F para os editores Geir Campos e Thiago de Mello.

O livro é composto de cadernos soltos, as páginas não são numeradas.

B – O DOMINGO AZUL DO MAR

CAMPOS, Paulo Mendes. *O domingo azul do mar*. Capa de Raymundo Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. Coleção Vera Cruz (Literatura brasileira), v. 15.

Ganhador, em 1959, do prêmio Alphonsus de Guimaraens do Ministério de Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, na qualidade de melhor livro de poesia de 1958. A comissão julgadora era formada por Antônio Olinto, Augusto Meyer e Manuel Bandeira.

Texto da orelha de autor não identificado.

Composto das seções “Poemas Antigos” (7 poemas – dentre eles “Os domingos”, publicado anteriormente, em 1946, na *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos* organizada por Manuel Bandeira, porém trazendo modificações nesta edição de 1958); “A Palavra Escrita” (os 36 poemas publicados sob este título em 1951, porém

grande parte deles trazendo pequenas modificações); “O Tempo da Palavra” (23 poemas) e “O Domingo Azul do mar” (2 poemas).

Logo no início do livro, antes do sumário, há a seguinte nota do autor:

Este livro é a seleção de algumas experiências poéticas. A secção intitulada “A Palavra Escrita” foi publicada em volume em 25 de outubro de 1951 (126 exemplares) para as “Edições Hipocampo”. Os outros poemas, quando não rigorosamente inéditos, apareceram apenas em jornais, revistas e antologias.

Os dois poemas finais foram separados dos restantes porque representam uma crise intelectual e formal, a que chegou o autor. Confessa este que assentiu na publicação deste volume na esperança de que a matéria de seus poemas, impressa e entregue à sua sorte, venha, de algum modo, ajudá-lo a libertar-se de seus antigos fantasmas, que não mais o interessam.

P. M. C.

Esse mesmo texto será reproduzido no início do livro seguinte, *Testamento do Brasil & O domingo azul do mar* (1966), porém sem o trecho final: “que não mais o interessam”.

C – TESTAMENTO DO BRASIL & O DOMINGO AZUL DO MAR, 1966

CAMPOS, Paulo Mendes. *Testamento do Brasil & O domingo azul do mar*. Capa de **Glauco Rodrigues**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.

Logo no início do livro há uma nota da editora: “Este volume é uma reedição de ‘O Domingo Azul do Mar’, acrescida de vinte e três novos poemas, reunidos sob o título de ‘Testamento do Brasil’.”

O livro está dividido em duas partes, na seguinte ordem: “O Domingo Azul do Mar” e “Testamento do Brasil”. No início de “O Domingo Azul do Mar”, lê-se:

Este livro é a seleção de algumas experiências poéticas. A secção intitulada “A Palavra Escrita” foi publicada em volume em 25 de outubro de 1951 (126 exemplares) para as “Edições Hipocampo”. Os outros poemas, quando não rigorosamente inéditos, apareceram apenas em jornais, revistas e antologias.

Os dois poemas finais foram separados dos restantes porque representam uma crise intelectual e formal, a que chegou o autor. Confessa este que assentiu na publicação deste volume na esperança de que a matéria de seus poemas, impressa e entregue à sua sorte, venha, de algum modo, ajudá-lo a libertar-se de seus antigos fantasmas.

P. M. C.

Cabe observar que os “dois poemas finais” a que a nota se refere são os últimos d’*O Domingo Azul do Mar*, tal como já havia sido dito na mesma nota publicada anteriormente na edição de 1958. A tendência de alguns leitores que pegam na mão essa edição, sem conhecer a anterior, é achar que o autor se refere aos dois últimos poemas de *Testamento do Brasil*.

D – POEMAS, 1. ed. 1979; 2ª ed. 1984

1) CAMPOS, Paulo Mendes. *Poemas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. (Coleção Poesia hoje, v. 30).

2) CAMPOS, Paulo Mendes. *Poemas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. (Coleção Poesia hoje, v. 30).

A única diferença entre as duas edições é o fato de a primeira ter sido realizada em convênio com o INL. Fora isso, no que diz respeito ao miolo do livro, elas são idênticas, inclusive nos erros. Por exemplo: em ambas as edições (1979/1984), houve erro no sumário relacionado ao poema “Domingo em Paris”, p. 95. O poema aparece equivocadamente, embora com a paginação correta (p. 95), na sessão “O tempo da palavra”. No corpo do livro, entretanto, ele se encontra em sua sessão de origem: “A palavra escrita”. O erro é apenas no sumário.

Outro equívoco, replicado em ambas as edições, encontra-se no pequeno texto de apresentação da falsa folha de rosto: “Este volume é a primeira edição de *Balada de amor perfeito* e de *Arquitetura*, seguida das reedições de *O Domingo azul no [sic] mar* e de *Testamento do Brasil*.”

Por se tratar de edições idênticas no que diz respeito ao texto apresentado, como aqui demonstrado, utilizaremos a mesma letra “D” para ambas.

Acrescentados ao livro anterior, portanto, temos 23 poemas de *Balada de amor perfeito* e 15 de *Arquitetura*.

Aqui, fechamos o “pacote” representado pela Figura 1. O próximo livro a ser descrito, *Trinca de Copas*, completa, junto com os livros descritos até aqui, o *corpus* utilizado para a seleção de poemas versificados da antologia da editora Global, *Melhores poemas de Paulo*

Mendes Campos (1990/1997/2000; organização de Guilhermino Cesar / 2015; organização de Humberto Werneck.). Vale lembrar que para a seção “Poemas em prosa”, da edição de 2015, foram selecionados poemas em prosa provenientes de livros de crônicas, da revista *Manchete* e do *Diário Carioca*.

E – TRINCA DE COPAS

CAMPOS, Paulo Mendes. *Trinca de copas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

O livro é dividido em três seções, nesta ordem: Experiência com LSD; Poemas traduzidos; Poemas. Para estes *Poemas reunidos*, consideramos apenas a seção Poemas.

As edições apresentadas até agora compõem a seção 4.1 “POEMAS ORGANIZADOS”, por compreendermos que houve organização por parte do próprio Paulo Mendes Campos, ainda em vida, com relação a elas. Mesmo no caso do livro *Trinca de Copas*, que tem conteúdo heterogêneo, há no livro uma seção específica para os poemas.

A seção 4.2, “POEMAS (DES)ORGANIZADOS”, é composta de conteúdo já publicado em livro, mas que não entrou nas seleções especificamente de poemas feitas por Paulo Mendes Campos e pelas antologias da editora Global (*Melhores poemas de Paulo Mendes Campos*; Coleção Melhores Poemas).

Dentre os livros:

F – BANDEIRA, Manuel. (Org.). *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zelio Valverde S. A., 1946. p. 143-150.

Trata-se da primeira vez que poemas de Paulo Mendes Campos foram publicados em livro. Na pequena apresentação do poeta, na p. 143, lê-se:

“Nasceu a 28 de fevereiro de 1922, em Belo Horizonte. É filho de Mario Mendes Campos, poeta desertor. Está fazendo o seu curso de Direito. Tem publicado na imprensa de Belo Horizonte e do Rio, poemas e artigos de crítica literária. Não pretende dar livro tão cedo, acha com Jules Renard, que aos vinte anos se pensa profundamente e mal. Não se julga poeta: diz que faz poesia de circunstância ou brinca de poesia.”

(Em 1964, por ocasião da segunda edição revisada e aumentada, publicada pela editora Organização Simões, Bandeira exclui Paulo Mendes Campos por considerar que este deixara de ser bissexto e passara à categoria de “poeta contumaz”).

Dentre os sete poemas publicados na antologia, apenas “Os domingos” voltará a ser publicado em livro, na seção “Poemas antigos” d’*O Domingo Azul do mar* (1958), com modificações, mantendo sua forma definitiva a partir de então. Por essa razão, optamos por apresentar, aqui, apenas seis poemas da antologia organizada por Manuel Bandeira. Para a versão de “Os domingos” tal como publicada em 1946, os apontamentos encontram-se no rodapé da seção 4.1.1 “Poemas antigos”.

G – CAMPOS, Paulo Mendes. *Transumanas*. Ilustrações e capa de Ziraldo. Rio de Janeiro: Codecri, 1977. (Coleção Edições do Pasquim; v. 15).

Por se tratar de miscelânea, o conteúdo do livro *Transumanas* não caberia integralmente nesta reunião de poemas. Vários dos textos são prosa; outros tantos, tradução (nem sempre identificada com clareza). Outros, ainda, foram selecionados pelo autor para integrar a seção “Balada de amor perfeito”, de *Poemas* (Civilização Brasileira, 1979). Neste último caso, os poemas em questão podem ser encontrados na seção 4.1 “POEMAS ORGANIZADOS”, com a indicação de publicação inicial em 1977 e respectivas notas de cotejo entre as versões.

Boa parte do livro é de conteúdo recolhido pelo autor de publicações suas na revista *Manchete* e n’*O Pasquim*.

Nesse caso, optamos por apresentar uma seleção, pois não caberia nesta reunião de poemas o conteúdo integral do livro. Explicitamos, porém, que a seleção é nossa, e não do autor.

A seção 4.3, “POEMAS (NUNCA) ORGANIZADOS”, é composta de poemas publicados apenas em periódicos (*p*) ou manuscritas.

OBSERVAÇÕES QUANTO ÀS EDIÇÕES E À ESCOLHA DAS VERSÕES DOS POEMAS

Aparentemente, a edição de D teve como base apenas C. Muitas diferenças encontradas em D com relação a B e C parecem ter sido provocadas por descuido ou inércia. Por exemplo: em muitos casos (como poderá ser comprovado por meio da leitura das notas que acompanham os poemas), quebras de página em C transformaram-se em quebras estróficas em D (quando não o eram em B e C).

Prova de que a quebra estrófica foi malcuidada em D pode ser muito bem exemplificada no caso do poema “Sextilhas” (seção “O tempo da palavra”, *O Domingo Azul do Mar*). Como o próprio título diz explicitamente, trata-se de sextilhas, ou seja, estrofes de seis versos. Em B, temos o poema dividido em três estrofes de seis versos. Em C, há quebra de página entre a primeira e a segunda estrofes. Em D, o poema é apresentado dividido em apenas duas estrofes: uma de doze e outra de seis versos. Da mesma maneira, ao longo da preparação desses *Poemas reunidos*, deparei com várias outras situações em que a quebra estrófica em D me pareceu mais um equívoco de diagramação ou revisão que objeto de alguma modificação intencional do autor.

Outro exemplo que deixa bastante clara a questão é o do poema “O poeta no bar” (seção “O tempo da palavra”, *O Domingo Azul do Mar*). Uma breve leitura torna clara a sua composição: cinco estrofes, sendo que quatro décimas e uma quadra final. Em B e C, a quebra estrófica entre a segunda e a terceira décimas coincide com mudança de página. Em D, essa quebra estrófica entre a segunda e a terceira décimas foi suprimida.

Toda a diagramação em D deixa a desejar, infelizmente, passando a impressão de que a preocupação essencial era com a economia de papel. Não há qualquer cuidado com a integridade dos poemas. O poema “Brasão” (de *A Palavra Escrita*), por exemplo, começa, em D, na p. 87 e tem seus dois últimos versos na p. 88, sendo necessário virar a página para lê-los. Isolados, no topo, dividem a página com outro poema, “Sentimento do tempo”, que a ocupa por inteiro. Na página contígua (p. 89), o poema “Três coisas” ocupa praticamente todo o espaço, mas abaixo dele inicia-se o poema “O tempo”, com apenas os dois primeiros versos e então nova virada de página é necessária.

Outra prova de que D foi uma edição pouco cuidada no que diz respeito à revisão é a nota inicial que apresenta o conteúdo do livro, na qual podemos ler:

“Este volume é a primeira edição de *Balada de amor perfeito* e de *Arquitetura*, seguida das reedições de *O Domingo azul no [sic] mar* e de *Testamento do Brasil*.”

Certamente que o poeta não erraria ao escrever o nome de seu livro, *O Domingo Azul do Mar* (e não “no”), o que sugere que há grande chance de não ter havido qualquer tipo de revisão por parte do autor para a edição.

Assim, demos preferência para a lição de C – sempre consultando, no entanto, todas as edições nas quais um determinado poema foi publicado, e justificando, por meio de notas, as

decisões tomadas para o texto principal e as divergências encontradas entre as edições consultadas.

A ordem escolhida para a apresentação das seções foi a cronológica.

Por fim, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Com relação às edições mais antigas, não foram levadas em consideração diferenças relativas única e exclusivamente a normas mais antigas de ortografia – tais grafias foram consideradas linguagem obsoleta e atualizadas antes do cotejo em busca de diferenças que fossem efetivamente significativas.

4 POEMAS REUNIDOS

4.1 POEMAS ORGANIZADOS

POEMAS ANTIGOS (anteriores a 1951)

A PALAVRA ESCRITA (1951)

O TEMPO DA PALAVRA (1958)

O DOMINGO AZUL DO MAR (1958)

TESTAMENTO DO BRASIL (1966)

BALADA DE AMOR PERFEITO (1979)

ARQUITETURA (1979)

POEMAS (seção do livro *Trinca de copas*, 1983/1984)

4.1.1 POEMAS ANTIGOS

Esta seleção de sete poemas, sob a denominação de “Poemas antigos”, foi publicada em livro pela primeira vez como uma seção de *O domingo azul do mar* (1958), onde é encaixada antes dos poemas de *A palavra escrita* (1951). Os poemas que a compõem são anteriores aos do livro de 1951.

OS DOMINGOS^I

Todas as funções da alma estão perfeitas neste domingo.

o tempo inunda a sala, os quadros, a fruteira.

Não há um crédito desmedido de esperança
nem a verdade dos supremos desconsoles —

5 Simplesmente a tarde transparente,
Os vidros fáceis das horas preguiçosas,
Adolescência das cores, preciosas andorinhas.

Na tarde parada — lembro — uma árvore parada,

A alma caminhava para os montes,

10 Onde o verde das distâncias invencidas
Inventava o gôsto de morrer pela beleza.

Domingo — lembro — era o instante das pausas,
O pouso dos tristes, o porto do insofrido.

Na tarde, uma valsa; na ponte, um trem de carga;

15 No mar, a desilusão dos que longe se buscaram;
No declive da encosta, onde a vista não vai,
Os laranjais de imensas doçuras geométricas;

Na alma, os azuis dos que se afastam,

O cristal intocado, a rosa que destoa.

20 Dos meus domingos sempre fiz um claustro.

As pétalas caíam no dorso das campinas,

A noite aclarava os sofrimentos,

As crianças nasciam, os velhos se esqueciam mortos,

Os ásperos se calavam, os suicidas se matavam.

25 Eu, prisioneiro, lia poemas nos parques,

Procurando palavras que espelhassem os domingos.

E uma esperança que não tenho.

-
- v. 1 F: domingo:
v. 2 F: TEMPO
v. 3 F: esperança,
v. 4 F: desconsolos:
v. 5 F: simplesmente
v. 6 F: os
v. 7 F: adolescência das cores, preciosas andorinhas. // Sou eu que me rendo ao império dos domingos. /
Vendi o pensamento ao seu imóvel sortilégio. / Na
v. 9 F: e a alma caminhando
v. 10 F: onde
v. 11 F: inventava
v. 12 F: , lembro,
v. 13 F: o
v. 15 F: no
v. 16 F: no
v. 17 F: os
v. 18 F: na
v. 19 F: o
v. 20 B: [quebra de página] Dos
F: // Dos meus domingos sempre fiz um claustro. / O amor rodava na tarde amargada. / As
v. 22 F: a
v. 23 F: as
v. 24 F: os ásperos se calavam, os suicidas se suicidavam.
v. 26 F: procurando palavras que espelhassem / os domingos. E uma esperança que não tenho.
No final, alinhado à esquerda com recuo de 1 cm, em fonte menor, em F: Rio, 15 outubro, 1945.
-

AUTO-RETRATO

Nos olhos já se vê dissimulada
Preocupação de si, e amor terrível.
A incessante notícia de uma luta
Com as panteras bruscas do invisível
5 É como a sensação de sede e fome.
Mudo, na cor translúcida da face
Já se insinua o pálido comparsa.
Na fronte existe um vinco que disfarça
Qualquer coisa... se acaso disfarçasse.
10 Mas não se vê o coração que come
O sangue espesso da melancolia.
Na boca, outro sinal de uma disputa
— Discórdia, dispersão e covardia —
E um traço calmo buscando castidade.
15 No rosto todo, a usura da saudade.

v. 7 C: Jé
[trata-se de erro de diagramação, certamente]
v. 13 D: —.

POEMA DAS APROXIMAÇÕES

5 Sempre encantou-me a liberdade dos cegos correndo
para a morte. Música de redenção cobria-me de emoções
praieiras. Flores altas, espontâneas, desmentiam a vida. Ondas
que o mar brincava nas rochas informavam o sagrado, aventuras
que se desatam de santa rebeldia. Galhos espiralados contra o
céu, sabor de terra no meu sangue, tudo subornava em mim a
fidelidade dos eleitos. Deitei-me. Como os antigos, sobre a fonte
da virgindade, deitei-me. O amor orlava meu sigilo como um
sussurro de mitos guerreiros.

10 Dentro de mim a solidão se povoa, o esplendor das
vertentes.

Dos deuses movia-me o pensamento a crueldade nativa.
Depois os grandes deuses deixavam de existir: sobre os
descampados penetrava a chuva insidiosa dos desânimos.

15 Redescobria uma criança. Seus sonhos eram oblíquos: à
noite, os insetos devoravam-na. O instante basta para
compreender a vida. Senti-la é o princípio de uma eternidade. A
tessitura das amizades é nostálgica e esse início de fogo
consome nossa face. Gatos e coisas silenciosas recebem o
20 melhor de nosso culto.

Ah! possivelmente nunca será demasiado tarde para
quem pergunta. Não havíamos então recusado o escárnio da
misericórdia? Sofremos. Tempo e beleza empolgam um único
pêndulo, a vida e a morte. Na noite um símbolo recomeça:
25 somos escravos das alegorias.

Não podemos perder.

O azul se distribui, as bocas vão bebê-lo. Por ele, os
simples e os sábios morrem de morte mais lúcida e
simpática. Na noite, os olhos ficam ainda abertos, vigilantes
30 da estrela.

Deixai que eu fale. Permiti-me a ventura. O verbo copia
a alma. Tudo que a alegria consente é bom. Deixai que eu fale.
Calai a palpitação metálica da máquina.

p Orfeu, Rio de Janeiro,
v. 4, 1948.

L 2 C: música [erro de diagramação, certamente]
L 12 D: pensamento da crueldade

Murmura no meu sono o vaivém dos desejos. Eu me
aproximo e falo.

Somos mais ricos que o decantar da luz sobre folhagens
entreabertas. E estranhos à vida. Os códigos nos omitiram.
Como um bando de garças, superamos o episódico. Sobrevoa-
mos o mistério algo simples da várzea. Onde a emoção é maior
do que a forma, aí está o segredo, sombra que não é sombra,
carne miraculosa. Nela nos entrelaçamos: homens, pedras hirtas,
nomes defuntos, grandes rios... O amor é sempre o mesmo. O
indecifrável tange os mesmos homens. Deus poreja de todas as
vinganças.

Comungamos nas nascentes. Somos o inverso de um
reino que acaba.

Unirei assim meu corpo às ideias que adivinho. Darei
meu sangue às ribeiras. E todas as vezes que pressentir nos
cegos o apelo da morte, rezarei ao sol.

Uma relação principia. Estamos para o engano como os
gnomos para a floresta: é preciso encantar. Não como os
desertos de amplitude saciada. Uma interpretação menos
dolorosa... Vivemos!

Vivemos! — responde o vazio das vagas. Vivemos!

Sobre as cortinas pousa o primeiro pássaro de luz.
Instala-se uma diversa harmonia. De mim para o mundo há uma
espera. Do mundo para abstrações mais completas, a música. A
noite se encosta aos muros caiados procurando a aurora. Neste
intervalo, toda poesia atende ao mesmo nome, qualquer...

ELEGIA 1947

Chegou o tempo do erostrato,
 o demiúrgico miar de caçoilas fumarentas
 sobre campos de sono: um prazer que não virá.
 É tempo de Artemis e de Ana,
 5 de defunção dos pés despetalados,
 e Nêmesis recolhendo máquinas carnívoras
 na preamar das injustiças.
 Chegou o tempo adunco
 de palavras estranhas sem sentido,
 10 tempo de absurdos cornos paranóicos.
 O chapéu do tirano
 rola na rua fofa. A lua
 pastoreia os animais orgulhosos.
 É tempo de artefato de fábula,
 15 tempo de algazarra e morticínio,
 de ênfase escarvante em praça pública.

Somos todos umas tórtulas queixosas,
 fragmentos de outono,
 almas costuradas ao ícone, sopro exausto.
 20 Sobre nós, entretanto, o sol real abriu os olhos claros.
 O sol imaculado é bom
 e a gente ponteia uma viola noturna de dois mil anos.
 É tempo de embrulhos clandestinos,
 de desejos viscosos sobre a língua,
 25 tempo de partir em pedacinhos,
 de experimentar ao contrário,
 de ver se resiste, de transpor, de decompor,
 de abrir os dedos e cortá-los.
 Chegou o tempo de monarcas, de rainhas-mães sob a pele
 30 carcomida, de condes e viscondes e arquiduques, de fidalgos
 galgos, tempo das películas, dos brocados, das faianças
 e toda a pedraria-auri-
 fulgente do El-Dorado.

As coisas se escondem
35 porque debaixo vem inundando um óleo, um ódio.
O polichinelo esconde o conde,
a dama está nas praias de Atanamba,
é a condessa desquitada,
tem hacanéias mil e dança sobre as ondas.

40 É tempo de homem, bíceps de homem,
de pés no chão, bactérias e venenos minerais,
tempo do entrecortado destino.
Chegou o tempo de abusões.
Um dorme
45 outro dança.
A eglantina falece de escarlatina.
O penhor dos pobres é Deus —
e ainda não é tempo de Deus.

ODE A FEDERICO GARCIA LORCA

- 1 O sol surpreende teu corpo em direção de Córdoba.
 Laranjais em flor. Tua alma em flor e em canção.
 2 Corpo, alma, canção, no laranjal desaparecem, mas se ouve um
 rumor desgarrado de poesia,
 3 murmúrio espesso, indiferente à imperfeição oceânica e à
 língua seca do tempo.
 4 Cantava uma ardência miraculosa de músculo possante porque
 era verão em Espanha e tua carne vivia,
 5 sem látegos enfermos, com infantilidades de namorada na
 paisagem de teus olhos.
 6 É noite nesta cidade distante, mas em festa de sol é que escuto
 teus passos e teu canto.
 7 Caminhaste demais, caminhaste sempre, até que das torres de
 Granada a noite baixasse,
 8 e quando a sombra te abraçou, tua cabeça prodigiosa repousou
 na água silente, a água recebeu teu pensamento grave
 e amigo e veio até nós, alagando o alheamento frio.
 9 Não se percebe de súbito o pranto. Mas se encosto meus
 dedos à face noturna,
 10 sei que o tempo soluç a e existe nada mais que desamparo,
 que persistem guitarras arrepiando a carne da madeira,
 11 que o vento se agarra à cabeleira das árvores e permanece,
 que a vida perdida se refugiou no lago perdido;
 12 se alguém lembrar que o teu coração se esquece em uma
 cisterna ignorada,
 13 nossas pernas incuráveis e gigantescas hão de andar a noite
 toda a procurar-te.

p O *Jornal*, Rio de Janeiro,
 domingo 27 ago. 1944.
 Revista do O *Jornal*, p. 5.

- v. 6 B: distante mas
 v. 7 B: sempre até [...] baixasse
 v. 11 B: perdido,

- 14 Há uma orfandade enorme nas coisas mais simples.
15 Quem dirá a infinita beleza das caçarolas de cozinha, dos
espanadores e de uma garrafa abandonada?
16 Os olmos de tua terra se crestaram na sombra, as ribeiras inde-
cisas já não choram porque ninguém mais sabe que elas
choram.
17 Em Santiago chove ainda, chove ainda no mundo, mas é chuva
implacável, sem reminiscência de ternura.
18 Enquanto os poetas se atiram ao mar, minhas unhas arra-
nham a pele da noite e sei que existes.
19 Tanta palavra ensinaste às coisas sequiosas! E as coisas, e nós
todos, não passaremos por ti desfalecidos
porque plástico e atormentado era o teu amor.
20 Devolvo-te meu canto imperfeito no espanto de um menino
que lançasse uma pedra no fundo de um poço e em
vão esperasse o baque final tão cheio de paz.
21 Não há resposta. Granada é tão longe. E eu estou preso
às lombadas de meus livros de bronze, à visão desses
arbustos sem raiva que não sei dizer. Lembrar o adverso
me amedronta indefeso.
22 Na inexorável Nova Iorque, teus olhos debruçaram-se na
ponte de Brooklin, e apenas teus olhos existem na ponte
de Brooklin.
23 Ouviste a angústia incomparável dos olhos oprimidos de
Harlem,
24 e o desesperado rei de Harlem cujas barbas chegavam até o mar.
25 Uniste tuas mãos diante de um mascarado que bailaria entre
números e colunas de sangue,
26 lutaste com a lua nos terraços, te perdeste ao meio da multidão
que vomita,
27 e te sentiste apenas um pulso ferido, e nem um poeta e nem
um homem; gritaste, porque nada mais havia, senão um
milhão de carpinteiros fabricando ataúdes sem cruz,
28 e percebeste que não era um sonho, mas a vida, com criaturas
do céu enterradas na neve,
29 com um enxame de moedas devorando crianças indefesas,
com camareiros, cozinheiros e os que limpam com a língua
as feridas dos milionários,
30 com um mundo de mortos embebidos em devorar suas
próprias mãos

- 31 com ricos putrefatos que dão de presente a suas amadas
pequenos moribundos iluminados,
32 e caminhaste pelos bairros onde há gente que vacila insone
como saída de um naufrágio de sangue,
33 e caminhaste pelos olhos dos idiotas e pelas mãos inconce-
bíveis de uma humanidade em vermelho.
34 E, porque contempleste Nova Iorque, aprendeste que a ver-
dadeira dor não está no ar, nem nos terraços cheios de
fumo
35 mas que é uma pequena queimadura infinita, e nada mais
pudeste cantar, Garcia Lorca, porque em tuas pupilas se
refugiaram mendigos, prostitutas, marinheiros, gente de
casta inumerável.
- 36 Debaixo das contas de somar, havia um rio de sangue terno
cantando pelos dormitórios dos arrabaldes,
37 e embora a aurora chegasse inútil para Nova Iorque, sem
manhã ou esperança possível,
38 tu a recebeste em tua boca impoluta e nas veias onde quei-
mava o teu sangue de espanhol verdadeiro,
39 porque aguardavas em combate uma luz desmedida que os
ricos temessem, e quiseste, e nós queremos, que se cumpra
a vontade da terra que deseja distribuir seus frutos para
todos. Porque eras um homem de lábios de prata e
uma palmeira.
- 40 Na tranquila noite mineira, teu grito de justiça rompe o céu
apodrecido de Nova Iorque e grita dentro de nós.
41 Há uma orfandade enorme.
42 Sei que conheces todos os caminhos como se foras um menino,
mas, ao meio de todas as vozes que te cercaram, colaste
teus ouvidos aos pulmões enfermos da cidade e não ficaste
indiferente ao arquejo que captaste,
43 um pedaço de voz entrecortado, um coro sem música, sem
tranquilidade nenhuma
que irrompia de gargantas humanas submersas.
- 44 Não fugiste em tropel para as ilhas de ouro, embora fosses
o dono de todos os cavalos brancos.
- 45 Poeta de palpitações suaves, aceitaste em teu rosto os borbotões
de sangue,
46 e embora o milagre de teus olhos ciganos,

- 47 quiseste ser apenas um sinaleiro e não enfaixaste a chaga
do mundo em gaza de palavra imaginária,
- 48 antes espremeeste sobre nós o caldo amargo de tua visão com-
padecida, sem esconder a tua face translúcida, a lírica
permeabilidade de tua pele às maresias do mundo.
- 49 Seria agora inútil e patético, Garcia Lorca, suspender a minha
voz no céu irresponsável e indagar onde estás.
- 50 Estás à sombra das oliveiras, talvez, nos olhos sem tempo
dos bois, no teu túmulo, talvez,
- 51 à beira dos riachos, à beira dos pensamentos de misericórdia,
nos versos melhores que fazemos,
- 52 acompanhando a lua na visita às cidades destruídas, no soluço
definitivo dos moribundos fuzilados,
- 53 no ar, no vento, na chuva, estás por toda parte, porque a
palavra amor não desmorona nunca.

v. 48-49 Em B, há uma quebra estrófica entre os versículos 48 e 49, tal como optamos por manter nesta versão. Em C, há quebra de página exatamente neste ponto. Em D, não há a quebra. Optamos por assumir que há a quebra, e que ela foi mantida na edição de 1966, apenas não sendo possível notá-la de maneira explícita por causa da coincidência com a mudança de página.

BOLERO 1942 (MADRIGAL 1942)*

Mulher
 que interrompes a primavera de um exército
 repartindo cartas suicidas e peixes solitários
 que insinuas o desespero sem vigência
 5 e os amoralismos cruciais do coração
 fantasma de organdi e nuvens enigmas
 viajando para os lados de um soluço
 mulher fatal como o quadro instantâneo
 que realeja na memória um céu especial
 10 comício de poemas obscuros
 ausente dos acampamentos da madrugada
 carne dominical falsamente casta
 intrusa das salas dos concertos sinfônicos
 mulher cem vezes mulher
 15 cem vezes mulher de meu poema
 retórica dos madrigais de ternura precipitada
 ladra sobretudo dos propósitos pacíficos
 alto e sorridente eflúvio de repente
 mulher
 20 carta enlutada mentida de rosa
 amargura corrosiva das raízes.
 Em ti me crucificara
 como um pássaro
 sem ti os jardins não são poemas
 25 os hemisférios da alma não se entendem
 sem ti
 mil vezes sem ti eu remo para mais adiante
 pesquisador vencido catedral abstrata
 por ti perdi-me mendigo nos parques
 30 e nos comboios irremediáveis
 que fogem gotejando um tempo lento e venenoso
 por ti os telefones floresciam
 ou se cobriam de lutos e mistérios
 por ti colecionando tardes e alvoradas
 35 eu nadava para o delta dos sortilégios
 e alevantava-se um clamor maior que a esperança
 dos lados de onde me chegam flores mortuárias
 um sentimento de chamadas
 e um prelúdio infinito.

* Publicado inicialmente com o título “Madrigal 1942” em B, o poema é publicado novamente com mesmo título em C. A partir da edição de D, passa a se chamar “Bolero 1942”.

v. 9 B: memória de um

v. 21 D: raízes

v. 29 B: parques. *[erro de diagramação, possivelmente]*

A MÁRIO DE ANDRADE

Não sei que mãos teceram teu silêncio.
Morto. Estás morto. Sonhas morto? Morto.
Espantalho fatal, onde flutuas
Acordas borboletas tresvairadas.

5 Tua morte chegou nas folhas secas
Mas nada vi no ventre da noitinha,
Que não interpretei nas alegrias
Tua razão mais bela de acabar.

A noite está coalhada de formigas.
10 A cruz amarga a fé desesperada.
Há formigas na treva de tua morte
E em mim erram punhais entrefechados.

O simples tempo agora abre a vidraça.
Desarmaram nos campos a barraca.
15 Chega do canteiro a razão – flor
Para agravar sinais do inevitável.

O silêncio borbulha nos esgotos.
Bebamos o licor de tua morte
Enquanto se suporta a solidão.
20 Tua morte foi servida numa salva.

Cisnes feridos franzem meu destino.
Os convivas, as moças, as vitrinas
Não sabem que paraste. Mas eu sofro
O sono vegetal dos passarinhos.

25 Mas eu sofro. Eu e o morto que conduz
Vamos sofrer até de manhãzinha.
Vamos velar aflitos sobre a terra
Que desviou o teu olhar das rosas.

4.1.2 A PALAVRA ESCRITA (1951)

Figura 2 – Gravura de Athos Bulcão que acompanha o livro *A palavra escrita*.

Fonte: Coleção Guimarães Rosa – Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP)

NESTE SONETO

Neste soneto, meu amor, eu digo,
Um pouco à moda de Tomás Gonzaga,
Que muita coisa bela o verso indaga
Mas poucos belos versos eu consigo.
5 Igual à fonte escassa do deserto,
Minha emoção é muita, a forma, pouca.
Se o verso errado sempre vem-me à boca,
Só no meu peito vive o verso certo.
Ouço uma voz soprar à frase dura
10 Umas palavras brandas, entretanto,
Não sei caber as falas de meu canto
Dentro de forma fácil e segura.
E louvo aqui aqueles grandes mestres
Das emoções do céu e das terrestres.

p *Diário Carioca*,
23 jan. 1949.

v. 13-14

A: [os dois últimos versos apresentam um recuo de cerca de 1 cm da margem esquerda]

MARINHA

Voará no céu quem ao céu pertence.
A poesia do mar confunde os peixes
Porque navegará no mar quem é do mar.
Uiva o lobo contra as ondas,
5 E o dente duro do barqueiro morde o peixe
E ele cospe no mar que ajuda seus pulmões.
Pássaros, criaturas atônitas,
Avançam no vento e vencem
Uma batalha de plumas — porque
10 Os pássaros do céu voarão no céu.
A amarugem corrói o aço dos navios:
Pode o navio partir ou ficar,
Pode a quilha resistir ou quebrar-se,
O piloto enlouquecer ou dobrar seus cuidados.
15 Sucesso, desastre,
Palavras que a brisa propala na praia.
Pode a gaivota ganir, cortando o nevoeiro,
Sem desencadear os mistérios que a definem.
O tempo ilumina uma cidade,
20 Mastro alastrado de flâmulas novas,
Sapatos achados na orla de um golfo,
Cofre de prata, pedaços de escaleres,
Objetos perdidos que o mendigo recompõe.
E recomposto, seu segredo se dispersa.

v. 5 B: peixe.

v. 17 A: ganir cortando

NO VERÃO

Inventaremos no verão os gritos
Verberados na carta episcopal.
Somos apenas pássaros aflitos
Que nada informam da questão moral.

5 Tens os olhos audazes, infinitos,
E eu sinto em mim o deus verde do mal,
De nossas almas nascerão os mitos,
De nossas bocas uma flor de sal.

10 Deitaremos raízes sobre a praia
A jogar com palavras inexatas
O desespero de se ter um lar.

E quando para nós enfim se esvaia
O demônio das coisas insensatas
Nossa grandeza brilhará no mar.

A FESTA^{II}

O bêbado tem uma festa
Marcada em algum lugar,
Antes de vir a manhã
Abrir as luzes do ar.

5 O bêbado tem um encontro
A que não pode faltar.
Será a dama de espadas?
Será a dama do mar?

10 O bêbado ficou mais bêbado
Foi de tanto tropeçar,
Seu rosto ficou mais pálido,
Mais estranho o seu olhar.

O bêbado pode ser tudo,
Só não pode descansar.

15 Como descansamos nós
Que não sabemos dançar.

BRASÃO

No campo solitário
Um coreto pacífico
De retretas lembradas.
Escudo cor de malva,
5 Paquife desfolhado.
O céu: azul — não blau —
Malariaico, infinito.
Espadana de prata,
A fábula da água
10 Vai no campo: é o tempo.

No timbre, uma inscrição:
Sunt lacrymae rerum...

SENTIMENTO DO TEMPO

Os sapatos envelheceram depois de usados
Mas fui por mim mesmo aos mesmos descampados
E as borboletas pousavam nos dedos de meus pés.
As coisas estavam mortas, muito mortas,
5 Mas a vida tem outras portas, muitas portas.
Na terra, três ossos repousavam
Mas há imagens que não podia explicar: me ultrapassavam.
As lágrimas correndo podiam incomodar
Mas ninguém sabe dizer por que deve passar
10 Como um afogado entre as correntes do mar.
Ninguém sabe dizer por que o eco embrulha a voz
Quando somos crianças e ele corre atrás de nós.
Fizeram muitas vezes minha fotografia
Mas meus pais não souberam impedir
15 Que o sorriso se mudasse em zombaria
E um coração ardente em coisa fria.
Sempre foi assim: vejo um quarto escuro
Onde só existe a cal de um muro.
Costumo ver nos guindastes do porto
20 O esqueleto funesto de outro mundo morto
Mas não sei ver coisas mais simples como a água.
Fugi e encontrei a cruz do assassinado
Mas quando voltei, como se não houvesse voltado,
Comecei a ler um livro e nunca mais tive descanso.
25 Meus pássaros caíam sem sentidos.
No olhar do gato passavam muitas horas
Mas não entendia o tempo àquele tempo como agora.
Não sabia que o tempo cava na face
Um caminho escuro, onde a formiga passe
30 Lutando com a folha.
O tempo é meu disfarce

-
- v. 3 A: borboletas descansavam nos
v. 7 A: Mas há coisas que não podia explicar. Me ultrapassavam.
v. 9 A: porque
v. 11 A: porque
v. 23 A: voltei foi como se não tivesse

TRÊS COISAS

Não consigo entender
O tempo
A morte
Teu olhar

5 O tempo é muito comprido
A morte não tem sentido
Teu olhar me põe perdido

Não consigo medir
O tempo
10 A morte
Teu olhar

O tempo, quando é que cessa?
A morte, quando começa?
Teu olhar, quando se expressa?

15 Muito medo tenho
Do tempo
Da morte
De teu olhar

O tempo levanta o muro.

20 A morte será o escuro?

Em teu olhar me procuro

O TEMPO

Só no passado a solidão é inexplicável
Tufo de plantas misteriosas, o presente

Mas o passado é como a noite escura
Sobre o mar escuro

5 Embora irreál o abutre
 É incômodo o meu sonho de ser real
 Ou somos nós aparições fantasiosas
 E forte e verdadeiro o abutre do rochedo

Os que se lembram trazem no rosto

10 A melancolia do defunto

Ontem o mundo existe

O agora é a hora de nossa morte.

v. 1 A, B: inexplicável.

v. 2 A: misteriosas o presente
 B: presente.

v. 6 A: incômodo meu

v. 9-10 A: [os dois versos formam uma estrofe, não havendo espaçamento de linha entre ambos]

TEMPO-ETERNIDADE

*La sensualité, chère amie, consiste simplement à
considérer comme une fin et non comme un moyen
l'objet présent et la vie présente.*

André Gide

O instante é tudo para mim que ausente
Do segredo que os dias encadeia
Me abismo na canção que pastoreia
As infinitas nuvens do presente.

Pobre do tempo, fico transparente
À luz desta canção que me rodeia
5 Como se a carne se fizesse alheia
À nossa opacidade descontente.

Nos meus olhos o tempo é uma cegueira
E a minha eternidade uma bandeira
Aberta em céu azul de solidões.

10 Sem margens, sem destino, sem história,
O tempo que se esvai é minha glória
E o susto de minh'alma sem razões.

Epígrafe, L. 3 A: *la minute présente*.
v. 2 A: escandeia
v. 5 A: de tempo

SONETO DE PAZ

Cismando, o campo em flor, eu vi que a terra
Pode ser outra terra, de outra gente,
Para o prazer armada e competente
E desarmada para a voz da guerra.

5 No chão, olhando o céu que nos desterra,
Sem terminar falei, presente, ausente,
Ó vento desatado da vertente,
Ó doce laranjal sem fim da serra!

10 Mais tarde me esqueci, mas esse instante
De muito antiga perfeição campestre
Fez-me constante um pensamento errante:

Era o sem tempo, a paz da eternidade
Unindo a luz celeste à luz terrestre
Sem solução de amor e de unidade.

IT'S BETTER TO BE HAPPY

Sentada às vezes sobre a relva boa
Ia rever os álbuns de pintura,
Amava a criação e a criatura
Com seus olhos de amor que amar perdoa.

5 Se o relógio cantava no salão,
Levava susto e ria-se depois:
A manga é para mim, para nós dois
O roseiral, a rede, o sol, o pão

10 Pela manhã, saltando na piscina,
Aos saltos acordava o sapo-boi;
E tempo-que-será, tempo-que-foi
Davam-se as mãos dançando na colina.

v. 6 A: depois.

v. 10 A: sapo-boi:

A UMA BAILARINA^{III}

Quero escrever meu verso no momento
Em que o limite extremo da ribalta
Silencia teus pés, e um deus se exalta
Como se o corpo fosse um pensamento.

5 Além do palco, existe o pavimento
Que nunca imaginamos em voz alta,
Onde teu passo puro sobressalta
Os pássaros sutis do movimento.

10 Amo-te de um amor que tudo pede
No sensual momento em que se explica
O desejo infinito da tristeza,

Sem que jamais se explique ou desenrede,
Mariposa que pousa mas não fica,
A tentação alegre da pureza.

DESPEDE TEU PUDOR

Despede teu pudor com a camisa
E deixa alada louca sem memória
Uma nudez nascida para a glória
Sofrer de meu olhar que te heroíza

5 Tudo teu corpo tem, não te humaniza
Uma cegueira fácil de vitória
E como a perfeição não tem história
São leves teus enredos como a brisa

10 Constante vagaroso combinado
Um anjo em ti se opõe à luta e luto
E tombo como um sol abandonado

Enquanto amor se esvai a paz se eleva
Teus pés roçando nos meus pés escuto
O respirar da noite que te leva.

RENASCIMENTO

Mais fria do que o sono do meu túmulo
É minha soledade, quando o cúmulo
Da carícia mortal se esvai, essência.
Vértice perigoso da inocência,
5 Entrega-me a manhã seu cemitério,
Quando, extintas espadas, sigo sério
Sorrindo para quem foi num momento
Chama que se desfez nas mãos do vento,
Belo animal que foge ternamente
10 E em lento movimento está presente
Nos círculos que pensam no meu ser.
Descobre-me a luz crua do prazer
E a sombra do langor se arrasta lenta
No sulcos de meu rosto; se ela tenta,
15 Beijando-me, apagar a minha face,
Onde o seu lábio vai, a voz renasce,
Nítida, calma, quase com tristeza.
A escuridão despede-se, e a certeza
De um deus fere a vidraça, verdes chamas,
20 Labaredas do céu, fogo nas ramas
De uma roseira que sobe à janela.
Depois, se o sol maduro se rebela
No mar, sobre as espumas, nós, constantes
Da memória das vagas inconstantes
25 Vamos colher a flor do tempo. Ausentes
Nos beijamos, tranquilos, transparentes.

POEMA DE DEZEMBRO

Teu corpo criará raízes no meu pensamento.

Eu te espio de perto
Querendo apagar o teu rosto com a mão.
Ando mais depressa que o teu desejo.

5 És bela
De uma juventude que arrisca as horas maduras.
À tarde, o verão agrava-te a beleza.

Nós adoramos a praia e ficamos eternos.

v. 3 A: apagar teu
v. 5 A: bela,

POEMA INDIVISÍVEL

Eles demandavam terras estranhas
Em barcos de prata voando no céu.
"Este é o túmulo do poeta Keats". "Aquele estrada é a de Jerusalém"
"Os irmãos Vetti levavam a vida alegre". "Aqui sua majestade estava *chez les fleurs*".
5 Eles achavam um amor o *Ícaro* de Brueghel.

Passava o tempo e voltava.
A brisa arrepiava a bandeira americana.
Um homem de nariz sinistro
Lia no jornal o preço das mulheres.
10 Gritavam nas estradas: Viva a Rússia!
E os nascidos *entre les deux guerres*
Dançavam boogie-woogie nas cavernas.
Por fim os tempos passaram
E outros tempos vieram na escuridão.

DOMINGO EM PARIS*

O carrossel faz girar a tarde em calma.
 Tão perto de mim este domingo e tão fiel
 Que ouço todos os desejos de sua alma.
 Sinto as refrações, as escamas luminosas,
 5 A cor, o peso, o ritmo da rosa
 De todos os instantes.
 Vejo o outono caindo,
 O vôo inclinado de uma ave,
 Os barcos indo,
 10 O Sena — grave — fatigando um pouco os amantes.
 Poderia ficar pensando em pensamento...
 Tão perto no entanto... Seria tudo excesso.

Que se trata de um domingo muito íntimo de Paris,
 É certo, não sei por quê. Também adivinho
 15 Que toda gente se crê
 Alta, misteriosa, infeliz.

* Em D, há um erro no sumário. Apesar de o poema “Domingo em Paris” encontrar-se, no corpo do texto, tal como aqui, ou seja, como parte integrante de *A Palavra Escrita*, entre os poemas “Poema indivisível” e “Um poeta no mundo”, no sumário ele foi deslocado para a página seguinte, aparecendo entre a seleção de poemas de *O Tempo da Palavra*, entre os poemas “If” e “A prostituta”. A paginação indicada, porém, se manteve correta (p. 95).

v. 1	A: calma,
v. 2	A: domingo, tão fiel,
v. 13-16	A, B: [os quatro últimos versos formam uma estrofe separada] C: [quebra de página] D: [não há separação estrófica, o poema é apresentado em um único bloco]
v. 14	A: porque. Também B, C: por que. Também. [mantida aqui a grafia tal como em D]

UM POETA NO MUNDO

Passaram céus
Passaram rosas
Passaram rios.

5 Ficou-me a cor do céu
O perfume da rosa
O ritmo do rio.

Passou o tempo de assassinar
Passou o tempo de ser bom.

10 Cidades
Amigos
Desejos.

Ficou-me a palavra mais pura.

15 Depois
Voltei a encontrar o rio
Mais alta, na haste,
A rosa,
Mais alto, no céu,
O céu.

-
- v. 3 A: rios
v. 6 A: rio
v. 8 A: bom
v. 11 A: Desejos
v. 12 A: pura
v. 13 C: **depois** [em negrito]
v. 16 A: rosa
v. 17 A: céu

UM DIA DE HOMEM

O sol abriu as janelas do Atlântico.
Pescadores colhiam devagar um pouco de mar.
Eram belos, inquietos, os peixes com os olhos.
Que coisa antiga um homem na praia!
5 A maresia lhe fala às narinas a liberdade do sal.
Que tarde é a tarde de um homem!
A rede telefônica é uma extensão urbana de meus nervos
Caminhei em túneis, o Grão-Mestre, meu amigo,
Sorriu-me com sinistra indiferença.
10 Dentro dos ascensores,
Distraído, a olhar os seios de uma loura,
Dói-me uma coisa intratável do mar de manhã.
Providenciei mil vezes, comprometi-me, falso e delicado,
E a tarde foi caindo.
15 Dentro do sono infeliz
O ruído do mar implacável.

v. 8 A: túneis; o
v. 9 A: Me sorriu
v. 10 A: acensores,
v. 12 A: mar pela manhã.

AMOR CONDUSSE NOI AD UNA MORTE

Quando o olhar adivinhando a vida
Prende-se a outro olhar de criatura
O espaço se converte na moldura
O tempo incide incerto sem medida

5 As mãos que se procuram ficam presas
Os dedos estreitados lembram garras
Da ave de rapina quando agarra
A carne de outras aves indefesas

10 A pele encontra a pele e se arrepia
Oprime o peito o peito que estremece
O rosto a outro rosto desafia

A carne entrando a carne se consome
Suspira o corpo todo e desfalece
E triste volta a si com sede e fome.

p *Diário Carioca*, 12 nov. 1959.

Publicado com o título “Soneto”.

Como epígrafe:

“Amor noi condusse ad uma morte.”

v. 10 A: O peito oprime o peito e se estremece

RURAL

Ao virginal lençol de margaridas
Ia o vento falar de poesia,
Encanto do menino que tangia
Os bois para as colinas coloridas.

5 Junto a devesas, rosas comovidas
Provocavam a minha hipocondria
Sem perturbar porém a cortesia
Que esconde meus silêncios homicidas.

10 O campo se revela e se mascara
De mágoas que o menino não entende
Que os bois entendem mas não dizem nada.

Silfo? Menino? Ele adivinha. Para.
E a flauta de bambu na tarde acende
O sentimento antigo de uma estrada.

A MORTE

Ontem sonhei com a morte
Por duas horas desertas:
As pálpebras não se fecharam,
Antes ficaram abertas.
5 Os olhos esbugalhados
Cravados num ponto incerto,
Por fora desesperados,
Por dentro o mal do deserto.
Todo de preto vestido
10 Me aparteava a nudez
De estar ali sem sentido
De um mundo que se desfez.
Se alguém quisesse podia
Cuspir-me em cima do rosto
15 O nojo que lhe subia
De ver-me assim tão composto.
Talvez um ríctus na boca
O meu segredo explicasse,
Foi-me sempre a vida pouca
20 E era a morte o meu disfarce.
Vi-me no esquife hediondo,
As mãos cruzadas de vez,
Vi-me só me decompondo,
Doído de lucidez.
25 Senti o cheiro das flores,
As velas que crepitavam,
O enjôo forte das cores
Que minha morte enfeitavam.
Vi um remorso ingente
30 Chegar ao pé do caixão,
Um animal repelente
Feito de amor e paixão.
Um padre de voz plangente
Depois de orar disse amém,
35 Em torno os olhos da gente
Me sepultavam também.
Sei que tudo era aflição
No meu destino acabado:
O terror da solidão
40 Ia comigo deitado.

v. 25 A: flores

v. 26 A: E as velas

v. 29 A: E vi

EM NOITE TROPICAL

A noite se perfumava
Da brisa do roseiral.
Respirei o ar de Deus
No sono do vegetal,
5 Mas não gostava da lua
Com seu brilho mineral
Porque sem dizer a ela
Me fazia muito mal
Temer a todo momento
10 A voz de um policial.
Inês despida na relva
Era uma Inês irreal.
O claro-escuro do ventre
Luzia na noite nua
15 Como as luzes de um punhal.
Quando depois se vestia
A aurora amadurecia
As copas do pinheiral.

O SUICIDA

Quando subiu do mar a luz ferida,
Ao coração desceu a sombra forte,
Um homem triste foi buscar a morte
Nas ondas, flor do mal aos pés da vida.

5 Com lucidez tremeu olhando tudo
Como um falcão de súbito no alto
Estremece sentindo o sobressalto
Do abismo que lhe fala porque é mudo

Às vezes vou ali, fico a pensar
10 Na paz que lhe faltou e que me falta
E no confuso alarme do meu fim.

O infinito silêncio me diz — “salta”,
Enquanto faz-me a brisa respirar
O fumo da cidade atrás de mim.

v. 6 A: Como o falcão

v. 8 A: mudo.

OS LADOS

- Há um lado bom em mim.
 O morto não é responsável
 Nem o rumor de um jasmim.
 Há um lado mau em mim,
 5 Cordial como um costureiro,
 Tocado de afetações delicadíssimas.
- Há um lado triste em mim.
 Em campo de palavra, folha branca.
- Bois insolúveis, metafóricos, tartamudos,
 10 Sois em mim o lado irreal.
- Há um lado em mim que é mudo.
 Costumo chegar sobraçando florilégios,
 Visitando os frades, com saudades do colégio.
- Um lado vulgar em mim,
 15 Dispensando-me incessante de um cortejo.
 Um lado lírico também:
- Abelhas desordenadas de meu beijo;
 Sei usar com delicadeza um telefone,
 Não me esqueço de mandar rosas a ninguém.
- 20 Um animal em mim,
 Na solidão, cão,
 No circo, urso estúpido, leão,
 Em casa, homem, cavalo...

v. 8	A, B: a folha branca.
v. 13	A: saudade
v. 15	A: Me dispensando
v. 16	A: também,
v. 16-17	A: [não há quebra estrófica entre os versos]
v. 19	A: ninguém
v. 20	A: Há um lado animal

Há um lado lógico, certo, irreprimível, vazio

25 Como um discurso.

Um lado frágil, verde-úmido.

Há um lado comercial em mim,

Moeda falsa do que sou perante o mundo.

Há um lado em mim que está sempre no bar,

30 Bebendo sem parar.

Há um lado em mim que já morreu.

Às vezes penso se esse lado não sou eu.

SONHO DE UMA INFÂNCIA

Meu sonho, breve emoção,
 A tarde deitada no limoeiro,
 Paralelas de aço se agarrando no longe.
 Há muito tempo que fui infeliz
 5 E desconhecia meu corpo embrulhando nas vestes.
 Um cisne repetia o fácilimo soneto do exílio.
 Animais do ar esvoaçavam,
 Flores se assustavam, muito altas, olhando o momento.
 Nascia por nascer a vida tímida.
 10 Os minutos respiravam cadenciados
 Como a criança próxima à grande cachoeira.
 Breve emoção da pedra, meu sonho
 Ficava difícil,
 Sol entre constelações remotas.
 15 Sempre a palavra de um poema se perdia.
 Um barco remava entre chamas, um coração se consumia,
 A noite erguida apagava o meu desejo de pensar.
 Vi como se desprende de um pântano a garça nua,
 Vi a fantasia e a tristeza de meu ser.
 20 Foi há muito, entre o mineral silencioso
 Há muito tempo que nasci da infância para crescer
 Entre milícias douradas que marchavam cantando.

 Deixarei meu destino como a pátria.
 Renovando a aventura, reinarei entre vós,
 25 Sonhos fiéis.
 Sobe a fumaça na caligem de uma tarde chuvosa.
 Sinto o aroma feliz do bife,
 A friagem do ladrilho onde estraçalho um besouro,
 O tinir da louça, a água caindo no zinco.
 30 Estamos grandes, do tamanho de um defunto.
 Morte, emoção de meu sonho,
 Surda floresta que voa no vendaval e se esfacela.

v. 1	A: emoção.
v. 4	A: Foi há
v. 8	A: altas olhando
v. 11	A: criança perto da grande D: [Há um pequeno ponto entre “criança” e “próxima”, em ambas as edições, certamente um erro de diagramação.]
v. 14-15	B: [há quebra estrófica] C: [quebra de página]
v. 17	A: apagava meu
v. 20	A: muito tempo

TRANSLÚCIDO

Rosas raras no ar se alçavam puras.
Eu sonho que vivi sempre exaltado.

Amo os danos do mundo, quero a chama
Do mundo, vós, paixões do mundo. E penso:
5 Estrangeiro não sou, pertenço à terra.

Um céu abriu as mãos sobre o meu rosto.
Barcos de prata cantam vagamente.

Pensando, desço então pelas veredas
Do mar, do mar, do mar!

10 Sinto-me errante.

Que faz no meu cortejo esta alegria?
O tempo é meu jardim, o tempo abriu
Cantando suas flores insepultas.
Canta, emoção antiga, meus amores,
15 Canta o sentido estranho do verão,
Conta de novo para mim quem fui,
Vago aprendiz de mágico, abstrata
Sentinela do espaço constelado.
Conta que sempre sou, quem fui, menino.

20 A pantera do mar da cor de malva
Uivava sobre a vaga chamejante.
Eu sonho que vivi sempre exaltado.
Meu pensamento forte é quase um sonho.

Nos meus ombros, o pássaro final,
25 Íntimo, atroz, lirismo a que me oponho.
Quando a manhã subir até meus lábios
Suscitarei segredos novos. Ah!
Esta paixão de destruir-me à toa.

v. 1 A: puras
v. 6 A: sobre meu
v. 13 A: sepultadas.
v. 19 A: menino...
v. 21 A: flamejante.
v. 24 A: ombros o

HINO À VIDA

Continuar a primeira palavra escrita,
 Continuar a frase, não resigná-la
 A temor, imperfeição, náusea,
 Continuar com imenso trabalho
 5 (Irreconhecível bosque do abstrato),
 Doam os músculos e os cães ofeguem,
 Continuar através do fogo e da água,
 Em nome do fogo e da água,
 Continuar desejando, farejando,
 10 Por despeito e ambição continuar,
 Não abrir muito os olhos,
 Não cerrá-los demasiado,
 Continuar por esta rua sem fé,
 Como o cego devassado de um sol morto,
 15 Como um anarquista de sensações,
 Místico do prosseguimento,
 Advogando a persistência, a engrenagem,
 Continuá-las, ideia, sensibilidade, diferenças,
 Porque não se pode parar,
 20 Continuar com a paixão e sem ela,
 Como um pugilista fatigado,
 Com a disciplina da expedição guerreira,
 A ferocidade histórica do saque,
 Continuar, não desistir, não esmorecer,
 25 Não refletir intensamente,
 Acompanhando a órbita essencial da natureza,
 Como os depósitos minerais,
 A vida imperceptível do cristal,
 A desagregação da vontade,
 30 Como o crime caminhando, onde, quando,
 O explorado por um sentimento,
 Um camelo magro,
 Continuar, ó máquina palpitante, ó vida,
 A comiseração não refreie o nosso hálito,

v. 5 A: abstrato)

v. 8 A: pelo fogo e pela água,

v. 18 A: diferença,

v. 32 A: Como um

35 Continuar como um jogador que perde
 E se parar há de faltar-lhe alento e vida,
 Continuar continuando,
 Como um soldado em guerra,
 Um mensageiro de tempo evangélico,
 40 Um condenado à morte que-não-pode-morrer-antes-da-morte,
 Um navio a fazer água,
 Um rato, um gigante,
 Porque seria perigoso demorar,
 Ceder à tentação de um vôo incalculável,
 45 Porque a idéia do não continuar existe em nós,
 Símbolo fechado, êmbolo de resoluções imprevistas,
 Continuar, reação em cadeia de minutos incoerentes,
 Chama que se alastra de momentos opacos,
 Como os antepassados continuaram,
 50 As águas míticas, o espírito da treva,
 Continuar,
 A despeito de humilhações, do medo,
 Dos vagues do amor,
 Continuar com as unhas, os pulmões, o sexo,
 55 Sem medir a iniciativa e o resultado,
 Sem comparar nossos poderes e os alheios,
 Continuar como alguém, construindo e desmanchando,
 Continuar como todas as ações continuam,
 E no tempo se prolongam estranhamente,
 60 Continuar porque não se pode senão continuar,
 Emparedado em dois tempos,
 Toda a podridão do remorso,
 Toda a vontade de não continuar,
 E querer continuar,
 65 Árido este mundo,
 Porque a vida é sempre a vida, a mesma vida,
 Porque não se pode,
 Porque, se parássemos, ouviríamos um estrondo
 E depois, perturbados, o silêncio do que somos.

v. 40 A: que não pode morrer antes da morte

v. 45 A: de não

v. 63 A: continuar, / Porque não se pode querer, não se pode poder, / E

v. 66 D: vida.

EM BELO HORIZONTE

Bem sei que era melhor para o rapaz
Ter fugido ao Narciso transparente,
Que neste parque já não sou capaz
De contemplar-me como antigamente.

5 Foram as noites por demais chocantes
À solidão de Anita Garibaldi.
Perto, rosas havia, agonizantes,
Mas perturbar-me inda busquei debalde.

10 Somos tristes no bem como no mal.
Não posso corromper-me assim à toa
E há muitos outros sonhos afinal.

Contudo, vale a pena se me assusto
Com os barcos que apodrecem na lagoa
E o musgo que assassina a paz do busto.

POEMA DE PARIS

Sopravam ventos largos sobre a rua
Que vai de meu hotel até meu bar.
Mais longe, além do bar, surgiu a lua
Vulgar e triste sobre o boulevard.
5 *Vous êtes triste?* — perguntou-me nua
Uma sueca com que fui amar.
Triste de uma tristeza como a tua,
Como a lua no céu, triste e vulgar.
Sobre os Campos Elísios, cor de vinho
10 Chegava a madrugada... e seu carinho
Fez do luar, luar de Apollinaire —
Além do bar, da lua, da mulher.

v. 6 A: amar,

D: com que

v. 8 A: céu triste

v. 12 A: [verso solitário, separado do bloco acima; quebra estrófica]

O BÊBADO

Já vomita no mar a lua pálida.
 Bondes trazem de longe a madrugada
 E entre golfos de sombra resplandecem
 Fantásticas piscinas de luz crua.
 5 Os ruídos do dia vão nascendo
 Da noite que abandona o céu. Tilinta
 Real a campainha de um ciclista,
 Dobra irreal o sino de um convento.
 A própria luz a caminhar cicia
 10 Nos trilhos azulados da manhã.
 A espaços, o silêncio coagula
 O soturno alarido da ressaca.
 O bêbado caminha em direção
 De um luzir qualquer no lusco-fusco,
 15 Onde grita a luz fulva dos açougues.
 Do mais alto beiral nasce uma pomba
 Que voa rente ao asfalto orvalhado,
 Ensurdecendo a claridade triste
 Do bêbado. Do esforço alvar das vagas
 20 Nascem as gaivotas tresnoitadas.
 Cavalos mal dormidos vão surgindo
 Nas esquinas, enquanto os operários
 Passam numa cadência primitiva.
 O bêbado quer morrer, se desfazer,
 25 Andando sem vontade sobre a terra
 Que oferece a seus pés o espaço hostil.
 Seu ideal é simples, geométrico,
 E o sorriso em que fala ao transeunte
 É um sorriso de paz e de ironia.
 30 *Nós que andamos certos e orgulhosos na manhã
 E nos apossamos do dia como nosso território natural,
 Como entenderemos este ser obscuro
 Cujos passos se extraviam e se afastam de nós
 E se aproximam de novo e se perdem em atropelo.*
 35 *Quando seu rosto se inclina para o chão
 E outra vez se levanta com um sorriso de paz e de ironia,
 Sentimos uma luz de mentira em seus olhos
 E tontos de lucidez nos disfarçamos.*

v. 11 A: espaços o

v. 24 A: desfazer.

v. 25 A: Caminha

A PANTERA

Je ne sais quelle certitude d'être fatal.

PAUL VALÉRY

Lady Macbeth, monstruosa e magnífica,
As patas de seda sobre as areias.

São outras aparências que procuro:
Pés que hesitam diante de um corredor,
5 Punho que estilhaça o espelho,
Palavra confusa que pouco a pouco se decifra.
Sofrimento e exaltação precedem a violência
Mas, quando a pantera respira sobre a gazela sangrenta,
Sinto eu a exatidão do gesto, a nitidez da vontade.
10 E me perco; porque imagino estranhas inocências.

Olha na rua em atropelo
A ferocidade melancólica do homem,
A alma pesada feito um móvel,
Suja de concessões que se alastram...
15 Um pouco de ar na praia, um copo de álcool,
O corpo na cama estrebucha um instante e tomba.
A mão apaga a luz, abre a sombra os olhos cegos,
Olhos da sinistra esperança.

Aqui ou ali, a pantera me espera,
20 A ti, talvez,
Antes que eu volte a ser real.

v. 2 A: A pata

v. 6-7 [Em A e B, os versos estão na mesma estrofe. Em C, há quebra de página entre os versos. Em D, há quebra de estrofe entre os versos.]

v. 11 B: atropelo,

v. 12 A: ferocidade triste

v. 14 A: alastram feito mancha.

v. 20 A: ti talvez,

CANÇÃO ROMÂNTICA

Sol voltou todo molhado,
Foi secar-se no jardim.
Um anjo pobre e honrado
É quem me guarda de mim.
5 Encalha o barco na tarde,
Meu coração não é porto.
Dentro da noite é que arde
Um coração absorto.
E vai chover muitas horas
10 Sobre dínamos cansados,
Geradores das auroras,
Geradores das auroras,
Dos poetas estragados.

CÂNTICO A DEUS

O abismo da morte certa
Sempre terá mais delícia
Que a doce e fria malícia
De tua face encoberta.

5 Jamais fulgor tão constante
Perdeu meus passos no mundo
Mas quanto mais me aprofundo
Tu mais te ocultas distante.

10 Por que soberbo degredo
Toda vez que chego perto
De teu mistério deserto
Quero mais e tenho medo?

15 Que posso ter nesta vida,
Que paz, que porto, que pausa,
Se minha nítida causa
Perde-se em ti confundida?

20 Do caos sutil construístes
Uma fábula perfeita,
A certeza insatisfeita
De que existes; não existes.

v. 7 A: E quanto
v. 17 A: construiste

O HOMEM DA CIDADE

Não falte tranquilidade ao homem do campo,
Não o devore o lobo esfomeado.
Possa plantar, colher,
Lavre o campo em sossego
5 Como o noviço esfrega as lajes do claustro.
Não o incomode o vento nas frinchas, o guincho do morcego,
O incesto não ameace a sua casa.
Ao dormir, durma sem sonhos
Como sem sonhos dorme o seu cavalo.
10 E espere a mão de Deus arrebatá-lo.

Ao homem do mar não falte emoção.
Duro dê-lhe o vento na cara, duro o sol,
Não o acovarde a lembrança, o presságio,
Não o envenene a mulher carinhosa.
15 Ame o conflito, a bebida, os ventos,
E possa compreender o santelmo,
A voracidade dos peixes violentos
E o naufrágio.

V. 2 B: não devore

v. 12 B, C: vento cara

[grafado aqui tal como em A e D: vento na cara]

O VISIONÁRIO

Debaixo dos lençóis, a carne unida,
Outro alarme mais forte nos separa.
Vai ficar grande e feia a mesma cara
Com que surgimos cegos para a vida.
5 Vemos o que não vemos. Quando, erguida
A parede invisível, o olhar para
De olhar, abre-se além uma seara
Muito real porém desconhecida.
São dois mundos. Um deles não tem jeito:
10 Cheio de gente, é só como o deserto,
Duro e real, parece imaginário.
Também dois corações temos no peito
Mas não sei se o que bate triste e certo
Vai reunir-se além ao visionário.

4.1.3 O TEMPO DA PALAVRA

Seção publicada pela primeira vez em *O domingo azul do mar* (1958).

FRAGMENTOS EM PROSA^{IV}

Nasci a 28 de fevereiro de 1922, em Belo Horizonte,
No ano de *Ulysses* e de *The Waste Land*,
Oito meses antes da morte de Marcel Proust,
Um século depois de Shelley afogar-se no golfo de Spezzia.

5 Nada tenho com eles, fabulosos,
Mas foi através da literatura que recebi a vida
E foi em mim a poesia uma divindade necessária.

Da casa em que nasci não me lembro nada.
Contam que via o demônio e o apontava na parede,
10 Alvoraçadamente, como se fora um anjo.
Minha vida começa em Saúde, arraial da minha infância,
De que cito algumas estampas essenciais:
Eu e Íris brincando no jardim.

Íris no caixão sobre a mesa escura.

15 A notícia do assassinato de meu tio Arquimedes,
Chegada cautelosamente no serão familiar,
Seu Rodolfo caçador com sua perna de pau
(Derrubou o cacho de cocos com um tiro),
Minha mãe, revólver em punho, procurando ladrão no quintal,
20 O leproso dos Correios que comia ovos cozidos,
A besta Mascote, a besta Mansinha,
Meu encontro com a morte de um tuberculoso em uma casa desconhecida,
O guizo da mula sem cabeça tilintando na várzea.

Lembro-me da partida sem pena.

25 Sempre parti sem pena.
Ainda hoje, quando subo os degraus do avião, do navio,
É sempre a mesma emoção, uma alegria doloridamente física,
Uma névoa infantil nos olhos, imitando as lágrimas,
Uma pulsação dentro de mim como antes de um beijo.

30 Não sei se foi feliz a minha primeira infância.
Não trouxe no coração uma saudade direta
E tive terror dos mascarados e do batuque noturno dos tambores.

v. 13 B: jardim,

v. 14 B: escura,

Em Belo Horizonte,
Ao grito de “avião! avião!” corria para a rua em uma agitação de fim de
[mundo.

- 35 Quantas tristezas de sexo precoce eu tive!
Não sei como dizer de todas as aflições
Quando senti, como um alarme, a violência do corpo.
Muitos anos esperei em dor para ter nos braços a mulher
E quando penso nisso sinto uma vontade pesada de ajoelhar.
- 40 As primeiras letras. Meu ódio à disciplina.
O mistério do pátio das meninas.
Minha primeira paixão chamava-se Maria e usava tranças.
Minha segunda paixão chamava-se Maria e tinha olhos bonitos,
Minha terceira paixão chamava-se Maria.
- 45 *Brincar de grande* era a gente mesmo, a correr em cavalos de pau,
Brincar de pequeno era retirar da caixa as figuras recortadas
E tecer os enredos.
As fitas em série aos domingos: *O Grande Guerreiro!*
Os filmes de cobói: Bob Steele! Buck Jones!
- 50 *Ruas de Nova Iorque! Tempestade sobre a Ásia!*
Os livros! A importância de retirar um livro da Biblioteca Pública!
Robinson, Gulliver, Dom Quixote! *O Duplo assassinato da rua Morgue!*
- Quando veio a revolução de 30 estava de braço quebrado.
As negras se arrastavam da Barroca até a Serra
- 55 E aí chegavam famintas, esfarrapadas, apavoradas.
Lembro de meu pai comprando e distribuindo alimentos no armazém.
Da Caixa D'água da Serra, aos oito anos,
Vi pela primeira vez um avião atirar bombas.
- Nossas molecagens! Nossas maldades!
- 60 Furto de frutas! A incrível pontaria de Mário Carolla!
As brigas da quadrilha do Abrigo Pernambuco.
O desprezo pela polícia, as excursões ao Banheirinho.
As árvores não cresciam em nossas ruas,
A grama não pegava nos jardins,
- 65 As lâmpadas não ficavam nos postes.

v. 52-53 Em B, quebra estrófica entre os versos. Em C, quebra de página. Em D, versos na mesma estrofe. Mantida aqui a forma tal como em B.

v. 57 B: Dágua

O resto de coragem física em mim vem desses tempos.

O Colégio Arnaldo, aversão à matemática, nulidade em desenho,
O dedo imenso e estúpido do Padre Coqueiro...

Aos onze anos, armado de revólver, fugi de casa.

70 Foi o romancista Osvaldo Alves que me vendeu latas de conservas no
[armazém.

Em companhia de Georges e Aristeu,
Demandeí Goiás em busca dos índios.

A primeira sede violenta,
O desconhecido amedrontando e tentando,
75 Cardoso, venho lenheiro, homem bom já falecido, que em sua
[casa na Mutuca nos deu cama de palha, café
[com broas e conselhos mansos:

Acho que vocês vão dar uma estopada, meninos. O mundo é grande!

Reprovado no primeiro ano ginasial,
Fui mandado para o colégio interno de Cachoeira do Campo.
Lágrimas convulsas na primeira noite.

80 Lágrimas depois em muitas noites.
Conheço a pusilanimidade, a traição, a delação.
Conheço a covardia, a bofetada de um padre.

Feroz e indisciplinado é o coração da infância.

Experiência da solidão:

85 Um grande pátio com uma paineira e um retângulo no alto
De estrelas.
A saudade à hora do crepúsculo estragou-me todos os outros crepúsculos.
Tragédias do sexo e da afeição
Tiveram apenas o testemunho irreal dos professores.
90 Minha rebeldia fez-me a vida infeliz.
Meu medo do inferno fez-me a vida infeliz.
Minha sensibilidade fez-me a vida infeliz.
Meu tempo de internato em Dom Bosco, durante três anos
[intermináveis, foi uma coisa infeliz, irremediavelmente
[infeliz, até hoje infeliz.

No segundo ano, segundo a linguagem salesiana,
95 Comecei a ficar túbio; participava da *Société Impiété*
Como um de seus mais revoltados membros.

Devo a Mário Lúcio Brandão minhas primeiras conversas literárias.
 Achávamos uma injustiça Abílio Barreto não pertencer à Academia
 [Brasileira de Letras.

Não esquecer as férias e o esperar por elas,
 100 O sorriso de convivência feliz e de vingança contra o assistente,
 Quando a primeira horda de bichinhos de luz invadia o estudo da noite,
 Prenunciando as férias.
 Não esquecer os cigarros fumados sob o risco de *dez escasso*,
 Não esquecer os tapas nas caras dos *xibungas*, dos *decuriões*,
 105 Não esquecer nada que seja contra o Colégio Dom Bosco,
 Nada que haja escapado à vigilância,
 Nenhuma rebeldia,
 Alunos fortes que desafiavam professores,
 Putas-que-o-pariu na cara deles,
 110 Nada esquecer,
 Os que fugiam e levavam os nossos votos de boa sorte,
 O ridículo de certos pe-da-go-gos,
 A oratória besta de Padre Benedito,
 A vaidade de Padre Alcides,
 115 A cara cruel de *seu* Yzver,
 A raposice de um, o lambdacismo de outro,
 Não esquecer...
 Não esquecerei nada.
Seu João Maria me chamava de Laplace:
 120 Não me puniu quando me viu roubar laranjas.
 Obrigado, *seu* João Maria.
Seu Vicente era manso e consolava os que choram.
 Obrigado, *seu* Vicente.
Seu Gilberto era um ótimo sujeito.
 125 Obrigado, *seu* Gilberto.
 Era suave o perfume do eucalipto, suave era o ar,
 Doces eram as laranjas, as ameixas, as jabuticabas,
 Majestosos eram os pinheiros,
 Frescas eram as águas nascentes,
 130 Ásperos e belos os caminhos da montanha.

v. 98-99 Em B e C, quebra estrófica entre os versos. Em D, versos na mesma estrofe. Mantida aqui a forma tal como em B e C.

v. 106 D: vigilância.

v. 107 D: rebeldia.

v. 114 B: Alaor,

v. 116 D: outro.

Coisas da natureza, obrigado, obrigado.

Obrigado, amigos meus.

Que contentamento deixar Dom Bosco e seus fantasmas!

Ah! se pudesse levar apenas o aroma das resinas!

135 Que contentamento tomar o trem na antiga Hargreaves

E voltar à casa. Que alvoroço de abelhas voltar!

Foi em Georges Bernanos que li esta passagem que sempre me comoveu:

140 *“A honra e a pouca coragem que possuo herdei-as da criatura,
hoje para mim misteriosa, que caminhava sob a chuva de
setembro, através dos campos encharcados de água, o coração
já cheio do próximo regresso, dos recreios fúnebres, onde
a acolheria logo o negro inverno, dos refeitórios invadidos de
um hálito gorduroso, das intermináveis missas cantadas, onde
145 Deus o seu tédio — criança que fui e que é hoje para mim
como um antepassado. Por que, entretanto, terei mudado?
Por que mudarei? As horas me são medidas, as férias vão
terminar como sempre e o pórtico negro que me espera é
ainda mais negro do que o outro.”*

150 Em 1937, fui para o Ginásio de Santo Antônio, em São João del-Rei,

De sadios holandeses franciscanos.

Várias liberdades desconhecidas:

A de fumar,

A de pôr as mãos dos bolsos,

155 A de fazer rodinhas,

A de sentar-se nos recreios,

A de conversar com maiores e menores,

A de sair aos domingos,

A de namorar,

160 A de opinião.

Pouco a registrar.

O esporte,

As namoradas sem consistência,

Os primeiros amigos mortos, a desfiar um rosário de tristezas minhas,

165 Aplicação e desprezo pelos estudos,

Uma adivinhação de poesia nos florilégios estúpidos,

Estudos de gramática portuguesa

(*Nasóculos, quotiliquê, ludopédio*),

Romances: Júlio Diniz, Júlio Verne, Camilo, Coelho Neto;

170 Desorientadas e frustradas inquietações políticas e patrióticas;
 A amizade dura de Frei Godberto;
 Orador do grêmio Literário Jackson de Figueiredo;
 A vontade de escrever uma coisa;
 O medo da morte;
 175 O medo do tempo.

Registrem-se ainda algumas ternuras da memória:
 A voz grossa e rápida de Frei Rufino,
 A vaguidão de Frei Lau querendo escrever com o charuto,
 O irrepreensível Frei Norberto,
 180 O sorridente Frei Virgílio,
Un tas de choses,
 Coisas inocentes que gelam dentro de mim um bloco de saudade.

Ginasial — é o grau de instrução que tenho.
 Em 1940, em Porto Alegre,
 185 Aluno da Escola Preparatória de Cadetes,
 Queria ser aviador.
 Em dez meses de disciplina, de estudos bélicos,
 De marchas, ordem unida, maneabilidade,
 Manobrando fuzis e metralhadoras,
 190 Não descobri dentro de mim, sob a farda, o soldado.
 Fui definitivamente um paisano.

Elza era delicada e ia ser dentista.
 Altamira apaixonou-me logo, muito branca de olhos verdes.
 Uma judia guardei como lembrança de perfeição adolescente.
 195 Também as decaídas inesquecíveis.
 As putas são ásperas e guardam purezas intratáveis.

Os dias de acampamento ficaram inesquecíveis
 Com suas estrelas
 Suas alvoradas em cima do Guaíba,
 200 E o brincar de guerra em correria pelos montes.
 Inesquecível minha fuga, à noite, por uma corda
 E os dez dias de cadeia que se seguiram
 Ao lado de um colega de pincenê que lia *O Vento Levou*.
 Em Florianópolis, um catraieiro me salvou de morrer afogado.
 205 Inesquecível.

A adolescência é um tribunal inesperado:

O julgamento do pai pelo filho,

O julgamento do filho pelo pai.

Nesse conflito de culpas, apreensões, incertezas,

210 Está o mistério dos caminhos da vida sempre errados.

Toda a perplexidade do homem cabe no encontro do pai e do filho,

Quando se encaram com um rancor de acusados à luz da madrugada.

Cabe às mulheres a melhor parte do amor e do sofrimento

Porque as mães não podem julgar.

215 Na ternura milagrosa das mulheres

É como se o filho não houvesse se desprendido do ventre —

E este é o mais simples e doce de todos os mistérios.

Em 1939, cursando o primeiro ano complementar de Odontologia,

Ainda tonto e feliz da liberdade, caí de amores.

220 Chamava-se Maria e era linda e magra.

Que sofrimento olhar o tempo quando se ama.

Só a lembrança de teu chapéu de palha, Maria,

Nas tardes cálidas do Minas Tênis me arrancariam muitas lágrimas.

Fantasiou-se de pirata no carnaval e me deixou.

225 Morreu tuberculosa, de repente. Fui à missa de sétimo dia.

Desde então me arrepio quando escuto o *Dies Irae*.

Outra Maria. Maria Elvira.

Deu-me o carinho de suas pernas claras.

Obrigado, Maria.

230 Simpáticas como você há poucas.

Poucas têm olhos cinzentos tão lindos quanto os seus,

Poucas tanta fraqueza no desejo da carne como você.

Vem de longe, dos tempos de ginásio, o meu gosto pelo álcool.

Vem de mais longe talvez, de regiões oprimidas da infância,

235 De um ancestral incompetente, de uma horda de heranças infelizes,

Uma vontade de falar, de cuspir.

v. 212-213 Em B, quebra estrófica entre os versos. Em C, quebra de página. Em D, versos na mesma estrofe. Mantida aqui a forma tal como em B.

v. 218 D: Odontologia.

v. 230 B, C: poucas, [mantida a grafia tal como em D]

v. 235 B, C: infelizes. [mantida a grafia tal como em D]

Folha morta, *déçà, delà*, fui arrastado pelas ruas
Na tranquilidade fresca da madrugada de Minas.
Havia um poder suicida em cada coisa:
240 O vento era uma coisa forte e me estremecia,
O azul era uma coisa forte e me estremecia,
A mulher era uma coisa forte e me estremecia,
A aurora, a tarde arrastando-se no quintal,
Tudo me estremecia e me empurrava para a vida e para a morte.
245 Em meus versos havia uma força louca de poesia,
Nos pensamentos meus e alheios radiavam deuses violentos,
Em todos os meus gestos, uma grandeza pensada e magnífica.

Ó confusa adolescência! já não entendo teu clamor,
Tuas vigílias, tuas angústias, as armas de teu combate.
250 Meu rosto está sereno quando penso em ti
Mas bem no íntimo tenho uma vontade de unhar-me,
De esbofetear-me, de morrer. Morreu contigo
O sol denso da tragédia. Morreu contigo
O pássaro rubro amigo de meu ombro. Morreu contigo
255 Uma palpitação, um frêmito constante. Morreu contigo
Meu inconformismo cruel, minha dignidade na desgraça. Contigo
A parte de mim mais infeliz e fiel.

À MORTE^v

—1—

Tenho olhos para não estar cego quando chegar,
 Tenho mãos para pressenti-la no ar, quando chegar,
 Quando de tudo que vivi chegar, todos os sonos e insônias,
 De minhas devassidões, anseios, aborrecimentos,
 5 Quando a grande e pequenina morte que carrego comigo chegar.
 Não sou ninguém e nem deveria dizer que não amo a minha morte.
 Mas foge de mim um bando de palavras incontidas.
 Posso contemplar um rosto e não chorar,
 Posso ver um dia nascer e morrer, e sorrir.
 10 Mas eu fui feito para morrer. Morrerei tudo.
 A cidade não adivinha o eco de meus pés dentro de um muro,
 Meu amigo não sabe o que pensei quando me disse:
 "Você se lembra dela?" — "Qual?" — "Aquele... "
 Nem mesmo sei o que penso, nem sei o que adivinho
 15 Quando sigo sem mim, praticando os gestos da vida.
 (Posso amar muito o que os outros são
 Mas nunca posso dedicar-me a tudo que sou.)
 Veio ter comigo muitas vezes. Desceu ao ombro
 Do menino. Veio de mãos dadas com o perfume
 20 Das acácias, quando um piano insinuava
 Uma coisa qualquer, e eu já não farejava na cidade
 As minhas costumeiras mágoas.
 Veio com a beleza e com a melancolia, bateu às minhas costas
 Nas praias, nos píncaros, nas barbearias, nas salas de aula
 25 Ou quando olhava, frágil de carinho, um cesto de peixes do mar.
 Tocou os tambores das paradas militares,
 Foi o vento que vi esvoaçar o véu da noiva,
 Agitou no ar as bandeiras cívicas, inaugurou a estátua,
 Inventou-me a ternura, a bondade, a minha fome.
 30 Eu sou tudo ela.
 Se a esqueço, não me esquece. E dorme em mim.
 E sonha em mim os piores sonhos deste mundo.
 Nunca pude dizer tudo o que eu quero
 Porque ela não quer.

v. 1 D: chegar.

v. 17 D: sou).

35 Meu verso se fez trôpego e medido
 Por causa dela.
 Meu riso se fez tímido,
 Meus passos foram passos tortos de bêbado,
 Minha sabedoria foi uma sequência de trevas,
 40 Meus amores ficaram inconclusos,
 Minhas afeições não valeram,
 Minhas alegrias foram alegrias loucas de louco.

—2—

Vai comigo a morte, vou comigo à morte.

(Quando olho o mar eu me canso,
 Se leio poesia me aborreço,
 Quando durmo não descanso,
 5 Se me embriago me entristeço.)

Exatamente do tamanho do meu corpo.
 Dei por mim, e meus dedos estavam cruzados.
 Havia um zumbido de moscas quando me deitei
 E os círios pálidos nos meus pés mais pálidos.

10 Quando cheguei à *boite*, ela me disse "boa noite".
 Quando saí: "Vou dormir contigo".
 E eu lhe fizera caretas lúgubres quando a vi dentro do espelho.

Mísero e covarde,
 Cheguei a amá-la,
 15 Viva, inquieta, desatinada,
 Cheguei a procurá-la
 Nos cemitérios, nos teatros, nos campos de futebol,
 E marquei a tinta vermelha nos livros o seu nome.

Nunca mais!

20 Morte, tens em mim tua vitória.

v. 10 B, C: "boite"

v. 11 B: contigo."

SEXTILHAS

Nunca me foi confuso o entendimento
De uma flor fecundada, a flor impura
Oferecendo ao pólen seu estigma.
De tudo há de surgir um sentimento,
5 Da pedra há de nascer uma flor dura,
Do mar há de saltar o peixe-enigma.

Vejo que o mundo escreve seu diário,
Não através de símbolos, segredos,
Mas imprimindo em tudo mil imagens
10 Soltas — palavras em um dicionário.
As coisas possuídas têm degredos,
As coisas castas têm muitas linguagens.

E eu viverei como viveu meu tio,
Como vivem palmeiras e andorinhas,
15 Deitado à lua como Endimião.
Que se entenda depois o meu vazio
E que se encontrem das ruínas minhas
Um torso, uma coluna, uma inscrição.

OS DIAS

Entre o granito,
 Niterói, as ilhas, o Forte São João,
 Ia eu vivendo as outras coisas.
 Ritmo de remo,
 5 Risco de um vôo de ave,
 Reflexo de peixe,
 Ramo de rosa brava na barranca de um rio.
 A fonte está seca
 Mas a linguagem da tarde permanece,
 10 Porque um dia tem sempre outro dia
 A esperá-lo, e recompô-lo, e redimi-lo,
 Fotografias velhas à luz de outros momentos.
 Não posso dar um nome ao dia
 Chamá-lo Pedro, Paulo, Sexta-feira,
 15 Sem sentir a tristeza da mentira.
 Porque os dias se abrem e se repartem.
 Porque os dias passam e deixam as verdadeiras visões.
 Porque os dias são às vezes as palavras
 Do discurso da morte em nosso peito.

p *Jornal de Letras*,
 Rio de Janeiro,
 n. 29, jan. 1951.

Embora o poema traga o mesmo título e vários versos em comum, as diferenças são
 grandes o suficiente para que seja mais produtiva a reprodução integral do poema
 publicado em 1951:

LÁPIS-TINTA

Se eu levar este poema de encontro a meu peito
E apertá-lo contra o coração,
Ele ficará impresso em minha carne
Com as suas imagens invertidas,
5 Mais indecifrável do que nunca.

— Mas não deixará de ser um poema.

DEFINIÇÃO

O tempo não é a fonte
Jorrando dois jatos d'água
De uma carranca bifronte

Não é pesado nem leve
5 Não é alto nem rasteiro
Não é longo nem é breve

Nem tampouco o passadiço
Suspenso entre dois vazios
Como frágil compromisso

10 O tempo é meu alimento
Meu vestido, meu espaço
Meu olhar, meu pensamento.

QUADRO

Fique na flor o perfume
Fique no mar o infinito
Fique no amante o ciúme
No silêncio fique o grito
5 Fique nos lábios um beijo
Fique em Londres na Inglaterra
Fique no beijo o desejo
Fique eu triste cá na terra
Fique o morto em outro mundo
10 Fique no bosque o gigante
Fique o Y de Raymundo

Fique o peixe em água pura
Fique o pássaro na rama
Fique bem na minha cama
15 *Como o quadro na moldura.*

AMOR DO JARDIM

Sempre é cedo para dizer teu nome, meu amor,
Amor puro do jardim,
Amor à luz da lâmpada, pensativa,
A eletrola solene e ampla
5 Dentro da noite armada de estrelas além da folhagem.

Me lembro mais de ti, rindo-se de meiguice,
Os cabelos molhados, desfeitas as flores que levavas,
Do que depois da chuva, com os raios do sol,
Muito real o sol,
10 Ou a lua, imaginária demais para as tuas vontades.
A fatalidade também do reino vegetal
(*Voici des fruits, des fleurs, des feuilles et des branches*)
Com a surpresa das flores, o devaneio das lianas,
O mistério antigo e forte do perfume.

15 Deu-se em nossa vida uma geometria inesperada,
Uma poesia muito definitiva de botânica,
Com seus enredos de caule, de estame, de corola,
Com um significado indireto de perfeições adivinhadas.
Quantas vezes surpreendeu-nos a luz branca da camélia,
20 A mensagem do jasmim-do-cabo esparsa no ar,
O soneto da rosa desfolhado na relva.

Sombra, recôncavo,

Linguagem tépida de gineceus...

Aprendemos a suspeitar muita coisa, cada coisa,

25 A raiz pobre nas fendas do muro encardido,

A melancolia suburbana do gerânio.

Nós dois: seres vegetais entre os arbustos

(Jacinto, angélica, amaranto, cravo, zínia, tulipa, dália,

Violeta, hortênsia, junquilha, miosótis, lírio, begônia)

30 A buscar o fogo que as raízes bebem nas profundezas para fazê-las,
As flores.

v. 20 B, C: jasmim-do-Cabo

[Mantida a grafia tal como em D, por ser a correta.]

O POETA NO BAR

Que fazer de um instrumento,
 Violoncelo, fonte, flauta,
 A buscar um sofrimento
 Que se encontra além da pauta?
 5 Quando perdemos a voz,
 Fala de nós e por nós
 O personagem sem medo
 Cujas palavras de olvido
 Compõem o outro sentido
 10 Do segredo de um degredo.

Tudo que rói e escalavra,
 Dente de marfim do mar,
 Faca do vento a passar,
 Lembra a busca da palavra.
 15 Só conhecer a ciência,
 Malarmaica paciência,
 Capaz de achar a vogal
 Que surde empós das toantes,
 Escandidas consoantes
 20 De uma pausa musical.

Estas horas perdoadas,
 Perdidas de quem nos ama,
 São aflições combinadas
 Às pantomimas do drama.
 25 Um filamento de riso
 Liga o inferno ao paraíso.
 Se a noite esconde as estrelas,
 Pode um palhaço brilhante
 Dar um salto tão distante
 30 Que seja digno de vê-las.

v. 3

D: A busca

v. 20-21

[Em B e C, há quebra de página entre esses versos. Em D, foram mantidos na mesma estrofe. Em minha compreensão, há claramente uma quebra estrófica aqui, que ficou pouco evidente por conta da mudança de página em B e C. O poema é composto de quatro décimas e uma quadra final.]

Esse arlequim de pintura
Vai surgir aqui, apenas
Compare a sua figura
A minhas roupas terrenas.
35 Vão surgir do saltimbanco
Perfil, frente, face e flanco.
Vou sofrer por artifício
O silêncio desta mesa
Que me exila na clareza
40 De meu puro sacrifício.

Recife em mar de presságio,
Um poema não tem porto,
Vaga que devolve o morto
Às areias do naufrágio.

OS DIAS DA SEMANA

Os dias da semana são crivados de enigmas,
 De ansiedades vãs e de abandonos.
 A segunda-feira vai trazer para a fruteira
 Um cacho de bananas — com a emoção comum das coisas.
 5 Terça-feira não tem espetáculo, talvez nem mesmo
 Sobre de tarde a viração das grinaldas.
 Quarta-feira, iremos ao Encantado, visitar um tio
 Que foi marinheiro e quase morreu na guerra.
 Quinta, quinta há de ter insetos na serra,
 10 Há de ter um gigante no bosque, um gigante
 Com um sorriso de menino.
 E todas as adivinhações anteriores
 (Um homem esperando um bonde
 Um bonde maior que o mundo
 15 O sentimento de onde
 E o de quando mais profundo)
 Vão preparar a cama nupcial da sexta-feira,
 Que vai ser dia de amor. Ela se parece, digamos,
 A uma dessas ruivas das margens do Reno,
 20 De pernas fortes, riso aberto e seios pequenos.
 Depois, sempre existe o sábado com o seu espaço dourado,
 Suas opalas, o sábado certo e desmedido,
 O sábado que descansa a nossa vida inteira.
 25 Só o domingo não é um dia da semana,
 Só o domingo é
 Alto e anterior ao calendário,
 Só o domingo pertence
 Ao que é invisível no homem, indivisível no homem,
 Só o domingo se põe como um cavalo vermelho
 30 Sobre as nuvens do Rio de Janeiro.

EM FACE DOS ÚLTIMOS MORTOS^{VI}

Os que morrem se tornam os meus maiores amigos. É horrível contemplar os que amo cobertos de flores. No entanto desde o momento em que alguém me diz "morreu", ele se incorpora entre outros, em uma perfeição de sentimentos.

5 O que morreu tem o seu lugar marcado em minha vida. Já não há entre nós a possibilidade de um aperto de mão, de um rancor, de uma carta extraviada, mas uma concordância de renúncias e propósitos. Sempre prometo a meus mortos que morrerei também, poupando-me a mágoa de ser feliz.

9 A eles não levo flores, apenas ofereço-lhes a minha própria morte. A penumbra em que repousam é a minha penumbra; a solidão que alardeiam é a solidão que escondi; esse mesmo círio há de estalar sobre a minha cabeça; as frases de pedra, em latim, são sempre as mesmas; e a grande e inexplicável lua dos mortos é a grande e inexplicável lua que vai de minha infância à minha campa.

15 Muito cedo quis aprender o ofício de morrer, de confundir-me com os mortos no mesmo absurdo espanto, no mesmo terror. O que dei de mim aos vivos, foi pouco e confuso; o que dou de mim a eles é o que recolhi da vida e agradei à terra: a composição de um momento, por exemplo, à beira de um rio, tarde apenas habitada por uma estrela, incomensurável e frágil compreensão do mundo.

21 Minhas tardes, minhas manhãs, as eleitas entre todas, as que conservei como cartas de amor, pertencem aos mortos. Eu as deposito sobre as suas pálpebras como um ramo de angélicas. Morrem em mim as tardes, as manhãs, quando eles morrem. Guardá-las seria ofender o morto, quebrar o pudor dos que se retiraram mais pobres do que vieram. Teço também uma coroa de afeições para os seus lábios; ponho em suas mãos meus carinhos vividos; coloco a seus pés os caminhos que percorri, atribulações e alegrias do espaço, mais impenetráveis talvez do que os dias perdidos. Olho depois os meus pés imóveis, já desanimados de caminhar.

30 Desfeito de minhas riquezas, já do tamanho de um defunto, lívido e abandonado como o próprio morto, posso descansar um pouco e conversar com ele.

33 Com que miserável ternura recordamos nossos hábitos passados! Ah, que simples e amável mistério era beber entre amigos no fundo de um bar enquanto chovia! Aquele teu modo de tossir ao despertar... Teu pijama vermelho era horrendo, que fazer! desde menino dizias ter sonhado possuir um

dia um pijama vermelho. Nunca mais farás planos de viagem. De que adiantaria agora ir olhar a primavera em Paris!

39 Nós, os mortos, sorrimos no fundo de um poço. Os jornais, as estações de rádio, os ventos, as aves migradoras, já não nos informam nada. A injustiça permaneceu na terra, e é injusto também estar morto. Temos apenas segredos a contar, uma indiscrição a dizer. Ficava furioso quando fazias uma canastra real. Aquela mulher foi tua ou não foi?

44 E à noite... Bem, as noites não posso ofertá-las porque sempre foram dos mortos. Seus elementos armaram sobre as cidades, os campos e os mares o eterno catafalco. As estrelas crepitaram em todos os velórios.

47 Morto, morto de minh'alma, boa noite. Vou recomeçar os trabalhos abjetos e os dias ruins. Muito mentirei mas não mentirei a ti. Estarei contigo, de surpresa, nos meus inexpugnáveis silêncios, na sombra de meus espelhos, em meus retratos velhos, em meus cabarés vazios. Prometo usar sempre tua morte em minha lapela, como um distintivo, o teu sinal, o meu sinal.

52 Falarei de tua morte em meu jeito de comer e de beber, em minha roupa, em meus cabelos. E quando morrer de todo, alguém há de murmurar: "a minha vez..."

A FUGACIDADE DE TODAS AS COISAS^{VII}

Aquele imperador apresentava constantemente a si mesmo a fugacidade de todas as coisas a fim de não as tomar demasiadamente a sério e entre elas permanecer tranquilo. A mim, pelo contrário, tudo me parece ser demasiadamente valioso para que pudesse ser fugaz. Busco uma eternidade para cada coisa: por acaso deveriam ser atirados ao mar os mais preciosos unguentos e vinhos? É meu consolo que tudo quanto foi é eterno: o mar voltará a atirá-lo sobre a margem.

NIETZSCHE

A ilusão? O engano? Usarei a palavra contra a evidência: a certeza. Queria dizer o seguinte: ao deitar-me, suaviza-me a certeza de que o meu passado existe em algum lugar. Essa é a constante mais desarrazada de minhas imaginações. Mas não tem o exaspero dos que se quebram de encontro ao fato consumado, é uma unção, um sentimento de inocência, uma certeza.

Quando pedia contas ao tempo, em minha adolescência, a náusea me desnor-teava. Essa necessidade, fundamental em mim, de não perder o tempo, de transformá-lo em espaço, era forte como a loucura. Inclinei-me sobre os livros. Anotei em um caderno o desenvolvimento algébrico de meu desespero. É que o adolescente não é um poeta, é uma vítima da poesia. A lógica com que procurara salvar do naufrágio o meu passado levou-me ao limite extremo do abismo-lógica. Singular é que o presente só me interessava pela sua possibilidade de converter-se em passado, e assim, aparentemente, o exercício de viver só poderia ser para mim um cansativo comércio com a morte. Perdendo o minuto que passa, podia preservá-lo, recolhê-lo entre as minhas lembranças, e só então apreender a sua fulgurante autenticidade. Confesso que mesmo o futuro, o que ainda não se transfigurou em saudade, pesava-me como se fosse vida desperdiçada.

Existiria nesse procedimento sombrio um desejo velado de suicídio? Não creio. Existia apenas a prefiguração da calma que hoje me faz amável o momento definitivo que precede o sono, quando, em alguma parte, sei que o meu passado me espera e me convida e me dispensa de tantas realidades inacreditáveis. Porque o excesso de consciência é como o

30

excesso de luz. O fulgor obsessivo do presente fatiga alguns espíritos. Os objetos que se colocam em meu ângulo de visão, por simples e familiares que sejam, me obrigam a um excesso de concentração mais do que fisicamente doloroso. É como se estivéssemos no teatro, assistindo a uma peça conhecida, justamente no momento em que nos crispamos para ver o personagem praticar o seu irreparável erro. Por outro lado, se fechando os olhos e os outros sentidos, deixo que me trabalhem a dor que me ocupa, a alegria que me movimenta, a idéia que me diverte, a idéia, a dor, a alegria me penetram, me preenchem, e me incompatibilizam com os gestos que me forço a fazer para continuar vivendo. Digo ainda: o mais simples e familiar, enquanto ainda permanece duramente representado em minha consciência, é o que mais me paralisa e, se assim posso dizer, o que mais me irrealiza. Dou um exemplo: vejo agora a parede áspera de um edifício. No instante em que a vejo é como se ela também me visse, negando, conseqüentemente, a vida de meu ser. Para que eu volte à vida, devo retribuir a esta parede a sua natureza de lembrança, única dimensão em que as coisas não me negam. Acredito assim que o mundo exterior seja formado de lembranças.

51

O passado é o espaço de cada um. O que aconteceu é tarefa já cumprida, a vida que se obteve de percepções ilusórias, o reino tranquilo dos demasiadamente emotivos. O que aconteceu já é eternidade.

55

Eis porque estremeço todas as manhãs, quando o mundo se impõe a mim outra vez. No decorrer de um dia há ciladas suficientes para que o passado de um homem se transforme com violência. Preciso viver com atenção, escolher os meus passos, trocar esse gesto por aquele, dizer essa palavra e não aquela, silenciar, ver, sentir, para não comprometer o que vou inventando para a memória.

Admito, no entanto, que às vezes o presente já tenha, em toda a sua evidência, uma suavidade de lembrança. São raros momentos. Esse campo que vejo ao entardecer, plantado de um milharal que acabou de pendoar, com esse braço de rio barrento, essas vacas sólidas e plácidas, a linha dos eucaliptos na fímbria de um outeiro, onde se armou um aro azul, o único halo azul-azul de um céu cor de chumbo, tudo isso veio encontrar-me em uma tal limpidez de alma, em um tal despojamento das ambições e dos medos em que nos destroçamos, que não consigo mais distinguir aquele fulgor obsessivo de que falava. Tem uma suavidade de lembrança. Possivelmente é uma lembrança. Já não sou eu que lembro e configuro as coisas: sou lembrado. Esse momento ao entardecer se lembra de mim e talvez guarde em uma dimensão ignorada a imagem do que sou atravessando esse campo e refletindo todos os seus símbolos em uma quase-perfeição. Me acomodo em uma gratidão feita de serenidade porque o meu passado de repente se lembrou de mim e veio ver-me. A despeito de minha miséria, dos meus olhos turvos, alguma coisa em mim merece às vezes esse milagre. E eu o conservo como um amuleto que me protegesse do desastre cotidiano.

ELA^{VIII}

Uma vez, em Porto Alegre,
 Em um azul de verão,
 Vi um armador alegre
 Burilar o meu caixão.
 5 Lixava a tábua, pregava,
 Com amor e exatidão.
 Com ternura forrou tudo
 De veludo e de algodão,
 Pregou rebites dourados
 10 Nas quinas de meu caixão.
 Seu bico adunco soprava
 Um pobre tango-canção.
 Se o assovio parava,
 Parava o meu coração,
 15 Castigado pelo frio
 Dessa tarde de verão.
 Fingia que não me via
 Imantado de emoção,
 Fingia que não ouvia
 20 Bater o meu coração.
 Gozando a minha *paúra*
 Caprichava no caixão,
 Quis a madeira bem dura
 E leve a decoração.
 25 Ah, seis lados tem a morte,
 Tem seis alças de latão,
 Onde seis amigos fortes
 Um dia se agarrarão.

 Uma vez em Porto Alegre,
 30 Em um azul de verão,
 Fiquei triste, fiquei bêbado...

 Crucificado nas garras
 Da terceira dimensão.

v. 28-29 Em B, quebra estrófica entre os versos. Em C, quebra de página. Em D, versos na mesma estrofe. Mantida aqui a forma tal como em B.

SERMÃO DO DIABO

- 1 Bem-aventurados os aleijados porque não distinguem as propor-
ções dos sentimentos morais e desenharam triângulos tor-
tos na areia.
- 2 Bem-aventurados os cegos de nascença porque rangem quando
rangem nas curvas os astros do cosmos sem música.
- 3 Bem-aventuradas as mulheres feias porque trocam sinais com a
Via-Láctea e são tangíveis a todas as semáforas.
- 4 Bem-aventurados os que morrem nas catástrofes ferroviárias
porque a vida foi de repente a sinistra aventura.
- 5 Bem-aventurados os desequilibrados líricos porque inventam
tristes gnomonias.
- 6 Bem-aventurados os que perdem os filhos porque, incendiados,
são hábeis em distinguir a estrela do naufrágio.
- 7 Bem-aventurados os mendigos porque pertencem às searas
mitológicas.
- 8 Bem-aventurados os suicidas porque chegam de armas na mão
ao outro lado.
- 9 Bem-aventurados os indigentes porque resumem as misérias da
poesia.
- 10 Bem-aventurados os bêbados sem remédio porque se extinguem
no crepúsculo como o carvão.
- 11 Bem-aventurado o que alimenta um mal secreto porque pode
telefonar à hiena e convidá-la para jantar.
- 12 Bem-aventurado o indivíduo que tem o rosto deformado porque
pode olhar a morte nos olhos e interrogá-la.
- 13 Bem-aventurados enfim todos os homens, todas as mulheres,
todos os bichos, bem-aventurados o fogo e a água, bem-
aventuradas as pedras e as relvas, bem-aventurados
o Deus que cria o universo e o demônio que o perdoa.

JOSETTE

Colunas de teu corpo. O real
Das coxas longas onde se implanta o ventre
Leve. O branco do seio
Dando o leite do sonho ao animal
5 Da noite acostumado a sofrer sede.
Teu perfil tem a linha imaginária
Das mais felizes frases literárias.
És quem tu és, és a rosa e o rosicler.
Quando caminhas vais frisando a rua
10 De uma eloquência clara de escultura.
És sol agora, ontem na praia foste a lua.
És tudo o que quiser o meu poema,
Mas não és o orvalho que roreja nem és pura.
Possuis a elegância de uma ave
15 De pés espapaçados (as mais belas)
E tens do mar o frescor suave e a voz tão grave.
Como a vaga empinada que se espraia
Abres equestres movimentos no vento. Teus cabelos
São as últimas lembranças lúcidas que me restam.
20 Calmarias de ilhas verdes, teus olhos,
Ah,
São teus olhos.

PESQUISA

Tempo é espaço interior. Espaço é tempo exterior.

NOVALIS

A gaivota determinada mergulha na água
Verde. Há um tempo para o peixe
E um tempo para o pássaro
E dentro e fora do homem
5 Um tempo eterno de solidão.
Muitas vezes, fixando o meu olhar no morto,
Vi espaços claros, bosques, igapós,
O sumidouro de um tempo subterrâneo
(Patético, mesmo às almas menos presentes)
10 Vi, como se vê de um avião,
Cidades conjugadas pelo sopro do homem,
A estrada amarela, o rio barrento e torturado,
Tudo tempos de homem, vibrações de tempo, vertigens.

Senti o hálito do tempo doando melancolia
15 Aos que envelhecem no escuro das *boîtes*,
Vi máscaras tendidas para o copo e para o tempo,
Com uma tensão de nervos feridos
E corações espedaçados.
Se acordamos, e ainda não é madrugada,
20 Sentimos o invisível fender o silêncio,
Um tempo que se ergue ríspido na escuridão.
Cascos leves de cavalos cruzam a aurora.
O tempo goteja
Como o sangue.
25 Os cães discursam nos quintais, e o vento,
Grande cão infeliz,
Investe contra a sombra.

O tempo é audível; também se pode ouvir a eternidade.

REPETIÇÃO DO MUNDO

De repente, a caminho da cidade,
 Ocorreu-me a náusea do mundo.
 Quis obter uma informação de mim mesmo, de alguém,
 Mas me ocorrera a náusea do mundo, como nascimento e morte.
 5 Pobre, oprimiu-me o coração a pedra da distância.
 Fiquei cego e mutilado em uma esquina do mundo,
 Cachorro cego, gato mutilado, forma quebrada.
 O sol esplendia com uma tristeza furiosa sobre o granito.
 Eu ia caminhando dentro de minhas roupas
 10 E deixava de nascer dentro de mim a flor aristotélica.
 Acendi um cigarro sem interesse em uma esquina do mundo
 E a bola de fogo a que chamamos vida, de repente,
 Deixou de luzir e ficou-se indiferente.
 Talvez no alto das colinas do Rio de Janeiro
 15 Os vegetais comungassem com o mundo,
 Talvez o jogo do pássaro com o ar, da brisa com o deserto,
 Talvez esses jogos do mundo continuassem,
 Talvez ali mesmo uma alma se abrisse a esses jogos do mundo.
 Mas para mim todos os símbolos a que chamamos vida
 20 Não jogavam, não se articulavam em mim naquela esquina do mundo.
 Eu era a Coisa a que de repente ocorrera o Opaco,
 O enjôo do mundo, a repetição do mundo,
 Era um homem contaminado de mim mesmo,
 Um homem apenas fabricado para a repetição do sofrimento.
 25 Se houvesse um cão ali naquela esquina,
 De ver um animal assim tão espoliado,
 Haveria de ladrar a meus pés e morder-me a carne.
 Era um homem usado, o contrário de um homem,
 A sombra da sombra de um homem.
 30 Nem me chegava a queimar a mágoa de existir:
 Meu ombro registrou apenas um pássaro de terra.
 A cidade surdia absurda.
 E porque um homem de repente não é um homem
 E contempla as mãos inúteis
 35 E tem vontade de vomitar sobre as próprias vestes,
 Ele se perdeu um pouco de seu caminho
 (Esse resto de homem que eu era)
 E aquilo seguiu, manequim obscuro
 (O sol surdia absurdo)
 40 Homem esbofeteando o homem
 Enquanto não desabrochava a flor aristotélica.

INFÂNCIA^{IX}

Há muito, arquiteturas corrompidas,
 Frustrados amarelos e o carmim
 De altas flores à noite se inclinaram
 Sobre o peixe cego de um jardim.
 5 Velavam o luar da madrugada
 Os panos do varal dependurados;
 Usávamos mordaças de metal
 Mas os lábios se abriam se beijados.
 Coados em noturna claridade,
 10 Na copa, os utensílios de cozinha
 Falavam duas vidas diferentes,
 Separando da vossa a vida minha.
 Meu pai tinha um cavalo e um chicote;
 No quintal dava pedra e tangerina;
 15 A noite devolvia o caçador
 Com a perna de pau, a carabina.
 Doou-me a pedra um dia o seu suplício.
 A carapaça dos besouros era dura
 Como a vida — contradição poética —
 20 Quando os assassinava por ternura.
 Um homem é, primeiro, o pranto, o sal,
 O mal, o fel, o sol, o mar — o homem.
 Só depois surge a sua infância-texto,
 Explicação das aves que o comem.
 25 Só depois antes aparece ao homem.
 A morte é antes, feroz lembrança
 Do que aconteceu, e nada mais
 Aconteceu; o resto é esperança.
 O que comigo se passou e passa
 30 É pena que ninguém nunca o explique:
 Caminhos de mim para mim, silvados,
 Sarçais em que se perde o verde Henrique.
 Há comigo, sem dúvida, a aurora,
 Alba sanguínea, menstruada aurora,

 v. 3 B, C: De outras flores

 v. 20 B: ternura. / As minhas mãos que a terra há de comer, / Outrora mãos ingênuas, impolutas, /
 Caligrafias novas inscreveram / Sobre o ventre de adúlteras e putas. / Um

35 Marchetada de musgo umedecido,
 Fauna e flora, flor e hora, passiflora,
 Espaço afeito a meu cansaço, fonte,
 Fonte, consoladora dos aflitos,
 Rainha do céu, torre de marfim,
 40 Vinho dos bêbados, altar do mito.
 Certeza alguma tive muitos anos,
 Nem mesmo a de ser sonho de uma cova,
 Senão de que das trevas correria
 O sangue fresco de uma aurora nova.
 45 Reparte-nos o sol em fantasias
 Mas à noite é a alma arrebatada.
 A madrugada une corpo e alma
 Como o amante unido à sua amada.
 O melhor texto li naquele tempo,
 50 Nas paredes, nas pedras, nas pastagens,
 No azul do azul lavado pela chuva,
 No grito das grutas, na luz do aquário,
 No claro-azul desenho das ramagens,
 Nas hortaliças do quintal molhado
 55 (Onde também floria a rosa brava)
 No topázio do gato, no be-bop
 Do pato, na romã banal, na trava
 Do caju, no batuque do gambá,
 No sol-com-chuva, já quando a manhã
 60 Ia lavar a boca no riacho.
 Tudo é ritmo na infância, tudo é riso,
 Quando pode ser onde, onde é quando.

-
- v. 36 D: passiflora, // Espaço
 [Em B não há quebra estrófica; em C há quebra de página entre os versos.]
 v. 37 B, C: meus cansaços
 v. 39 B, C: dos céus
 v. 40 B, C: dos mitos
 v. 56 B, C: dos gatos
 v. 57 B, C: Dos patos
 v. 58 B, C: Dos caju, no batuque dos gambás,
 v. 60 B, C: lavar a bunda no

A besta era serena e atendia
Pelo suave nome de Suzana.
65 Em nossa mão à tarde ela comia
O sal e a palha da ternura humana.
O cavalo Joaquim era vermelho
Com duas rosas brancas no abdômen;
À noite o vi comer um girassol;
70 Era um cavalo estranho feito um homem.
Tínhamos pombas que traziam tardes
Meigas quando voltavam aos pombais;
Voaram para a morte as pombas frágeis
E as tardes não voltaram nunca mais.
75 Sorria à toa quando o horizonte
Estrangulava o grito do socó
Que procurava a fêmea na campina.
Que vida a minha vida! E ria só.

Que âncora poderosa carregamos
80 Em nossa noite cega atribulada!
Que força do destino tem a carne
Feita de estrelas turvas e de nada!
Sou restos de um menino que passou.
Sou rastos erradios num caminho
85 Que não segue, nem volta, que circunda
A escuridão como os braços de um moinho.

REI DA ILHA

No fim da rua, um pônei rubro, rubro.
 No fim da tarde, um muro escuro, um muro.
 Descubro alguma coisa mais? Descubro:
 Um coração impuro, tão impuro.

5 Querer guardar este sinal (querer)
 De que minh'alma não morreu? Morreu.
 Ser ou não ser como essa tarde (ser)
 Que apareceu e desapareceu?

10 Ser como a tarde que voltou, voltou
 Além de meus enganos, muito além...
 Eu vou por um país, por onde eu vou,

Onde existe uma ilha, a minha ilha.
 Ali não há ninguém. Ninguém? Alguém
 Regressará por mim, ó minha filha.

"IF"^X

1 Meu filho, se acaso chegares, como eu cheguei a uma campina
 de horizontes arqueados, não te intimidem o uivo do
 lobo, o bramido do tigre; enfrenta-os nas esquinas da
 selva, olhos nos olhos, dedo firme no gatilho.

2 Meu filho, se acaso chegares a um mundo injusto e triste como
 este em que vivo, faz um filho; para que ele alcance um
 tempo mais longe e mais puro, e ajude a redimi-lo.

A PROSTITUTA

Quando a noite pare em sangue a madrugada
As constelações se desorganizam
As nuvens se encapelam
Quando os guindastes do porto se espreguiçam
5 Os muros do fortim alvejam
O caçador submarino já pode olhar nos olhos
O mero adormecido
Quando a fome come a criança da colina suja
Os bichos humanos chegam à lavoura farejando a névoa
10 Os passageiros do ar visitam a lua nova
O seringueiro não sorri
O porco não sorri
Não sorri não sabe rir nunca soube rir
Como não sabe rir a formiga
15 O pedregulho
O mendigo
O bode rupestre de falésia aguilhoadada
Quando a noite se encerra e há uma pausa
O membro do marido emurchece no lençol
20 Quando o Nilo estende as suas barbas velhas ao sol
Quando o Rio Amarelo silenciosamente dá as cartas
O Don abre seus braços aos trigais
O Amazonas apodrece
Quando o riacho acorda o homem descalço
25 Quando o rio todos os rios vão recuperando a memória
E contam sussurrando
A história do mastim do lorde
O chicote do dono
A botina do polícia
30 O gancho do corsário
O milionário tumefato com uma luz no ventre
A metamorfose do chacal
Quando os rios se recordam
E vão contando
35 Sussurrando
Conspirando
Enlaçando as cidades frias e cálidas
Enlaçando os campos
Como no tempo de faraós possessos que uivavam
40 Dos profetas de longas barbas sujas
Como no tempo dos cantochões do convento
Do archote ao pé do cadafalso

Milhões de homens milhões de batalhas milhões de febres
 Milhões
 45 Milhões de ratazanas históricas
 De escravos
 De crucificados
 É quando
 O rio se lembra com dificuldade
 50 (Ela que foi pura)
 E vai cuspiendo restos de lágrimas e lama
 E se envergonha e quer morrer
 É quando a prostituta se entreabre sobre a cama
 E se fecha
 55 E fica surda ao apelo do rio
 E se entreabre devagar
 E se fecha
 Túmida flor que provocasse a náusea
 Sentreabrindo
 60 Se fechando
 Opaca surda grossa
 Na menstruação dolorosa de um grito que se fecha
 No retraimento obsceno de um membro que emurchece
 Então é quando a prostituta deveria sentar-se à margem do Hudson
 65 E chorar
 Chorar as lágrimas todas de seus olhos
 De seus ouvidos
 De suas narinas
 De sua vagina
 70 De suas mãos, de seus pés
 Chorar as vezes que não chorou
 Chorar o sangue o mênstruo o leite
 Chorar como os rios choram sem tempo e surdos
 Como o conde Ugolino
 75 As santas estigmatizadas
 Chorar como choram os mendigos
 Um pranto sujo
 Um mênstruo rude
 Um leite envenenado

4 DE MAIO^{XI}

(No dia 4 de maio de 1955, em Paris, estando repousando à tarde no quarto de um hotel da rua Montalambert, e ouvindo tocar os sinos da Igreja de São Tomás de Aquino, levantei-me da cama e escrevi este poema. Dias depois, verifiquei que o poeta Apollinaire se casou a 4 de maio de 1918.)

Na Igreja São Tomás de Aquino
 Meu bom Apollinaire se casou,
 De manhã, de tarde, não sei,
 Seu coração se alvoroçou.
 5 Doe no ar o som do sino
 Quando Apollinaire se casou.
 Não se vê se o tempo passou.
 Sei que me dói o som do sino
 De quando Guillaume se casou.
 10 O sino bate, o sino fere, o mesmo sino
 De quando a Grande Guerra terminou.
 Próximo a São Tomás de Aquino
 Um quarto de hotel me fechou
 Quando em mim caiu o sino
 15 Que para as bodas soou.
 Na Igreja de São Tomás de Aquino
 Meu coração não repousou.

Epígrafe – L. 7 B, C: maio (1918).)
 v. 1 B, C: igreja de São
 v. 2 B, C: casou.
 v. 16 B, C: igreja São

BALADA COM PORCOS NEGROS

(Trinta dias antes de ser assassinado, Garcia Lorca
narrou a Pablo Neruda o episódio aqui versificado.)

*Un agneau se désalterait
Dans la courant d'une onde pure*
LA FONTAINE

Há poetas que escrevem
Seguindo pelo caminho.
Ah, bons caminhos os levem!
Têm a medida do espaço
5 Do homem, têm o compasso
Do passo do passarinho.

*Hoy siento en el corazón
Un vago temblor de estrellas!*

Por um caminho seguia
10 Federico, em Catalunha
Ou talvez Andaluzia.
Apagavam-se os círios,
Os delíquios, os delírios
Do céu. Ele achava os lírios,
15 Rindo à luz que os esparzia.

*Pero mi senda se pierde
En el alma de la niebla*

Sabemos pouco demais
De um punhal que leva a gente
20 Ao aço de outros punhais,
Pouco do rio, do mar,
Das galerias do ar,
Da emboscada de um jaguar,
Dos segredos da serpente.

25 *Qué antorcha iluminará
Los caminos en la Tierra?*

Parou ao céu da campanha,
A alma crucificada,
Em pé, no mapa de Espanha.
30 La Coruña a noroeste,
San Sebastian a nordeste
E Sevilha a sudoeste.
Seu coração em Granada.

*Si el azul es un ensueño
35 Qué será de la inocencia?*

Foi de Granada que veio
Uma briza azul, azul,
Dividindo-o pelo meio.
Teu caminho é o Norte,
40 Disse a brisa, pois a morte
No Sul traçou-te a sorte.
Rindo-se, ele disse: O Sul...

*Corazones de los niños!
Almas rudas de las piedras!*

45 Sentiu-se só. Um cordeiro,
Que pastava ali doçuras,
Veio ser o companheiro
De Federico, o suave,
A mais doce, a menos grave,
50 A mais gentil, a mais ave
De todas as criaturas.

*Será la paz com nosotros
Como Cristo nos enseña?*

A paz ali se assentava.
 55 A morte não era nada.
 Um cordeiro sustentava
 O galho preso ao carvalho,
 A folha presa a seu galho,
 Na folha, a gota de orvalho.
 60 E a morte presa em Granada.

*Qué será del corazón
 Si el Amor no tiene flechas?*

Pouco se sabe na terra
 Da potestade do inferno
 65 Que, secreta, lhe faz guerra.
 Na barranca amanhecida,
 Uma ovelha desvalida
 Resumia o tempo, a vida
 E o frescor novo do eterno.

70 *La nieve cae de las rosas
 Pero la del alma queda*

Federico da planície
 Viu surgir dois porcos pardos,
 Negros de sua imundície.
 75 Ai a carne destroçada!
 Ai pureza devorada!
 Ai cordeiro de Granada!
 Ai as garras dos leopardos!

80 *Todas las rosas son blancas
 Tan blancas como mi pena*

Dentes duros de suínos
 Rasgando a lã da inocência!
 Ai focinhos assassinos,
 Ai misérias de quem ama!
 85 Ai sangue sujo de lama!
 Ai terrível epigrama
 Da sinistra confidência!

*Y si la muerte es la muerte
Qué será de los poetas?*

90 Repito a verdade estranha,
A visão crua, desnuda,
Deu-se nas terras de Espanha:
Um cordeiro branco, branco,
Devorado num barranco
95 Por negros porcos de Franco.

Quem me contou foi Neruda.

4.1.4 O DOMINGO AZUL DO MAR

POEMA DIDÁTICO

Não vou sofrer mais sobre as armações metálicas do mundo
 Como o fiz outrora, quando ainda me perturbava a rosa.
 Minhas rugas são prantos da véspera, caminhos esquecidos,
 Minha imaginação apodreceu sobre os lodos do Orco.
 5 No alto, à vista de todos, onde sem equilíbrio precipitei-me,
 Clown de meus próprios fantasmas, sonhei-me,
 Morto do meu próprio pensamento, destruí-me,
 Pausa repentina, vocação de mentira, dispersei-me.
 Quem sofreria agora sobre as armações metálicas do mundo,
 10 Como o fiz outrora, espreitando a grande cruz sombria
 Que se deita sobre a cidade, olhando a ferrovia, a fábrica,
 E do outro lado da tarde o mundo enigmático dos quintais.
 Quem, como eu outrora, andaria cheio de uma vontade infeliz,
 Vazio de naturalidade, entre as ruas poentas do subúrbio
 15 E montes cujas vertentes descem infalíveis ao porto de mar?

Meu instante agora é uma supressão de saudades. Instante
 Parado e opaco. Difícil se me vai tornando transpor este rio
 Que me confundiu outrora. Já deixei de amar os desencontros.
 Cansei-me de ser visão: agora sei que sou real em um mundo real.
 20 Então, desprezando o outrora, impedi que a rosa me perturbasse,
 E não olhei a ferrovia – mas o homem que sangrou na ferrovia –
 E não olhei a fábrica – mas o homem que se consumiu na fábrica –
 E não olhei mais a estrela – mas o rosto que refletiu o seu fulgor.
 Quem agora estará absorto? Quem agora estará morto?
 25 O mundo, companheiro, decerto não é um desenho
 De metafísicas magníficas (como imaginei outrora)
 Mas um desencontro de frustrações em combate.
 Nele, como causa primeira, existe o corpo do homem
 – cabeça, tronco, membros, aspirações a bem-estar –
 30 E só depois consolações, jogos e amarguras do espírito.
 Não é um vago hálito de inefável ansiedade poética
 Ou vaga adivinhação de poderes ocultos, rosa
 Que se sustentasse sem haste, imaginada, como o fiz outrora.
 O mundo nasceu das necessidades. O caos, ou o Senhor,
 35 Não filtraria no escuro um homem inconsequente,
 Que apenas palpitasse ao sopro da imaginação. O homem
 É um gesto que se faz ou não se faz. Seu absurdo –
 Se podemos admiti-lo – não se redime em injustiça.

Doou-nos a terra um fruto. Força é reparti-lo
40 Entre os filhos da terra. Força – aos que o herdaram –
É fazer esse gesto, disputar esse fruto. Outrora,
Quando ainda me perturbava a flor e não o fruto,
Quando ainda sofria sobre as armações metálicas do mundo,
45 Acuado como um cão metafísico, eu gania para a eternidade,
sem compreender que, pelo simples teorema do egoísmo,
A vida enganou a vida, o homem enganou o homem.
Por isso, agora, organizei meu sofrimento ao sofrimento
De todos: se multipliquei a minha dor,
Também multipliquei a minha esperança.

MOSCOU-VARSÓVIA^{XII}

(26 MAIO 1956)

- 1 Se este avião caísse, crispado entre os ouros, as copas e as
espadas eu ficaria; sarrafos nas pálpebras, para que se
mantivessem abertas durante o incêndio, colocaria;
- 2 Se este avião caísse, as madrugadas de meu filho de um terror
violeta se elucidariam; na tarde calcinada, a sombra de
minha mulher se inflamaria; minha filha não me encon-
traria deitado sobre o feno, escondido atrás da porta, aci-
ma dos cata-ventos com os braços carregados de bone-
cas; mais do que a minha garra em um livro e um lírio
não encontraria; um gesto no espelho, uma espátula de
osso, um pensamento;
- 3 Se este avião caísse, em uma esquina de Ipanema, eu nunca mais
esperaria;
- 4 Se este avião caísse, só uma pessoa não diria “que pena” (a
que caía e se esquecia e se consumia, e só se libertaria
quando de todo caísse e se esquecesse e se consumisse);
- 5 Se este avião caísse, de mim o firmamento em torvelinho se
afastaria; os mortos da Lituânia e da Masuria a mim
viriam, e no silêncio rodeado de verdura me receberiam;
soldado quase desconhecido, mãos desligadas do corpo
– exangues e sem armas – ah, a terra de ninguém eu
atravessaria;
- 6 Se este avião caísse, de arquitetar a condição da criatura um
arquiteto a mais desistiria; certo de que outros chegarão a
construir a humana arquitetura (o que se faz há muitos
anos e se fará em um dia); pousado sobre o meu peito, o
pássaro cruento do meio-dia; o criptógrafo egípcio afinal
se explicaria; em fragmentos candentes, a minha carne
emigraria; espantalho em farrapos, só o vento de leve me
espantaria;
- 7 Se este avião caísse, sob as arcadas do pátio a poça de sal se
extinguiria; a minha túnica amarela entre os anjos se
sortearia; sob as telhas dos dragões dourados, os seus
flocos, indiferente, a paineira sacudiria; na colina res-
plendente, quem soubesse ler, leria: “aqui pousou uma
criança que quase nada compreendia”; até que outra mor-
te nos separe, o meu nome no tronco se resignaria;

- 8 Se este avião caísse, este papel em cinzas arderia; a estrela rubra
do poema nenhum jornal publicaria; fosse cair daqui a
pouco, ainda assim o escreveria; a vida e a morte são as
amantes, são a esposa, da poesia;
- 9 Se este avião caísse, os meus vizinhos compreenderiam; lem-
brando-se dos meus cabelos no elevador, uma intuição
qualquer no ar lhes diria que só não fui um amigo por
falta de tempo ou covardia; mas pode alguém perfeita-
mente amar o seu vizinho se apenas, grave, pela manhã
lhe diz “bom dia”; e então, sentimentais e sem razão, de
mim, coitados, se apiedariam; e de se sentirem tão sensí-
veis, em fino prazer espiritual tudo (de mim) enfim se
acabaria;
- 10 Se este avião caísse, a música de meu apartamento ensurdeceria;
os volumes nas estantes, de já não ter quem os lesse
como eu os lia, pardos e fechados ficariam; outros mais
sábios vir e servir-se poderiam; mas o meu jeito de ler e
pensar desapareceria; no entanto, se este avião caísse,
daquilo que é apenas meu a orgulhar-me não chegaria;
- 11 Se este avião caísse, já ninguém mais meditaria na ave que
passou gemendo contra o vento na bruma fria; o segredo
que não cheguei a tocar a ninguém mais preocuparia; só
se a meu filho legasse a vocação da tristeza e o heroísmo
da alegria;
- 12 Se este avião caísse decerto me compadeceria dos que caíssem
comigo sem a coragem da poesia; embora talvez fosse eu
quem mais saudades levaria; poentes roxos de Minas,
praias aéreas da Bahia; chapéu de palha de Leda, olhos
castanhos de Lília; pubescência de Teresa, experiência de
Maria; prosadores da Irlanda, poetas de Andaluzia; Iang-
tsê em Nanquim, das Velhas em Santa Luzia; Etna fume-
gando em Taormina, em Sienna a Piazza della Signoria;
manhãs de iodo na praia, noites etílicas de boemia; bai-
larinas de Leningrado, gaivotas da Normandia; sorriso da
menina, do menino a euforia; Wagner compondo o
Parsifal, Nietzsche uivando em Sils Maria; a mulher que
foi comigo, a que não foi mas iria; tantas que, mais hou-
vera, para que de vez caísse, pediria;

v. 12, L. 5 D: Lília
v. 12, L. 6 B: Yang-tsê
v. 12, L. 12 B, C: Parsifal,

- 13 Se este avião caísse, com ele cairia um homem que pelo menos entenderia a fábula da folha que se desprende e desaparecia; e assim seu coração, na terra, no mar e no céu, como de triste e maduro caísse, não se surpreenderia, nem reclamaria; pois esse aflito coração, de ter amado e sofrido, na amplitude da morte se conformaria;
- 14 Se este avião caísse, em um domingo azul um peixe até a pedra nadaria; não encontrando o meu anzol, ao alto-mar regressaria; desse desencontro tecido de tão lindos equívocos, a sua carne se salvaria; e o domingo azul do mar ainda mais azul reluziria.

4.1.5 TESTAMENTO DO BRASIL

(Conjunto de 23 poemas publicado pela primeira vez como seção no livro
_____. *Testamento do Brasil & O domingo azul do mar*. Capa de Glauco Rodrigues.
Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.

*“Nota da editora: Este volume é uma reedição de ‘O Domingo Azul do Mar’,
acrescida de vinte e três novos poemas, reunidos sob o título de ‘Testamento do Brasil’.”*

UM MENINO

Ziguezagueava de chuteiras no campo de topázio, a seriema do crepúsculo em
[grito]

indireto, macegas revelando serpentes frágeis, caminhava
com as mangas do uniforme encolhidas, o coração
priápico, a alma

5 pelo avesso, imaginando encontrar um braço estendido, um ninho,
olhos femininos
de pássaro,
onde ele (só ele)
indefinidamente se esfregasse à vida.

10 Desceu o caminho do açude quando o martim-pescador regressava a seu
[mundo].

Água lisa e escura, o esperma do capim-gordura recendia,
os araticuns articulando-se ao verde
com os amarelos tortos e lenhosos de Van

Gogh. As torres se removiam quando cruzou a ponte,
15 suspirando, a trabalhar-se,
todos os pressentimentos farejando para sete ou oito sentidos,
sua avó ainda viva, compartilhando da inocência
montanhosa, somente agora perturbada: pois
ele aparecia enfim à tarde, mãos nos bolsos,
20 uma fome escancarada de espaço-tempo e maldade. Aparecia enfim
à tarde, para a tarde, com a tarde,
o frescor do pequeno porco-espinho, e o mal-estar
dos gambás que cheiravam mal antes da morte.

Caminhava pela casta masturbação dos verdes amarelos
25 que se remexiam,
os músculos a produzir um calor
que se perdia,
cuspindo o leite das margaridas mastigadas,
vacas chanfradas em flor para receber o girassol de um touro
30 subnutrido.

Uma criança. Frágil e forte.

Mas em laranjais do paraíso imprevisível.

WE ARE SUCH STUFF

- Antes minha mãe gerasse um sonho.
 Ontem mar noturno fechava-me em seu útero,
 Eu me estendi no *couch*, fruto à espera dentro da casca,
 Vitrola morta,
 5 As frívolas comunicações impedidas de entrar, salvo
 O telefone, que procurava trazer-me um rude clamor por meu corpo.
 Rio, Rio de Janeiro!
 Tuas construções aéreas às vezes escondem quem se fez violência,
 Teus tapetes não abafam o ruído de botinas cruas,
 10 O elevador não me devolve às galerias transfixadas de luz. Às vezes.
- Se vim do Sul, do polígono das secas, da úmida floresta,
 Se vim dos campos gerais ou da fronteira,
 Pouco importa — vim do Brasil, percorrendo estrada precária,
 Abri uma janela para o mar, comprei um cão pequeno,
 15 Fiz amigos na cidade, aprendi teu linguajar esquivo:
- Aqui estou,
- Paralelo ao pensamento do oceano, e como o oceano
 Arguindo os poderes do mundo e do diabo.
- Dentro do vidro verde-cloro
- 20 Três peixes escarlates se ordenam em Z para dormir.
 Aqui nos encontramos todos, neste paralelogramo de cimento,
 Simetricamente dispostos em nossas jaulas ou ampolas de luz fria,
 Os invisíveis vizinhos do 107. Pisamos de leve ao voltar da rua,
 Preferível encontrar o elevador deserto, querendo achar depressa
 25 Os nossos deuses lares:
- mezaninos da melancolia,
 ladrilhos da lassitude,
- Insolentes engenhos da solidão,
 gravuras do nevoeiro impressionista,
- 30 Jardim dum inverno investido de rancor.

Só o diminuto cacto é áspero em nossa casa,
Só a flora em torno do sexo é espessa,
Só a vertigem sexual é um abismo —
Tudo o mais é doçura e mentira,
35 Tudo o mais é polido e vazio.

O moço paralítico de defronte estende roupas brancas na treva.
As crianças do 501 sonham dependuradas nos seus galhos.
O bancário do 302 aplicou-se à coalescência do soneto.
Madame Turgot deitou-se de *short* no divã do *living*.
40 E eu que descí a Serra do Rola-Moça com uma canastra amarela,
Eu que falava a Daphne e Maria sobre a nudez ostensiva dos vikings,
Eu, paralelo à vontade do vento que pretende jogar o mar no ar,
Eu arguo os poderes do mundo e do diabo, e digo:

[Antes um sonho.

**TUDO ACABADO ENTRE NÓS
OU
O ESPECTRO DA ROSA**

Vagando em torno da haste
Ficou a flor do perfume;
No coração, um contraste
De liberdade e ciúme.

EPITALÂMIO

Oh despertar para o fruto de remotas matemáticas
Que na continuidade espaço-tempo armaram a medida
A que só nos cabe chamar de novo dia,
E saber que o dia, aquém e além de nossos cálculos,
5 Já perecível pelo próprio contacto com a terra dos homens,
Enlaçou entre duas criaturas um módulo de amor.
Oh despertar com o sangue do nascente,
Com os músculos do mar que se emaranham
E se enrijecem e se espraíam,
10 Oh o sol transfixando o peixe adormecido!
Despertar e ver, as combinações da vida
Em sua infinita e inexaurível tessitura
(Como a aranha de Webster tecendo um véu ao epitáfio)
Urdiram, para as duas criaturas perecíveis,
15 Uma cortina estampada cobrindo o sarcófago.
Oh vertigem luminosa, oh cristal reagrupado a seus cristais!
Oh despertar sem reconhecer demais a nossa imagem
E a imagem do cacto refletida em nosso espelho,
Despertar de entre os mortos, ver o mar florir
20 De glaucos amarantos, oh na ilha equívoca dum bairro
Despertar, não mais confinado à sala burguesa,
À margem das mais íntimas devoções, despertar
Chorando outras lágrimas jubilosas,
Inarticulado pai seguindo o féretro do filho,
25 Como se o compromisso de acompanhar uma tarde,
De segui-la através das pedras crepusculares
À derradeira morada (*Gone to Earth*),
Como se o compromisso de amor por uma tarde

Fosse o extremo desencontro, como se o mar
30 Não devolvesse o astro que se enterra.
Oh despertar demais, até ir penetrando os outros lados,
Tão lúcido que se apague, oh despertar
Com as estrelas da carne fulgindo em seu engano,
Chegar ao balcão e ouvir o alarme do dia,
35 E recolhê-lo até que se amanse em rubro silêncio.

Oh o despertar de quem a vida não foi um sonho,
Amargo amaranto,
Indo entre os idos,
Oh despertar de quem finda a cada passo,
40 Coroado de lanças,
Com o mar de dois polos cingindo-lhe a cintura

CAVALARIA ANDANTE

Embora no peito uma cruz de brasa
 estampada
 nunca direi
 Cavaleiro da Ardente Espada

5 Cavaleiro da Ave Fênix
 serei
 dom Florarlão
 em todas as horas cinzentas de tudo:
 meu ser agudo
 10 meu clamor escudo

quando embriagado ao pé do salgueiro
 Cavaleiro da Branca Lua

Cavaleiro do Bosque
 roto da má figura
 15 quando uivar na cidade o lobo da loucura

Cavaleiro da Capa Verde
 dentro do aquário sem porta

Cavaleiro da Cruz
 quando o Deus vivo andava de lança nas capelas matinais

20 Cavaleiro das Donzelas
 só depois de terminado o baile
 com um cravo em sangue na mão
 o horror de amar
 o horrível horror de amar

25 Cavaleiro dos Espelhos
 fui, sou e serei
 crucificado nos arranha-céus de Ariana
 nos teatros cinzelados
 morto reverberado

30 Cavaleiro do Grito
de nascer
de amar

Cavaleiro do Lago
nunca serei

35 da Serpe
combaterei
da Serra
verdecerei
do Sol

40 recomeçarei

Cavaleiro da Morte
Cavaleiro da Morte
Cavaleiro do Unicórnio
me esconderei

45 Cavaleiro da Triste Figura
sempre serei

e esquecerei.

CABO FRIO

Catavento de Cabo Frio
quando para o vento,
quando só um momento
não há vento,
5 quando o ferro oxidado
geme lento sonolento,
como geme a roda-gigante
emperrada,
como freme o guindaste tenso
10 na antemanhã petrificada.
Catavento de Cabo Frio
quando para o vento —
meu momento.

OS RELÓGIOS

Manhã de Nova Iorque com 30 milhões de relógios.

Óleo vespéral dos portos hanseáticos.

Jardim pequinês.

Funcionário civil ouviu canto de pássaro pintado.

5 Que tempo foi em Pequim? Ópio de tempo,
indiferente. Noite.

Relógio.

Mandarim adormecido.

Funcionário civil ouviu pássaro pintado.

10 Hamburgo,
Hamburgo é um castelo
de água e de vento
com subsolos de mortuária madeira
cheirando a cereja açucarada.

15 Comovidos na serragem do silêncio
serve-se uma canja dourada
a dois amantes sem fome
divididos pelo mundo. Mundo
de torres subterrâneas,

20 descampados,
códigos, plataformas cinzentas,
aeroportos glaciais, olhos
celestiais além do cristal,
alto-falantes ordenando

25 que se beijem,
que se façam,
que se desfaçam,
e boa viagem! Que mundo
este mundo!

30 Príncipes invisíveis o comandam,
metais gelados nos adeuses,
cidades e vidas

v. 13 C: sub-solos

v. 24 C: altifalantes

amputadas no passo da hélice, que mundo
 este mundo! Hamburgo,
 35 senadores com seus mantos de granito.
 A tarde sem sol com seus relógios solenes.
 Um grito dentro do museu.

Dois caças a jato, escuros
 piratas, sobem ao céu da Holanda,
 40 onde outrora voavam as vacas.
 Tempo do homem, só,
 com uma inútil identidade. Tempo
 de olhar as barcaças do Tâmis antes
 do repouso
 45 no parque desfolhado. Este alento
 petrificado nas abadias.
 Firenze. Fiesole.
 Andrea del Sarto cheirando a noite
 no grito da coruja. Fiesole, Firenze,
 50 espaço,
 tempo,
 muros e minutos
 estruturados
 numa ansiedade.

Troncos gotejam,
 grito de água em lavabo cinzelado,
 úmido é o mundo.
 Como os úmidos telhados do Mar do Norte.
 Luz acesa no Cáucaso, pão e vinho,
 60 e o relógio; que mundo
 este mundo, que tempo
 este tempo, que soturnidade
 à beira dos rios:
 sonâmbulos da ponte de Brooklin,
 65 escunas escuras
 do Elba, o Tejo sem reflexo, o Neva
 de neve, o Neckar
 com jovens eruditos bêbados, o Liffey,
 os rins e os relógios,
 70 os rios e os relógios,
 os restos dos rios e os relógios,
 os rastos dos rios e os relógios
 os restos dos rastos e os relógios
 os rastos dos restos e os relógios

75 o rasto da lesma
sobre a pedra circular
do relógio.

Jardim em Pequim,
telefone gigantesco e mudo em Hamburgo,
80 tercetos geométricos em Florença,
sempre o homem
com o seu relógio.
Tempo é dinheiro
dinheiro é homem
85 homem é segredo.
Depois do homem
alguém vende o seu relógio.
Depois do amor
fica no ar o relógio.
90 Depois das flores removidas
o relógio do morto.
O relógio do morto.
Só depois que acaba o tempo
o ouro do sol e os anéis de Saturno
95 começam a roer os restos do relógio.

Entre o gordo
e o magro
a moeda de ouro

Todos os abortos
100 físicos e
cívicos
feitos por dinheiro

Entre o milionário
proletário
105 e o proletário
milionário
o paradoxo
monetário

Tempo é dinheiro
110 relógios lineares
portais esgalgos do minuto gótico
colunata barroca para um beijo à tardinha
sagas de Harlem onde os mortos perseguem luas conversíveis

trópico de Câncer
115 nibelungos máabaras trenodias
elzevires incunábulos portulanos
baldrocas oratórias, especulações fálicas, açougues suaves,
banqueiros de fulva juba, monopólios da infância, endossos
sexuais, numismáticos aduncos, filhos de cachorras e notários,
120 apólices dúbias, prostituições em exercício, fogueiras contra-
tuais, dobrões litúrgicos, porcentagens sobre lastros éticos,
chinas traídas, fregueses de arábias, leiloeiros de áfricas, tratos
de areia, ataúdes hipotecados, traficantes eletrônicos, títulos
letais, marchantes carismáticos, corretores de repúblicas sul-
125 americanas, agiotas atômicos, corsários aeronáuticos, provedores
de angélicas, esposas sonantes,
OURO EM PÓ
OURO CRU
OURO CEGO
130 TEMPO É DINHEIRO

LONG JOHN

Abre o centeio sua espiga, sangue dourado nos meus fusos de cristal
Irriga a linfa rubra os arquipélagos do corpo interrompido em seu fluir.
Ai âncoras de minha vida, quem vos soergueu dos mares de meu mal?
No girassol cinzento de meu fígado (meu vespéral amigo como um cão)
5 É a estação do outono; cedo vêm os granizos do inverno furioso

Com suas campânulas de oxigênio para prender a rã do coração.

Double or nothing. Dados se espatifam. Uma voz clara e perigosa risque

Como faca a parábola da vida. Resistindo às piranhas de meu curso
Noturno, chegarei à madrugada, conquanto em meu abismo um sol faísque.

10 Ah, tanto sal filtraram os meus rins recurvos, pasmados, tanta pureza
Mineral enganou-me nos ofícios, que entre mim e fim devo interpor
Esta cintilação. Fique delindo no espaço o que não vejo da beleza:
— Consolação, álamo esguio, fonte, cantar de dor à voz do mar, amor.

CAMAFEU

A minha avó morreu sem ver o mar. Suas mãos, arquipélago de nuvens,
Matavam as galinhas com asseio; o mar também dá sangue quando o peixe
Vem arrastado ao mundo (o nosso mundo); no entanto no mar é muito diferente.
As gaivotas, mergulhando, indicam o caminho mais curto entre dois sonhos
5 Mas minha avó era feliz e doce como um nome pintado em uma barca.
Sua ternura eterna não temia a trombeta do arcanjo e o *Dies Irae*:
Sentada na cadeira de balanço, olhava com humor os vespertinos.
Sua figura pertenceu à terra, porém o mar, rainha impaciente,
O mar é uma figura de retórica. No porto de Cherburgo, há muitos anos,
10 Ouvi na cerração o mar aos gritos, mas minha avó jamais ergueu a voz:
Penélope cristã, enviuvada, fazia colchas de retalhos fulvos.
O mar é uma louça que se parte contra as penhas, enquanto minha avó
Fechava a geladeira com um jeito suave, anterior às geladeiras.
Igual ao mar, os dedos da manhã a despertavam num rubor macio;
15 Pelo seu corpo quase centenário a invisível vaga do sol se espalhava,
A carne se aquecia na torrente dos constelados glóbulos do sangue,
As pombas aclamavam outro dia da crônica do mundo (o nosso mundo)
E de uma criatura que se orvalha em suas bodas com a terra dos pássaros
Matutinos, das frutas amarelas, da rosa ensanguentando de vermelho
20 O verde, o miosótis, o junquilha, e em tudo um rumor fresco de águas novas,
Um verdejar de abóboras, pepinos, um leite grosso e tenro, e minha avó
Com tímida alegria indo, vindo, a prever e ordenhar um dia a mais,
Assim como as abelhas determinam mais 24 horas de doçura.
E enfim no litoral destes brasis, o mar afogueado amando a terra
25 Com seu amor insaciável, dando um mundo ao mundo (o nosso mundo)
E a gravidade intransigente do mistério. Mas minha avó morreu sem ver o mar.

UNIDADE

Se o amor dos leões-marinhos não fosse feroz —
Se o farol da Ilha Rasa achasse o Cristo de Chagall e ficasse —
Se o tempo do coração não fosse intermitente —
Se o uivo das vagas do Arpoador fosse a resposta natural
5 Ao clamor da clarineta negra de Bechet.

Mas neste mundo partido

Tudo é partido.

Embora um animal compacto esteja pousado sobre os ombros
Deste mundo,

10 Neste mundo partido tudo é partido.

EITHER/OR

5 tuas entranhas
 como são estranhas
 pedem-me lágrimas /sêmen-alegrias
 para fazer-te dentro filho /filha
 semente dum exílio /duma fúria

 a noite é /não é
 só o sal escuro do sol

 sei /não sei

10 mas onde eu /eu-tu
 eu-flor /cavalo-tu

 cego
 ainda chegaria
 cedo
 a um ramo de teu tronco
 15 pelo teu gosto cereal /teus cascos no ladrilho

 tu
 esguia
 mas teus peitos duros
 de potro
 20 rapaz ou rapaza

 e a saliva áspera do delta de um rio

 a madrugada em ti cruel em mim
 o rumor do mar aprisionado

25 mas não dormir
 para que não me esqueças /nem me esqueça
 somente a raposa resplandeça
 vitrola emudecida
 luar sobre o lençol
 tu é tu /raposa perseguida

- 30 eu não sou eu /eu tu /teu pasto /meu exílio
animal habituado à lâmina
- tu o C o D o R
consoante dura momentânea
o vértice /vórtice do Y
- 35 eu a vogal que se dissipa /fica
o uuuuuuh
o ooooooh
o iiiiiih
o eeeeeeh
40 o aaaaaah
- o aaaaaah
que me aterra
- dei-me em ti /menti
para que me doasses de teu ventre filho /filha
- 45 Ah onde entra a meia-luz
(púrpura partida)
os ásperos espelhos
- teu uísque /meu-uísque
emeusteuslábios
50 dilacerados
- mas
AH
os ásperos espelhos
- e nós
55 enrolados
no alto
em nossos nós
mais próximos da tormenta que se adensa
na fadiga
60 em tu-em-mim
em mim-em-tu

v. 42 D: aterra / dei-me

v. 45 C: meia luz

Ah
 me deixar
 ainda escorrer
 65 fluindo
 pelos musgos de teus muros

fluir
 escorrer
 deixar

70 pelos musgos castanhos de teus muros

pelas áreas de flúor do silêncio

abrir-me ainda em teu vergel
 a minha pedra: amargura de teu ser: meu ser

antes de doer-te em mim
 75 antes de doer-me em ti
 o outro exílio /fim-enfim

o outro fim-enfim de teu exílio em mim
 o outro fim-enfim de meu exílio em ti
 em teu-fim-em-mim

80 fim
 enfim

sol
 sal
 só sol
 85 só sal

eu tu sal sei
 teu eu sal só

só

sexílio
 90 sei

só

PERGUNTAS

- Cantar?
- O inseto.
- Viver?
- De alfabeto.
- 5 — Com quem?
- Concreto.
- Sem?
- Sem. Só. Secreto.
- Amar?
- 10 — Objeto.
- Afeto?
- Projeto.
- Por quê?
- Decreto.
- 15 — Onde?
- Veto. Vegeto.
- Quando?
- Completo.

**IMITADO DE CHU IUAN
(340 A. C.)**

Onde é céu azul,
 Fiel a seu fado
 (De si consumado)
 De filha do Sul,
 5 Soberba, altaneira,
 Recato e clareza,
 Canto a laranjeira.

Canto a verde e clara
 Harmonia rara:
 10 Folhas cor de malva,
 Flores cor da alva;
 Esporões cruéis
 Defendem fiéis
 Seus frutos alçados,
 15 Plenos e dourados.

Sob a casca escura,
 Secreta brancura
 De agreste inocência
 Como a florescência.
 20 Canto a generosa,
 Pura, radiosa,
 Canto a verdadeira paz
 Da laranjeira.

Amo com ternura
 25 Desde a tua infância
 A pura elegância
 Reta-curvilínea
 Curva-retilínea
 De tua figura.

30 Amo-te as raízes
 Fundas e felizes
 E a verde linguagem
 De tua ramagem.
 Amo a haste tersa
 35 Sob a galharia,
 Centrada e dispersa,

De tua harmonia.
Amo a simetria
De tua magia.
40 Amo a liberdade
Da conformidade
De tua medida.
Amo tua vida
Livre sobre a serra,
45 Amarrada à terra.

Ah, possa entender-te,
Jamais esquecer-te,
Ficar teu amigo,
Serenos contigo,
50 Nobre em meu amor,
Grave em meu pudor;
Tão doce, tão firme,
Tranquilo me afirme
Isento e plantado
55 No meu coração.

Sem outra ilusão,
Tua juventude
Me ensine a virtude
De teu belo porte.

60 Até vir a morte
Sê o meu emblema,
Meu metro, meu lema.

RETRATO DO ARTISTA AOS 7 ANOS

*Jamais un acrobate
Ne tombe dans la cour.*

JEAN COCTEAU

Para dizer-te sem mentira o que é o artista,
Abram-se algumas portas, fechem outras,
A fim de insinuar-se aqui a reciprocidade dos gestos.
Vai buscar depois a sequência dos retratos,
5 Demora o pensamento no instantâneo do trapézio,
Procura concordar opostos horizontes.
Um sino de manhã assume seu coração e o mundo:
É Natal, e o aroma de maçãs estrangeiras
Vem do escritório fechado. Que pode o artista menino,
10 Entre os pressurosos prenúncios duma data,
Senão precipitar o seu prazer, abrir as portas prematuras,
Espiar pelos caixilhos da vidraça e pasmar-se?
Um artista (precisarás sabê-lo) não tem tempo.
À noite, quando se recolhe ao dormitório,
15 Entre irmãos e primos já dormidos,
O ruído da água na caixa o concentra, porque a vida
Não se vê de um lance, apenas se advinha dentro das paredes,
E se articula e se desfaz sob tantas indiretas alusões.
No princípio tudo é subterrâneo, e esse caráter secreto
20 Aponta ao artista as premissas invisíveis de seu ofício.
Um pássaro rufla no jardim, um trem de ferro parte ou chega,
Um cavalo do esquadrão se recolhe à estrebaria.
O menino abre seus olhos de artista e continua.
Não pressuponhas de sua inocência, nem temas de seu desamparo:
25 Tudo nele é uma força que se quebra e reagrupa;
Sua doçura é esbelta e varonil como um toureiro;
Seu fascinante horror é um sentido a mais, só isso.
Ei-lo diante da vitrina com a sua jaqueta de veludo,
A bengalinha de futuro explorador da madrugada,
30 Seu pequeno sentimento de criatura moderna tão antiga.
Detrás do cristal, um boneco do tamanho dum homem
(Ou um homem) de cara escarlate, pálpebras azuis,
Imóvel e impecavelmente sinistro em sua casaca;
Eis o menino, mito em formação, diante do novo mito urbano,
35 Demorando-se a adivinhá-lo entre o horror e o amor
De novas formas (ou sentidos) que a vida convocou.

, Um boneco do tamanho de um homem ou um homem?

Um segredo a mais no mundo ou o mundo?

É crepúsculo e as portas de aço se cerram com rancor.

40 Súbito, os olhos do boneco ou do homem

Reviram-se em suas órbitas metálicas,

E aquela cara escarlate inclina-se, rápida, mecânica.

A um palmo da face do menino artista;

Seu grito de horror e amor o sufoca e paralisa,

45 Enquanto o boneco (ou homem) ri um riso de adulta solidão.

Só então, a caminho do jantar,

Fazendo passes com a bengala quimérica,

Aprende que sua vida vai ser um susto (e vale a pena).

Todo salto mortal pode causar a morte de um pequeno artista.

50 Mas um artista de verdade não cai jamais no picadeiro.

Precário é seu equilíbrio entre avô e avó,

Indecifráveis são as figuras de seu corpo na barra do parque.

Embora os tambores da matina anunciem o seu fracasso,

Um artista de verdade não cai jamais no picadeiro.

55 Eis que ele é dono dum cão à boca da noite

E começa a desprezá-lo logo depois do amanhecer;

Chama-se Lord, Jim ou Bob, e seu olhar é tão úmido e baço

Que o artista pequeno o percebe até as entranhas da morte,

E a experiência não vale, e perece, prematura.

60 Mas a quem amar se for preciso amar?

O que amar se amar for o amor?

É bom tocar a resina dos troncos e prová-la,

Prever no espaço a geometria da bola de borracha,

Passar os dedos levemente sobre o musgo,

65 Desviar a caravana comercial das formigas.

Ele ainda não sabe, e por isso se afasta,

Que as resinas correspondem a mil formas de sentir,

A bola quer narrar um desenho contido,

As formigas pastam em searas de rubro sentido.

70 Impaciente, o menino artista declina de qualquer entendimento

E vai buscar a evasão das águas,

Total no breve instante do mergulho,

Invisível e só e nu e soberbo em sua redoma.

Úmido, sobre a pedra morna do remanso,

75 O sol não o distingue dos pequenos répteis friorentos;

Ou sobre o trampolim, voltado à simples profundidade do céu,

Um gosto de cloro nos lábios, um galo vespéral em seus ouvidos

Pressente em círculos efêmeros encadear-se o momento
 Indivisível, como um livro de gravuras ao contrário.
 80 Como está longe e tão perto o momento à beira do lago,
 Quando poderá passear sob as ramagens, pensando
 Que sua vida não é ponto imóvel no tempo
 Mas luz que se desloca em cintilações diferentes,
 Recompondo o ontem no amanhã, e o amanhã num agora intenso,
 85 Associando sem dissensão, os aviões, os alcantilados,
 E o mendigo que costura a sua roupa no vão de um esgoto.
 De arco e tocadeira ou rolando um pneu sobre o passeio,
 Ele retorna à casa, no momento da luz aglutinada,
 Quando, empurrando de volta a carrocinha de sorvete,
 90 Um homem de pescoço de girafa olha vidrado acima do horizonte.
 As cidades acabam no aclave da montanha ou na linha do oceano,
 Mas, ao escurecer, um bote ganha o mar alto contra o vento,
 E na montanha, a meio caminho das casas e da toca do morcego,
 Um homem chamado Arquimedes ou Estêvão ou Morandi
 95 Rodeou o seu mundo de cedros altos e mastins.
 O menino artista ama somente o que sabe.
 Divergentes são seus caminhos de ida e de volta
 Sobre o muro que se ramifica, reunindo e apartando as famílias:
 Esse limite entre as criaturas é a sua propriedade,
 100 De onde pode ver cada quintal, de cor e alma diferentes,
 Para contar no momento oportuno o que se passa no mundo.
 Perdoa-lhe a natureza de espião, indispensável
 À causa da poesia. E o perdoa ainda
 Se escuta às portas, destampa os frascos de perfume,
 105 Prova a terra, fuma restos de cigarro, espetala as flores,
 Se vasculha as gavetas e velhas canastras,
 Se desafina o piano, queima as mãos no fogo,
 Se sempre reinventa o seu inferno exuberante,
 Se bebe sangue ou fere a própria carne,
 110 Se tem a ideia de saber se é possível viver sem respirar.
 Grimpa aos últimos galhos da mangueira,
 Despencando-se dos andaimes duma casa em construção,
 Escondendo-se na cripta fresca duma torre,
 O menino cumpre a sua missão de artista,
 115 Antes de dormir. Antes de atravessar o espelho
 Deformante do sono, onde prossegue o seu trabalho.

v. 85 C, D: alcantilados,

[erro de grafia, corrigido na edição da antologia da editora Global, *Os melhores poemas de Paulo Mendes Campos*, 1990]

NO PRINCÍPIO DO AMOR

No princípio do amor, outro amor que nos precede
 adivinha no espaço o nosso gesto.
 No princípio do amor, o fim do amor.
 Folhagens irisadas pela chuva,
 5 varandas traspassadas de luz, poentes de ametista,
 palmeiras estruturadas para um tempo além de nosso tempo,
 pássaros
 fatídicos na tarde assassinada, ofuscação deliciosa
 no lago – no princípio do amor
 10 já é amor. E pode ser setembro
 com o sol estampado na bruma fulva. Monótona
 é a praça com o clarim sanguíneo do meio-dia.
 No princípio do amor, o humano se esconde,
 bloqueado na terra das canções, astro acuado
 15 em galáxias que se destroçam. E tudo
 é nada: nasce a flor e morre o medo
 que mascara a nossa face. Navios
 pegam fogo defronte da cidade obtusa,
 precedida de um tempo que não é o nosso tempo.
 20 No princípio do amor, sem nome ainda, o amor
 busca os lábios da magnólia, o coração violáceo
 da hortênsia, a virgindade da relva.
 É, foi, será princípio de amor. A mulher
 abre a janela do parque enevoadado, globos irreais,
 25 umidade, doçura,
 enquanto o homem - criatura ossuda, estranha –
 ri no fundo de torrentes profundas
 e deixa de rir subitamente, fitando nada.
 Isto se passa em salas nuas,
 30 em submersas paisagens viúvas, argélias
 tórridas, fiords friíssimos, desfiladeiros
 escavados, parapeitos de promontórios
 suicidas, vilarejos corroídos de ferrugem,
 cidades laminadas, trens subterrâneos,
 35 apartamentos de veludo e marfim, províncias
 procuradas pela peste, cordilheiras tempestuosas,

v. 12 D: meio-dia. [quebra de página] No

[Nas antologias da Global, *Os melhores poemas de Paulo Mendes Campos*, em todas as edições, quebra estrófica entre os versos 12 e 13.]

planícies mordidas pela monotonia do chumbo, babilônias
 em pó, Brasília
 de vidro, aviões infelizes em um céu
 40 de rosas arrancadas, submarinos ressentidos
 em sua desolação redundante, nas altas torres
 do mundo isto se passa; e isto existe
 dentro de criaturas inermes, anestesiadas
 em anfiteatros cirúrgicos, ancoradas em angras
 45 dementes, pulsando através de alvéolos artificiais,
 criaturas agonizando em neblina parda,
 parindo mágoa, morte, amor.
 E isto se passa como um cavalo em pânico.
 E isto se passa até no coração opulento
 50 de mulheres gordas,
 de criaturas meio comidas pelo saibro,
 no coração de criaturas confrangidas entre o rochedo
 e o musgo, no coração de
 Heloísa, Diana, Maria,
 55 Pedra, mulher de Pedro,
 Consuelo, Marlene, Beatriz.

Olhar – anel primeiro do planeta Saturno.
 Olhar, aprender, desviver.
 Além da janela só é visível a escuridão.
 60 Olhar – galgo prematuro da alvorada.
 No princípio do amor, olhar
 a escuridão; depois, os galgos prematuros da alvorada.
 No princípio do amor, morte de amor antes da morte.
 Amor. A morte. Amar-te a morte.
 65 Sexos que se contemplam perturbados. No princípio do amor
 o infinito se encontra.

No princípio do amor a criatura se veste
 de cores mais vivas, blusas
 preciosas, íntimas peças escarlates,
 70 linhos sutis, sedas nupciais, transparências plásticas,
 véus do azul deserto, pistilos de opalina,
 corolas de nylon, gineceus rendados,
 estames de prata, pecíolos de ouro, flor,
 é flor,
 75 é flor que se contempla contemplada.
 Isto se passa de janeiro a dezembro
 como os navios iluminados.

No princípio do amor
o corpo da mulher é fruto sumarento,
80 como a polpa do figo, fruto,
fruto em sua nudez sumarenta, essencial, pois
tudo no mundo é uma nudez expectante
sob o manto,
e nada no mundo é uma nudez tão expectante
85 como o corpo da mulher no princípio do amor.

Fruto na sombra: mas é noite.
Noite por dentro e por fora do fruto.
Nas laranjas de ouro.
Nos seios crespos de Eliana
90 Nas vinhas que se embriagam de esperar.
Ramagens despenteadas, recôncavos expectantes,
cinzeladas umbelas, estigmas altivos,
é noite,
é flor, é fruto.

95 Mas nos seios dourados de Eliana
amanheceu.

LITOGRAVURA

Eu voltava cansado como um rio.
No Sumaré altíssimo pulsava
a torre da tevê, tristonha, flava.
Não: voltava humilhado como um tio
5 bêbado chega à casa de um sobrinho.
Pela ravina, lento, lentamente,
feria-se o luar, num desalinho
de prata sobre a Gávea de meus dias.
Os cães quedaram quietos bruscamente.
10 Foi no tempo dos bondes: vi um deles
raiar pelo Bar Vinte, borboleta
flamante, touro rútilo, cometa
que se atrasa no cosmo e desespera:
negra, na jaula em fuga, uma pantera.
15 Passei a mão nos olhos: suntuosa,
negra, na jaula em fuga, ia uma rosa.

O HÓSPEDE

EVIL

GOOD

*I am cast upon a horrible,
desolate island, void of all
hope of recovery.*

*But I am alive; and not drowned,
as all my ship's company were.*

ROBINSON CRUSOE

Ao entardecer
cada coisa estava em seu lugar
pedaços de caixotes
lianas praieiras
5 a crepitar
molinetes azeitados
caniços dóceis à discussão do mar
a lona estridulando no terral
o rádio portátil
10 com sua tristeza popular

que vai ser do homem industrial
se ele não florir afinal
à beira-mar
um bimotor comercial segue para o Sul
15 sem turbulência

ao largo
o gajeiro
desprezava a manta de sardinhas
retificando a proa da traineira
20 na direção do crepúsculo
dilacerado
devagar

os rochedos
 sustentavam
 25 as assembléias verdes
 do mar
 desde que um fragmento de galáxia
 se condensou
 a seu tempo e seu lugar
 30 eram homens
 desfalecidos
 como o ocaso
 o fogo
 e o mar
 35 vizinhos da noite (espetacular)
 que explodiu a galáxia
 mas não pensavam nisso
 (e era melhor não pensar)

a gaivota sentiu no ar
 40 o fulcro da fogueira
 o fulgor do firmamento
 que se diluía

e
 planando a barlavento
 45 desapareceu
 para retornar ao céu
 com um peixe dilucular

 eram homens urbanos
 e diziam de mulheres
 50 como guerreiros bêbados de vinho
 depois de matar

mas quando veio o vento
 mas quando veio o vento violento a uivar
 quando as constelações se agruparam
 55 cada uma em seu lugar
 quando sibilavam os fios de nylon
 como as cordas da mastreação em alto-mar

na hora em que os passageiros
do transatlântico
60 — um corvo no ombro
um cravo na lapela —
andam no convés antes do jantar
e fartos de seus ardis sexuais
sentem saudades do centeio
65 e do cavalo

então
os pescadores
sentiram
o sussurro em torno
70 alisar-se
monótono
como um túmulo

as garras do tigre dentro do fogo
destorceram-se a despertar
75 os dedos do afogado
Nas reentrâncias dos rochedos
a roçar
os crustáceos de grande porte
adormecidos
80 nas suas armaduras
devagar

pássaros aduncos
sobre desertos congelados
sedentos
85 a soluçar
camelos lúcidos
lanceados pelo sol

a galopar
colunas de ametista alteavam-se nos salões
90 onde outrora transitavam tantas valsas
num tempo infindo
pois era um tempo circular
então
cada um ficou costurado a si mesmo
95 no seu inventar
reinventar
e Robinson despontando ao fogo das vagas
(o degredado)
foi devolvido à praia do golfo sem luar

oh o noturno
sobre um grito
esgazeado
de terror tão singular
que pensamento pode ter

senão medir-se com o vento
o gigante
o jaguar

que pensamento
senão o incessante movimento
de ser em seu ser
um hóspede particular
pupila de vidro
investigando a cada minuto
o estatuto milenar

o invisível dos pássaros
hostis
por dentro das galharias
a gritar
a gritar

depois desceu a madrugada
mil-espelhando-se no ar
oh o consentimento da agonia
a transluzir em túmida verdura circular
pois ali estava o périplo perene

desumano
e familiar

ah mirar-se na fonte
a dizer
agora somos nós dois
a duelar

por dentro das galharias
os pássaros hostis
gritaram mais uma vez
depois deixaram de gritar.

v. 119 D: gritar / depois

v. 134 C: gritar

TESTAMENTO DO BRASIL

Que já se faça a partilha.
 Só de quem nada possui
 nada de nada terei.
 Que seja aberto na praia,
 5 não na sala do notário,
 o testamento de todos.
 Quero de Belo Horizonte
 esse píncaro mais áspero,
 onde fiquei sem consolo,
 10 mas onde floriu por milagre
 no recôncavo da brenha
 a campânula azulada.
 De São João del-Rei só quero
 as palmeiras esculpidas
 15 na matriz de São Francisco.
 Da Zona da Mata quero
 o Ford envolto em poeira
 por esse Brasil precário
 dos anos vinte (ou twenties),
 20 quando o trompete de jazz
 ruborizava a aurora
 cor de cinza de Chicago.
 Do Alto do Rio Negro
 quero só a solidão
 25 compacta como o cristal,
 quero o índio rodeando
 o motor do Catalina,
 quero a pedra onde não pude
 dormir à beira do rio,
 30 pensando em nós-brasileiros
 — entrelaçados destinos —
 como contas carcomidas
 de um rosário de martírios.

p *Violão de Rua*,
 n. 3, p. 116-119, 1963.

v. 1 *p*: partilha /antes de chegar a morte. / Que todos partam comigo / suas riquezas mais duras. / Só
 v. 18 *p*: este
 v. 23 *p*: alto

De Lagoa Santa quero
 35 o roxo da Sexta-feira,
 quero a treva da ladeira,
 os brandões da noite acesa,
 quero o grotão dos caju,
 onde surgiu uma vez
 40 no breu da noite mineira
 uma alma doutro mundo.
 Da porta pobre da venda
 de todos os povoados
 quero o silêncio pesado
 45 do lavrador sem trabalho,
 quero a quietude das mãos
 como se fossem de argila
 no balcão engordurado.
 Ainda quero da vila
 50 a ira que se condensa,
 a dor imóvel e dura
 como um coágulo no sangue.
 Da Fazenda do Rosário
 quero o mais árido olhar
 55 das crianças retardadas,
 quero o grito compulsivo
 dos loucos, fogo-pagô
 de entardecer calcinado,
 a névoa seca e o não,
 60 o não da névoa e o nada.
 Da cidade da Bahia
 quero os pretos pobres todos,
 quero os brancos pobres todos,
 quero os pasmos tardos todos.
 65 Do meu Rio São Francisco
 quero a dor do barranqueiro,
 quero as feridas do corpo,
 quero a verdade do rio,
 quero o remorso do vale,
 70 quero os leprosos famosos,
 escrofulosos famintos,
 quero roer como o rio
 o barro do desespero.

v. 35 *p*: Sexta-feira

v. 36 *p*: trova

Dos mocambos do Recife
 75 quero as figuras mais tristes,
 curvadas mal nasce o dia
 em um inferno de lama.
 Quero de Olinda as brisas,
 brisas leves, brisas livres,
 80 ou como se quer um sol
 ou a moeda de ouro
 quero a fome do Nordeste,
 toda a fome do Nordeste.
 Das tardes do Brasil quero,
 85 quero o terror da quietude,
 quero a vaca, o boi, o burro
 no presépio do menino
 que não chegou a nascer.
 Dos domingos cor de cal
 90 quero aquele som de flauta
 tão brasileiro, tão triste.
 De Ouro Preto o que eu quero
 são as velhinhas beatas
 e a água do chafariz
 95 onde um homem se dobrou
 para beber e sentiu
 a pobreza do Brasil.
 Do Sul, o homem do campo,
 matéria-prima da terra,
 100 o homem que se transforma
 em cereal, vinho e carne.

Do Rio quero as favelas,
 a morte que mora nelas.
 De São Paulo quero apenas
 105 a banda podre da fruta,
 as chagas do Tietê,
 o livro de Carolina.
 Do noturno nacional
 quero a valsa merencórea
 110 com o céu estrelejado,
 quero a lua cor de prata
 com saudades da mulata
 das grandes fomes de amor.

v. 94 p: de

v. 96 p: sentiu. / Do Sul

Do litoral feito luz
115 quero a rude paciência
do pescador alugado.

Da aurora do Brasil
— bezerra parida em dor —
apesar de tudo, quero
120 a violência do parto
(meu vagido de esperança).

v. 114 *p*: feito em luz

v. 117 *p*: Brasil.

UM HOMEM POBRE^{XIII}

A ferro e fogo
 Se faz um homem
 Quando ele é pobre.
 A fome e logro,
 5 Plaina e formão,
 Faz-se um irmão,
 Um irmão pobre.
 Com uma vela
 E uma sovela
 10 Marca-se a cara,
 Olho por olho,
 Dente por dente.
 A ferro quente
 Marca-se a tara:
 15 Um P de pobre.
 A cavaleiro
 Do chão poento
 O seu nariz
 Como um camelo
 20 Comendo vento.
 Com toda a força
 Bate-se a força
 Do seu pescoço.
 Com faca fina
 25 Talha-se o ventre,
 Mansa planura
 De repentina
 Ânsia: vazio
 E desventura.
 30 Com três facadas
 Se faz o sexo,
 Com três pontadas
 Fundas, sem nexo.
 A pontapés

p Violão de Rua,
 n. 1, p. 68-74,
 set. 1962

v. 1 *p*: fogo, / A fome e logro, / Se
 v. 3 *p*: pobre. / A canivete, / Plaina
 v. 31 *p*: sexo.
 v. 33 *p*: fundas,
 v. 34 *p*, C: ponta-pés

35 São modeladas
 As suas nádegas.
 É vulnerável
 Seu calcanhar.
 Se perde um membro
 40 Põe-se um espeque
 No seu lugar.
 Pernas cavadas
 Pelas varizes
 Como raízes
 45 À flor da terra.
 Seus pés são flores
 Escalavradas.
 Se for possível
 Sejam flexíveis
 50 Os seus joelhos.
 Fígado, baço,
 Rins de antimônio,
 Pulmões de chumbo,
 Olhos de fumo,
 55 Enfim o homem
 Química e mangue,
 Robô sem rumo
 De carne e sangue.
 Enfim, a obra
 60 Dos outros homens
 Como uma cobra
 Inspira, expira
 O ar que sobra.
 Para arremate
 65 As ferramentas
 Uma por uma:
 Lima, verruma
 Dão polimento;
 Broca, alicate
 70 Dão o contraste;
 Torquez, guindaste
 Dão movimento;

-
- v. 39 *p*: membro,
 v. 45 *p*: A
 v. 57 *p*: Robot
 v. 64 *p*: arremate,
 v. 65 *p*: ferramentas,

Mangual e freio
 Dão-lhe o receio;
 75 Leva-se ao torno,
 Depois ao forno.
 José, João,
 Deram-lhe um nome,
 Qual, pouco importa.
 80 Com alguidar,
 Folha-de-flandres,
 Gamela torta,
 Restos de mar,
 Matam-lhe a fome
 85 Do crescimento.
 Fio de vento,
 Teto de brasa,
 Chão de relento,
 Eis sua casa.
 90 Embora magro
 Parece inchado,
 Eis o seu vício.
 Morre-lhe o pai,
 Morre-lhe o filho,
 95 Não veste luto:
 Falar à morte
 Cada minuto
 É seu ofício.
 No ar se exala
 100 Tudo o que fala.
 Por onde pisa
 Não há sapato.
 Tudo o que cheira,
 Vulgar olfato,
 105 Cheira à tristeza
 de uma toupeira.
 Das galerias,
 De pai a filho,
 Herda a riqueza
 110 Da silicose;
 Se economiza

v. 90 *p*: magro,

v. 95 *p*: luto.

v. 106 *p*: Duma poeira.

Febre reumática
 Pode gastar
 Tuberculose.
 115 Estranho tato,
 Tudo o que pega
 Muda-se em lama.
 Onde se deita
 Chama de cama.
 120 Cedo se estraga
 Tudo o que ama.
 Cedo se rasga
 Tudo o que veste.
 Cedo se despe
 125 Da própria carne,
 Do próprio nome.
 Tudo o que come,
 Raro apetite,
 Sabe-lhe a fome.
 130 Tudo o que ouve,
 Houve ou não houve,
 Tem o sentido
 De ensurdecê-lo;
 Raro desvelo
 135 Dos outros homens.
 Tudo o que é seu,
 Ninho de sono,
 Mina de cobre,
 Roça de milho,
 140 Coisas de pobre,
 Tem outro dono.
 Vive por dentro
 Do lado externo.
 De olhos abertos
 145 Ou meio cego
 Vê a vitrina
 De luz marinha

-
- v. 112 *p*: reumática,
 v. 121 *p*: Tudo que
 v. 127 *p*: Tudo que
 v. 130 *p*: Tudo que
 v. 136 *p*: Tudo que
 v. 143 *p*: externo:
 v. 145 *p*: cego,

Com seus eternos
 Peixes, lagostas,
 150 Gordas galinhas,
 Leitões de crosta
 Que se desata,
 Cerejas rubras,
 Cremes de prata.
 155 A fome é sua.
 No seu aquário
 Da cor da lua
 O cobertor
 Espesso dorme;
 160 Deus vela o sono
 Do mostruário.
 O frio é seu.
 Não lhe pertencem
 A relva, a graça
 165 Dos chafarizes,
 Banco de praça,
 Flores da rua,
 Sombra de parque,
 Frescor de fonte.
 170 O medo é seu.
 Prisão é sua.
 Em socavão,
 Desvão de ponte,
 Sob o pontão
 175 Apodrecido,
 Onde existir
 Ângulo morto,
 Rota catraia
 De cais de porto,
 180 Onde existir
 Oco-de-pau,
 Dura falésia
 De rude praia,
 Onde existir

v. 150 *p*: Gorda galinha,
 v. 151 *p*: Leitão de crosta
 v. 153 *p*: Cereja ribra,
 v. 154 *p*: Creme de prata, / Vergel de uvas. / A
 v. 168 *p*: parque

185 Negra lacraia,
 Feroz lacrau,
 Bicho felpudo,
 Onde houver tudo,
 Rato, morcego,
 190 Onde existir
 O seu sossego
 Cheio de medo,
 Onde existir
 Algum perigo
 195 De se escalar,
 Algum segredo
 Para descer,
 Onde a patrulha
 Não atingir,
 200 Onde o olhar
 Do gavião
 Não puder vê-lo,
 Onde existir
 Fétido cheiro,
 205 No seu chiqueiro
 O pobre irmão
 Pode encostar
 Sua cabeça,
 Seu coração,
 210 Pode apagar
 A luz espessa
 De seu olhar
 De cão ou urso.

 215 Um dia, morre.

 Não tendo cova,
 O bisturi
 Faz seu discurso

v. 205 *p*: xiqueiro
 v. 208 *p*: cabeça
 v. 209 *p*: coração
 v. 215 *p*: morre. / Não

O MORTO

Por que celeste transtorno
tarda-me o cosmo do sangue
o óleo grosso do morto?

5 Por que ver pelo meu olho?
Por que usar o meu corpo?
Se eu sou vivo e ele morto?

Por que pacto inconstituido
(ou miserável acordo)
Aninhou-se em mim o morto?

10 Que prazer mais decomposto
faz do meu peito intermédio
do peito ausente do morto?

15 Porque a tara do morto
é inserir sua pele
entre o meu e o outro corpo.

Se for do gosto do morto
o que como com desgosto
come o morto em minha boca.

20 Que secreto desacordo!
ser apenas o entreposto
de um corpo vivo e outro morto!

Ele é que é cheio, eu sou oco.

RONDÓ PARA AMIGO OU AMIGA

Afinal que há contigo,
 minha amiga, meu amigo?
 É a dor de amor mendigo
 ou a dor que vai comigo?
 5 Afinal que há com tua
 existência seminua?
 Quem roeu o pensamento
 de teu meigo apartamento?
 Que anverso sensual
 10 cingiu-te a vida de sal?
 Que reverso de medalha
 fartou-te a boca de palha?
 Foi um grito do infinito?
 Foi o silêncio de um grito?
 15 Por que erro em teu caminho
 giras no cosmo sozinho?
 Onde está o diamante,
 teu amante, tua amante?
 Afinal que há contigo,
 20 minha amiga, meu amigo?
 Ave má bicou-te o figo?
 Teu amigo é inimigo?
 Que refrão em teu ouvido
 esvaziou-te o sentido?
 25 Afinal que marcescível
 dor (ou flor) foi invencível?
 Que tigre foi-te à garganta?
 Bruxa? Mulher? Hierofanta?
 Que alquimia ao revés
 30 oxidou os teus pés?
 Que divina cocaína
 te passaram numa esquina?
 Que sanguessugas etéreas
 transtornaram-te as artérias?
 35 Quem te colocou à parte
 nos arrabaldes do enfarte?
 Quem te passou para trás,
 moça má ou mau rapaz?
 Que cornos rubros do inferno
 40 enrijecem quem foi terno?
 Afinal que há contigo,
 minha amiga, meu amigo?

Uma flor sobre o jazigo?
 O clamor que trava o trigo?
 45 Que langor virou lamento?
 A boreste ou barlavento?
 Em que frusta fortaleza
 se fez do forte fraqueza?
 Que treponema do mangue
 50 sobrenada no teu sangue?
 Que fizeste da moldura
 de tua tarde mais pura?
 Que fizeste, que maldade
 com a tua puberdade?
 55 Que fizeste de teu Sócrates,
 Platão, Plotino e Isócrates?
 Onde estão Geraldo, Gilda,
 Cançado, Clara, Cacilda?
 E a fulva melancolia
 60 de Maria d'Abadia?
 A fraga de que degredo
 fez da coragem teu medo?
 Que conceito mais espesso
 revirou-te pelo avesso?
 65 Afinal que há contigo,
 minha amiga, meu amigo?
 O terror do desabrigo?
 Teu humor é teu castigo?
 Que secreção radical
 70 danou-te a supra-renal?
 Que sofrimento somático
 santificou teu viático?
 Que larvas velhas do drama
 revivem na tua cama?
 75 Que bile, que maresia
 fez névoa da poesia?
 Que crise de antinomia
 castrou-te a filosofia?
 Que incessante inflação
 80 coartou-te o coração?
 Que roaz neurastenia
 gradeou a luz do dia?
 Já ligaste ao analista
 ou és também pessimista?
 85 Por que via mal fechada
 entrou sinistra piada?

Que tecido se teceu
 com as tramas de Teseu?
 Que política bifronte
 90 transformou-te em Lacoonte?
 Que guelfo, que gibelino
 fez de ti novo Ugolino?
 Que câncer, que leucemia
 poluiu-te a alegria?
 95 Deu-se doce, docemente,
 ou te emborcou de repente?
 Afinal que retiveste
 de teu enfado celeste?
 Onde teu lucro, teu forte?
 100 Há mais-valia na morte?
 Onde o som estereofônico?
 E o teu florete eletrônico?
 Que bárbaro caranguejo
 comeu-te a boca ou o beijo?
 105 Que amplexo mais complexo
 alienou o teu sexo?
 Que claro-escuro te busca?
 Que lusco-fusco te ofusca?
 Que personagem de luto
 110 faz sombra no teu minuto?
 Que vírus te fez mordente?
 Que serpente em tua mente?
 Que gorgulho em teu orgulho?
 Que nó cego em teu embrulho?
 115 Foi fome ou fruto de tédio?
 É sem cura ou tem remédio?
 Quais são teus planos, pergunto,
 em relação ao defunto?
 Em que tempo irreversível
 120 aconteceu o terrível?
 Há um ano ou uma hora?
 Foi a fauna ou foi flora?
 Não percebeste a cilada?
 Doeu muito ou quase nada?
 125 Que gesto, que não fizeste,
 salvar-te-ia da peste?
 Afinal que há contigo,
 minha amiga, meu amigo?

v. 100 C: mais-vaia
 [trata-se, certamente, de um erro tipográfico]
 v. 126 C: salvá-lo-ia

COPACABANA 1945

I

As fichas finais do jogo
foram recolhidas; fecha-se
o cassino; abre-se em fogo

o coração que devora.

5 Vejo em vez de eternidade
no relógio minha hora.

E se quiser vejo a tua.
Às cinco tinhas encontro
num cotovelo de rua.

10 As cigarras do verão
tinham quando sugavas
teu uísque com sifão.

Às onze no Wunder Bar
por meio acaso encontravas
15 a mulher que anda no ar.

Às três no Copacabana
uma torpeza uterina
pestana contra pestana.

20 Às quatro e pouco saías,
comias um boi às cinco,
às seis e meia morrias.

Às duas ressuscitavas,
às cinco tinhas encontro,
às sete continuavas.

II

A mensagem abortada
de Copacabana perde-se
na viração: não é nada.

5 Morre um homem na polícia.
Tantos casos. Não é nada:
os jornais dão a notícia.

Uma criança que come
restos na lata de lixo
não é nada: mata a fome.

10 Não é nada. A favela
pega fogo. Não é nada:
faz-se um samba para ela.

Um moço mata a família
e se mata. Não é nada:
15 poupa o drama à tua filha.

Uma menina estuprada.
Uma virgem cai do céu.
Nada. Copacabanada.

III

Dava um doce calafrio
no esmalte azul recortado
súbito à tarde um navio.

5 O mistério transparente
do navio que passava
é ter tomado presente:

por fantasia do fado
naquele tempo ao passar
já parecia passado.

10 Quando ele achava o caminho
na ponta do Arpoador
eu ficava mais sozinho.

Pois um homem-gaivota
 segue um barco, mesmo quando
 15 não lhe conhece a derrota.
 Latitude, longitude,
 compasso de meu exílio...
 Um homem sempre se ilude.

E quando o mar sem navio
 20 ficava, eu olhava para trás
 e me embrulhava no Rio.

IV

Anoitecia em cristais,
 em paz de pluma tornando
 à dor de Minas Gerais.

A dor que dá mas devora
 5 como um blues comercial
 no carro, quando é a hora.

E quando à janela o cone
 de sombra me abismava
 eu ligava o telefone.

Esse aparelho surdia
 10 da ramagem de meus brônquios,
 negra liana, e subia

em tropismos machucados,
 pelas calhas do silêncio,
 15 pelos terraços pasmados,

pela traquéia das áreas,
 como tromba de elefante
 ou aranhas solitárias

articuladas ao fio,
 20 como língua de serpente
 a vasculhar o vazio,

a buscar qualquer canal
 de amor (ou fosse miragem!)
 no deserto vertical.

V

Às vezes chegava a lua
no despudor deslumbrante
da mulher que chega nua.

5 A mulher transverberada
entornando-se amorosa
nas vagas da madrugada.

Algumas foram no peito
do casto lençol do céu
para o cosmo do teu leito.

VI

Copacabana, golfão
sexual: soma dois corpos
mas divide solidão.

VII

Pelas piscinas suspensas,
pelas gargantas dos galos,
pelas navalhas intensas,

5 pelas tardes comovidas,
Pelos tamborins noturnos,
pelas pensões abatidas,

eu vou por onde vou; vou
pelas esquinas da treva:
Copacabana acabou.

BALADA DO HOMEM DE FORA

Na alma dos outros há
searas de poesia;
em mim poeiras de prosa,
humilhação, vilania.

5 O pensamento dos outros
ala-se em frases castiças;
o meu é boi atolado
em palavras movediças.

10 No gesto dos outros vai
a elegância do traço;
no gesto torto que faço
surge a ponta do palhaço.

15 O trato dos outros tem
desprendimento, altruísmo;
venho do ressentimento
para os brejos do egoísmo.

20 O amor de muitos floresce
em sentimento complexo;
mas o meu é desconexo
anacoluto: do sexo.

Na face dos outros vi
a sintaxe do cristal;
na amálgama dos espelhos
embrulhei o bem no mal.

25 A virtude contra o crime
é um cartaz luminoso
dos outros todos; mas eu
posso ser o criminoso.

30 Os outros brincam de roda
(carneirinho, carneirão);
são puros como a verdade;
mas eu minto como um cão.

35 Há quem leia Luluzinha,
há quem leia pergaminhos;
leio notícias reversas
nos jornais de meus vizinhos.

Os outros ficaram bravos
ao pôr de lado o brinquedo,
bravos, leais, *sans reproche*;
40 mas eu guardei o meu medo.

Encaminha a mente deles
uma repulsa moral;
na minha pulsa o High Life
do mais turvo Carnaval.

45 Todos foram tão bacanas
na quadra colegial;
só eu não fui (*mea culpa*)
nem bacana, nem legal.

O terno dos outros tem
50 um ar etéreo e eterno;
às vezes ando vestido
como um profeta do inferno.

Muitos voam pelas pautas
que se desfazem nos astros;
55 amei Vivaldi, Beethoven,
Bach, Debussy, mas de rastros.

Certos olhos são vitrais
onde dá a luz de Deus;
Deus me deu os meus e os teus
60 para a dor dar-te adeus.

v. 39 C: sans reproche;

v. 47 C: (mea culpa)

Há tanto moço perfeito
like a nice boy (inglês);
 eu falo mais palavrões
 que meu avô português.

65 Os outros são teoremas
 lindos de geometria;
 eu me apronto para a noite
 nos pentes da ventania.

70 Para quem foi feito o mundo?
 Para aquele que o goze.
 Como gozá-lo quem gira
 no perigeu da neurose?

75 Copiei com canivete
 este grifo de Stendhal:
 “Nunca tive consciência
 nem sentimento moral”.

80 Faço meu Murilo Mendes
 quanto à força de vontade:
 “Sou firme que nem areia
 em noite de tempestade”.

Há gente que não duvida
 quando quer ir ao cinema;
 duvido de minha dúvida
 no meu bar em Ipanema.

85 Outros, felizes, não bebem,
 não fumam; eu bebo, fumo,
 faço, finjo, forço, fungo,
 fuço na noite sem rumo.

90 Outros amam Paris, praias,
 cataventos, livros, flores,
 apartamentos – a vida;
 eu nem amo meus amores.

v. 62 C: *like a nice boy*

v. 92 C: eu amo só meus amores.

Os outros podem jurar
que me conhecem demais;
95 quando acaso penso o mesmo,
o demônio diz: há mais...

A infância dos outros era
o céu no tanque da praça;
a minha não teve tanque,
100 nem céu, nem praça, nem graça.

Até na morte encontrei
a divergência da sorte:
a deles, flecha de luz,
a minha, faca sem corte.
105 O espaço deles é onde
circunda a casa o jardim;
mas o meu espaço é quando
um parafuso sem fim.

4.1.6 BALADA DE AMOR PERFEITO —

(1979)

A seção BALADA DE AMOR PERFEITO foi publicada pela primeira vez em

CAMPOS, Paulo Mendes. *Poemas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. (Coleção Poesia hoje, v. 30). [2. ed., Civilização Brasileira, 1984].

CANTIGA PARA LYGIA PEIXOTO

Quando o sol esclarecia
o bem e o mal da Bahia,
meu mal antigo dormia
e outro me dava bom dia:
5 o mal amor alegria
que me encantava e mordía
e devagar me fundia
na luz escorregadia
do mar olhar calmaria
10 de Maria da Bahia.

Quando o sol comprometia
os olhos de maresia
do entardecer de Maria,
Maria dava à Bahia
15 o que ela mais recebia:
sal, cheiro verde e magia.

Quando o sol largava o dia,
a Bahia de Maria
era mais feitiçaria,
20 mais mestiça, mais Bahia.

Quando o sol enrubescia
as telhas-vãs de Maria,
o próprio sol a vestia
de uma seda fugidia:
25 não era sol nem Maria,
era uma chama sombria.

NEM JUVENTUDE NEM VELHICE^{XIV}

1 Uma flor. Costumavas mencionar (sem dúvida com um
duplo sentido) uma flor, nevoenta, com um desenho místico,
porém lógico.

2 Sim, uma flor. Com profundos dedos retorcidos —
amargos como o poder antropológico.

3 Explicitamente, uma rosa. Em reuniões de cerimônia
vangloriavas de uma rosa — não muito visível ou fotogênica,
mas uma rosa.

4 Desacreditada hoje em dia — pela fluidez excessiva do
verso ou a demasiada pertinência da prosa.

5 Uma campina. Um pasto para o sabre de teus dentes.
Uma campina babilônica.

6 Manchada e assombrada agora por tua sombra de
pirâmide faminta, faraônica.

7 O mar. Tu do lado de cá, deslumbrado como um cristal
espelhante — e lá (grande também e profundo) o mar.

8 Mas o mar agora agoniza devagarinho — graus de morte
que você não pode impedir e nem mesmo enxergar.

9 Um instinto. Quando em apuros, confiavas na centelha
de teu instinto animal.

10 Resta-te um despertador para amanhã de manhã —
quando soar a campainha do teu bem e do teu mal.

11 Um firmamento. Não mudou muito teu firmamento,
como sempre belo e dramático.

12 Estrelado como chegou ao mundo, desolada Lua, tua
cabeça sobressaltada: mas o céu ficará um pouco mais triste em
teu viático.

13 Um coração. Não há muito tempo gozavas de um
coração de sístoles e diástoles ritmadas e puras.

14 Um coração de mau humor hoje à noite depois de uma
torrente de piranhas e gorduras.

15 O dom humorístico. Obtiveste a duras penas um pico de
humor.

16 Fora de moda agora, meu amigo, como a gravidez e o
amor.

17 Um monstro. Um monstrinho infantil adorado pelos mais
velhos. Pálido, divertido e bonito como Boris Karloff.

18 Estragado mais tarde pelo medo — melhor, por teu
inevitável *show-off*.

19 O inverno. Que confortável exílio! Como uma encantada
primavera era o inverno.

20 A primavera agora está só como um templo; como
Nunca; ou Para Sempre; e o inverno se fez como um glacial
inferno.

21 Bonecas. Gostavas (sem má intenção!) de ninar grandes
bonecas de olhos azuis, de cabelos escuros ou dourados de sol.

22 Como fazer agora? As bolas de teus olhos rolam no
vazio pacífico e cego. Tuas mãos agarram-se aos cabelos verdes
do erno. — As bonecas deslizam afogadas em teu atol.

23 Dinheiro. Assaltaste um Sésamo e sorveste
(naturalmente) todo aquele dinheiro sangrento.

24 Moedas reluzentes escorrem ainda de tua boca — mas o
mel ficou nojento.

25 Uma palavra: pronta para escancarar uma porta ou
trancá-la. A palavra-chave, exata, afiada.

26 Ambígua ainda como sempre, mas em desuso agora —
como um juramento ou uma velha espada.

27 Nariz. Gracioso nariz. Forte como um nariz de poeta.
Bastante conhecido na cidade.

28 Revirado agora para baixo. Rubro feito maçã. Inerte.
Pensativo — como Newton a formular o inexorável da
gravidade.

29 Uma luz. Súbito no mudo crepúsculo a loquacidade da
luz. Como um açoite.

30 Feito para excitar os nervos de teus brilhos breves. Para o
relâmpago de teu prazer. Antes que o corvo crocite boa-noite.

31 Uma canção. Triste. Docemente comercializada.

32 Enquanto na penumbra apertas o acelerador e corres para
nada.

33 Com uma cabana, um riacho. Um riacho resgatado à
infância de Peter Pan. Certo.

34 Mas só quando o Capitão Gancho não andar aí por perto.

35 Um sexo. Um doubleunissex. *Perhaps... perhaps...*

36 Assim frequentaste os melhores lugares. Com a tua ciência
de encomendar o queijo certo e o vinho adequado. — Hoje
ausente como um urso de espetáculo. — Outrora venturoso como
um urso na colméia.

37 Tempo de começares a contagem regressiva: dez, nove,
oito, sete, seis, cinco... Ah, uma idéia!

38 Escuta! A trombeta de uma profecia! Oh Shelley! *Mind!*

39 *If Five comes, can Zero be far behind?*

35 Se fora zen-budista, Raimundo (das pombas) saberia que a máscara se oculta sob a face. E era a ufanía de Afonso Celso só uma ufanía de conde, que acaso o conde disfarçasse?

Pela mesma contramarcha, o tímido e o casto são arrevesados de magma em brasa. Por fora o general é meio civil; o civil, por dentro, dá umas de general.

40 Por vezes não sobe nem o foguete da NASA.
E o Brasil? Será mais que o esfomeado amor (ou o gigantesco tumor) de Portugal?

Ao ponto pode seguir-se uma vírgula (bem mineira); à vírgula pode seguir-se a irreparável incongruência.

45 Pois é: a noitada de domingo já é segunda-feira.
E a Morte pode ser a Independência.

Falam muito: *In my beginning is my end*. Muito riso, pouco siso.
Ele é durão, mas, no fundo, é todo terno.

Hecha la ley, hecha la trampa.
50 Quem crê em Deus, vai pro Paraíso.
Quem não crê, vá pro Inferno.

Por fora bela viola... Água mole em pedra dura...
Não é da saúde que vive a doença?

Pra nosso tempo de miséria há um exagero de fartura.

55 O crime afinal compensa.
Ou não compensa?

Tese: no melhor amigo há o radical inimigo.
Antítese: o inimigo é o nosso amor secreto.
Síntese: como todo mundo, Howard Hughes faleceu mendigo.
60 — E nada existe mais abstrato do que o poema concreto.

DO TRESLOUCADO

Na solitude entrei no meu lugar.

As velas acendi. Tomei vanádio.

Os dentes areei. Liguei o rádio.

Eu vinha do festim de Baltasar.

5 Anunciava o locutor: "No Estádio

Nabucodonosor vai terminar

a luta, patrocínio de Paládio."

As ninfas já não pintam no meu lar.

Desliguei, desligado, o aparelho.

10 Em mim, no céu, fundia-se o sol-posto.

Doíam-me a coluna e o joelho.

Para tomar mais um, chamei a Jônia,

meiga mestiça, que m'o pôs a gosto.

Vê como dói viver em Babilônia.

A LUZ EM DIAMANTINA

Quando a luz desembarca em Diamantina
a banda de música das coisas afina
seus instrumentos

5 há restos de acordes noturnos e tristezas
pendurados nos varais

gotas de sombra tremeluzem e tombam nos quintais
acesas

os passarinhos em desalinho
saem batendo palmas
10 cumprindo contentes o dever de anunciar
às almas
a boa nova de todos os dias:
bom dia

Diamantina
15 acabou de chegar a luz que nos ilumina

os gatos desenrolando-se de um sono asiático
conferem com os olhos de metal a grande novidade
e vão repontar
por milagre
20 no trono dos beirais

os violinos da sinfônica das telhas
repetem as vãs escalas vermelhas

na moita os grilos guardam as flautas
na várzea os sapos calam a boca

25 andorinhas sobem e descem nas pautas do adro
dó ré mi fá sol lá si
si lá sol fá mi ré dó

e entram pelos altos da igreja
em sobressalto
30 antes que venha uma velhinha aflita

pedir ao Senhor um cantinho que seja
na Glória infinita

entoando um canto à transparência da morte
a tripulação da nave levanta âncoras
35 para a Eternidade
(boa viagem!)

por enquanto
as ruas pertencem à sinfonia da luz
e aos cães (donos da lua)
40 que desdizem do dia

mas a luz tudo sabe e se abre e se doa e se derrama
e compartilha de tudo
como se fosse uma pessoa da família
recém-chegada dum país distante mas
45 tão espontânea e contente
que conversa com toda a gente:
mato de estrada
palmas de coqueiro
menino quieto de calçada
50 flores de sepultura
pobre que desce ladeira

tão amiga é a linguagem da luz
que ninguém se lembra da sua linhagem
gerada que foi das mãos de Deus
55 na primeira hora da criação

só os diamantes do ar celebram a linhagem divina da luz
só os violoncelos brancos espalhados no azul dizem
que a luz é do céu
e só está neste vale de lágrimas
60 de passagem
clandestina
neste vale de sombra por onde escorre um rio iluminado
(sombra é luz do outro lado)

Sobem e descem
65 por semitons na escala cromática
retângulos cor de ouro cor do céu
cor do céu
cor de ouro

70 retângulos por semitons
descem sobem na escala cromática

o bonito do mundo é a modulação

mesmo quando a escala de repente se faz enigmática:
este amarelo e verde limão indecifrável no mural
este ocre que arqueia o marco do portal

75 mas para as abelhas douradas que voam na luz mineira
há rendilhados de madeira

que o diga a luz recolhida na sacada
clareando sistemas solares feitos de ouro e de ferro e de nada

80 que o diga a luz que passa
coagulada um instante no fogo da vidraça

que o diga o sol do morto

que o diga este horto hostil

este Gólgota escavado

esta alta encruzilhada

85 que o diga a cruz
em cujos braços Cristo se faz luz crucificada.

CANTIGA PARA GABRIELA

Estrangulou-se no ocaso a voz de paz ou de guerra
do derradeiro tapajós:
restaram garras ternas na terra,
as visões, os bichos, os nós,
5 coisas de amor visual, elos de argila,
restou a alma tapajônica
— retorcida ou tranquila.

LOA LITERÁRIA DO DESENGANO

1 Louvado seja São Dostoievski que adivinhou os nossos
passos e percorreu sozinho o espaço metafísico do louco, do
violento e do indigente de Deus.

2 Louvado seja São Francisco de Assis, que abençoou as
feras dos meus fojos.

3 Louvado seja São Luís de Camões com os seus caminhos
sempre errados, e a sua sintaxe sempre certa.

4 Louvado seja São Paulo Verlaine, que assumiu as
pompas todas das cloacas, para compor algumas canções
definitivamente virginais.

5 Louvado seja São Joaquim Maria Machado de Assis, que
nos dispôs contra o mundo, segundo a sua visão, com todas as
minúcias e nuances de um artista da Renascença.

6 Louvada seja Santa Teresa de Ávila, com seu amor em
chamas.

7 Louvado seja São Percy Shelley, que saiu nu pelos
caminhos estreitos de mil e oitocentos, e muitas vezes foi
crucificado, na profusão de seus dons, e sempre ressuscitou, na
profusão de seus dons, até asfixiar-se no golfo italiano.

8 Louvado seja São Miguel de Montaigne, virtuoso dos
jogos do mundo, com sua alma diversa e instável, a curiosidade
infinita, a comedida ciência, encruzilhada de quase todos os
humanos, herdeiro dos antigos, ancestral dos modernos.

9 Louvado seja São José Carducci, que amava o boi e
chorava como a morte das crianças.

10 Louvado seja São Carlos Baudelaire, que dormia com
rameiras horrendas, sem perder a auréola do espírito, e limpo
voltava dos paraísos artificiais.

11 Louvado seja São Miguel de Cervantes, que vem
sempre lá longe a cavalo, na companhia de um magro e um
gordo, e os céus os faça chegar mais uma vez, quando eu me

for. E louvado sejam São Gordo e São Magro, que abusaram à vontade da minha inocência, desencantando os anões alegres de meu riso.

12 Louvado seja São Daniel Defoe, que padeceu no pelourinho, e que me atirou sozinho a uma ilha encantada pelas realidades primárias.

13 Louvada seja a Santa Família Brontë, que subverteu o tédio da tarde puritana, entrando pela noite tempestuosa.

14 Louvado seja Santo Artur Rimbaud, que foi o último anjo rebelado, e ainda nos apedreja com a magma incandescente de seu furor.

15 Louvado seja São Li-Po, que vagueou pela campina amarela, pra cá, pra lá, folha viva, folha morta, copo de vinho na mão.

16 Louvado seja o santo poeta chinês, que viu o futuro no espelho enlazarado e sujo da hospedaria.

17 Louvado seja São Vladimir Maiacóvski, pois era uma nuvem de calças.

18 Louvado seja São João da Cruz, que saía do claustro, sem ser notado, para noite escura da alma.

19 Louvado seja São Frederico Hölderlin, que invocou os deuses com tremendo sucesso e acabou em santa loucura na cada de um santo carpinteiro.

20 Louvado seja São Gustavo Flaubert, que sofreu de lucidez maligna.

21 Louvado seja Rainer Maria Rilke, que carregou consigo o poeta (eu) adolescente, à dimensão intersticial, onde os cães percebem a morte que entrou dentro de casa.

22 Louvado seja São Tolstoi, que foi um leão magnífico entre os bichos domésticos.

23 Louvado seja Santa Colette, que soube perdoar a si mesma, para depois perdoar o céu, e a terra.

24 Louvado seja São Guilherme Shakespeare, que recebeu
os anjos e os demônios todos, e ainda teve a humildade de
cuidar de seus bens materiais.

25 Louvado seja Santo Alighieri, redator supremo do diário
universal.

26 Louvado seja São Voltaire, que continua a iluminar a
estupidez calculada, ou empolgada, e a cancerosa máscara do
homem.

27 Louvado seja São Jônatas Swift, que ficou louco depois
de ter sido o lúcido, e apanhava depois de velho.

28 Louvado seja São Pascal, com o matematismo de sua
angústia.

29 Louvado seja São Hermano Melville, assombrado com o
que viu, ou não viu.

30 Louvado seja São Walt Whitman, que a certos momentos
parece ter santificado as coisas.

31 Louvado seja Santo Heráclito, que falou o essencial
sobre a fantasmagoria do tempo e do espaço.

32 Louvado seja Santo Henrique Ibsen, com os seus olhos
dramáticos.

33 Louvado seja São Calderón de la Barca, pois a vida é
sonho.

34 Louvado seja São Mateus Arnold, pelos versos da praia
de Dover, pois a vida não é sonho.

35 Louvado seja São Frederico Nietzsche, que foi um deus
desenganado.

36 Louvado seja São Paulo Valéry, que chegou cedo demais
a minhas mãos.

37 Louvado seja São Mallarmé, que santificou uma
prostituição tão velha quanto a outra.

38 Louvado seja São Goethe, que sabia tudo, mesmo
quando não sabia.

39 Louvado seja São Tomás Eliot, pela assepsia esquelética
de seu verso.

40 Louvado seja São Guilherme Blake, que nos faz olhar
com medo a simetria do tigre.

41 Louvado seja Santo Afonso Daudet, que foi um grande
escritor menor. Ou maior.

42 Louvados sejam os Santos Gregos, com as tentativas
tocantes de um mundo amalgamado de caos e harmonia.

43 Louvada seja a Santa Sabedoria, da Índia, da China, da
Santa Bíblia.

44 Louvados sejam Santo Ovídio, e São Catulo, com seus
carnes de carne.

45 Louvada seja a Santa Poesia, que articulou para mim o
absurdo.

46 Louvado seja o Santo Ritmo, que me tornou suportável a
via dolorosa.

47 Louvada seja a Santa Semântica, capaz de desmontar a
máquina do mundo.

48 Louvado seja o Santo Humor, que se ri da minha
desagregação.

50 Louvada seja a Santa Forma.
Louvado seja o Santo Espírito.
Louvada seja a Santa Forma.
Louvado seja o Santo Espírito.

CANTIGA PARA HÉLIO PELLEGRINO

Boi. A tarde esmorece do que foi.
Do que será noturno é que se tece o boi.

DEPOIS DE RELER O MANIFESTO SURREALISTA

Se eu fora rei venderia minhas terras a perder de vista
 Se eu fora médico interviria na clâmide da desavença
 Se eu fora para morrer reabriria o debate da gestação
 Se eu fora torneiro iria contornando contornando
 5 Se eu fora calme bloc ici-bas chu d'un désastre obscur meu nome
 seria Edgar Allan Poe
 Se eu fora carpinteiro emolduraria o A no O
 Se eu fora advogado sorriria no forum ao cair da tardinha mas de
 blusão
 Se eu fora pseudópodo prosseguiria prosseguiria
 Se eu fora bom da bola bloquearia a área de atrito
 10 Se eu fora Maricá só pediria pensamentos aos muares licenciados
 Se eu fora um moinho à beira do Floss investigaria lentos eflúvios
 Se eu fora corretor da Bolsa nas horas vagas musicaria madrigais
 Se eu fora tímido impressionaria os tímidos
 Se eu fora árvore traduziria mais poesia para os campos Mendes
 15 Se eu fora o mal sussurraria ao bem o mais doce conselho
 Se eu fora Tom Mix sumiria na cacofonia do cinematógrafo
 Se eu fora magistrado internaria o erótico no indevassável ventre
 de uma virgem
 Se eu fora mogno de relógio repetiria a música das esperas
 Se eu fora pobre-pobre cataria no meu saco enorme os misereres da
 poluição
 20 Se eu fora inglês perguntaria "What is this my people?"
 Se eu fora menestrel menestrel seria das irmãs Carneiro entre
 Conceição e Capelinha
 Se eu fora dado a palíndromos cunharia pelo avesso o animal sob
 lâmina
 Se eu fora "relais" cumpriria o meu dever
 Se eu fora explorador do círculo polar antártico pediria fuego ao
 primeiro Prometeu de Mar del Plata
 25 Se eu fora proletário contribuiria para o mausoléu dos milionários
 Se eu fora empresarial impediria que Margarida me perturbasse
 Se eu fosse o Senhor investiria numa empresa fora deste mundo
 Se eu fora o Y comeria cedilhas com ricas folhinhas
 Se eu fora um domingo paulistano molharia os namorados
 devagarinho
 30 Se eu fora artista concederia mil entrevistas a Leda de "O Cisne"
 Se eu fora João-de-barro importaria minhas cláusulas ao BNH
 Se eu fora Portugal exigiria a volta de Camões por um édito do ano

da graça
 Se eu fora um noturno tentaria saber da lua se ainda há tílias em
 Berlim
 Se eu fora bem-te-vi viria te ver no banho-maria
 35 Se eu fora bem pago teria certa relutância aos carteiros
 Se eu fora apaniguado dos Medici embolaria a guarda do pretório
 Se eu fora intervalo entre já e jamais iria como sempre de não-me-
 toques
 Se eu fora estilista ajudaria Jesus a descer pela coluna dos fundos
 Se eu fora moralista the nightingale piaria de madrugada
 40 Se eu fora baiano batucaria baiano sou no batucajé do Empire Bahia
 Building
 Se eu fora infinito pessoal deixaria em casa o guarda-chuva
 Se eu fora subversivo só beberia cicuta dissoluta em coca
 Se eu fora amor não saberia dizer se eu seria animal vegetal ou
 mineral
 Se eu fora Lord Cardigan pediria pra ser o Doutor Livingstone
 45 Se eu fora uma errata a culpa seria toda minha
 Se eu fora Stalin pediria que me retribuíssem pelo menos o cadáver
 de Vladimir
 Se eu fora capitão-de-mar-e-guerra intentaria amar à tona
 Se eu fora a massa multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz
 você desfaleceria de tanto orgulho da minha energia
 Se eu fora a Vitória de Samotrácia sairia agora mesmo voando para o
 meu torrão natal
 50 Se eu fora chantecler nos dias do terror passaria de passagem por
 Paris
 Se eu fora leão comeria o decurião deixando o cristão para um
 domingo sem circo e sem pão
 Se eu fora Blaise Cendrars daria um soco de cotoco nos cones de
 Pascal
 Se eu fora mansão imperial em Botafogo estaria hoje com um pé na
 cova latejante
 Se eu fora pernóstico venderia tudo para comprar a ordem da
 Jarreteira
 55 Se eu fora Mário Vianna escreveria cammpos com dois emes
 Se eu fora água limpa de roupa e tudo te beberia
 Se eu fora mineiro mineiraria no silêncio das marianas
 Se eu fora consoante fricativa coitadinhas dessas vogais que se
 mandam de grinaldas pelos bosques
 Se eu fora tabagista e tivera passado por Lisboa teria dado
 preferência à tabacaria favorita do Esteves
 60 Se eu fora datilógrafo datilograria dactil dat dáctilos
 Se eu fora Manuel Bandeira me hastearia

Se eu fora um hífen empreenderia a transa ciclópica de todos os
seculorum:

Manhattan Chase - - - - - São Francisco de Assis

Se eu fora gêmeo de mim mesmo um de mim teria que morrer

65 Se eu fora maquinista de trem acabaria afinal o meu desenho infantil

Se eu fora colateral de Deus jogaria lá na frente

na zona do perigo do chiaroscuro

entre os santos e os anjos

e os doidos

70 e os leprosos

e os suicidas

e Isaías

e Verlaine e Ovalle e Bach e Hölderlin e El Greco e Leopardi e

Blake

e as duas Marias

75 e as trombetas dos arcanjos beijudos do jazz

CANTIGA PARA TOM JOBIM

Quem for além simplesmente
deste espelho transparente
há de sumir? ou se ver?
relembrar? ou esquecer?
5 Quem for além simplesmente
deste espelho transparente
há de sentir? ou sonhar?
prosseguir? ou regressar?
Mas quem achar uma seta
10 que lhe apontar o sentido
neste espelho, há de se achar
no paraíso, perdido,
onde achará o poeta,
de repente ou devagar.

LITANIA DA LUA

- Lua dos parques fantásticos de Verlaine,
lua que faz sonhar os pássaros e soluçar de êxtase os chafarizes,
lua dos jasmims e dos lilases de Juan Ramon Jiménez,
quando Beethoven chorava sob mãos brancas ao piano,
5 lua das estradas líquidas de Antônio Nobre,
lua negra de veludo,
eterna freira dos conventos do céu,
sol de Portugal,
adeus para nunca mais!
- 10 Lua do silêncio eterno do espaço infinito de Pascal,
lua de pedra de Sócrates,
Artêmis ao mesmo tempo,
lua lúcida,
lua das montanhas de Minas de Augusto de Lima,
15 quando chora ao longe uma flauta e um violoncelo chora,
lua fosforescente de Lawrence,
caravela perdida no mar alto de Alphonsus,
relógio a medir a eternidade celeste,
corola do tempo submersa no céu,
20 lua de Neruda,
adeus para nunca mais!
- Lua atroz do menino Rimbaud,
amiga dos insensatos de Paul Valéry,
branca e pequenina lua de Vinicius,
25 lua dos dez mil narcisos dourados de Wordsworth,
pálida hermafrodita de Lautréamont,
lua velha com a lua nova nos braços de Sir Patrick Spence,
flor noturna de William Blake,
lua inconstante de Shakespeare,
30 lua isenta, serena e fiel de Cecília,
lua a envolver os noivos abraçados e os soldados já frios,
lua hirta das galharias de Mário Quintana,
lua das fragatas de marfim,
lua dos corredores dos hospitais,
35 adeus para nunca mais!

Lua casta de Ben Jonson,
 lua das candeias mortas das cantigas de roda,
 lua do lunólogo Laforgue,
 lua das núpcias de Laforgue,
 40 virgem carregada de fogo branco de Shelley,
 lua urbana e doente de Baudelaire,
 vaca celeste de Jaime Ovalle,
 branca tartaruga adormecida,
 Verônica do sol,
 45 lua morena,
 unicórnio gris e verde,
 lua-lua de Lorca,
 lua das sandálias de prata de Walter de la Mare,
 dos frutos de prata em árvores de prata,
 50 das patas prateadas dos animais,
 das plumas prateadas dos pombos,
 lua dos peixes prateados em rios de prata,
 lua dos desesperos galeses de Dylan Thomas,
 galeão fantasmagórico, em mares nevoentos de Alfred Noyes,
 55 lua russa e glacial de Chagall,
 lua das tristezas concretas de Debussy,
 lua de cara rachada pela varíola de T. S. Eliot,
 lua desmemoriada a piscar o olho nas esquinas,
 lua dos sonhos brancos de Cruz e Souza,
 60 lua das inconsoláveis esperanças,
 dos trêmulos martírios,
 lua das flores amargas da morte,
 lua lutuosa,
 clorótica,
 65 adeus para nunca mais!

Lua que se empoleira no espigão,
 condescendente amiga das metáforas,
 lua de Mário de Andrade,
 lua de Murilo Mendes,
 70 onde talvez o demônio ainda não tenha penetrado,
 lua de Augusto Frederico Schmidt,
 cansada, frágil, pálida,
 tangida pelo vento como um barco de louras velas enfunadas,
 lua que Li-Po foi buscar bêbado no fundo de um lago,
 75 lua turva e clara do primeiro céu de Dante,
 lua do sertão de Catulo da Paixão Cearense,
 lua dos quartos de dormir de Lamartine Babo,
 lua das pastorinhas de Noel,

Lady Godiva de Tennyson,
 80 lua de Arno Holz,
 imensa, rubra, suave como sonho,
 lua de Raimundo Correia,
 lua dos tristes e enamorados,
 golfão de cismas fascinador,
 85 astro dos loucos,
 sol da demência,
 adeus para nunca mais!

Lua morta no céu entrevado de Byron,
 lua plácida de Goethe,
 90 olhar terno de amigo entre a alegria e a dor,
 lua sagrada a surgir das montanhas da Ásia de Hölderlin,
 lua serena a brincar sobre as vagas de Victor Hugo,
 lua dos bosques argênteos de Morgenstern,
 lua alta a campear sinistra de Soares de Passos,
 95 lua dos vestidos de noivado da rainha de Gomes Leal,
 lua da loucura a fitar no espaço,
 lua irmã de Francisco de Assis,
 lua de Assunción Silva,
 cheia e branca do noturno de murmúrios e perfumes,
 100 quando as sombras se buscam nas tristezas e nas lágrimas,
 lua a brilhar no límpido espelho de Antônio Machado,
 lua de março despida pelo vento de Langston Hughes,
 lua de Fernando Pessoa na estrada de Sintra perto de meia-noite,
 lua da linda barquinha bailando no mar,
 105 lua nova de Manuel,
 lua irônica e diurética de Drummond,
 lua embuçada de James Joyce,
 lua do olvido depois da tormenta de Cecil Day Lewis,
 lua sinistra sobre a paz do mundo de Augusto dos Anjos,
 110 lua sangrenta das batalhas de Homero,
 lua silenciosa de Virgílio,
 lua da triste e leda madrugada de Camões,
 lua do adeus, adeus,
 adeus para nunca mais!

CANTIGA PARA DJANIRA

O vento é o aprendiz das horas lentas,
traz suas invisíveis ferramentas,
suas lixas, seus pentes-finos,
cinzela seus castelos pequeninos,
5 onde não cabem gigantes contrafeitos,
e, sem emendar jamais os seus defeitos,
já rosna descontente e guaia
de aflição e dispara à outra praia,
onde talvez possa assentar
10 seu momento de areia — e descansar.

Publicado antes em G (1977), p. 111.

v. 9 G: talvez enfim possa

EPITÁFIO

Se a treva fui, por pouco fui feliz.

Se acorrentou-me o corpo, eu o quis.

Se Deus foi a doença, fui saúde.

Se Deus foi o meu bem, fiz o que pude.

5 Se a luz era visível, me enganei.

Se eu era o só, o só então amei.

Se Deus era a mudez, ouvi alguém.

Se o tempo era o meu fim, fui muito além.

Se Deus era de pedra, em vão sofri.

10 Se o bem foi nada, o mal foi um momento.

Se fui sem ir nem ser, fiquei aqui.

Para que me reflitas e me fites

estas turvas pupilas de cimento:

se devo a vida à morte, estamos quites.

PRÉ-OPERATÓRIO

Il pense qu'il va mourir, enfin et déjà
PHILIPPE SOUPAULT

Antigamente o crime compensava.
O mal, à flor do crime adolescente,
o mal fazia bem ao delinquente.
Do mal à flor uma canção bastava.

5 Do crime agora sobra a sica rouca.
Lesma a tisnar o ar com sua baba,
sem a haste do aroma, a flor desaba.
Sem endereço a alma acaba louca.

10 Se a carne é certa, a alma é nebulosa.
Sumiu do muro a porta clandestina.
E é como converter poema em prosa:

Dividido na sua identidade,
babando, bambo, o cão chega à esquina
em que se esfuma o cio da cidade.

BALADA DE AMOR NA PRAIA

Ai como sofre o corpo que se esfrega
no corpo que se entrega e não se entrega

é como a convulsão da preamar
a querer atirar o mar no ar

5 a onda rija bate como espada
nos musgos da mulher ensolarada

guelras arfantes pernas semifusas
grifam sombras morenas de medusas

10 e a verde rocha em V vê o duelo
do peixe azul fígado no amarelo

compondo um bicho humano sobre a praia
que se desfaz em rendas e cambraia

moluscos musculares do desejo
decápode do homem – caranguejo

15 anêmonas e polvos complacentes
a resvalar de abismos inocentes

como se amar no mar fosse encontrar
nossa animalidade elementar

20 ou fosse o ser na praia (duplicado
de amor) bicho de amor do mar gerado

cujas garras fatais persuasivas
deslizam pelas angras sensitivas

pelos quadris que dançam pelos frisos
conjugais – ziguezague de mil guizos –

25 garras que buscam a melhor textura
no ventre no pescoço na cintura

já quase a devorar a lua cheia
no litoral do céu feito de areia

30 e o sol diz nomes feios para a lua
pedindo que ela entenda e fique nua

para que possa a coisa hermafrodita
mudar a vida breve em infinita

e quando enfim de amor o bicho – arraia
na confusão voraz freme e se espraia

35 é como a convulsão da preamar
que conseguiu jogar o mar no ar

PARA RONIQUITO

Hamurábi fez um traço
entre o haver e o dever
sem distinguir o trespasso
de meu ser para não ser

5 Ser-me o perder:
cosmoextorsão
de ser não ser

Euclides se fez o deus
de três seios de harmonia
10 mas não resolveu os meus
escalenos de agonia

Tritão sem haste:
cosmoincisão
de ser contraste

15 Arquimedes fez moitão,
roldana, roda dentada,
mas não levantou do chão
o que sou por não ser nada

Nada de lama:
20 cosmoextrusão
que suja a cama

Alexandre fez a Pérsia,
plantou cidades no grito,
só parou ante a inércia
25 que fui às portas do Egito

Egito é quando:
cosmoextinção
de onde eu ando

Descartes fez do que viu
30 intuição, dedução,
mas não viu nem intuiu
o sim vomitando não

35 Não-sim flamante:
cosmo inversão
do ser arfante

Só o poeta arbitrário
com seus estilos sem corte
tenta o sentido contrário
para rasgar o sudário
40 que me veste mal na morte

Soluços finos
dos violinos

INSÔNIA^{xv}

Maria falando sobre música tristíssima de Albeniz
 madrugada de garoa em Barbacena
 menino doidinho puxando a orelha de Frei Lourenço
 frade redondo fazendo fumaças redondas com o charuto
 5 estou brigando com Vaquinha na porta da capela
 onde está a machadinha de mamãe?
 meu Polar 22 flores amarelas
 Branquinho vem voltando bonito ao pombal
 como a beleza exaspera
 10 que alvoroço de uma tarde irreparável
 Luís me emprestou as obras completas de Verlaine
 Tarzã o filho da selva
 Jacala o crocodilo
 um cartão perfumado de Dorly nos Pensamentos de Pascal
 15 Winetou morre no refeitório lágrimas no ensopadinho
 morre o leitor de Winetou chamava Cifuentes
 menininhas atirando beijos do adro

Padre Questor percorrendo sobre Déspotas Esclarecidos
 um vaticínio agudo na chieira do carro de boi
 20 olho do gatinho estourado pela pedra
 cavalo mete a cabeça na janela do hotelzinho
 é Bernanos que voltou de Cruz das Almas
 flores amarelas
 monges budistas no aeroporto
 25 japoneses tomam sopa fazendo um ruído de ralo
 febre e delírio
 ajoelho aos pés de meu avô chorando a fortuna que devo
 Maria falando sobre a música tristíssima de Albeniz
 flores amarelas flores amarelas
 30 acordo coberto de formigas
 tuberculoso quer morder o ar e morre
 Pedrinho Paulista desce do trem e morre no jardim
 primeiro circo desfilando na rua
 olhos de Vivien Leigh na Ponte de Waterloo
 35 Frei Rufino a grande velocidade
 res rei rei rem res re
 latim é muito fácil
 o raio com estrépito no pátio enlameado
 dois pretos se trucidando em sangue no bar da cidade
 40 a mulata gorda dança de manhã no bar da Praça da República

Maria Albeniz tristíssima
flores amarelas
pestanas arqueadas
olhos verdes azuis castanhos
45 mão trêmula descalçando luva
glissant de l'épaule à la hanche
la chemise aux plis nonchalants
comme une tourterelle blanche
vient s'abattre sur ses pieds blancs
50 flores amarelas
barcos apodrecendo no parque
la gare Saint-Lazare
un dimanche d'été à la Grande Jatte
Palermo
55 o general de Garibaldi dentro do esquife
general peludo coberto com lençol
menina que morreu de queda quando nasci
bispos enormes alçados nas paredes
sol na bruma seca de setembro
60 flores amarelas
Maria tristíssima
indefinidamente o fiozinho
flores amarelas levadas pelo vento Maria

RELÓGIO DE SOL

De todas as minhas façanhas
a que me dói mais lentamente
é sentir nas minhas entranhas
o meu coração arbitrário
5 girando em sentido contrário
à parábola do poente.

DECLARAÇÃO DE MALES

Ilmo. Sr. Diretor do Imposto de Renda:
antes de tudo devo declarar que já estou (parceladamente) à venda.

Não sou rico nem pobre, como o Brasil, que também precisa de boa parte do meu
[dinheirinho.

Pago imposto de renda na fonte e no pelourinho.

5 Murchei em colégio interno durante seis anos.
Não cheguei ao fim de nada, a não ser de desenganos.

Fui caixeiro. Fui redator. Fui bibliotecário.
Fui roteirista e vilão de cinema. Fui pagador de operário.

Já estive (sem diagnóstico) bem doente.
10 Fui acabando confuso e autocomplacente.

Deixei o futebol por causa do joelho.
Viver foi virando dever e fui entrando no vermelho.

No Rio (que eu amava), o saldo devedor
já há algum tempo que supera o saldo do meu amor.

15 Não posso beber tanto quanto mereço,
pela fadiga do fígado e a contusão do preço.

Sou órfão de mãe excelente.
Outras doces amigas morreram de repente.

Não sei cantar. Não sei dançar.
20 A morte há de me dar o que fazer até chegar.

Publicado antes em G (1977), p. 106-107.

Na versão publicada em G, o poema
não tem divisão estrófica.

- v. 1 G: Renda.
- v. 2 G: , parceladamente,
- v. 6 G: mas nunca cheguei [...] dos meus enganos.
- v. 9 G: , sem diagnóstico,
- v. 12 G: e entrei aos poucos no vermelho
- v. 13 G: , que eu amava,

Uma vez quis viver em Paris até o fim.
Mas não sei grego nem latim.

Acho que devia ter estudado anatomia patológica.
Ou pelo menos anatomia filológica.

25 Escrevo aos trancos e sem querer.
Há contudo orgulhos humilhantes no meu ser.

Será do avesso dos meus traços que faço o meu retrato?
Sou um insensato a buscar o concreto no abstrato.

30 Minha cosmovisão é míope, baça, impura.
Mas nada odiei, a não ser a injustiça e a impostura.

Não bebi os vinhos crespos que desejara.
Não me deitei nos sossegos verdes que acalentara.

Sou um narciso malcontente da minha imagem.
Jamais deixei de saber que vou de torna-viagem.

35 Não acredito nos relógios... *the pale cast of thought...*
Sou o que não sou (*all that I am I am not*).

Podia talvez ter sido um bom corredor de distância:
correr até morrer era a euforia da minha infância.

40 O medo do inferno torceu as raízes gregas do meu psiquismo.
Só vi que as mãos prolongam a cabeça quando já me perdera no egotismo.

Não creio contudo em *my self*.
Nem creio que possa revelar-me em *other self*.

v. 21 G: fim, / mas

v. 23 G: patológica / ou

v. 25 G: querer / e há

v. 29 G: impura, / mas

v. 31 G: desejara, / não me deitei sobre os

v. 33 G: imagem / e jamais

v. 36 G: sou

v. 37 G: ter sido talvez

v. 39 G: psiquismo

v. 40 G: e só [...] quando me

v. 42 G: creio mais que

Não soube buscar (em que céu?) o peso leve dos anjos e a divina medida.
Sou o próprio síndico da minha massa falida.

45 Não amei com suficiência o espaço e a cor.
Comi muita terra antes de abrir-me à flor.

Gosto dos peixes da Noruega; do caviar russo; das uvas de outra terra.
Meus amores pela minha são legião, mas vivem em guerra.

Fatigante é o ofício para quem oscila entre ferir e remir.
50 A onça montou em mim sem dizer aonde queria ir.

A burocracia e o barulho do mercado me exasperam num instante.
Decerto fui crucificado por ter amado mal meu semelhante.

Algum deus em mim persiste.
Não soube decidir entre a lua que vemos e a lua que existe.

55 Lobisomem, sou arrogante às sextas-feiras, menos quando é lua-cheia.
Persistirá talvez também, no rumor da tormenta, algum canto de sereia.

Deixei de subir ao que me faz falta, não por virtude.
Meu ouvido é fino e dói à menor mudança de altitude.

Não sei muito dos modernos e tenho receios da caverna de Platão.
60 Vivo num mundo de mentiras captadas pela minha televisão.

Jamais compreendi os estatutos da mente.
O mundo não é divertido, afortunadamente.

E mesmo o desengano
talvez seja um engano.

v. 43 G: medida:
v. 44 G: sou [...] de minha
v. 47 G: Noruega, [...] russo, [...] terra; / meus
v. 52 G: Decerto sou
v. 53 G: persiste / mas não
v. 57 G: , mas não por virtude: / meu
v. 59 G: Platão: / vivo
v. 63 G: E mesmo o desengano talvez seja um engano.

CANTIGA PARA MÁRIO QUINTANA

Sei lá eu porque eu canto!
Nem sei se é canto... ou espanto...
Talvez cante sem querer...
Talvez pra ver... ou não ver...
Pra lembrar... ou esquecer...
Ou viver... ou reviver...
— Eu não tenho o que fazer!

NASCIMENTO DO DIA

- Será esta a minha última casa?
 Estou a escutá-la, a medi-la,
 enquanto flui a breve noite interior que sucede ao meio-dia.
 Crepitam na varanda as sebes novas.
- 5 O inseto tritura brasa entre os élitros.
 Grita no pinheiro a ave avermelhada.
 O vento do poente, atento sitiante de meus muros,
 deixa em paz o mar denso e duro de rígido azul.
 Ficarei fiel a esta casa? Tão comum que não pode ter rivais.
- 10 Tilintam as garrafas enviadas ao poço
 de onde virão para o jantar, mais frescas.
 Não esquecer de regar as dalias, as balsaminas, as jovens tangerineiras
 (de raízes incapazes de beber nas profundezas
 e sem força para verdecer sozinhas sob o fogo constante do céu).
- 15 Os gatos saltarão sobre as falenas.
 Os cães, já retirados do mundo, pensarão em novo amanhecer.
 Amanhã apanho de surpresa a alva rubra sobre as tamargueiras, molhadas de orvalho
[salino,
 no caminho que retorna da noite, da bruma, do mar.
- Terei chegado aonde não mais se recomeça?
- 20 Pouco a pouco, no encolhido domínio rural,
 na serenidade, cujo hálito sinto a distância
 — promessa de chuva suspensa sobre minha vida ainda tormentosa —
 pouco a pouco reconheço o caminho de volta.
- Só me restam dois ou três amigos de todos que me acreditaram perdida em meu
[primeiro naufrágio:
- 25 gosto de guardar o que promete durar além do meu termo.
 Só meus sonhos ressuscitam às vezes um amor defunto
 (o amor lavado de seus prazeres breves e localizados).
 Em sonho acontece: um dos meus amores recomeça com uma confusão
 de olhares traduzíveis em duas ou três versões contraditórias.
- 30 Uma pequena asa de luz bate entre os dois contraventos e toca a mesa,
 que retorna como eu da Bretanha.
 Onde a mulher teve um amor feliz é terra natal.
 Onde se curou da dor de amar, também nasceu.
 Esta costa azul de sal, embandeirada de tomates e pimentões,
- 35 é duas vezes minha. Que riqueza,
 e quanto tempo a ignorá-la, ó meus bens tardios!

A cor mortiça da penumbra marca o fim da sesta.
 Cresce o mistral. Ressoará todo o golfo côncavo como um búzio.
 Com moderada impaciência, espero que se retire o visitante
 40 que já empurra sob a porta uma singular homenagem
 de pétalas murchas, de areia, de sementes moídas miudamente,
 e já não tenho quarenta anos para voltar o rosto a uma rosa que se fana.
 Homem, meu amigo, quer respirar comigo?
 Sempre amei a tua companhia.
 45 Fiquemos juntos: não tens mais razão, agora, de deixar para sempre
 uma mulher que escapa à idade de ser mulher.
 Uma das banalidades da existência, o amor, retira-se da minha:
 o resto é alegre, variado e numeroso.

Diferiu o mistral sua ofensiva.
 50 Nada pretendo mais,
 a não ser o inacessível.
 Alguém me assassinou para que eu seja tão doce?
 Não. Há muito que conheci — testa contra testa, pernas misturadas —
 os verdadeiros maus. O mau, verdadeiro, puro, artista,
 55 é raro encontrá-lo, ainda que seja uma só vez na vida.
 Mesmo inclinada à indulgência da terceira hora da manhã,
 nem mesmo no passado alguém me assassinou.
 Sofrer, sim, sofrer, sei sofrer.
 Mas é grave sofrer? Talvez seja só uma criancice,
 60 uma ocupação sem dignidade, tão pouco venerável quanto a velhice e a doença.
 Não há companhia tão boa que não se deixe
 e aqui me empenho em despedir-me cortesmente.
 Adeus, meu homem.

Um palor azul avança sobre o meu leito.
 65 O cheiro do mar me previne que estamos tocando o instante em que o ar é mais frio do
 [que a água.
 É bom dormir.

(Desentranhado dos três primeiros capítulos do
 romance *La Naissance du Jour*, de COLETTE.)

RISCO DE BORDADO

Minhas afeições não valeram.
Cheguei a procurá-la,
Maria.
Nos espelhos.
5 Nas barbearias.
Nos teatros.
Nos campos de futebol.
Ponto.
Cruz.
10 Laçada.
Morte.

BALADA DE AMOR PERFEITO

Pelo pés das goiabeiras,
pelo braços das mangueiras,
pelas ervas fraticidas,
pelas pimentas ardidadas,
5 fui me afluorando.

Pelos girassóis que comem
giestas de sol e somem,
por marias-sem-vergonha,
dos entretons de quem sonha
10 fui te aspirando.

Por surpresas balsaminas,
entre as ferrugens de Minas,
por tantas voltas lunárias,
tantas manhãs cinerárias,
15 fui te esperando.

Por miosótis lacustres,
por teus cântaros ilustres,
pelos súbitos espantos
de teus olhos agapantos,
20 fui te encontrando.

Pelas estampas arcanas
do amor das flores humanas,
pelas legendas candentes
que trazemos nas sementes,
25 fui te avivando.

Me evadindo das molduras
de minhas albas escuras,
pelas tuas sensitivas,
açucenas, sempre-vivas,
30 fui me virando.

Pela rosa e o resedá,
pelo trevo que não há,
pela torta linha reta
da cravina do poeta,
35 fui te levando.

Pelas frestas das lianas
de tuas crespas pestanas,
pela trança rebelada
sobre o paredão do nada,
40 fui te enredando.

Pelas braçadas de malvas,
pelas assembléias alvas
de teus dentes comovidos
pelo caule dos gemidos
45 fui te enflorando.

Pelas fímbrias de teu húmus,
pelos reclames dos sumos,
sobre as umbelas pequenas
de tuas tensas verbenas,
50 fui me plantando.

Por tuas arestas góticas,
pelas orquídeas eróticas,
por tuas hastes ossudas,
pelas ânforas carnudas,
55 fui te escalando.

Por teus pistilos eretos,
por teus acúleos secretos,
pelas úsneas clandestinas
das virilhas de boninas,
60 fui me criando.

Pelos favores mordentes
das ogivas redolentes,
pelo sereno das zínias,
pelos lábios de glicínias,
65 fui te sugando.

Pelas tardes de perfil,
pelos pasmados de abril,
pelos parques do que somos,
com seus bruscos cinamomos,
70 fui me espaçando.

Pelas violas do fim,
nas esquinas do jasmim,
pela chama dos encantos
de fugazes amarantos,
75 fui me apagando.

Afetando ares e mares
pelas mimosas vulgares,
pelos fungos do meu mal,
do teu reino vegetal
80 fui me afastando.

Pelas gloxínias vivazes,
com seus labelos vorazes,
pelo flor que se desata,
pela lélia purpurata,
85 fui me arrastando.

Pelas papoulas da cama,
que vão fumando quem ama,
pelas dúvidas rasteiras
de volúveis trepadeiras
90 fui te deixando.

Pelas brenhas, pelas damas
de uma noite, pelos dramas
das raízes retorcidas,
pelas sultanas cuspidas,
95 fui te olvidando.

Pelas atonalidades
das perpétuas, das saudades,
pelos goivos do meu peito,
pela luz do amor perfeito,
100 vou te buscando.

4.1.7 ARQUITETURA

Seção publicada pela primeira vez em 1979 (*Poemas*)

FOGÃO: DOLORES

DOLORES ERA O NOME DE DOLORES.
CHAGAS VIVAS DE CRISTO SUAS DORES.

TAL QUAL NO SEU ALTAR FOI ABRAÃO.
SOBRE O FOGO ESTENDIA O CORAÇÃO.

5 EU LIA-LHE LOBATO TODO DIA.
ESCURA COM OS ÓLEOS DE MARIA.

O SEU PERNIL DO CÉU ERA UM PERNIL.
COMO SÃO JOÃO DA CRUZ SANTO E SUTIL.

10 DOLORES DE VELUDO ERA DOLORES.
CHICOTADAS DE CRISTO SEUS AMORES.

SEU ESPAÇO NO MUNDO FOI BEM GRANDE.
E AQUELA PAZ DE BRAQUE OU DE MORANDI.

MENINICE DE CRISTO SUAS FLORES.
DOLORES ERA A GRAÇA DE DOLORES.

SALA DE JANTAR

FALTAVA UM TEMA A NOSSA COMPANHIA,
FALTAVA A NOSSA MESA CERTO ESPAÇO:

O MAR EM NOSSA CASA NÃO BRAMIA,
MAR DE GRAVURA DÁ CERTO EMBARAÇO.

5 A CHUVA DE REPENTE ERA ALEGRIA,
À FALTA DE AMPLIDÃO PARA O FRACASSO:

A SERRA DO CURRAL NOS ELIDIA,
O MAR DAS ELEGIAS TRAZ CANSAÇO.

O MAR A NOSSA GENTE NÃO CURTIA,
SÓ O CÉU NOS ABRIA SEU COMPASSO:

10 SÓ O DENTE DO SAL NOS CONHECIA,
SÓ NO PRATO DE SOPA ERA O SARGAÇO.

SO NO PANO UM BRIGUE ESTREMECIA.
SÓ NA VAGA DO VENTO NOSSO ABRAÇO.

PORÃO

DESLAÇANDO AS MEADAS DESTE VÉU,
ENCONTRO OS OUTROS ONDE ESPERO O SÓ —

ENQUANTO VOU CAINDO PARA O CÉU.

5 NO REVERSO DO MUNDO EM PROPAGANDA,
UM DOCE DESCOMPASSO DE CIRANDA
TRAZ A MIM, SOMBRA EM FLOR, A MINHA AVÓ.

10 MENINO-SOL REINANDO NO PORÃO,
AQUI ANDEI SEM MEDO E SEM DEGREDO,
BRINCANDO DE BUSCAR O MEU BRINQUEDO
AONDE SÓ SE VÊ ESCURIDÃO.

A ODISSÉIA DO PORÃO COSTURA
A LUZ DO SOL ÀQUELA LUZ ESCURA
QUE VAI ABRINDO OS OLHOS DA CRIANÇA.

NO SUBSOLO TAMBÉM HÁ ESPERANÇA.

ESCRITÓRIO: ACHANDO ELEGIA

DAQUI RESTA DE MIM O REPERTÓRIO
DAS MÁSCARAS, UM DRAMA DE VIVÊNCIAS,
FUGAS, SUBLIMAÇÕES, AMBIVALÊNCIAS,
MARES, TEATROS, FAIAS, DE ESCRITÓRIO.
5 MENINO, AQUI, NUMA SEMANA SANTA,
CURVO E SEM RUMO, A REVOAR, ACHEI
O JARDIM SEPULCRAL DE THOMAS GRAY:
QUE, DESDE CEDO, AQUELE QUE SE ESPANTA,
SOZINHO, EM FESTA, MONTA A SUA VIDA
10 NAS PEÇAS DE CORDEL DO CLAUSTRO HUMANO,
PARA SEGUIR ALÉM DE SEU ENGANO,
E DESTE LABIRINTO ACHAR SAÍDA.
NAS TRAMAS DO ABAJUR, ARTE POÉTICA,
A VIDA TEM DE SER A LUZ HERMÉTICA.

"SOLITUDE BLEUE": CONVERSA FIADA NO JARDIM

A BUGANVÍLIA BRIQUE SUTILIZA
UM EROS SONOLENTO E SEM NARIZ.

PODE UM DEUS ALEIJADO SER FELIZ?

QUANDO TE RIS EM FLOR, SE RI A BRISA.

5 QUE FAZ UM ESPANTALHO CONTROVERSO
NESTE JARDIM MADURO?

PROSA. VERSO.
MEU MAL DE MALLARMÉ FOI EM PARIS:
A SOLIDÃO AZUL NÃO ME HORRORIZA.

10 A TARDE, POR UM FIO, NARCOTIZA
O AMOR DE TERRACOTA EM VERDE-GRIS.

O RELÓGIO DE SOL FOI O MEU ERRO.

QUE PASSO INCERTO AMAR ESTE DESTERRO!

O SEM-FIM VIM BUSCAR NESTE JARDIM
DO QUAL ME CABEM SÓ HORAS DE MIM.

VARANDA

DE LÁ SE VIA UM MURO TRANSPARENTE
E ALÉM UNS MARES LENTOS E FACUNDOS,
ROTEIROS RETORCIDOS, SUBMUNDOS
DE PORÕES RECRIADOS NUM REPENTE
5 DE LUZ DAS VESPERAIS DE ANTIGAMENTE,
TRILHAS NAVAIS, ROMANCES VAGABUNDOS,
ENTRELAÇADOS MARES ORIUNDOS
DE SER A GENTE UM ENTE DIFERENTE
QUE SÓ PRETENDE O QUE NÃO VÊ E VÊ
10 DE OLHOS LIMPOS AQUILO QUE NÃO HÁ,
GENTE DESMEDIDA QUE DESCRÊ
DE QUANTO EXISTE PARA VER E ESTÁ
SEMPRE ELUDINDO O MURO E QUE DEMANDA
O CÉU A TERRA O MAR DE UMA VARANDA.

JARDIM: AMANHECER

INTERMINAVELMENTE AGORA ME FASCINA
NO PEDESTAL DO TEMPO O MÓVEL MONUMENTO
DA ROSA A DESLIZAR NA PAZ DE SEU TORMENTO.

TALVEZ ASCENDA AO CÉU A ROSA QUE DECLINA.

5 DAS GRAÇAS DA MATINA À AVE VESPERTINA
PODE UMA QUEDA ALÇAR ALGUÉM AO FIRMAMENTO?

NÃO DIGO: APENAS LEGO A ROSA — EM TESTAMENTO
DESTA MANSÁ MANHÃ — À TARDE DE RAPINA.

10 SE DIGO, PODE SER QUE O CORVO ME DESDIGA.
MAS DIGO: VAI COMIGO UM DOIDO QUE ME RESTA.
AO AJUSTAR O SIM AO NÃO ME DESAVIM.

É SEMPRE DO INDIZÍVEL QUE SE FAZ CANTIGA.

AO ABRIR O PORTÃO DO DIA ME FAZ FESTA
COMO UM CÃO AMOROSO, INSTANTE, O MEU JARDIM.

FINIS CORONAT OPUS

ESTE SONETO COMO UM CEGO EM GAZA.

ESTE SONETO CHORA DE SE VER.

ESTE SONETO CHORA POR QUERER,
POR CHORAR, POR DOER, CHORA UMA CASA.

5 ESTE SONETO CHORA PORQUE TRAZ
NA SUA SALVA O BEM QUE NOS FAZ MAL.

CHORA NO ETERNO A GRAÇA TEMPORAL.

SE A CASA SE DESFAZ QUANDO SE FAZ,
ESTE SONETO CHORA SEM SENTIDO.

10 TALVEZ CHORE DO ASSOMBRO DE TER SIDO
SÓ GLOSA DO REFLEXO DUMA ROSA.

ESTE SONETO CHORA POR SER PROSA.

PROSA CERZIDA POR UM ARQUITETO
QUE JÁ SE DEMOLIU NO SEU PROJETO.

PROJETO

DE PAPEL E NANQUIM É UM BRINQUEDO
PERIGOSO, IDEAL, NOSSA MORADA.
DAS SUAS DIMENSÕES NOS É VEDADA
A QUARTA, QUE, TORCIDA PELO MEDO,
5 DOS PROJETOS HUMANOS FAZ PERGUNTAS.

SÃO REINTRANTES ESTAS DUAS PLANTAS:
NA PLANTA ALTA VÃO CHORAR INFANTAS,
NA PLANTA BAIXA VÃO SORRIR DEFUNTAS.

ESTE DIEDRO GEME COMO UM CÃO.
10 MAS DAS ARESTAS MIARÁS À LUA.

PARA ABRIR OU FECHAR A TUA RUA,
ESTES DOIS RISCOS TRAMAM TEU PORTÃO:
REGRESSA HORIZONTAL DAS PARALELAS
QUEM VERTICAL, GENTIL, ENTROU POR ELAS.

TANQUE DE ROUPA: SCHERZO

ERA UMA TARDE PASTORIL MINEIRA,
ERAM CIRROS E CÚMULOS MENTAIS,
ERA O DOLCE STACCATO DA TORNEIRA,
VIRAÇÕES DE OFFENBACH PELOS VARAIS,
5 ERAM TRÊMULOS BARROCOS DE ROSEIRA,
TRISSOS DE AMOR NAS FRINCHAS DOS BEIRAIAS,
ERA UMA TARDE ABRIL À BRASILEIRA,
ERA UMA TARDE ARDIL MINAS GERAIS.

E ERA NA TARDE TARDE REDUNDANTE
10 — LONGE VESTÍGIO EM MEIGO PERGAMINHO —
UM REFLUIR AZUL DE MAR DISTANTE.

ERA UMA TARDE ESTÁTICA DE DEUS.

MAS A BOCA DA NOITE DE MANSINHO...

E A TARDE ANIL RENDEU ALMA. ADEUS.

JARDIM NOTURNO: SCHERZO

AS BRUXAS CATAM RÃS PELAS BROMÉLIAS.
DA NOITE DE VALPÚRGIS CORRE SANGUE.
SUGA O VAMPIRO OS SAPOTIS DO MANGUE.
TUBERCULOSAS, TOMBAM AS CAMÉLIAS.

5 SEM SABER SE NASCEU OU É O FIM,
O GURI GRUDA A ALMA NA VIDRAÇA:
EM LUFADAS SONORAS DE DESGRAÇA
BEETHOVEN ANDA SOLTO NO JARDIM.

10 ROMPEM DO CHÃO DIABOS A GUINCHAR,
ANÕES FELPUDOS MIJAM NA PISCINA.

DÁ GRITOS INFELIZ CASUARINA
ACORRENTADA ÀS TRANÇAS DO LUAR.

DEPOIS (NUM DOCE ANDANTE) O CÉU SE DESINFLAMA.
E AÍ BEETHOVEN (BOM MENINO) VAI PRA CAMA.

BANHEIRO

AI! CIOS A VELAR NA LUZ DE OUTONO!
AI! DUVIDOSOS CÂNTAROS DO SONO!

OH! SAGRAÇÃO DE ESPOROS PENETRANTES!
AH! PRESILHAS DE PÁSSAROS ARFANTES!

5 AH! PRIMÍCIAS DOURADAS COMO UM TRONO!
OH! GAZELAS DISTENSAS DE ABANDONO!

AH! TRILHAS VACILANTES DE NEBLINAS!
OH! DRÍADES FRUÍDAS NAS PISCINAS!

10 OH! ALUSÕES MORENAS DE AZULEJOS!
AH! ESPELHOS PERVERSOS DE DESEJOS!

OH! CHAMA RETESADA EM MUSSELINAS!
AH! MUSGOS VIOLADOS DE MENINAS!

(À TARDE FAUNO E NINFA VÃO AO BANHO)

AH! OH! GAROA BRUSCA EM CÉU CASTANHO!

NOVENA

EM MAIO DE MARIA DAVA À SALA
UM HÁLITO DE MURCHAS LABIAIS,
UM MARULHAR TARDIO DE SENZALA,
UMAS CARCAÇAS PURGATORIAIS,
5 MAGRIÇAS CONVULSIVAS DA CABALA,
ENFISEMAS, MANTÉUS IMPERIAIS,
UM CORCUNDA GOYESCO DE BENGALA,
E CRIANÇAS DE TRANÇAS SEPULCRAIS.

AS REZAS CREPITANTES ERAM FESTAS
10 NAS QUAIS JAMAIS DEU FLOR UM MORIBUNDO:
IA-SE A MORTE EM BOGARIS QUE O VENTO
A TAPAS ENFIAVA PELAS FRESTAS.

NAS NOVENAS LATIA DO ALÉM-MUNDO
O CÃO QUE ME APARTAVA DO MOMENTO.

JARDIM: BOCA DA NOITE

RESSOAM NO JARDIM MEUS AMARELOS.

SEM HASTE A FLOR DISTENDE SEU PERFUME.

EM MIM SE IMBRICA O ALÉM DE MIM. O GUME
DA NAVALHA ARGUIU MEUS PARALELOS.

5 A BORBOLETA AJUSTA SEUS DUELOS
 COM O INCONSÚTIL, E, SUTIL, ASSUME
 O ABISMO QUE ME VAI DE VERME A LUME.

SE OS PASSOS QUE NÃO DOU SÃO OS MEUS ELOS,
AQUILO A QUE ME AGARRO É QUE ME PRENDE.

10 JÁ VOU ACHANDO O QUE NÃO MAIS PROCURO.
 NA TRANSFIGURAÇÃO DO CHIAROSCURO
 O QUE ME PRENDE AQUI JÁ SE DESPRENDE
 DO QUE SE VAI (SE FOR) E É MEU ENFIM
 QUEM VAI (SE FOR): É MEU JARDIM.

MURO, JARDIM, PAI

DEPOIS DO MAL NOTURNO, UM SOL PROFUNDO
É A CASA DE MEU PAI NO FIM DO MUNDO.
APARECE O PAI, MAS DESAPARECE,
E O DOM DE SEU OLHAR NOS AMANHECE.

5 POR ESTA LUZ QUE VAI E NÃO SE ESVAI,
PELO JARDIM ESCURO, CLARO, ESCURO,
A GLÓRIA DE MEU PAI ENTROU NO MURO.
NA GLÓRIA DESTE MURO ESTÁ MEU PAI.

10 EXILADO NA GLÓRIA, O PAI ME ESPIA
DA IRA EM QUE SE ACABA A LUZ DO DIA,
E A LUZ DE SEU OLHAR, QUANDO ANOITECE,
DESAPARECE, MAS REAPARECE.

E, APARECENDO E DESAPARECENDO,
OS FIOS DESSE OLHAR ME VÃO TECENDO.

4.1.8 POEMAS (seção do livro *Trinca de copas*, 1983/1984)

A seção Poemas começa com a seguinte epígrafe, centralizada na página (p. 115), sem identificação de autoria:

*OH ALMA LUÍS VAZ, ALMA MINHA PESSOA!
ALMA, TENHO-A GENTIL, QUE, CEDO M'A PARTISTE!
ANDEJA DO MONDEGO SEM ACHAR LISBOA!
OH ALMA LUÍS VAZ, ALMA MINHA PESSOA!
DA BEIRA ALTA À BEIRA MAR, ALMINHA À-TOA!
ALMA DAS BEIRAS, QUE, NAS BEIRAS, SÓ, EXISTE!
OH ALMA LUÍS VAZ, ALMAMINHA PESSOA!
ALMA BOA NÃO TEM, QUEM NEM MESMO A TEM TRISTE!*

ARENKA E REZA DE UM GUIA DE OURO PRETO^{XVI}

Senhoras e senhores,
antes que Vila Rica se desfaça,
vamos falar aqui e agora
do que fica do que passa.

5 Vila Rica, como até os cegos podem ver,
é feita de ladeiras, todas elas assombradas.
Olhem bem estas bandeiras,
estes beirais, estes balanços de sacadas!

Já vetusto era o teatro quando nele cantou a Candiani
10 as árias da *Norma* — e tenham em vista
que só cinquenta anos depois aí orou e perorou o Rui —
quando havia campanha civilista.

Esta Ponte do Rosário, também chamada do Caquende,
está atravessada numa estância do Ouvidor —
15 e esta, de cantaria trabalhada,
é a Ponte dos Contos, também cruzada pelo trovador.

O inglês Richard Burton — não o ator galês,
mas o amigo de Dom Pedro II —
aqui deu o ar de sua graça, com seu gosto meio raso
20 o seu saber meio profundo.

Num belo dia de 1867 Burton parou na Fonte dos Contos,
matou a sede, leu a inscrição e fez assim:
"Good Heavens! Shocking!
A água de Minas é melhor que o latim!"

25 Sem bom olho para as talhas do Aleijadinho,
Burton entretanto teve inteira razão
ao fazer um ditirambo para o velho
— e nunca assaz louvado — tutu de feijão.

Mário de Andrade cá esteve como quem está à-toa,
30 mas com seus olhos de lente polivalente
viu logo a verdade genial e facetada
do Mestre Antônio Francisco Lisboa.

Depois o gigante de São Paulo deu um pulo
 ali na Mariana dos lúgubres responsos
 35 e estreitou comovido a mão
 espiritual e branca do pobre, pobre Alphonsus.

Nestes lindos lençóis de linho
 bordados de rendas, nestas finas musselinas,
 deitaram seus corpos muitas damas ilibadas
 40 e talvez três ou quatro ou trinta e quatro messalinas.

Outro inglês — este o geólogo John Mawe —
 depois de flanar no frio arisco de Vila Rica,
 falou e disse: "Nunca vi camas tão magníficas
 como as camas desta gente rica!"

45 Vejam as cornijas e as molduras destas janelas!
 Mas na verdade, senhoras e senhores,
 raramente elas emolduravam
 a formosura bem guardada das donzelas.

Aqui se vendiam os escravos.
 50 Uma negra jovem e bela valia bom dinheiro.
 E pagava-se até mil cruzados
 por um bom negro trombeteiro!

Nos cantos destas ruas ficavam acesos
 nichos votivos, e os nichos votivos
 55 acabaram misturando os santos novos
 aos deuses negros primitivos.

Havia quatro jornais
 aqui em Vila Rica!
 Todos os quatro
 60 fervilhando de política!

E quando deste local
 se fez uma casa de fundição,
 o fisco fundiu o ouro
 e forjou uma rebelião.

65 E aqui Saint-Hilaire viu dançando o fandango
 a mulata desatada e namoradeira:
 era a nação que já vinha
 mestiçada e brasileira.

Assim, pedindo a bênção a Rodrigo de Andrade,
70 e a poesia a Manuel Bandeira,
rezemos para que não se desfaça
nem a Vila de ontem, nem a cidade
que deve conter o que fica do que passa,
já que no bico-de-pena destas gravuras
75 Vila Rica levará pela vida suas imagens mais puras.

REZA

Nosso senhor do Bonfim,
não deixeis que Vila Rica tenha fim!

Nossa Senhora do Rosário,
preservai o vosso relicário!

5 Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias,
deitai vosso olhar sobre estas pedrarias!

Nossa Senhora da Piedade do Morro do Cruzeiro,
tende misericórdia da pátria do mineiro!

10 São Francisco de Assis,
arrebanhai as capelas todas e a Matriz!

Nossa Senhora das Mercês e dos Perdões,
rogai por Vila Rica em suas comoções!

São João Batista,
abençoi vossa capela e seu artista!

15 São Sebastião,
defendei a inocência da pedra-sabão!

Sant'Ana
protegei a humanidade vila-ricana!

20 Nossa Senhora das Necessidades,
protegei Vila Rica nas enfermidades!

Nossa Senhora das Dores,
tende compaixão, nestes ares novos, destas velhas cores!

Nossa Senhora da Piedade,
atendei Vila Rica na hora da orfandade!

25 Nossa Senhora do Pilar,
fazei de Vila Rica vosso altar!

Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Alto da Cruz,
conservai Ouro Preto, Vila Rica de Jesus!

FISHER, Ana. *Ouro Preto*:
illustrations on a brazilian
colonial town. Poesia Paulo
Mendes Campos. São Paulo:
Nacional, 1978.

LEMAS DO MEU CAMINHÃO

Herdamos a manhã mediterrânea...
Noite é invenção americana —
Mas, à tarde, a tarde é brasileira.

5 Quando a gente parte
o outro mundo é este

Palma de Iduméia!
Canta a tradição
da rosa européia
e a flor do sertão.
10 Por contradição.

De repente entrei pelo canal
que liga a riba dos vivos
ao mar sobrenatural.

15 Me desculpe o mau jeito:
sou assim porque sinto
que Deus gosta de mim.

A Verdade em Si
não é Parati.

20 Sabedoria de Brahma
não é para a Boêmia
de Petrópolis.

Ama o teu próximo
como o teu vizinho ama o próprio cachorro.

25 A vaca amarela
pousou na janela:
deu avestruz.

Em Londres, na London Bridge,
vi uma vez um rapaz
que passava lendo em paz
30 o *Corydon* de André Gide.

Tenho a noite, tenho o dia,
mas se me lembro de alguém
(quando este alguém é Maria)
eu, tão tarde, fico sem.

35 Só um bem neste mundo é de raiz:
a Criança sem Tempo e sem País.

O gato não é uma conclusão:
é uma premissa para o leão.

40 Me lembro bastante bem
como se fosse anteontem.

Quando no lago se enovela a tarde
sentimental, um bando de marrecas
espanta o meu espanto de viver.

45 No meu bar de marfim sempre me espera
a trinca dos meus copos de cristal:
saudade, solidão e vespéral.

Quem viver verá cegar-se o ar.

Taotologia: ainda não encontrei o caminho para o caminho.

As palavras do poema se influenciam de seus reflexos recíprocos.

50 Se a origem da luz é divina
a luz humana é clandestina.

Overdose é se te quiseses ainda mais do que te quero.

55 Que parecer contrariado
o dos patos silvestres a grasnar meu nome
na contramão do céu.

Bebo, no duro,
pra esquecer o futuro.

60 Em casa vazia,
tia,
só não vira assombração
quem já é vazio de coração.

A festa acaba
quando começa o bicho a dar goiaba.

65 Uma velha amendoeira
no Posto 6, dolorida,
farfalha pedindo a Deus
só mais cem anos de vida.

70 Quando a noite confundia
Doctor Jekyll e Mr. Hyde,
confesso, também queria,
mas jamais me dividia.

Era a lua ideograma,
era a lua que se leva
lentamente para a cama.

75 Nem tudo na vida passa,
sobretudo o que passou:
amassada na vidraça,
vendo a chuva que não passa,
sou a cara do menino
80 que jamais desamassou.

Quando se vai para Real Grandeza,
para lá ficar, com certeza,
com a brusca inversão de mão,
a confusão chega ao cúmulo:
85 porque, então, o além-túmulo
passa a ser na direção
de Copacabana!
(Pela coxa de Diana!)

HISTÓRIA SAGRADA

Era
uma
vez
um
5 parque
bem
guardado
por
um
10 arcanjo
em
sua
luz
armado

PRIMA VERA

nalgum lugar

debaixo de ahs e és

a prima Vera

era o quê?

5 chita em cima de moreno
vivaluz sob escuro de axila
pernas mascavas
mariposas debaixo das calcinhas
a última das helenas

10 e o tio dorremi sacrapantine a rir-se
de prima Vera
prima
Vera
imortal

15 por esta ladeira de misererar
vejo Vera esmorecer no infinito
entre as pernas matizadas da tardinha

contudo enfim te acho e ando
como um rei que se acha e se anda

20 minha lei
minha vera
teu rei

tanto relógio acontece entre as aspas do texto:

nem mais infância encontro onde andarás

25 agora que me dás infantilmente

te amo infantilmente agora
na foz do que flui e eu nem fiz
e suponho o sonho tão limpo
que em deusas te levanto

30 te amo infantilmente agora
dentro dos bares fechados de mim
prima
Vera
imortal

IMPRESSÃO DO BRASIL

Brasil é quando se começa a crer
no vir a ser do que se pode ver

pode ser uma fuga de ipoméias
pode ser contraponto de ninféias

5 Brasil é riachão com um cavalo
fio de sangue a madrugar o galo

dourados agarrados na tarrafa
do lenço da baía anil garrafa

10 o pescador atira o aranhol
de teias luminosas: cai o sol

e mar! amar! e mar! e mar! amar!
o mar! o mar! talassa! o mar! o mar!

Brasil: aves de luz dão entrevistas
em fusões ilusões impressionistas

15 Brasil é só aquilo que ele é
pode ser Turner pode ser Mané

do "Deus do Céu assim eu nunca vi!"
quando se vê o que se vê aqui

20 O crioulo que leva uma rabeca
depois que tudo o mais levou a breca

entre cacos de pedra uma criança
criada à nossa imagem e semelhança

Brasil flamengo luso americano
gauguin monet seurat corintiano

25 dos mineirões gigantes morumbis
maracanãs pelés gregos tupis

Brasil é preto-e-branco brasileiro
preto de branco-branco de pandeiro

30 Brasil de jaburu nefelibata
de ornato calipígio de mulata

do vermelho alagado de amarelo
dos falos e das flores de labelo

de luz e cor do amor ao desamor
das brisas tamisadas do calor

35 dos prateados módulos lunares
de seus arranha-céus orbiculares

dos degraus sagrados de memória
por onde o pobre agora sobe à glória

40 das cobras em tensão no bambual
das tardes de modinha imperial

Brasil do devagar tão de repente
e um vendaval de cores corre a gente.

TOMBO: ESTRAMBOTE

- MENTE HÁ CEM ANOS ESTA CASA BELA.
BEM CEDO SE TRAVOU EM FEL SECRETO
O MANUELINO FLÂMEO DO PROJETO.
FALOU-SE DE ASMODEU E UMA PUCELA,
5 DO TÚNEL DO BARÃO DA CAPELINHA
(COISA DE LÉGUA À GRANJA DA SOBRINHA),
DAS INFANTAS TORNADAS EM MEGERAS
AFETADAS DA BABA DO MORCEGO
QUE EM SONHO AS EXTORQUIA DO SOSSEGO.
- 10 MINAS GERAIS TEM FRAUDES, TEM QUIMERAS:
EM FIOS DE CICIO, MÃE PRA FILHA,
FEZ-SE A CROCHÊ A COLCHA DA FAMÍLIA.
- AQUI SÓ VÃO TOMBAR FORROS, SOALHOS,
PEDESTAIS SEM VIRTUDES DE ROMANAS,
15 GREGAS CADUCAS, VENTRES DE OTOMANAS.
- LANÇADA. PONTO. CRUZ. TRICÔ. RETALHOS.

MOTES NO INFINITO

nascer, nasci em 1922,
morrer, morri em mil novecentos e depois

as castanhas que me faltaram no frio de 37 em Barbacena
encontrei-as no outono de 49 no cais do Sena

5

ai flores, ai flores do verde pino
agora que sei que sou um menino

senhora de corpo delgado
nem todo jejum é sagrado

10

este livro que sempre se manteve fechado
de repente se me abriu de lado a lado

sem dor a árvore do papel
não se livra do mal do mel

eu nem sei quem dantes era
mesmo assim telefone à primavera

15

pré-história.... história... pós-história...
e o borbulhar enfim da festa sem memória...

quem vinha de flor
não me deu amor

20

é ela que se manda a meu pesar
tão logo aquele Jumbo decolar

é do inferno do pobre (diz Hugô)
que é feito o paraíso do robô

não me dá amor vagar
no Arpoador sem parar

25

de calça à luz conivente
vai Leonor transparente

saudoso-imaginoso disse o mestre:
guerra como a de Troia, nunca mais!

30

se meu amigo viesse e me visse,
se rindo de mim, diria: não disse!?

quem o mundo juntou sem ter partido
é comuna (Jesus) da linha justa

ao vagaroso passo dos meus bois
vou no meu vir-a-ser-antes-depois

35 poesia, bizarro contrabando
que seres fronteiriços vão passando

senhora mui louçã a quem chamei de flor
me disse alto e bom som: ora, não enche, pô!

40 aqui em Beagá, do alto dos picos,
sem dizer a ninguém crio o *Dia do Fícus*

minha mãe velida,
vê no que deu minha vida!

quando la festa è finita subito o lenta
il silenzio di ceneroni me spaventa

45 senhora formosa, por meu mal
ando em regime de amor e sal

descalça vai para a praia
Leonor, de biquíni de cambraia

50 quem pretende ir-se embora quando passa
lindo filme de bruma na vidraça?

sonhos, quem não os tem quando a garoa
de São Paulo nos leva à vida à-toa

meu ser evaporei na lida insana
que no meu tempo foi Copacabana

55 eu vi a Gioconda em Paris:
mamona lisa nunca vi

foi-se o perjurado, sumiu de Ipanema
sem deixar recado, sem telefonema
busca: não acharás a poesia:
60 vai-se a voar a pomba da palavra

busca: talvez acharás a poesia
quando o voo sem pomba regressar

quem Jânio Quadros não entende
entender o mundo e seu pai pretende

65 amiga, tive recado
de seu amigo (coytado!)

a prosa de Malherbe não durou
o espaço duma rosa tipográfica

70 — ay Deus, val! — tudo legal?
— tudo legal! — ay Deus, val!

trespassa a nossa pálpebra a festa solar:
quando for noite, abrir os olhos devagar

dizia la bem talhada:
que gana de feijoadada!

75 em caso de pasto disse a fremosinha:
quero filé grelhado sem batatinha

quando é hora do rush, o sol se esconde
e a passarada que não sabe aonde

80 senhora, agora, vos rogo, sem demora,
o meu coração Mendes tá na hora

na ribeira do rio vento frio
faz no meu rosto rugas quando rio

erros meus, má fortuna, amor ardente,
mais uma espondilose recumbente

85 terras lindas que (quanto tempo!) percorri
andam hoje a fazer turismo em mim

rio dos rios todos que vi ou não vi:
das barrancas do Logos, nunca sou daqui

90 O poeta vende um pano tão diverso
que seu reverso dá nome de verso

CANTIGA DE NIBELUNGO

Na solidão luminosa
de Copacabana entrei,

indo à caça de uma ondina,
Lorelai ou Lorelei.

5 Fui pelos bares atlânticos,
coração nos pés trancei,

vim pelos becos de dentro
como quem foge da lei.

10 no *Nibelungen's* do Leme,
na luz negra, a vislumbrei,

bebendo, a rir, mas não era
a que me ardia, e me dei

num castelo de cevada
que às valquírias levantei.

15 Noruegas, barbacãs,
pelo fosso penetrei,

por escadarias brucas
pisos brumados galguei:

20 sobre o terraço, estampada
Lorelai em Lorelei,

lua lenta em água nua,
foi-se a dançar, e eu dancei

pelas rampas, pelas criptas,
pelas clausuras del-rei,

25 pelos enredos do bosque —
só neblinas assustei.

No fiorde da calada,
quando à ravina cheguei,

30 atrás do canto sem rumo
de Lorelailorelei,

eram harpas, lais pasmados,
vaialala laiaiei...

Espelhado no letargo
do fiorde despenquei,

35 um filho do nevoeiro,
nibelungo, me tornei.

Nibelungo desvalido,
pouco dado à minha grei,

40 anão da saga do ouro,
às minas natais voltei:

nas brenhas do Brumadinho
os gigantes enganei,

na lapa do Acaba Mundo
de meus irmãos apanhei,

45 alcovas, tumbas, escrínios,
larvarmente violei,

mas na bruma de mil anos
nosso anel não encontrei.

50 Tanta volta dá o mundo
do nosso anel, que me achei

sem saber se deste mundo
nibelungo sairei.

Sou a febre de algum sonho
de quem me sonha, sonhei.

55 Quando chegou o crepúsculo
dos deuses me acovardei,

violinos chamejantes,
flautas de fogo escutei,

60 pela trama do talvegue,
rato em brasa, deslizei,

quis sumir na minha cova,
por Brunehilde clamei,

entre as tochas do poente,
rato alado, me livreí,

65 num Reno de fogo frio
lentamente me apaguei:

talvez daqui a mil anos
um som de trompa serei.

70 *Es war ein König in Thule,*
lá em Thule tinha um rei,

que não bebeu nunca mais,
mas amanhã voltarei

à solidão luminosa
de Copacabana, eu sei.

DREAMING OF BOTH (ROCOCO)^{XVII}

*Thou hast nor youth nor age
But as it an after dinner sleep
Dreaming of both. (Shakespeare — Measure for Measure)
Thoughts of a dry brain in a dry season. (T. S. Eliot)*

A flower. You mentioned — doubtless with the double meaning —
a misty/mystical flower.
A flower with many a deep crooked finger,
keen and painful as human power.

5 Explicitly a rose. At formal parties you boasted
of an undeniable (though not too much visual) rose.
A disbelieved rose now; by either waning verse
or too pertinacious prose.

10 A meadow. A pasture for your saber-teeth. A babylonian meadow.
Stained or sacred now by your ravenous specious shadow.

A sea. You alluring here as shakespearean mirror
and there, large as you, was the sea.
But the sea is dying now by little degrees
which you are not able to stop or even to see.

15 A mind. You trusted at bay your quick animal mind.
Now an alarm-clock for tomorrow ready to Wind.

A sky. Sincerely it didn't change your sky.
Starry as when your bottom like a waste moon
came to life, but sorrier when you'll die.

20 A heart. Once you had a sound haughty heart —
humourless tonight by such a downfall of grease and tart.

A childish monster sweet and funny as Boris Karloff.
Spoiled later on by fear and most by your show-off.

- Winter. Like a spellbound Spring was Winter.
 25 Look! Spring now spreads alone like a cold spinster.
- You just loved to lull a dark-hair doll.
 You don't at all: how could you lumbering and clutching in your atoll?
- You assaulted a Sesame and sipped the money;
 it drips still from your mouth but is lost its honey.
- 30 You had a word to open wide a door or to lock it, a key-word,
 ambiguous as usual to-day but useless
 as a glacial oath or an old sword.
- Your nose — a gracious keatsian and almost grecian nose —
 turned down nowadays by gravity and/or your sluggish newtonnian pose.
- 35 Suddenly at dumb sunset the loquacious of light.
 For your brief brightness and your lightning delight
 and your time to accept that gentle good night.
- And a song, a sad soft available croak of song
 as you willy-nilly press the accelerator and move along.
- 40 A retrieved brook at last, the Peter Pan-break of a brook.
 Look out! Just when is not around Captain Hook.
- A sex!
 Indeed a sex!
 Perhaps! Perhaps!
- 45 So you have been in the right places
 with your proper way to commend a luscious cheese or a full-bodied wine
 and absent as a bear in a show or blissfull as a bee in a hive.
- Better to begin your backward count: ten, nine, eight, seven, six, five...
- Mind! Oh Shelley! the trumpet of a prophecy! Mind!
 50 If fifty-five comes, can zero be far behind?

NO FUNDO DO RIO RIO

COM OS RIOS DE MEUS TIOS
CARIOCA MERITI
MINHAS GROTAS DE ARREPIOS
MARACANÃ CATUMBI
5 COM MEUS PÍNCAROS BAIXADAS
CATACUMBA BOQUEIRÃO
MINHAS ILHAS LUNULADAS
VIRAPORANGA FUNDÃO
AO PÉ DE BELO ROCHEDO
10 UM ESPANTOSO PENEDO

COM MEUS MARES ENTUPIDOS
MEUS BECOS ARCOS CANCELAS
MEUS GABARITOS FALIDOS
PESTES BRANCAS AMARELAS
15 MELINDROSAS DE UMA VIDA
RUA TAYLOR CAFÉ NICE
BOCA DO MATO AVENIDA
BELAS ARTES RUA ALICE
MEUS CAFOFOS E CANDONGAS
20 MEUS ESTRUPÍCIOS MILONGAS

MEU VALONGO DESUMANO
RIO BRANCO DO SONETO
MEU INCHAÇO SUBURBANO
RIO DE LIMA BARRETO
25 DA TIJUCA DE ALENCAR
RIO ZAMBEZE D'ANGOLA
DE BANDEIRA À BEIRA-MAR
DE CHALÉ COM FLOR DO LADO
NOEL MACEDO MACHADO

30 COM MINHA GRAÇA MALANDRA
MEU CHORO NO LIVRAMENTO
MINHA FLAUTA SALAMANDRA
MANHÃ NATAL DE SÃO BENTO
RIO MEU DOS VIOLEIROS
35 MANOBREIROS DESPACHANTES
BABILÔNIA DE BICHEIROS
BISCATEIROS VIGILANTES
APRENDIZES DE SACANA
IRAJÁ — COPACABANA

40 RIO MINHO DOURO BEIRA
MINHA SURDA GALERIA
BREQUE DE VACA MINEIRA
MEU PADRÃO DE NOSTALGIA
MINHA TRANSA DO DIABO
45 MEU EXU DE CARA CHEIA
A PEDREIRA EM QUE ME ACABO
MEUS DEFUNTOS DE CADEIA
MEU BAR ETERNO RETORNO
CIRCULAR DA DOR DE CORNO

50 COM MINHAS MÃOS FERRAMENTAS
COM A DIREITA MAL PAGA
ASSOMBRAÇÕES MACILENTAS
A CANHOTA MUDA OU GAGA
COM MEU SALDO DEPRESSIVO
55 COM MEUS NERVOS NO SEU LAÇO
MEU FUTEBOL SEDATIVO
A DEMÊNCIA NO COMPASSO
MEU CORAÇÃO DE PERMEIO
ALTA TENSÃO NO BLOQUEIO

60 COM MEU ESPAÇO MENDIGO
COM MEU MURO CARMELITA
MEU MODERNO JÁ ANTIGO
MEU MEANDRO JESUÍTA
MINHAS RESSACAS FLAGELAS
65 MINHA FORÇA NO ROCIO
MEUS MERCADOS PARALELOS
ENCANTADO LAVRADIO
COM MEUS RASTROS DE BARROCO
MEU BOM HUMOR NO SUFOCO

70 MINHAS COVAS LATEJANTES
MINHAS OBREIRAS DE ESQUINA
TREM FANTASMA DOS AMANTES
MINHA LAPA DE HEROÍNA
COM MEU FUTURO QUE PASSA
75 MINHA GLÓRIA DO MINUTO
MEU PASSADO DE CHALAÇA
MINHA FALTA CRISTALINA
MINHA CONFUSA DOUTRINA

COM O COLAR DA BAÍA
80 COM MEUS CONFLITOS EMPÍRICOS
A DOIDA DONA MARIA
COM MEUS ENREDOS ONÍRICOS
COM MEUS PODERES TRANSATOS
COM MEU BREJO MAL TAPADO
85 MEUS CARCOMIDOS MEATOS
MEU SAMBA DESATIVADO
COM MEUS BICHOS SINGULARES
VINTE E CINCO DEUSES LARES

COM MEUS DESVÃOS DE MISÉRIA
90 MINHA FAVELA MARINHA
ALMA SUJA DE MATÉRIA
PRENDA MINHA PENHA MNHA
MINHAS HERMAS DE VIRTUDE
AS ROLETAS DE MEUS DEDOS
95 GAMBOA MANGUE SAÚDE
OS ASSALTOS DE MEUS MEDOS
AS TORQUESES DOS PRETORES
RIO COMPRIDO DE AMORES

COM MEUS POEMAS DE MORRO
100 MINHAS TRAVESSAS DE PROSA
AS DEMORAS DO SOCORRO
BECO DO TREM LAMPADOSA
IANSÃ DO PRAIA BAR
MEU PASTEL PARA VIAGEM
105 JANAÍNA DO ALCAZAR
MINHA GALERA SELVAGEM
MINHAS MARAFAS MEUS GANCHOS
MEUS DESPACHOS MEUS DESMANCHOS

COM MEUS HOTÉIS DEVOLUTOS
110 MEUS MILAGRES AO CONTRÁRIO
MEUS CONVENTOS DISSOLUTOS
DEMOLIÇÃO MEU FADÁRIO
CACHAÇA DE ENCRUZILHADA
A POLÍCIA DEUS-ME-GUARDE
115 MINHA NAVALHA DANADA
MEUS ENTERROS FIM DE TARDE
PRAÇA ONZE QUANDO ONDE
RIO PASSADO NO BONDE

120 MEU CARROSSEL ANALÍTICO
 MEUS ESPAMOS DE JUSTIÇA
 MEU HOSPITAL PARALÍTICO
 MEU CAMBURÃO DE CARNIÇA
 MEU CARNAVAL SUFOCANTE
 SORRATEIRAS MADRUGADAS
 125 MEU ADEUS A TODO INSTANTE
 REVIRAVOLTAS ARMADAS
 MEU CATETE ADOLESCENTE
 RES REI REI DO PRESIDENTE

130 COM MEU CORETO CALADO
 COM MEU MOURISCO DOÍDO
 MEU LAMPIÃO APAGADO
 MEU RIO FUNDO ESVAÍDO
 SUMIDOURO RIO EXTINTO
 TOU NA MINHA TÁS NA TUA
 135 LEITO EM FOGO DO FAMINTO
 TRAPOS TOMBADOS DA LUA

MEUS RIOS MORTOS MEU RIO
 DAS CHEIAS DO MEU VAZIO

140 CORCOVADO SEM IDADE
 CARA DE CÃO PIEDADE
 SOU A CIDADE DO RIO
 SOU O RIO DA CIDADE
 ROLO A ROSNAR ERRADIO
 SOU A SAUDADE DO RIO

145 MEU GANIDO DE VERDADE
 MEU DEUS! EU SOU A CIDADE!

4.2 POEMAS (DES)ORGANIZADOS

4.2.1

**POEMA A OTTO LARA RESENDE
OU
VINTE E TRÊS AGOSTOS NO CORAÇÃO^{XVIII}**

O segredo não se revela.
 Teu mistério é um verso difícil
 caminhando da infância para os descampados.
 És irmão do esmalte, feito de aurora,
 5 de imponderável
 desesperança sobre a cara das coisas.
 Tua comoção policiada esconde
 as lutas do tempo, as insônias,
 as ruas desenganadas, o sol de estio
 10 sobre laranjais proibidos do colegial.

Possuo o passaporte do infinito:
 uma rosa, um canto, uma pintura,
 tanto faz: inaugurar o mundo.
 E tudo é abismo, e tudo é tarde
 15 e sobre tudo cai a cinza dos poemas.
 Mas a solidão não tem sentido. Sabes
 que na lucidez da madrugada
 um amigo te entende e outro te chama
 e um quer te ajudar
 20 e o outro te convida para a jornada
 e quer mostrar-te a pedreira de mil faces,
 e todos querem saber de ti, da tua bruma,
 das visões inenarráveis do melancólico.

Nem tudo é proibido como as alegrias.
 25 Além delas, certas coisas valem a pena:
 compor o soneto da meninice,
 vagar de pijama por um pasto molhado,
 voltar a certos lugares, ver
 como mergulham as gaivotas,
 30 aprender a malícia do mar,
 contar o tombo no pátio, a fuga do padre,
 providenciar a viagem, o espetáculo,
 o baile de amanhã, o encontro das sete,

v. 11 Creio que seja “Possues”, de acordo com minha interpretação do autógrafo do autor, na versão fac-similar do poema.

perceber de repente
 35 que a vida foi mais amada do que pensávamos.
 Certos ritmos são definitivos
 e exigem resposta.
 Quando falta o ritmo,
 nos sobra mais humanidade
 40 (e a gente sorri).
 Depois,
 existe o amigo morto, comum,
 existem amigos repartidos no tempo,
 nas cidades,
 45 a estranheza de cada um,
 (doce de recordar),
 existe entre rosas e confidências, na ilha –
 e não sabemos seu nome.
 Às vezes, preciso de ti, demais.
 50 Certas ideias, certas emoções,
 certas sutilezas de céu exigem tua presença.
 E, então, envenenado me apontam nos bares,
 nas ruas, como o pensativo, o triste,
 o inconsolado. Mas é de ti que preciso.
 55 Sem ti, não há história,
 os olhos represam as palavras, me denunciam,
 e a vida em mim regressa ao silêncio.
 Te conheço pouco. As horas não contam.
 Há gestos imemoriais em ti, há um jardim
 60 debaixo da terra, lírios sufocados
 e tudo às vezes é de prata como um rio,
 como palmeiras sob a lua.

Mar onde escondes teu soluço?
 Tens um soluço, eu sei,
 65 tens milhões de lágrimas, eu sei.
 Talvez, na escada escura
 conduzindo à capela.
 Nos passos do pai impedindo o sono?
 Nos cabelos da menina à luz da fresta?

70 Não sei, não sou Augusto,
 não sei nada,
 e apenas quisera,
 mas o mundo não se desvenda como um palco de Deus, adeus.
 (Desculpe o plágio final e o clima drummondiano.)

4.2.2

SONETO A QUATRO MÃOS

[em parceria com Vinicius de Moraes]^{XIX}

Tudo que existe em mim de amor foi dado.
Tudo que fala em mim de amor foi dito.
Do nada em mim o amor fez o infinito
Que por muito tornou-me escravizado.

5 Tão pródigo de amor fiquei coitado,
Tão fácil para amar fiquei proscrito.
Cada coisa que dei ergueu-se em grito
Contra o meu próprio dar demasiado.

10 Tendo dado de amor mais que coubesse
Nesse meu pobre coração humano
Desse eterno amor meu antes não desse.

Pois, se por tanto faz me fiz engano
Melhor fora que desse e recebesse
Para viver da vida o amor sem dano.

4.2.3 BANDEIRA, Manuel. *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zelio Valverde S. A., 1946. p. 143-150.

Trata-se da primeira vez que poemas de Paulo Mendes Campos são publicados em livro.

Na pequena apresentação do poeta, na p. 143, lê-se:

“Nasceu a 28 de fevereiro de 1922, em Belo Horizonte. É filho de Mario Mendes Campos, poeta desertor. Está fazendo o seu curso de Direito. Tem publicado na imprensa de Belo Horizonte e do Rio, poemas e artigos de crítica literária. Não pretende dar livro tão cedo, acha com Jules Renard, que aos vinte anos se pensa profundamente e mal. Não se julga poeta: diz que faz poesia de circunstância ou brinca de poesia.”

(Em 1964, por ocasião da segunda edição revisada e aumentada, publicada pela editora Organização Simões, Bandeira exclui Paulo Mendes Campos por considerar que este deixara de ser bissexto e passara à categoria de “poeta contumaz”).

OBSERVAÇÕES

Dentre os sete poemas publicados na antologia, apenas “Os domingos” voltará a ser publicado em livro, na seção “Poemas antigos” d’*O Domingo Azul do mar* (1958), com pequenas modificações, mantendo sua forma definitiva a partir de então. Optamos por não duplicar o poema nesta seção.

FRAGMENTOS MARINHOS

A Fernando Sabino

I

Sereias

— De areia.

Pensamentos áridos

— De areia.

5 Mulheres e peixes

— De areia.

Solidões de areia

Casarões de areia

Nascendo de areia.

10 Na carne de areia

O sol recupera

Direitos primários

De ressurreição.

A morte noturna

15 Afogada em sal.

A raiva da boca

Se desmancha — areia.

Traço planos, risco

Minha vida, apago

20 Linhas divergentes,

Inventando a reta

Cheia de alegrias,

Só, em paralelas.

(Fuga geométrica

25 Dum mundo de corpos

Calados, vivendo

De areia.)

II

Meus olhos mineiros
Como um vasto polvo
Devoram sereias.
Evocações gregas
5 De pureza e cal.
Algas, gelatinas,
Solicitações
Efusivas, carne.
No copo de uisque
10 Eu mato Isabela.

A epiderme triste
Bebe o sol alegre.
Um pouco de mim
Se melancoliza
15 E o resto desmente
Um passado ambíguo.

Viajo. Sempre viajo.
Aprendo a dizer
Nomes doces, falo
20 Do céu, de andorinhas,
Do gôsto selvagem
Que me vem do mar.

— Eu já sei o mar.

III

Solidão de bicicleta
 Que pedala, que pedala.
 Vento na cara. No dorso
 Das águas vão moças verdes
 5 Que também bicicleteiam.

No arabesco da memória
 Pombas brancas. Inocência.

A vida do vento
 No terraço. Amor.

10 Alturas perplexas,
 Brisas levianas.

Sôbre a vida viva
 Estendi meu corpo.
 A idéia de sombra
 15 É mínima. Mal
 Cabe nela a parte
 De mim que desprezo —
 Idéias, anêmonas
 Inúteis e frágeis.

20 Virgens murmurantes, virgens
 Tresmalhadas, virgens loucas,
 Anjos municipais, anjos
 De short, de açucena, anjos
 Loucos de agosto, de sempre.

25 Sabe? Carpideiras
 Do mar, insistentes,
 Enlutam vitórias.
 Sardônicas bruxas
 Cavalgam as ondas
 30 De noite — se dormes.

Homem particular, bolas!

Eu também conheço a terra
 E quero a vida no mar.

Agosto de 1945.

INUTILMENTE

A mulher de pedra
Me aguarda na esquina
Pedindo perdão.

5 É manso seu crime
É feito de pássaro
E carne macia
De longos domingos.

10 Mil vezes jurei
De me libertar
Fundar outro reino
Que jamais se esgarce
Em palavra fria.

15 Tentando ir embora,
Mil vezes em mim,
Meu Deus, desabei!

De noite no escuro
Fluía de mim
A paz esperada.

20 E fui caminhando
Nos longos caminhos
Da pedra mulher.

RONDÓ À LUA

- Olha a lua no muro
Olha a lua parada
Olha a cara da lua.
Debalde te procuro:
5 Tua vida não é nada
Minha vida não é tua.
- Olha a cara da lua
Cara branca entediada
Vida branca caningada.
- 10 Olha a lua nas flores
Rabiscando fantasia.
Na noite de meus amores
Quero luas e Maria,
Minha rica, prenda minha,
15 Menina branca noturna
Que a lua falsa acarinha.
- Olha a lua no muro
Olha a lua parada
Olha a cara da lua.

MADRIGAL

Minha tristeza, Teresa,
Foi sempre quadrangular.
Teresa, vou lhe explicar:
Só conheço na verdade
5 Esta embrumada canção:
Solitude, soledade,
Teresa, que solidão!

PREVISÃO

Não amasse tanto as flôres e não estaria desde já sentindo o perfume das rosas no
[caixão.
Não me afeiçoasse tanto às caminhadas longas e não temeria mais a triste imobilidade
[dos pés.
Não estivesse sempre tão disposto a recomeçar de novo quando derrotado e não estaria
[agora paralisado à idéia do fim.

LAGOA SANTA

Éramos muitos na casa
Verde verde. Tristes, moços,
Vagos; sobretudo tristes,
Muito tristes. Um porém
5 Bancava o mancebo alegre,
Muito alegre; e era do amor.
Deliquescida a vontade
Num crepúsculo de maio,
Ele reclamava amor,
10 Ah! que reclamava amor!
Um ventinho infelicíssimo
Arrepiava o pensamento
Búdico e longo do lago.
E a lua p'ra fazer blague
15 Se punha amarelecendo
Esbatidos tons cinzentos
De uma casa verde verde.
Escudado pela noite,
Um demônio cordial
20 Transmutava a paisagem:

Ora canção sem palavras,
Às vezes cartão postal.

4.2.4 Do livro *O COLUNISTA DO MORRO* (1965)

CRÔNICA SUÍNA

Por quem, por quem dobra o sino ?
Dobra por nós e o suíno.
Como se chama a comédia
(posso chamá-la tragédia ?)
5 da suína nutrição ?
Devo chamá-la ilusão:
anabolismo — o que come;
catabolismo — o que some.
Muito pouco sei do porco,
10 mas sei menos do meu corpo.
São êles de muitas cores?
Poucas — não são uns amôres.
Branco, preto e branco,
prêto com rubro no flanco,
15 esse limpo, aquele imundo.
Quantos porcos há no mundo?
Não há trezentos milhões
(os homens são três bilhões).
Como vê, carecem porcos
20 para tantos, tantos corpos.
Ama o porco a sua porca?
Ama tudo que ele aborça.
Mas a porca refocila?
Se nunca foi à Socila!
25 E os roncoss do porco em flor?
São dúbios roncoss de amor.
Quem o esculpiu a cinzel?
Na China, Paulo Claudel.
Grunhindo o porco evolui,
30 mas não sei como ele flui.
Que faz um porco de raça?
Come restos na cabaça.
Que faz um porco de Minas?
Come as suas proteínas.
35 Que faz um porco no outono?

Come hidratos de carbono.
 Conserva alguma doçura?
 Conserva a sua gordura.
 Nos silos vastos do corpo?
 40 Para os silos do meu corpo.
 De onde tira o seu sustento?
 Onde há porco, há alimento.
 Êle faz tal qual o homem,
 onde há corpos, êles comem.
 45 Come o mundo todo? Come:
 para disfarçar a fome.
 Rios de arroz e feijão,
 charcos de caldo com pão,
 areais de sacarose,
 50 ácidos graxos, glicose,
 montanhas de glicerina,
 de fibrina, caseína...
 Come também vitamina?
 Como não come? Na tina
 55 tem de ter riboflavina,
 complexo B, tiamina...
 O porco tal qual o corpo.
 Ah, o corpo, ser o porco!
 Come alguma coisa mais?
 60 Montes de sais minerais,
 cálcio, ferro, manganês
 (dá à luz dez duma vez)
 e as iguarias da vida.
 Depois de tanta comida
 65 como evitar sua mágoa?
 Dê-lhe água, muita água.
 É um todo visceral?
 É um princípio vital:
 nunca tem nojo do *porcus*
 70 (como nós de nosso *corpus*).
 Qual a sua mais-valia?
 Armazenar energia.
 E sua grande vantagem?
 Não recusar a lavagem.
 75 Fica o porco contrafeito?
 Fica muito satisfeito.
 É o porco fortaleza?
 O porco é pura fraqueza.
 Onde fica o forte dele

80 (fraco que sinto por ele)?
 Fica na barriga do
 porco, isto é, fica no fígado.
 Pode o porco adoecer?
 Pode o porco até morrer.
 85 Antes de soar a hora?
 Morre amanhã ou agora.
 Morre de febre suína,
 morre de gripe assassina,
 pode sofrer de rinite
 90 ou estourar de enterite.
 E essas doenças do porco?...
 Pegam no homem (seu corpo).
 (Do chamado *vibrio coli*
 ah, *libera nos Domine*).
 95 Sua alma, sua palma:
 o porco tem uma alma?
 Tem uma alma cretina,
 nervosa, fraca, suína.
 Sente o borbulhar do gênio?
 100 Deve ser do glicogênio:
 Verdes, virginais verduras
 das sublimações mais puras.
 Adiposíssimo porco?
 Tal e qual o nosso corpo.
 105 Sou um porco pouco a pouco?
 Sou um louco, louco louco?
 Dorme em paz, dorme meu corpo,
 durma o porco sossegado.
 Deixá-lo dormir, coitado,
 110 dormir é sua leveza.
 Não sei se sonha, talvez.
 Com uma pocilga asséptica?
 Com uma fêmea poética.
 Tresandando de perfumes?
 115 Feita da luz dos legumes.
 Boca feita de sobejos
 que sempre sobram nos beijos;
 de cebolas redolentes
 o carinho de seus dentes;
 120 de particular toucinho
 a matéria do focinho;
 de excusíssimas mistelas
 a ternura das costelas;

de sangüínea melancia
125 as ancas da poesia;
feito de couve e de nabo
o estôfo tenro do rabo;
violentas violetas
no rabanete das tetas;
130 de lentíssimas lentilhas
derramadas de vasilhas
os repolhudos refolhos
do mistério de seus olhos: olhos verdes cor de alface.

Freud talvez me explicasse.

O colunista do morro.

Rio de Janeiro:
Editora do Autor,
1965. p. 80-83.

O POBRE NO SUPERMERCADO

Que belo o Supermercado!
Que sonho azul e dourado!

Que vergel de luz e cores!
Que paraíso de amores!

5 As sopas nas lindas latas
não são sopas, são sonatas!

Este blues por telefone
dá mais charme ao minestrone!

10 (O pobre só compra sopa
quando lhe dá uma louca!)

Tem o mistério das grutas
a polpa agreste das frutas!

Nossa cultura cristã
deu saída na maçã!

15 O figo é feito de amor,
de luz, de fôlha, de flor!

(O pobre come condêssa
quando acerta na cabeça!)

20 Como uma série de beijos
fermentados são os queijos!

O camembert é um mundo
violento mas profundo!

Limburgo, reno, emmental,
sardo, gruyère, nacional!

25 (O pobre andando na linha
come feijão com farinha!)

Fulgem os frascos franzidos
dos licores coloridos!

30 Ó marasquino divino,
ó divino marasquino!

No vinho vai um memento
já do Velho Testamento!

(Quando o pobre perde a graça
manda brasa na cachaça!)

35 Que concreta tessitura
veste o verde da verdura!

Rabanetes rechonchudos
com repolhos repolhudos!

40 Com tomates rubicundos
exangues nabos jocundos!

Se há Van Gogh na batata
Cézanne em couve arrebatada!

Se não torce pequenino
dá Picasso no pepino!

45 (O pobre sem cão nem gato
caça abóbora no mato).

Carne fraca como a rosa
de Malherbe mas gostosa!

50 O céu da boca se estrela
na ternura da vitela!

Mil orelhas salgadinhas,
rabos, perus e galinhas!

O rabo do porco é nada,
mas vá fazer feijoada!

55 Das essências animais

se faz a fé dos frescais!

Desenrolada na rua,
a lingüiça iria à Lua!

60 Do patê ao salaminho
bebe-se um longo caminho!

(Ninguém na lata de lixo
achou salsicha ou chouriço!)

Os temperos são pecados
dos timbres mais variados!

65 (O pobre toca trombeta
com pimenta-malagueta)

De jasmins é feito o lado
tão alado do linguado!

70 Lado a lado do linguado
o gamado namorado!

Longe do peixe mais lírico
jaz o bacalhau satírico!

Com que fio entreluzido
é o badejo tecido!

75 Tem cherne para peixada,
tem lagostim para nada!

Scomber scombrus (sardinha),
corvina, atum e tainha!

80 (Quando pode com vinagre
o pobre deglute bagre!)

Os olhos do polvo têm
como os do povo desdém!
A julgar por seu olhar
nunca leu *Homens do Mar*!

85 A lagosta com seu ar

de rascante flor lunar!

(O pobre leva robalo
quando acerta no cavalo!)

90 Como é doce, doce, doce
a prateleira de Doces!

O banquete se respalda
com as ameixas em calda!

Que celestiais colméias
zumbem no mel das geléias!

95 (O pobre quando fatura
defende na rapadura!)

Que paraíso de amores!
Que vergel de luz e cores!

100 Que sonho azul e dourado!
Que belo o Supermercado!

What a wonderful Supermarket!
exclama o pobre (tarado)!

What a wonderful Super Super
Super Super Supermarket!

105 (O pobre quando não come
castiga inglês mas de fome!)

(*Coro, cívico, replica*):
— *IN BRAZIL... NÃO HÁ MAIS FOME!!!*

(*Coro, tímido, treplica*):
110 — *HÁ... SÓ... GENTE... QUE... NÃO... COME...*

O colunista do morro.

Rio de Janeiro:

Editora do Autor,

1965. p. 84-87.

4.2.5

Depois da solidão quando menino
E o horror da terrível divindade,
Depois das contorções da puberdade
E a morte sobre o gume do destino

- 5 Depois do amor, meu fácil desatino,
E dos punhais escuros da saudade,
Depois da lucidez e da maldade
Com que desfiz o engano matutino,

- Depois de ter a alma naufragada
10 No sentimento de não ter raízes
(Nem no céu nem na terra tenho nada),

Depois de tanto espaço de tristeza,
Há nos meus olhos dias mais felizes
E um pouco de alegria, de pureza.

Manchete, 8 abr. 1967

De um caderno cinzento,
São Paulo, Companhia das Letras,
2015, p. 56-57.^{xx}

4.2.6 Do livro *O ANJO BÊBADO* (1969)**POEMA DE UMA TRADUÇÃO**

Com soluços finos
Longos, violinos
Do outono
Ferem minha alma
5 De um langor de calma
Que dá sono

Com soluços finos,
Longos, violinos
Do outono
10 Ferem o meu dia
Da monotonia
Que dá sono

Tudo sufocante,
Pálido, no instante
15 Das partidas ;
Eu choro as cantigas
Das horas antigas
Revividas

Tudo sufocante,
20 Pálido, no instante
Em que choro,
Se as velhas cantigas
Das horas antigas
Rememoro

25 Soluços finos
Dos violinos
Do outono
Trazem-me à dor
Este langor
30 Que dá sono

Sem cor, sem ar,
Fico ao soar

Esta hora,
Lembrando antiga
35 Triste cantiga
Que chora

Soluços finos
Dos violinos

Os gritos finos
40 Dos violinos

Os trenos finos
Dos violinos

Os violinos
De longos trinos

45 Os longos trinos
Dos violinos

Soluços finos
Dos violinos
Do outono
50 Ferem minh'alma
Com uma calma
Que dá sono

Se a hora soa
Que me magoa,
55 Sou levado,
Sem cor, sem ar,
A relembrar
O passado

Soluços finos
60 De violinos
Do outono

Se a hora goa
Que me ressoa
A finado,
65 Fico a chorar,
Sem côr, sem ar,
O passado

E em rodopio
O vento frio
70 Me transporta
De cá pra lá,
De lá pra cá,
Fôlha morta.

Os gritos finos
75 Dos violinos
Do outono
Ferem minh'alma
Com uma calma
Que dá sono

80 Se soa a hora
Que comemora
O meu fado

Se soa a hora
Que comemora
85 Este enfado

Sem côr, sem ar,
Lembro a chorar
O passado

Os trinos finos
90 Dos violinos
Do outono
Ferindo vão
Meu coração
E dão sono

95 Sem côr, sem ar,
Fico a chorar
O meu fado,
Se soa a hora
Que rememora
100 O passado

Se soa a hora
Que comemora
Agonias,
Sem côr, sem ar,
105 Lembro a chorar
Os meus dias

Os violinos
De longos trinos
Do outono
110 Dão lassidão
Ao coração
E dão sono

Ferindo vão
Meu coração
115 E dão sono

Dão lassidão
Ao coração
Que tem sono

E quando dá
120 A hora má,
Branco, abafado,
Fico a chorar
Ao recordar
O passado

125 Ao ressoar
A hora, alvar,
Sufocado,
Choro os errantes
Dias distantes
130 Do passado

Ao ressoar
A hora, alvar,
Rememoro
Os sufocantes
135 Dias distantes,
Então choro

No ressoar
Da hora, alvar,
Me sufoco,
140 Quando os errantes
Dias distantes
Evoco

Em remoinho
O ar daninho

145 Os longos trinos
Dos violinos
Do outono Ferem minh'alma
Com uma calma
Que dá sono

150 Ao ressoar
A hora, alvar,
Sufocado,
Choro os errantes
Dias distantes
155 Do passado

E em remoinho
O ar daninho
Me transporta
De cá pra lá,
160 De lá pra cá,
Fôlha morta

Os longos trinos
Dos violinos

O anjo bêbado.

Rio de Janeiro:

Sabiá, 1969.

p. 113-119

LETRA DE CHORO PARA LÚCIO RANGEL

Um choro explica toda a minha vida,
a que vivi e a que senti, ouvida,
relembra meu futuro entrelaçado
no Rio do presente mas passado,

5 jarras ansiosas nas janelas
até que novas flores morem nelas,

bondes unindo o triste ao paraíso
de um beijo, de um abraço, de um sorriso,

10 tranças que se destrançam por um nada
se um anjo pula corda na calçada,

namorados dançando o ritual
do fogo na moldura do portal,

15 Copacabana doida a palpitar
de peixes de arrastão, a se excitar
na corola despida que se dá
ao mar, ao céu, ao sol, ao deus-dará,
contraponto de estrêlas no Alcazar,
zíngaros no Alvear a flutuar,
20 borboletas bem feitas nas esquinas
do mar, onde se queimam as ondinas,
mariposas morenas pelas ruas
(de colo ebúrneo ao ficarem nuas),

25 corcéis de ilusões acumuladas
nas reuniões do Derby, desgarradas
em longínquo tropel que se faz mito
nos prados invisíveis do infinito,
o calor que chovia em Realengo
o vai e vem do estio no Flamengo,

velas brancas dos barcos da baía,

30 Cosme Velho ao ver passar Joaquim Maria
com flôres e pudor, na vespertina
nostalgia de dona Carolina,

doce frondosa avó de Cascadura
deitando pelo chão sombra madura,

35 bulevares do Norte com jasmins
 modestos nos chalés, ternos jardins
 suspensos na lembrança azul da Quinta
 Boa Vista na década de Trinta,

 volutas femininas, capitéis
40 de luz que se derramam nos vergéis,

 além com seus redondos horizontes
 as ilhas dos poetas, sem as pontes,

 o subúrbio, clave da cidade,
 Cavalcante, Encantado, Piedade,
45 Olaria do mago Pixinguinha,
 Engenho Novo, Engenho da Rainha,
 Boca do Mato, Cordovil, Caju,
 Ramos, Rio Comprido, Grajaú,
 percussão dos barracos de Mangueira,
50 batucada de bamba em Catumbi,
 serestas ao luar de Andaraí,
 Praça Onze, convés do marinheiro,
 Versalhes da rainha do Salgueiro,
 o pandeiro de Paulo da Portela,
55 os tamborins descalços da favela,

 Vila Isabel com seus oitis franjados,

 recreio dos pardais sobre os telhados
 imperiais de São Cristóvão, cânticos
 emudecidos de barões românticos

60 degraus da escadaria alabastrina
 dando acesso à Pensão Dona Corina,

 trepadeiras comuns pelas barrancas
 vermelhas da Central, roxas, brancas,

 doçura da mangueira suburbana
65 a dar sombra do céu, virgiliana,

ternura da cozinha das Gamboas
de nossa vida, vatapás, leitoas

gentis, siris sutis, viris peixadas,
angelical langor das feijoadas,

70 manacás da Tijuca, quaresmeiras
da Gávea, do Joá, caramboleiras
das chácaras dolentes do poente,
cajueiros das praias do nascente,

75 palacetes florais de Botafogo
olhando a multidão depois do jogo
de futebol, naquele antigamente
que pode ser passado e ser presente,
empada devorada no Automático
por um pierrô noturno e enigmático,

80 sambistas estivais do Café Nice,
meiguice da Lallet, linda meiguice,

o sorveteiro singrando pelo Rio
na popa de comando do navio,

85 a bailar como as plumas do coqueiro,
ave do paraíso, o vassoureiro,

violões enluarados nos pomares,

90 veludos de formosos lupanares
na Lapa dos simpósios de piano
de Ovalle, Villa, dom chopiniano
das decaídas, lindas decaídas
(musicalíssimas mulheres, vidas
paralelas aos resposteiros graves
das pensões respeitosas e suaves),

95 céus mestiços de junho, céus vibrantes
de abril deitando azul sôbre os amantes,

e a melodia segue espiralada
pela noite da alma arrebatada
em caracóis de anelos, refrações
do coração, meandros, digressões

100 do sentimento, viravoltas puras,
labirintos de amor, arquiteturas
de André, Jacó, Luperce e Honorino,
Lacerda, Pernambuco e Severino,
Zèquinha, Dilermando e Biliano,
105 Radamés, Eduardo, Americano,
e enfim no choro astral do grande Alfredo,
segredo — é claro — aqui tudo é segredo.

O anjo bêbado.

Rio de Janeiro:

Sabiá, 1969.

p. 120-124.

4.2.7 SELECIONADOS DO LIVRO TRANSUMANAS^{XXI}

CAMPOS, Paulo Mendes. *Transumanas*. Ilustrações e capa de Ziraldo. Rio de Janeiro: Codecri, 1977. (Coleção Edições do Pasquim; v. 15).

O livro inicia com a seguinte dedicatória:

“Neste almanaque escrevo os nomes dos que comigo puxavam angústia, nas madrugadas de Belo Horizonte, mas nunca perderam o bom humor:

Otto Lara Resende
Hélio Pellegrino
Fernando Sabino
Murilo Rubião
João Etienne Filho
Emílio Moura
Francisco Iglésias
Jair Rebelo Horta
Autran Dourado
Wilson Figueiredo
Marco Aurélio Moura Matos
Jacques do Prado Brandão
Sábato Magaldi
Cyro dos Anjos
Octávio Mello Alvarenga
e
numa semana festiva
Mário de Andrade”

A VIDA EM TRÂNSITO

O guarda de trânsito nunca sorri na pantomima do dever
a não ser quando estende a mão à criança que vai aprender a ler.
O guarda não pode, claro que não pode, ser um cara muito honrado:
São Cristóvão transportou o filho de Deus e acabou cassado.
5 O guarda não deve ter lido o soneto da audição colorida
mas tira do apito sons verdes e vermelhos feito a vida.
E para que a orquestra do trânsito se afine
ele dá de si o que não deu Toscanini.
Quando nasce mais uma velhinha (a que hora, meu Deus, em que idade?),
10 ele sabe que teve um aumento de res-pon-sa-bi-li-da-de.
Se por acaso o guarda de trânsito namora em serviço
a humanidade se divide em duas: há quem goste e quem não goste disso.
Um dia o guarda chegou em casa às gargalhadas dizendo para a mulher:
Lá em Portugal, minha filha, táxi, veja só, é *carro de aluguer*!
15 Num outro dia ele chegou e foi falando pro menino:
Parei hoje um sujeito, sabe quem era? O Rivelino!
Uma tarde uma pombinha branca pousou no asfalto preto,
toda espiritual que só vendo, e foi indo na maior das calmas, resmungando
para o guarda: Você não sabe com quem está falando!...
20 E uma vez deu-se de repente que o guarda encucado bradou num estupor
aristotélico: Tudo, tudo é culpa do primeiro motor!
É isso. Em todo guarda de trânsito há um desejo teatral, aflito,
de mandar o Detran à puta que o pariu e sair feito Carlito.
Mas não dá pé. Quando muito, antes, durante e depois da lida,
25 ele entra no desvio do boteco e vai pedir uma batida.

ORIENTAL

Meu amor
é como a relva oculta no recesso da montanha:
embora se alastre
ninguém o sabe.

VIVER É FINGIR

O mainá apareceu morto na gaiola.
Foi na manhã de domingo.
A mãe foi a primeira a ver,
depois o pai, depois a menina,
5 depois o menino, dono do mainá.
Então eles ficaram sentados em volta da mesa da cozinha,
sonolentos, em silêncio, partindo o pão, tomando café.
A mãe disse que o menino levasse o mainá e o enterrasse.
Vou jogar ele na lixeira.
10 Não, é melhor enterrar ele.
Tá bem. Vou enterrar onde enterrei o corupião,
lá longe, perto da pedreira.
O corupião eu enterrei com a casinha dele.
Ah, foi?
15 Foi.
O mainá preto e amarelo estava na área de barriga pra baixo.
Tinha vindo da Índia.
Eles continuavam comendo o pão, bebendo o café,
em silêncio, sem rir, sem chorar,
20 fingindo que a coisa mais natural do mundo
é a morte de um mainá, um mainá de menino,
um mainá que veio da Índia e apareceu morto na gaiola
na manhã de domingo.

ELEGIA

De abril um céu aberto
caiu dentro de mim,
eu o mereço (é certo),
mas nunca foi assim.
5 Obrigado, obrigado,
senhor dos céus de abril,
o amor que tenho é dado
só a um entre mil.
Se a meus contentamentos
10 quiserdes pôr um fim,
castiguem-me os maus ventos
(obrigado, obrigado),
que sempre foi assim.

ORIENTAL

Além além
o manco vai mancando
além além
e seu chapéu parece
5 barco doido sobre o mar
ondeando ondeando sobre a cerca
e desaparece.

INFINITO EM CÂMARA LENTA

Uma tarde em Paris
amei uma Geneviève com tanto cuidado e carinho
como se ela fosse o ALÉM
e eu fosse o DEVAGARINHO.

TROVA

Se morro porque a vi
com quem mais eu viveria
in a kingdom by the sea?
Ninguém, Maria.

MILAGRE

O silêncio, onde morava um resto de sabedoria,
será reconquistado:
quando se romper o véu dos nossos tímpanos.

DIDÁTICA

A poesia se divide em três gêneros:
a lírica de teus olhos,
a epopéia de teu sexo a pílula inclusive
e o drama de teus cabelos.

ÓDIO

Que venha a noite e decida a parada
de nada.
Que venha a noite e anoiteça as minhas esquinas
exacerbadas.
5 Já não me diz a luz do dia.
Que venham as outras noites inesquecíveis,
apesar de perecíveis, que anoiteçam tudo, que façam,
que aconteçam. Já não me diz o som do dia.
Que anoiteça o que reste de som em mim
10 e eu me apreste à luz do fim.
Já não me diz a flor do dia.
Que venha e me fale e eu me cale
para que ela cresça e eu desapareça.
Já me diz sim o não do dia.
15 E me esqueci do que seria.
Que recolha os longes de mim e seja aqui e, agora, enfim.
Desça. Que retumbe a pedra sob a noite avessa.
E eu não mais apareça.

NOVA SULAMITA

— Vem, amada minha,
 vamos lutar de amor no cosmo,
 vamos morar no céu de ninguém.
 Levantemo-nos de manhã para ir ao céu.
 5 Vamos ver se deu flor na Lua.

— Eu te tomarei e te levarei à casa de minha mãe.
 Eu te darei a beber a Dietilamida do Ácido Lisérgico.

— Quem é esta que sobe aos anéis de Saturno,
 armada até os dentes?

10 Eu te despertarei no Mar da Tranquilidade. Tu me conduzirás
 ao Mar das Tormentas.

— Faze comigo a tua viagem sideral. Põe-me a mim
 como uma guerrilha sobre o teu coração. Porque o amor
 é valente como a guerra.

15 — O zelo do amor é inflexível como o computador eletrônico,
 e a minha guerra está diante de mim. Ó tu, a que habitas
 no espaço, faze-me ouvir a tua voz. Eu te farei
 um *chemisier* ligeiramente *évasé* com todas as gradações
 do verde-água. Um pareô de prata te comprarei,
 20 com uns rolotês de ouro cruzando por ilhoses de platina. Eu te
 vestirei depois de napa reluzente.

— Eu me vestirei da cabeça aos pés com uma *écharpe*
 de musseline. Para ficar visível ao meu amado. Eu busquei
 no azul aquele a quem ama a minha alma. Busquei-o
 25 e não o achei. Levantei-me e rodeei a galáxia. Busquei no
 vácuo sideral aquele a quem a minha alma ama. Os guardas,
 que rondam a Via-Láctea, me encontraram e eu
 lhes disse: Viste aquele a quem ama a minha alma? A
 milhares de quilômetros, que me tinha apartado deles,
 30 achei eu aquele a quem ama a minha alma. Dei-lhe uma
 rajada de fogo. E não mais o largarei, até o introduzir
 no apartamento de minha mãe, e o levar à câmara
 daquela que me gerou. Eu sou a chama, e eis que o meu amado
 vem saltando sobre os astros, atravessando
 35 o campo fecundado de estrelas.

— No vale das crateras lunares te amarei. Oh como és bela,
 amiga minha! Os teus olhos são como o napalm,
 que se fecham com o zíper de teus cílios lilases. Teus cabelos
 são como as labaredas dos conversores Bessemer. Teus
 40 lábios são como uma fita de polímeros escarlates. Como é o
 vermelho do hidrogênio inflamado assim é o nácar
 de tuas faces. Teu pescoço é como
 a torre de Cabo Kennedy. Teus peitos são como os
 caças a jato, velozes e terríveis. És toda formosa,
 45 amiga minha, em ti não há pespontos. Vem do espaço,
 amiga minha, vem do espaço; coroada serás de agapantos
 nos altos do universo. Tu feriste meu coração,
 irmã minha, esposa, tu feriste meu coração com o
 raio laser da vida, e com os teus cabelos lavrados. Em ti
 50 o plástico e a cor encontram sua moradia. És toda luz,
 feita de fótons. És como um campo magnético. Minha amada
 é às vezes invisível e sensível como o ultravioleta. Minha
 amada é às vezes como o infravermelho. És formosa
 e secreta como uma indústria de material bélico,
 55 e as tuas produções são uma fonte de água pesada.

— Levanta-te, teleguiado, e vem tu, destrói
 o meu jardim. Que verás na Sulamita senão os coros
 de música no espaço dos exércitos?

— O teu umbigo é como o atol de Bikini, onde
 60 os corais ainda são inocentes. Teu ventre é um campo
 minado, cercado de açucenas. Teus olhos são como a piscina
 do reator nuclear, e o teu nariz é como radar olhando
 para o deserto. A tua cabeça é como o Monte Carmelo,
 camuflado em ondas de ouro. Quão terrível és,
 65 ó caríssima, nas delícias! O cheiro de tua boca
 é o de nardo puríssimo; por ele o Rei Salomão daria
 um terço de suas concubinas. A tua estatura é semelhante
 a uma torre de lançamentos espaciais. Eu disse:
 Subirei à torre. E serei lançado ao espaço. Vem, amada,
 70 vamos para o céu de ninguém.

LEGENDA

Tua boca tem umidades de brejo
e piranhas de carinho.
É o polvo que come o homem do mar devagarinho.
Tua boca é um gongo na alvorada.
5 Um caminho de água iluminada.
É olho flamante de tigre errante.
Tua boca é o frio incandescente.
Tua boca é o devagar de repente.
Tua boca é a boca da noite.
10 Tua boca é a louca da noite.

TRANÇA HUMANA

A arte é uma rede de comunicações no tempo.
Há subestações de alta potência:
Homero, Dante, Shakespeare, Bach, Goya...
E há fiações, fusíveis, parafusos, isolantes,
5 singelos e imprescindíveis.

BILHETE AO MOTINHA DA SAMAMBAIA^{XXII}

Comprei uma espingarda de matar passarinho:
se você aparecer aqui na Grota do Jacob
à meia-noite
pra gente ir ao *Chaillot*
5 tomar uma sopinha de aspargos,
te passo fogo.

ASTECAS

Pra eles
 uma só palavra era:
 a sombra
 a alma
 o vento

5

VIA SMARRITA

Sempre me avisaram:
 “Cuidado com os adjetivos!”
 Fiz o que pude! Porém
 amei-os à primeira vista —
 e hei-de amá-los até o amargo fim.

5

LINGUÍSTICA

Há mulheres retas uniformes,
 gravadas em argila
 como os caracteres cuneiformes.

E há róseos hieróglifos.

VERBO

Singular fui: eu.

Alternaste-me: tu.

Insinuou-se: ele, ela.

Pluralizamo-nos: nós

5 Não exixtis: vós.

Somos todos eles.

IDADE

Amanhã

fui dar um passeio de lancha.

CIÊNCIA NATURAL

A literatura

não tem valor extra-natural.

É valiosa:

por ser uma extensão natural da nossa apreensão.

5 Serve-nos:

como o espaço, o ar, a água, a cor, o alimento.

É um fenómeno da natureza.

“COMO TEM PASSADO?”

Amanheço
 pousado
 na ramagem
 de meus ossos.
 5 Ondulo
 quando
 há
 vento.

FOTO-LEMBRANÇA

Meio-dia.
 Na Rua Pompeu Loureiro
 a brisa agita
 as bonitas bigodeiras
 5 vegetais do vassoureiro.

ANTROPOLOGIA

Em todas as tribos
 de todos os tempos,
 o deísmo
 e o ateísmo
 5 começam com os intelectuais.

DE UM INFORME ANTIGO

O conde de Resende
 aborrecia e tremia de poetas;
 julgava-os,
 na sua cândida bronquidão,
 5 entes perniciosos e subversivos.

CANTO E CONTO: DUAS FERRAMENTAS

Use a condução do poema
 só quando a velocidade da tua visão
 não der para viajar em prosa.

BELLE ÉPOQUE

Na Rua Gonçalves Dias
 a Sra. Lins-Beiral
 esbarra de leve com o velho Doutor Academus Brasiliensis:
 — Mestre, qual a nossa próxima obra-prima?

5 Madame, tem um título um tanto ou quanto atrevido:

Ten...

dresse...

CONFISSÃO

Tudo o que for forasteiro
 vou pegando — bonde, avião ou luzeiro:
 o poeta é passageiro.

ECOLOGIA

Não vou mais ao banho de mar:
quem está precisando de um banho
é o mar.

ORIENTAL

Nossa! Como a gente envelhece!
E o lago em rugas estremece.

EMBRULHO

Metástese. História. Oeste, Fome.
Tortura. BH. Canivete. ISS.
Terramicina. Esturjão. Majólica. Fígado.
Comício. Escola. Redação.
5 Sexo. Oculista. Magia. Pianola. CPF.
BNH. BNDE. CECAP. INPS.
E Jean Nicolas Arthur Rimbaud.
E Charles Hortensius Émile Cros.
E Jules Laforgue.
10 E Édouard Jean Antoine René Corbière.
E Paul Marie Verlaine.
E la lune blanche sur le bois.
E de chaque branche part une voix.
E os soluços finos dos violinos.

REALISMO MÁGICO

Pierrot bebeu uísque pela uretra
no *Vogue*,
depois deu as caras numa barca de Niterói,
nuzinho da silva,
5 vomitando no mar
e morrendo.

ORIENTAL

Lá longe, tá vendo, aquela fumarada
é a minha amada angustiada.

EPISÓDIO

De uma feita
pedi ao poeta a poética receita.
Foi num bar de biritá
em que la via reta era smarrita.
5 Como se tossisse
ele disse:
antes de tudo castigue um grog
do tamanho da barriga de Balzac;
desligue Bilac;
10 pesque paciente um peixe lento
e outro docemente violento;
fume aquela maconha
que Baudelaire escondeu dentro da fronha;
sintonize no fog
15 as estrelas
com a orelha — de Bilac não —
a de Van Gogh.

HAICAI

Ao ser amada pelo galo garnizé
a galinhazinha começou a bicar uma minhoca —
e eu nunca mais tive certeza a respeito de galinhas.

ASPIRAÇÃO

Um poema que crescesse
um poema que ventasse
um poema que chovesse
um poema que solasse

SAPIENS-FABER

Toda profissão é intelectual:
depende só do profissional.

TO TEA OR NOT TO BE

English ladies just don't like
a nice cup of tea. But!
they adore the tea-cup ballet
— time and fingers and all that —
5 and such a little thought
and a toast delicious.
Why! Five o'clock must be
for ever
and for ever is old merry England.
10 And to-morrow (grace!) after all
is the same
monotonous
glorious
day.

ESTILOS

Além, muito além daquela serra,
que ainda azula no horizonte,
nasceu Iracema...

Machado talvez escrevesse:
5 Iracema nasceu além daquela serra. Ou aquém.

LINGUÍSTICA

Deus fala divino —
língua que todos sabem
e ninguém entende.

IN VINO VERITAS

Ah, no porre do poeta há
a orelha de Van Gogh, há
a perna esquerda de Rimbaud, ah,
a gagueira de Machado, há
5 os gatos de Poe, ah,
as lágrimas de Jeremias, há
os robbins de Emily Dickinson, ah,
as muletas de Heine, há
a tabis dorsalis de Daudet, ah,
10 o glaucoma de Joyce, há
a cuca de Mustafá, ah,
e o resto, ah!

À MUSA DE UM ANO

Se um dia,
ao ler este poeminha, Silvinha,
você sentir um arrepio,
não tenha cuidado,
5 não é resfriado,
sou eu, Paulo,
seu tio feiticeiro,
lá longe, no frio,
no País do Candeeiro,
10 pousado num fio,
telegrafando pra Silvinha
meia dúzia de beijos de andorinha.

ORIENTAL

Sobe a lua: está escuro
dentro do espelho e no muro.

Na janela faz um furo
um feixe de luz impuro.

5 Depois, oblíquo, inseguro,
no espelho sujo, o futuro.

CARTA A PERO VAZ CAMINHA

Meu caro Pero Vaz: da frota de *Quatro Rodas* o capitão
houve por bem ou por mal
que aqui este aturado escrivão
lhe desse as novas da terra de Cabral.

5 Assim seja.
O sol é grande. Neste mesmo instante,
do turbilhão de luz amante,
por este mar de longo espairecida,
anda a nossa tribo à beira-mar da vida.
10 Vida que são cousas boas e más, Pero Vaz.
Vamos no entanto, por ora, podar as más;
assim sendo, antes de dar-lhe ciências de tais miudezas,
emendo logo: Tudo, na vida, são belezas.

Na antiga, e nunca assaz louvada, praia em frol,
15 azagaia em desmancho, zine o sol.
Eis que aí, numa braçada de flores, são elas!
E como são belas, Pero, as mulheres belas!
Bem o sabes: o ar a que se criam as faz tais.
Nem mulheres são, são deusas imortais,
20 são mais, mais o que quiseses,
mais que mulheres —
são de remoadas idades
recorrentes divindades.

Certo fico disto: é uma escola para os olhos esta parreira
25 plástica, este Olimpo carnal em contraponto,
esta universidade do mundo de que reza o Vieira.
Nem te conto. Ou conto.
Despejadamente vão passando de uma vez
as três (graças? garças? triarcas?):
30 Talia, Eufrosina e Aglaia.
Cloto, Láquesis e Atropos (as irmãs Parcas)
andam de luto e não curtem a praia.

- Com ter sido abandonada por Teseu,
Ariadne dá umas voltas no céu com Prometeu.
- 35 (Entra a mitologia pelo cano —
mas é humano.)
Pirra, filha deste ilustre assaltante, erra
num barco há uma pá de tempo: boa ou má, tem a tenção
de povoar a terra.
- 40 Há de ser uma grande explosão.
- Num grito do Egito, Ísis e Osíris
— Isisosíris —
hieróglifos enroscados em si como raízes,
estão aqui.
- 45 Com o fogo da catléia a queimar dentro do seio,
Odete de Crécy, é claro, também veio.
Na companhia de uma pantera grã-fina
quem se mandou foi Albertina.
Capitu, com seus olhos de ressaca ou ressaquinha,
50 derrama um oceânico enredo
aos ouvidos da loura moreninha
(Pero, a formosura d'agora não lê o Macedo).
- Reveste-se Istar com umas penugens de luz;
logo mais, num inferninho, há de encontrar Tamuz.
- 55 Diz que veio de longes brasis a deusa ilhoa
que, apesar de formosa, atende ao nome de Alamoia.
Iansã e Obatalá vieram no ônibus da Bahia.
Macunaíma arrasta asa à Dona Janaína —
pela luz que nos alumia!
- 60 Hebe baila devagar-quase-parando, apesar das asas de ouro.
Helena (pobre Menelau!) não sabe se vai ou se fica,
enquanto Pasífae se enrola num sonho de touro,
que até Segismundo explica.
Por mim, dou conta do que vejo!
- 65 Minerva, muita da indústria e do varejo,
à tanga reduzida, nem parece rica.
- Este ele-ela de cabelos enramados
são Eros e Psiquê, mas muito embolados.

Eurídice, já próxima às ardências,
 70 espera por Orfeu, que tange a lira às Três Marias.
 Violentando a nuvem, Palas está na sua,
 mas Diana prefere o mundo virgem da lua.

O ventre de Tellus Mater ou Gaia
 é um mar enxuto que se espraia.
 75 E vem o velho Netuno glutão e se espadana
 à planta dos pés em flor de Tatiana.

Lá fora, onde os elfos vão surfando, as ondinas,
 aquém do bem e além do mal,
 vão lambendo piranhas de sal.

80 Às vezes estas deusas ficam mesmo bem humanas:
 com uns jeitos engraçados
 de flamingos irisados,
 são deusas em pestanas.
 Com todo o sentido da falta de sentido,
 85 a vida de Juno dá uma telenovela:
 acorrentou o marido
 e fez da rival uma vaca amarela!

A conselho de Cibele,
 Iracema dos lábios de mel
 90 acabou dourando a graúna com o pincel de Boticelli.
 Posto o quê, silêncio! Com seu burilado alexandrino de Racine,
 no mar retine agora a Vênus de Bikini.

Mas existem ainda, Pero Vaz, as mulheres minerais.
 Geométricas e transparentes — são cristais.
 95 Caras e cintilantes — são diamantes.
 Rubras e febris — são os rubis.

E as há também animais:
 gazelas e felinas e tubaroas e aves angelicais.
 Umas vi de boca rasgada e vergonhas cerradinhas
 100 como as andorinhas.
 O mais delas lembra as pernaltas,
 de pés espapaçados, lindas, muito altas.

Para escapar, Pero, aos assaltos do asfalto,
 alça, meu velho, como as trepadeiras, para o alto,
 105 por uma coxa longa qual a madrugada,
 por um ventre esguio amorenado,
 por um pescoço em talhe de palmeira,
 por um rosto floralmente iluminado,
 mais alto, onde meneia a bem despenteada cabeleira.

110 São vestais vegetais,
 são deusas primaveris,
 mui gentis, mui bacanas,
 flores que se esfloram pelas poluições humanas.

Em verdade, do mar um pouco
 115 não há melhor meizinha para o sufoco.
 E há raros lêmures malfazejos no litoral
 do Senhor Dom Manuel Rei de Portugal.
 Contra o mau hálito urbano,
 Pero Vaz, do ano em que vamos,
 120 nada como respirar o aroma do mar,
 nada como paquerar, digamos,
 um rododendro circassiano.

São as flores, Pero, são as flores,
 semântica sempiterna dos amores:
 125 a multifólia clássica que é a rosa,
 a revirada gloxínia voluptuosa,
 a odorata, a umbelata,
 a hortênsia rotunda,
 a tuberosa floribunda,
 130 a rósea dedaleira,
 a caseira jardineira,
 o cravo remontante,
 a lunária, a cinerária,
 a viola tricolor,
 135 a marítima candidíssima,
 a margarida margaridíssima,
 a boreal labiada,
 a lobélia empavonada,
 a flor da tragédia,
 140 a flor da comédia,
 a flor do transval
 e a do mal.

São as flores, Pero, são as flores
 com seus humores,
 145 suas umbelas e seus labelos,
 suas cotonias, seus terciopelos,
 seus pecíolos e seus pistilos,
 seus lábios, seu pólen, seus mamilos,
 suas miçangas e suas unhas,
 150 seus rococós, suas mumunhas,
 suas corolas curvas, suas arestas,
 seus hermetismos e suas frestas,
 seus xerimbabos e seus perfumes,
 suas gracinhas, seus azedumes,
 155 suas abelhas, seu burburinho,
 suas galas, seu desalinho,
 são as flores
 com os seus desdêns e seus amores,
 Singelas, são perfumadas violetas,
 160 e as mais sutis são filhas da luz com borboletas.

Na praia há que ser feliz,
 mas devagar, como quem diz e não diz,
 pois, em sua divina inclemência,
 Nêmesis pune a insolência
 165 e não nos permite
 os desmandos da euforia
 (apesar de ser demais a poesia
 celta de Brigitte).

São elas, as belas, belas demais,
 170 umas menos, outras mais,
 uma parada, Pero Vaz, uma parada
 em que não nos vai nada —
 mas é doce como se nos fosse.

Enfim, em nosso tempo houveras de gostar
 175 de folgar à beira-mar.

A praia que te refiro, à maneira tua e minha,
 com ser gentia,
 com ser pagão seu mulherio,
 falando a frio,
 180 Pero Vaz Caminha,
 a praia é o lenitivo do nosso dia,
 a praia é a glória do nosso dia.

PARA-VERLAINE

Lembrar, não me lembro mais dela...
 mas... esquecer-esquecer...
 isso também não me esqueci.

PROCURA-SE

A bacia de Pilatos
 a gravata borboleta de Fernando Pessoa
 o espelhinho de Alfonsina Storni
 a granada que feriu Apollinaire
 5 o canecão de Noé
 o martelo de São José
 o terço de São Francisco
 a banheira de Arquimedes
 o boticão de Tiradentes
 10 e a botina Polar que meu tio me deu quando fiz cinco anos.

SAPIÊNCIA

54 anos e uma conclusão:
 eu teria sido milionário
 com muito pouco dinheiro.

CAVERNA DE PLATÃO

Se você contasse um sonho
 a quem nunca tivesse sonhado:
 "Era um quadrado
 que era também um círculo
 5 e falava japonês..."

1949

Pousei e era l'aube
acordei e era a Rue de Seine
e fui andando
e era a casa de Anatole
5 e era a casa de Racine
e era o ateliê de Delacroix
e eram os plátanos
e eram os amantes beira-rio
e era a luz que me faltava
10 e almocei salada e vinho

DATILOGRAFIA

Às vezes uma dessas moças me pergunta
sorrindo pela metade:
"O senhor não terá por acaso de vez e-m quando alguma coisa pra eu bater? Adoro
levar um servicinho pra casa!"
E meu coração se amassa como um papel.

INTROSPECÇÃO

Não basta você admitir que poderia ser um assassino.
Ouse mais:
admita que você poderia ser
um policial estúpido e covarde.

SUDÁRIO

Os generais nada fizeram para salvar-me da morte.
 Os estadistas nada fizeram para salvar-me da morte.
 Os sábios nada fizeram para salvar-me da morte.

Só os poetas,
 5 há muito,
 começaram a tecer,
 fio por fio,
 horror por horror,
 o pranto de minha morte.

VIAJANTES

Grande parte viaja para adorar.
 Muitos para detestar.
 Só alguns viajam tranquilos,
 mas surpresos,
 5 e pouquíssimos viajam surpresos,
 mas tranquilos.

LÍRICO

Aninhou-se a lua nas areias de Ipanema.
 Dorme a lua. Dorme o silêncio
 no sussurro feminino das águas.
 O abismo dorme.
 5 Teus pés estão sujos de areia.
 Está molhado de mar teu vestido.
 Dorme, menina.

SEMPRE ERRADO

Busquei as horas noturnas como quem vai aos negócios.
 Fui aos negócios como se fosse ao meu enterro.
 Nunca lógico e pontual o tempo de minha vida.
 Nunca o mel onde é o mel.
 5 Nunca o sal onde é o sal.

ORIENTAL

Queria escrever um verso
mas o cedro é tão diverso!

Como fazer elegia
de tanta luz e alegria!

5 A imagem começada,
com o real vira nada!

Já mal nasceu este odor
de uma inacessível flor,

10 chega a mulher e resume
tudo em seu riso e perfume!

COPACABANA

Manhã.

Uma lancha ganha o mar contra o vento.

Para o fim indizível do amor,
um dia fresco e frágil como a fruta.

5 Para o fim indizível do amor,
o sol, la luna.

Tarde.

(Copacabana não tem a virgindade
das brisas nordestinas.)

10 Noite.

O mar dentro da noite
é duro como um soneto de Emílio de Menezes.

MARIA

Ias fria, triste, feliz.

A tarde oprimia camélias úmidas em nossa boca.

ENGENHARIA

Às vezes tenho pensamentos bem simples:
deixar de beber, desistir do absurdo.

Eu compraria uma paisagem restrita.

LULLABY

Sleep, Gabriela, sleep
and close your eyes to see
over the mountains a white sheep
and a bright ship on the sea.
5 Sleep, Gabriela, sleep
and sail to a land afar
and get at the end of the trip
the brightest and biggest star.

ADOLESCENTE

Está só diante do mundo
um falcão sobre o rochedo
temível em solidão.

ORIENTAL

Água vem, água vai,
água sobe, água cai:
o teu amor mais terno
não pode ser eterno.

LASSIDÃO

Sem sentimento nenhum chora a flauta.
O relógio trabalha sem entusiasmo.
Morre a flauta.
Morre o domingo
5 nas asas de uma papoula dourada.

OLVIDO

Ouve o mar praiando nas desoladas plagas.
 Pensa na luz da estrela caminhando.
 Nestes gerânios sequiosos que secaram.
 Somos barcos mortuários.

5 Minha lembrança irá mais tarde
 emigrando de teus pensamentos.

COCTAIL PARTY

Flecha de cripta
 prata de espada
 palavra escrita
 dissimulada.

5 Sobre o piano
 tinha uma vela
 do tempo arcano
 do ele-ela.

10 Quem fala, fala,
 nunca diz tudo.
 No fim da sala
 o mundo é mudo.

TERCETO

A solidão da morte não me aterre:
 perdida em solidões durante a vida,
 minh'alma solitária se desterre.

ORIENTAL

O movimento imóvel da montanha
sem um passarinho.
O caminho que lento vai passando
sem ninguém, sozinho.
5 E o pescador que busca no regato
gelado
um peixe abstrato.

ORIENTAL

Canta até o desdouro,
canta até o estouro,
cigarra, em verso e prosa,
teu amor, teu ciúme.
5 Prefiro o vagalume
noturno que reluz
e se desfaz em luz —
em luz silenciosa.

SOBREVIVENTE

As filhas do vento brincavam de roda
dançavam no vento depois se casavam.
Dois anos mais tarde
moravas numa casa de muitos canteiros.
5 Os girassóis eram ideias episcopais.
O açude estaria assim de demônios aflitos.

Mas um dia ganhaste a região das landes
onde o indizível é ainda dizível
e sempre uma cantiga.
10 Mas eu sou palmeira desta terra
cheio de medo
dissipado nas reinações da brisa.

MIGRAÇÃO

Aves escuras
que vão passando
buscando a lua
da eternidade,
5 aves cansadas
que quando passam
são minhas graças
sacrificadas,
aves feridas
10 do fim da vida,
não tenho nada,
não quero nada.

LONGE DOS OLHOS

Telefonava horas contigo.
Me embaraçava em ti.
Como dois náufragos
dois amantes que se telefonam
5 reduzidos ao abismo
agravam o fluido em que se movem os amantes
perdem a lucidez
entontecem
pervertem a confiança
10 e acabam desengonçados no azul profundo.

AVISO À ENTRADA

À linguagem musical
levar somente o silêncio.

CORAÇÕES

meu coração arrogante
 meu coração de Teresa
 meu coração este instante
 meu coração incerteza
 5 meu coração porta-aberta
 de grotões cavernas furnas
 meu coração hora certa
 de debandadas noturnas
 meu coração peixe rubro
 10 meu coração brasileiro
 meu coração mês de outubro
 quando é abril em janeiro
 meu coração diz-que-disse
 meu coração tique-taque
 15 meu coração Rua Alice
 meu coração como um baque

PROMETHEUS

Fire's extinguished.
 Le feu est éteint.
 Feuer ist kaput.
 Qual o quê!
 5 Só sei,
 letra por letra, é
 FOGO PAGÔ!
 FOGO PAGÔ!

ORIENTAL

Este sol! Este jogo
 de teias pacientes
 de luz entrelaçando
 as cortinas ardentes!
 5 No meu palácio em fogo
 quem me vê chorando?!

CPF 008453377

São muitos em mim,
mas,
ao contrário de Fernando Pessoa,
vou assinando tudo com o meu nome.

RECEITA PARA UM PICASSO

O flash-light de Valéry
o vampiro Nosferatu de Murnau
uma quina de Mondrian
a sagração da primavera de Stravinsky
5 a flauta mágica de Pixinguinha
a lucidez necrótica de Eliot
a aurora da varandinha de Garcia Lorca
a serpente vital de Lawrence
o poema sangrento de Essenin
10 as lindas palhaçadas de Cocteau
a mecânica ondulatória de De Broglie
a rosa redundante de Gertrudes
e o encontro do guarda-chuva
15 com a máquina de costura
na mesa de anatomia

HISTÓRIA

O tirano
é odiado no espaço de seu tempo
mas sempre encontra no tempo o seu espaço

Hitler vai ter seu altar
5 sua capela
sua igreja

DIES IRAE

E quando no Juízo Final
 o Arcanjo Acusador
 inquiriu o Sr. William Shakespeare
 por qual motivo ou quais motivos
 5 ele
 tão quantitativa e qualitativamente
 dotado
 dotado até demais
 deixara de transmitir ao mundo
 10 a mensagem integral de sua inteligência
 e de sua sensibilidade
 o réu respondeu: *Well...*
acho que é... porque...
desde menino... né...
 15 *sempre que eu dizia um treco sério*
a turma caía na minha pele...

NIETZSCHEANA

Onde começa a feira acaba o silêncio.
 Nietzsche tinha horror ao convívio.
 Imagino ele morando num edifício por aí:
 — Minha filha escreve legal, seu Nietzsche.

5 Condomínio síndico docinho telefone.

— Mamãe acha o senhor tão esquisito.
 — O senhor acha indecente que a mulher conquiste o direito de andar como quiser?
 — Não acredito que um homem do seu valor não tenha religião.

— Doce ou salgadinho, vai querer?

10 — E o Zaratustra, meu chapa, sai ou não sai?

EM TEMPO

As palavras voam.
 Mas não só as palavras.
 As casas voam.
 As cidades voam.
 5 Até as civilizações e as galinhas voam.

VENTS

Le vent de la vieillesse
 tourne en sécheresse.
 Le vent de l'oubli
 parsème l'o dans l'i.
 5 Le vent de la publicité
 ça c'est merde pour qui n'a pas acheté.

GEOPOLÍTICA

Gritam no Sul
 gritam no Oriente
 gritam na esquina.
 E se de repente
 5 houvesse um defeito no sistema de aquecimento
 se a média térmica terrestre
 subisse ou descesse
 dez graus
 não gritariam de repente
 10 no Sul
 no Oriente
 na esquina.

NOMES DE LUGARES: ESTÓRIA DO BRASIL

- Porto da Lontra, Bandeira,
Pau dos Ferros, Murici,
Afogados da Ingazeira,
Angival do Piauí,
5 Cordisburgo, Viradouro,
Borborema, Derramado,
Orizona, Miradouro,
Lins, São José do Calçado.
Aquidabã, Harmonia,
10 Unistaldo, Venturosa,
Arapongas, Ventania,
Betim, Monsenhor Tabosa.
Peixe Gordo, Herval, Cedral,
Pio IX, Orós, Orinhos,
15 São José do Goiabal,
Oliveira dos Brejinhos.
Tiririca, Quipapá,
Xaxim, Xanxerê, Juti,
Itapipoca, Uauá,
20 Bossoroca, Cariri.
Pratinha, Porto da Farra,
Buriti, Buritizeiro,
Descalvado, Balsa, Barra,
Monte Carmelo, Pinheiro.
25 Bexiga, Matacacheta,
Quintana, Jucururu,
Lídice, Malacacheta,
Descanso, Jucurutu.
Santa Cruz, Santa Isabel,
30 Santa Inês, Santa Maria,
São José, São Gabriel,
Santo Antônio d'Alegria.
Três Marias, Caridade,
Três Vendas, Três Corações,
35 Dois Vizinhos, Piedade,
Brejo das Almas, Perdões.
Duas Antas, Descoberto,
Galiléia, Ladainha,
Arroio do Sal, Deserto,
40 Não-me-Toque, Invernadinha.

Cruz de Malta, Pindorama,
Brodósqui, Brusque, Buíque,
Nova Europa, Cosmorama,
Massaroca, Xique-Xique.
45 Luzerna, Exu, Campanário,
Dores do Turvo, Anajás,
Cocal da Telha, Ladário,
Montes Claros de Goiás.
Tutóia, Touros, Mutum,
50 Amargosa, Chapéu d'Uvas,
Porto Tigre, Catanduvas,
Divino, Witmarsum.
Tiradentes, Campo Belo,
Itororó, Capinzal,
55 Rajada, Monte Castelo,
Cacha Pregos, Tremendal.
Óbidos, Nova Friburgo,
Nova Granada, Londrina,
Nova Iorque, Novo Hamburgo,
60 Califórnia, Palestina.
Rio Azul, Rio Negrinho,
Rio Pomba, Igaratinga,
Paraúna, Atterrado,
Rio Tinto, Caratinga.
65 Corrente de Ouro, Encantado,
Flórida, Manhã, Planura,
Arcos, Alegre, Eldorado,
Grã-Mogol, Flores, Fatura.
Taió, Arroio dos Ratos,
70 Ponte Serrada, Sombrio,
Garças, Aragarças, Patos,
Andorinha, Cabo Frio.
Caravelas, Água Branca,
Estaca Zero, Fundão,
75 Caracol, Passagem Franca,
Cacimbinhas, Gavião.
Canhotinho, Passo Fundo,
Turvo, Quixeramobim,
Passa Tempo, Acaba Mundo,
80 Relógio, Votorantim.
Josezinho, Juramento,
Veadeiro, Santaluz,
Chorozinho, Nova Trento,
Querência, Primeira Cruz.

85 Pilar, Pindamonhangaba,
 Pampão, Santa Fé do Sul,
 Glorinha, Curuçambaba,
 Chopinzinho, Serro Azul.
 Pedras de Fogo, Água Boa,
90 Conceição do Canindé,
 Jati, Capão da Canoa,
 Porciúncula, Avaré.
 Nhu-Porã, Nhamunda,
 Leda, Trombudo Central,
95 Altos, Pilões, Água Funda,
 São Mateus do Mar, Natal.
 Angelim, Alagoinha,
 Sertãozinho, Brumadinho,
 Congoinhas, Barroquinha,
100 Pardinho, Doutor Pedrinho.
 Jardimésia, Cristalina,
 Garibaldi, Mara Rosa,
 Medianeira, Agrestina,
 Madre de Deus, Espinosa.
105 Moreno, Porto Calvá,
 Almoço, Torixexéu,
 Milagres, Alto Longá,
 Palmas, Morro do Chapéu.
 Quebrângulo, Piabanha,
110 Formiga, Furnas, Nerópolis,
 Barrolândia, Mar de Espanha,
 Papagaios, Prudentópolis.
 Candeias, Manga, Dourado,
 Grossos, Monjolo, Aroeiras,
115 Perdizes, Pombas, Brumado,
 Estrela, Brejo das Freiras.
 Monte Sião, Esperança,
 Duna, Tupã, Algodões,
 Barro Duro, Barra Mansa,
120 Barra dos Bugres, Brejões.
 Mogi das Cruzes, Saudades,
 Baía da Traição,
 Cruz das Almas, Soledades,
 Luz, Farol da Solidão.
125 São Paulo, Campos, Mineiros,
 Brejo Grande, Barracão,
 Barra dos Mendes, Barreiros,
 Mendes, Campos do Jordão.

AMARMARIA

No bar eu ia
 crepuscular.
 No lar me via
 sem luz sem ar.

5 Dormir não dormiria.
 Sonhar não sonharia.
 Morrer morri um dia.
 Amar amei Maria.

10 Por amarmaria
 no bar eu ia
 crepuscular.

MINHAICA

Minhas
 esquinas
 anoiteceram

TRABALHOS E DIAS

Traduzir é meu jeito de descansar
 carregando pedras.

VELHICE

Começou
 quando me tornei invisível
 e tive de comprar vidros mágicos
 para saber quem me tornara.

AMOR

Que ainda venha
e se entretenha
como raiz cega
entre nesgas de pedra.

ORIGINAL AO FOGO

O poema se vai
lenta
silente
contorcida
merecidamente.

5

ORIENTAL

Com o barco, com o remo,
chegarei ao outro lado.
Mas com amor, amor, temo.
Ai de mim! desesperado.

MORTE

Não estou pronto agora,
mas, se ela chegar agora,
estou pronto.

MINHA PARÓQUIA

Ma paroisse est rongé par l'ennui
mon budget est rongé par l'ennui
mon foie est rongé par l'ennui
mon ange jaune est rongé par l'ennui
5 mon Leblon est rongé par l'ennui
mon ennui est rongé par l'ennui

TRANSLAÇÃO

Passei a adolescência, a juventude e a primeira maturidade
transando da livraria para o bar,
do bar para a livraria.

Hoje leio pouco.
5 Hoje bebo pouco.
Hoje transo pouco.
Hoje espio muito.

CANTO LENDO QUINTANA

Drácula
 — com quem almoço tarde na neblina —
 Drácula é morto.
 A Rue Racine
 5 — com Sara Bernhardt, Augusto Comte,
 o meu Paris de cerejas — é morta.
 Mamãe é morta.
 Mané é morto. Vi ele morto.

10 Mas Quintana me empresta seus caminhos
 e todos reaparecem, maravilhados, por aí.

Ah, esta multiplicidade amantíssima
 dos caminhos de Mário Quintana!

ORIENTAL

A lua cheia sai do charco.
 O mar é feito uma bandeja.
 Alguns amigos sobre um barco
 bebem um vinho de cereja.
 5 Quem são aquelas nuvens lá no alto?

Dizem uns: São mulheres vestidas de branco.
 Outros: São cisnes brancos lá no alto,
 Um bando de cisnes brancos

Uns dizem que são cisnes brancos lá no alto as nuvens em bando.

DISTINGUO

Quando na Primeira Grande Guerra
 a França enviou à frente seus jovens artistas e cientistas,
 Estado foi justo,
 mas racional não foi.

IDADE AMBÍGUA

A forma foi uma febre da adolescência.
Agora o que a estátua sonha
decifra o artista.

SEASCAPE

"After you, Mermaid" —
said the handsome Seal
in a corner of the Seal Sea.

The Seal (a real male Seal)
at last paid cash just to see.
Brief: at the end anyway the Seal felt better.
Keeping in her hands the goldeh coins
the happy Mermaid-Lady said with a smile:
"Gosh! I'll buy a swetter!"

As he was swimming after an old male trustful tasteful trout,
the underfed Seal was overheard to be said:
"No way in, no way out!"

POEMA REAL

Era menino e lia na varanda.
O pretinho chegou e foi falando depressa:
Mamãe mandô perguntá
se o sinhô tem um tustão
duzentos réis
pra dá pra nós
prajudá nós
pra comprá tocinho
tem quase três dia que nós num come
tá quase tudo morreno de fome
papai num taí.

MULTIDIMENSIONAL

Borboleta de língua portuguesa
 prefere virar butterfly,
 espetada na língua inglesa,
 do que fazer
 5 hai
 cai
 na
 lagoa
 japonesa.

CANTIGA PARA DANIEL

Caminhar sem ser à toa
 pela grota que se entoa,
 sem dentes comer castanhas,
 dar-se bem com as piranhas,
 5 não temer os roedores,
 tutear sapos e flores,
 conhecer os corredores
 dos castelos das aranhas,
 ao nariz dar liberdade,
 10 ao *to be*, intimidade.

CANTIGA PARA OSCAR NIEMEYER

Eis que o tempo-espaco deu um salto.
 No cálice de Santa Cruz, lá no alto,
 pedra de abril,
 elegia de perfil,
 5 pétala por pétala recortado,
 foi um cântico de alvenaria humanizado.

CANTIGA PARA JOAN

Onde a luz só à luz se emendava
(mais nada),
onde a tarde só a chuva-menina se dançava
(mais nada),
5 aí foi servido em colmeias cristalinas
o ar sem jaça das campinas,
aí, partido e repartido no chão,
foi o sol como um pão.

CANTIGA PARA LULU SILVA ARAÚJO

De repente o mundo falta
numa tormenta de prata.
Todo rio se desata.
Esta visão sobressalta.
5 Como um grito de granito.
Como o silêncio de um grito.

CANTIGA PARA CHICO BUARQUE

no carrossel azul do mar
há uma hora de brincar
há uma hora de brincar
no carrossel verde do bar

5 no carrossel azul do bar
tocou a hora do recreio
tocou a hora do recreio
no carrossel verde do mar

então os golfinhos meninos
10 fogem das aulas do mar
fogem das jaulas do bar

e no verde azul vão brincar
no verde mar azul do bar
do carrossel verzul do mar

CANTIGA PARA ÉRICO VERÍSSIMO

A ponte jesuíta,
 traço de união gramatical na solidão infinita,
 Lisboa reacesa no confim:
 aqui sopraram ventos de retórica,
 5 aqui na pedra se escreveu latim.

CANTIGA PARA JORGE CAMPELLO

Navega a cidade,
 passa no sombrio
 da necessidade,
 navega no rio,
 5 reza à piedade
 o seu murmúrio,
 possibilidade
 de um céu erradio...
 A vida (metade
 10 que está por um fio)
 é cumplicidade
 que tem o navio
 indo à tempestade
 do apelo vazio.

CANTIGA PARA GERALDO CARNEIRO

Trazendo versos e prosas
 entrei sem lei no reinado.
 Cruzei o Morro Pasmado
 por picadas amorosas.
 5 Sem dar a mínima bola
 a rede armei na mangueira
 e afinei minha viola
 de doçura brasileira.

CANTIGA PARA LUIS REIS

E retorcendo nosso destino
tudo é ritmo
e o ritmo abrindo o compasso
faz-se espaço
5 e tudo é barroco
como um floreio de flauta no terreiro
e tudo é muito ou muito pouco
no incêndio do Rio de Fevereiro.

ECONOMIA DE TRABALHO

Nunca tenho exata consciência
se estou trabalhando muito ou pouco,
mas sei perfeitamente se estou ganhando
pouco
5 ou muito pouco.

BAR

Bebi-me lentamente.
Tudo em torno era simples como um copo.
Bebi-me lentamente com muito gelo.
E quando veio o degelo bebi-me outra vez.
5 Roído pelos olvidos meus, me vou.

PRECE

Doce madrugada
de Copacabana,
minha namorada
baudelaireana,
5 quente, perfumada
de peixe, de pão,
me dê a ilusão
de que a vida longa
vai ser breve e leve.

ORIENTAL

Ébrio de literatura
eu quis cantar a natura.

O tudo-azul de Ipanema
merece um lindo poema.

5 Neste mundo tou em casa
(sou o deus da Ilha Rasa).

Olhei tudo direitinho,
guardei tudo guardadinho,
e fui todo inteligente
10 ao meu contexto pra frente.

Pois quando ergui meu rosto
o mundo era chuva e desgosto.

A MALLARMÉ

Envinagrar o vinho dionisíaco
para pensar a praia, seus rupestres
musgos de emoção verde.
Cantar sem ferir,
5 puro e demoníaco,
doador de metáforas terrestres
e raro e solitário como os mestres
do azul hipocondríaco.

O OLHO DO HOMEM

Homo sapiens viu a roda
e a roda ficou na moda
Gautama viu a ave
Confúcio viu a chave
5 Racine viu o verso
Shakespeare viu o reverso
Locke viu o possível
Pasteur viu o invisível
Conrad viu o mar
10 Debussy viu o luar
Teresa viu o ardor
Apollinaire viu o amor
Coleridge viu o *sunless sea*
Swedenborg, o que não vi
15 Rosa viu o sertão
Freud, a dissimulação
Planck viu os quanta
Buffon viu a planta
Montaigne viu o fruto
20 Leopardi viu o luto
Ampère viu o magnetismo
Galeno viu o dinamismo
Eluard viu a manhã
Baudelaire viu Satã
25 Reed viu o mosquito
Pascal viu o infinito
Verlaine viu o som
Rimbaud viu o tom
Euclides viu a medida
30 Valéry, a comedida
Platão viu o ser
Milton viu sem ver
Goethe viu o siso
Rabelais viu o riso
35 Horácio viu a uva
Neruda viu a chuva
Novalis viu o essencial
Ibsen, o existencial
Bossuet viu exéquias

- 40 Aristóteles, enteléquias
Sartre viu o muro
Rembrandt, o *chiaroscuro*
Voltaire viu a intransigência
Dostoievski, a inconsequência
- 45 Melville viu a baleia
Browning, um grão de areia
Keats viu a beleza
Cristo viu a pobreza
Poe viu o cemitério
- 50 Paracelso viu o mistério
Einstein viu ao quadrado
Whitman viu o entrelaçado
Fermi viu a bomba
Picasso, bomba e pomba
- 55 Banting viu a insulina
Ésquilo, a ave de rapina
Descartes viu a ordem
Artaud, a contra-ordem
Gandhi viu a miséria
- 60 Koch viu a bactéria
Lorca viu Granada
Tolstoi viu o nada
Watteau viu alfombras
Vermeer viu solombras
- 65 Proust viu a rosácea
Jiménez, um pé de acácia
Dante viu os infames
Lineu viu os estames
Kant viu a Coisa
- 70 Dos Anjos viu a Loisa
Bernard viu as entranhas
Cervantes, as patranhas
Van Gogh viu amarelo
Sade viu o flagelo
- 75 Frazer viu o antropológico
Carroll viu o antro ilógico
Kierkegaard viu a ânsia
Erasmus, a tolerância
Eça viu a hipocrisia
- 80 Marx viu a mais-valia
Khayyam viu o vinho
Lao-Tse viu o caminho
Morgagni viu o mal

Bichat viu o vital
85 Li-Po viu a lua
Dickens viu a rua
Puchkin viu o russo
Heráclito viu o fluxo
Pavlov viu o condicionado
90 Darwin, o risco do bordado
Teócrito viu a lavra
Flaubert viu a palavra
Mendel viu a semente
Mallarmé, o inclemente
95 Camões viu Vasco da Gama
Catulo viu a cama
Hölderlin viu o destino
Alain-Fournier, o menino
Lawrence viu o instinto
100 Kafka, o labirinto
Copérnico viu o orbe
Chardin, *urbi et orbi*
Lind viu o doente
Caravaggio, o incandescente
105 Pound viu o ágio
Delacroix, o naufrágio
Webster viu a caveira
Hebbel, a ratoeira
Nietzsche viu a eternidade
110 Newton viu a gravidade
Rubens viu o seio
Renoir, o devaneio
Huizinga viu o brinquedo
El Greco, a tormenta em Toledo
115 Galileu viu o globo
Francisco, o irmão lobo
Beethoven viu o espinho
Molière viu o vizinho
Laforgue viu o ambiente
120 Tchecov viu a gente
Balzac viu a febre social
Holmes, a febre puerperal
Shelley viu a cotovia
Rilke viu a elegia
125 Gide viu o prídigo
Hamurábi viu o código
Fulton viu a brasa

Leonardo viu a asa
Joyce viu com os ouvidos
130 Humboldt, com cinco sentidos
Hipócrates viu a ecologia
Pessoa, a tabacaria
Goya viu um clarão
Lautréamont, a escuridão
135 Anacreonte viu a terra
Homero viu a guerra
Eliot viu a marema
Schopenhauer, o problema
Marco Aurélio viu a calma
140 Spinoza viu a alma
Curie viu o rádio
Píndaro viu o estádio
Marco Polo viu a China
Jenner viu a vacina
145 Bandeira viu uma rosa
Auden viu a cancerosa
Volta viu a tensão
Poincaré, a difração
Huygens viu Saturno
150 Chopin viu o noturno
Conrad viu o mar
Lavoisier viu o ar
Smith viu o valor
La Bruyère, o lavrador
155 Bach viu a pauta
Mozart viu a flauta
Aquino viu a Suma
Turner viu a bruma
Hugo viu a catedral
160 Chaplin viu o natural
Petrarca viu a amada
La Fontaine, a bicharada
Zola viu Naná
Saint-Simon, a classe A
165 Bacon viu a idolatria
Pirandello, a fantasia
Marconi viu a onda
Quintana viu Trebizonda
Kierkegaard viu o salto
170 Drummond, a flor do asfalto
Montesquieu viu a norma

Ângelo viu a forma
 Ibsen viu a paixão
 Herbert viu a visão
 175 Proust viu quem foi
 Carducci viu o boi
 Harvey viu o sangue
 Vinícius viu o mangue
 Agostinho viu o pecado
 180 Donne viu/ouviu a finado
 Malraux viu a tortura
 Wilde, a arte pura
 Emily (Dickinson) viu o ruivo
 Bronte (Emily) viu o uivo
 185 Haldane viu a genética
 Wiener, a cibernética
 Vigny viu a caça
 Thompson, o Cão de Raça
 Ezequiel viu o medo
 190 Jeremias, o degredo
 Ronsard te viu *mignonne*
tandis que votre âge fleuronne
 Byron se viu em Manfredo
 Chatterton viu (o fim) bem cedo
 195 Napô viu Waterloo
 Queneau viu Zazi no metrô
 Gogol viu o povo
 (Gorki viu de novo)
 Negri viu a fonte
 200 Crane viu a ponte
 Ruskin viu arquiteturas
 Maiacovski viu estruturas
 Mann viu a nata
 Di viu a mulata
 205 Bréton viu o norte inconsciente
 Spengler, o oeste decadente
 Virchow viu redondo
 Calderón, *el teatro del mondo*
 Freud viu o sexo
 210 Adler viu o complexo
 Shaw viu o excêntrico
 Geddes viu o concêntrico
 Stanley viu Livingstone
 (Bell, depois, o telefone)
 215 Jung viu o *insight*

Heidegger, *Sein und Zeit*
 Stendhal viu o egotismo
 Lenine viu o comunismo
 Bergson viu o *élan vital*
 220 Schumann viu o carnaval
 Marivaux viu o lenço
 Ungaretti, o imenso
 Mário viu o Brasil
 Pestalozzi, o imbecil
 225 Roux viu o tecido
 Chesterton, o (sem) sentido
 Burton, a melancolia
 Vesalius, a anatomia
 Heine viu passar o Corso
 230 Vico viu tudo retornar (*ricorso*)

Homo sapiens viu o espaço
 do deserto sideral e deu um passo

Ziraldó (*Transumanas*, p. 122)

4.2.8 Do livro DIÁRIO DA TARDE

ELE E ELA

Ao tentarmos escrever o eterno diálogo do homem e da mulher, percebemos que essa conversa existia maravilhosamente entranhada na obras poéticas de dois grandes artistas brasileiros de nosso tempo: Cecília Meireles e Emílio Moura, dos maiores líricos da língua. A composição respeitou a integridade dos versos dos dois poetas, sendo utilizada a *Obra Poética* de Cecília Meireles (Editora José Aguilar) e o *Itinerário Poético* de Emílio Moura (edição da Imprensa Publicações de Minas Gerais). As afinidades do lirismo de ambos emprestam ao diálogo unidade e espontaneidade.

ELE — Por que não te conheci menina?

ELA — Fui morena e magrinha como qualquer polinésia, e comia mamão, e mirava a flor da goiaba. E as lagartixas me espiavam, entre os tijolos e as trepadeiras...

ELE — Por que não te conheci quando ias para o colégio?

ELA — Conservo-te o meu sorriso para, quando me encontrares, ver que ainda tenho uns ares de aluna do paraíso.

5 ELE — Teu sorriso é tão puro que te ilumina toda.

ELA — Quero apenas parecer bela.

ELE — Nunca te entendo, tantas te vejo. Qual a que vive, qual a que inventas?

ELA — A vida só é possível reinventada.

ELE — E a vida, que é?

10 ELA — Ando à procura de espaço para o desenho da vida. Saudosa do que não faço, do que faço, arrependida.

ELE — De repente, tudo se torna tão irreal que te sinto invisível.

ELA — Digo-te que podes ficar de olhos fechados sobre o meu peito, porque uma ondulação maternal de onda eterna te levará na direção do mundo.

ELE — Tudo em ti é viagem. Viajas até mesmo ao redor de tua inacreditável imobilidade.

ELA — Até sem barco navega quem para o mar foi fadada.

15 ELE — Eis a nossa fraqueza: essa necessidade de compreender e de sermos compreendidos, essa febre de ser, esse espanto...

ELA — Agora compreendo o sentido e a ressonância que também trazes de tão longe em tua voz.

ELE — Eu queria que me pertencesse como a cor à luz, como a poesia ao poeta.

ELA — Tenho fases como a Lua. Fases de andar escondida, fases de vir para a rua... Perdição da minha vida! Perdição da vida minha! Tenho fases de ser tua, tenho outras de ser sozinha.

ELE — Tenho medo de mim, de ti, de tudo... Cada gesto que fazes é uma aventura nova que se inicia.

20 ELA — Nunca eu tivera querido dizer palavra tão louca...

ELE — Quero-te muito. É como quem recria uma rosa.

ELA — Sou como todas as coisas: e durmo e acordo em tua cabeça, com o andar do dia e da noite, o abrir e o fechar das portas.

ELE — Sonho. És sonho. É tarde, é cedo?

ELA — Quero um dia para chorar. Mas a vida vai tão depressa!

25 ELE — Ah, ser contraditório, dividido, disperso!

ELA — Somos um ou dois? Às vezes, nenhum. E em seguida, tantos.

ELE — Vieste do Cântico dos Cânticos: “Os teus cabelos são como um rebanho de cabras...”

ELA — Já fui loura, já fui morena, já fui Margarida e Beatriz. Já fui Maria e Madalena. Só não pude ser como quis.

ELE — Sonho que surges diante de mim como quem desce do Líbano.

30 ELA — Serás o Rei Salomão? Por isso, em meu corpo vão brotando em mornos canteiros, incenso, mirra, e a canção.

ELE — Fabrico uma esperança como quem apaga algo sujo num muro e ali, rápido, escreve: Futuro.

ELA — Uma palavra caída da montanha dos instantes desmancha todos os mares e une as terras mais distantes.

ELE — É sonho o sonho?

ELA — Nunca existiu sonho tão puro como o da minha timidez.

35 ELE — Na verdade, eu já te esperava desde o princípio.

ELA — O mar imóvel de teus olhos...

ELE — És linda como a manhã que nasce. Que amor o meu! Olha, até parece que somos eternos, livres e eternos.

ELA — Tu és como o rosto das rosas, diferente em cada pétala.

ELE — E a rosa, a rosa o que será?

40 ELA — A surda e silenciosa, e cega e bela e interminável rosa.

ELE — Quanto mais nos falamos, mais sinto necessidade de ti. Que nos ficou de tudo o que não fomos?

ELA — Nada sei. De nada. Contemplo.

ELE — Estou diante de ti. Nu e silencioso. Por que não prevaleces deste instante e não me revelas quem sou?

ELA — Ah! se eu nem sei quem sou...

45 ELE — Para onde vão os teus caminhos? De onde vêm eles?

ELA — Primeiro, foram os verdes e águas e pedras da tarde, e meus sonhos de perder-te e meus sonhos de encontrar-te. Mas depois houve caminhos pelas florestas lunares, e, mortos em meus ouvidos, mares brancos de palavras. E eram flores encarnadas, por cima das folhas verdes. (E entre os espinhos de prata, só meus sonhos de perder-te...)

ELE — Aqui estou, tímido e humilde.

ELA — Pois aqui estou, cantando.

ELE — Agora que estou diante de ti, já não me pertença.

50 ELA — Nossas perguntas e respostas se reconhecem como os olhos dentro dos espelhos. Olhos que choraram.

ELE — Tua presença me invade como a revelação do irreal.

ELA — Conversamos dos dois extremos da noite, como de praias opostas.

ELE — Diante de meus olhos matinais, as coisas se ordenam simples e perfeitas: o céu, o mar, teu corpo. Ah, o teu corpo!

ELA — Por mais que me procure, antes de tudo ser feito, eu era amor.

55 ELE — Que tudo o mais é perdido.

O GOL É NECESSÁRIO

VAI DA VALSA

(Versos ingênuos, mas sinceros, que um jogador envia, por nosso intermédio, aos dirigentes de futebol que obrigam os profissionais a disputar as partidas mais sérias do campeonato num calor selvagem.)

5 Domingo,
no jogo,
que cansa,
na dança
do fogo,
ficaste
de longe,
bebendo
gelado,
10 sorvendo
sorvete,
jogado
ao tapete
moderno,
15 defronte
a tele
visão;
mas eu
no inferno,
20 na chama
da grama,
o craque,
basbaque,
driblava,
25 suava,
corria,
sofria,

mais que
um cão.

30 Quem dera
que sintas
as dores,
calores
que nunca
35 sentiste!
Quem dera
que sintas!
Não negues,
não mintas...
40 — Fugiste!

Te digo
que luto,
que chuto,
que passo,
45 que faço,
me esbaldo
me esqueço
me escaldo;
te digo
50 que brigo
sem brisa,
sem bicho,
disputo
capricho
55 só por
amor;
mas queres
que finto,
requebre,
60 requinte,
me bata,
rebata,
que marque,
que volte,
65 que corte,
que chute,
dispute
com este
calor!?

70 Quem dera
que sintas
as dores,
calores,
que nunca
75 sentiste.
Quem dera
que sintas!
Não negues,
não mintas
80 — Fugiste!

Queria,
cartola,
te ver
sem tevê,
85 na chama
da grama,
batendo
na bola,
correndo,
90 gemendo,
suando,
gritando
de espanto
com tanto
95 calor!
Um só
minuto
que fosse,
se tanto,
100 queria
te ver!
Ah pobre
cartola,
rebola
105 no fogo
do jogo
da bola!
Eu juro,
que logo
110 suado,

cansado,
 gritavas
 por tua
 mamã:
 115 quem dera
 que jogues
 fumando
 charuto
 só esse
 120 minuto
 no Maracanã!

CÍRCULO VICIOSO - 1959

Bailando sem jogar, gemia o Macalé:

— “Quem me dera que fosse o preto Moacir,
 Que vive no Flamengo, estrela a reluzir!”
 Mas a estrela, fitando em Santos o Pelé:

5 — “Pudesse eu copiar o bom praça de pré,
 Um cobra que jamais encontrará faquir,
 Sempre a driblar, a ir e vir, chutando a rir!”
 Porém Pelé, fitando o mar sem muita fé:

10 “Ah se eu tivesse aquela bossa de tourada
 Que faz de qualquer touro o João de seu Mané!”
 Mas o Mané deixando, triste, uma pelada:

— “Pois não troco Pau Grande por Madri, Pelé,
 E mesmo o Botafogo muito já me enfada...
 Por que não nasci eu um simples Macalé?”

BAR DO PONTO

BECO

Voltar pra Minas,
Ah, isso eu não volto mais não!
Mas tem um trem: sair de Minas,
Ah, isso eu não saio nunca não!

INVERNO COM TUDO

Já mandei seu Quinzim cortar a lenha.
Os agasalhos sobram da sacola.
Amanhã vou subir a Serra da Estrela.
Tudo certinho?
5 Tudo certinho lá na Grota do Jacob!

Tenho quase três vezes vinte anos.
Tenho 30 garrafas de vinho do Chile,
47 do Rio Grande, requeijão do Serro Frio.
Tenho 160 poemas de Po Chu-i.
10 E eis que o inverno torna sábio um velho insensato!

O INDISPENSÁVEL

- 1) Homem indispensável jamais recusa serviço.
- 2) Homem indispensável faz trabalho de meia dúzia.
- 3) Homem indispensável não pede aumento.
- 4) Homem indispensável não cobra horas extras.
- 5) Homem indispensável é contra greve.
- 6) Homem indispensável almoça sanduíche.
- 7) Homem indispensável leva garotada de chefe ao parque de diversões.
- 8) Homem indispensável não tira férias.
- 9) Homem indispensável adoece mas não fica na cama.
- 10) Homem indispensável dispensa flores no enterro dele.

RUS IN URBE

Em Rus, ainda, alguma urbanidade;
em Urbs, só rusticidade.

ERA UMA VEZ UM NARIZ

Quando o farol da Ilha Rasa faz vermelho
 o almirante vai zurrando por dentro do mar,
 pobre mar. Os acidentes geográficos
 pouco simpatizam com seu nariz perfunctório,
 5 os promotoários o espiam com desconfiança,
 as ilhotas resmungam, as angras se fecham,
 pobres sensitivas! Em terra
 o almirante dá entrevistas,
 no mar o almirante dá azar.
 10 Com o coração cheio de palha
 o almirante não irá muito longe.
 E então no marzão dum milharal
 o seu nariz espantará um passarinho.

PASSWORD IN HEAVEN

— Que fez você no mundo?
 — Livros... uma porção...
 — Livros?! Livros?!
 — Filhos, dois filhos...
 5 — Brincadeira tem hora!
 — Ah!... um jardim!
 — Pode ir entrando... mas sem fazer onda!

O HERÓI

No Mar do Sul de Deus se fez descrente.
 No Mar do Norte viu que Deus existe.
 O sentimento não o fez contente.
 O entendimento só o pôs mais triste.
 5 Depois virou um velho indiferente.
 Não sai mais da gaiola. E come alpiste.

BLUES

Tu é degenerada, Mariana,
 mas tens uma intimidade de bicho de casa!
 Vou comprar um elefante pro seu toucador,
 umas camélias vidradas, um perfume lindo!
 5 Deus é grande, Mariana! Vou buscar
 pra comparar duas pombas brancas com vossos peitos pretos!
 Mariana, Mariana,
 a brisa balança o pendão da esperança!
 Que palmas! que noites almas
 10 nas fábulas vorazes do teu sertão!
 Ah, não vamos mais brincar de 22,
 que os críticos não gostam
 e o Santo Mallarmé tinha razão!
 Nem sonhemos nunca mais,
 15 que nos páramos do sonho
 andam bestando ideias de Platão!
 Suspendei vossas grinaldas e varemos
 aos emboléus a escuridão!

RÉPLICA PARA SERGIO CORAZZINI

Sou uma criança triste
 que tem vontade de beber,
 Sou uma criança triste
 que tem vontade de viver.
 5 Eu não sei senão viver.

 GRAFITE

ANFIGÚRICO

Nunca pôde fluir calma
 minh'alma rumor de fonte
 duma carranca bifronte:
 rosa/rinoceronte.

SOL E SOMBRA

Esta foto, que há muito conservo,
 de Edmond Rostand, ele, a mulher, dois amigos,
 no alto dum monte ensolarado,
 pertence a uma ordem, ou desordem,
 5 de marchas e contramarchas,
 de impulsões ou repulsões
 que me tornaram incompetente.

MODERNETE MORAL FORA DE MODA

a dama
 que ama
 na cama
 da fama
 5 da trama
 do drama
 da dama
 na lama

GRIFO

O que em mim
 sorri
 eu sofri

BILHETES TROCADOS

1

Tudo o que é meu é teu — é evidente.
É louca a lucidez que me reparte:
trançar a minha vida duramente
e desatá-la toda por amar-te.

2

A ternura que trago ainda nua
é a mesma, só meio machucada.
Se voltares, também não mudou nada
daquilo que era teu. E feito a lua,
teus livros e teus vinhos, eu sou tua.

SONOROSO

Tinha 17 pra 18 anos
quando o trem de Minas numa noite suja de chuva
parou na estação de Nova Iguaçu
e fiquei ouvindo um choro de saxofone duma gafeira ali perto

5 e então
com uma prospectiva instantânea
absurda
estúpida
adivinhei
10 esmagado na cadeira
o resto da minha vida

CHÃO DE ESTRELAS

Este samba infinito, amor, o firmamento,
Faz, sem querer, dançar teus pés melódiosos.
Ai de mim! que do céu espero os sóis morosos!
Pisa, entretanto, amor, os astros do momento!

ATENTO SOU

- A Fernando Pessoa, que escreveu, em preto e branco, Tabacaria.
 A Shelley, que saiu nu e sem Deus.
 A Li-Po, bêbado lírico elementar.
 A Dante, supremo redator.
 5 A Shakespeare, poeta do povo.
 A Bernanos, roído pelo tédio da paróquia.
 A Morgenstern, que viu o objeto desgarrado do sujeito.
 A Rimbaud, com aquela cara de porcelana irada.

BLEU BLANC ROUGE

- UN MEURSAULT PUISSANT
 COMME LE TEMPS JADIS DE VILLON
- UN CHÂTEAU-LATOUR ROBUSTE
 COMME LA SYNTAXE DE RABELAIS
- 5 UN SAINT-ÉMILION CHALEUREUX
 COMME LE BACCHUS DE RONSARD
- UN CHABLIS NERVEUX
 COMME LA CITE FANTÔME DE BAUDELAIRE
- 10 UN BOURGOGNE RACÉ
 COMME LA PROGÉNIE DE RODIN
- UN MALVOISIE TENDRE
 COMME LES ENFANTS DE RENOIR
- UN MÉDOC BOUQUETÉ
 COMME L'AZUR DE MALLARMÉ
- 15 UN BEAUJOLAIS FRUITÉ
 COMME LA LANGUEUR DE VERLAINE
- UN CHÂTEAU-CHALON MYSTÉRIEUX
 COMME LES AMOURS JAUNES DE VAN GOGH

- 20 UN SAUTERNE CORSÉ
COMME LA LIQUEUR DE RIMBAUD
- UN CASSIS GOULEYANT
COMME LA COMPLAINTÉ DE LAFORGUE
- UN CHAMPAGNE CAPITEUX
COMME LE CLAIR DE LUNE DE DEBUSSY
- 25 UN SAINT-JULIEN ÉLÉGANT
COMME LE FAUVISME DE MATISSE
- UN MUSIGNY FÉMININ
COMME "LE PAUVRE JEAN" DE COCTEAU
- 30 UN SAUMUR-MOUSSEUX ÉPANOUÏ
COMME LA DENTELLE DU TEMPS DE PROUST
- UN CHÂTEAU-MARGAUX VÉLOUTÉ
COMME LA JEUNE PARQUE DE VALÉRY
- UN CÔTE-DU-RHÔNE ROND ET GLISSANT
COMME LA VALSE DE RAVEL
- 35 UN CABERNET BRILLANT
COMME L'ALCOOL D'APOLLINAIRE
- UN CHÂTEAUNEUF AMPLE
COMME LA MER DE SAINT-JOHN PERSE
- 40 UN VIN COMPLET
— BOUQUET FINESSE ÉLÉGANCE —
COMME LES ARTS DE FRANCE

CANTIGA DE NIBELUNGO

Na solidão luminosa
de Copacabana entrei.

Ia à caça de uma ondina,
Lorelai ou Lorelei.

5 Fui pelos bares atlânticos,
coração nos pés trancei,

vim pelos becos de dentro
como quem foge da lei.

10 No Nibelungen do Leme,
na penumbra, a vislumbrei,

bebendo, a rir, mas não era
a que me ardia, e me dei

num castelo de cevada
que às valquírias levantei.

15 Por escadarias bruscas
pisos brumados galguei:

no terraço me esperando,
Lorelai ou Lorelei,

20 loura lua, névoa lenta,
foi-se a dançar, e eu dancei,

pelas rampas, pelas criptas,
pelas clausuras del-rei,

calabouços, barbacãs,
só neblinas assustei,

25 de repente no fiorde
do silêncio despenquei,

um filho do nevoeiro,
nibelungo, me tornei,

30 nibelungo desvalido,
pouco dado à minha grei,

anão da saga do ouro...
Às minas natais voltei:

nas brenhas do Brumadinho
os gigantes enganei;

35 antros, alcovas, sepulcros,
larvarmente violei;

na lapa do Acaba Mundo
de meus irmãos apanhei;

40 quis sumir na minha cova,
por Brunehilde clamei,

mas na bruma de mil anos
nosso anel não encontrei.

Tantas voltas dá o mundo
do nosso anel, que me achei

45 sem saber se deste mundo
nibelungo sairei.

Sou o sonho de outro sonho
de quem me sonha, sonhei.

50 Quando chegou o crepúsculo
dos deuses me apavorei;

entre as tochas do poente,
rato alado, me livreí,

num Reno de fogo frio
lentamente me apaguei.

55 *Es war ein König in Thule,*
lá em Thule tinha um rei,

que não bebeu nunca mais,
mas amanhã voltarei

60 à solidão luminosa
de Copacabana, eu sei.

Talvez daqui a mil anos
um som de trompa serei.

SUPLEMENTO INFANTIL

MATEMÁTICA

O homem diminui à medida que
a cidade cresce.

RETARDADO

Papai! Você é grande! e ainda
não aprendeu a brincar!

PARA UM MENINO FELINO

O gato pensa um bocado!
Pensa de frente e de lado!
Esticado ou enrolado!
Satisfeito ou chateado!
5 Brincalhão ou preocupado!
Sem jantar ou já jantado!
Com saúde ou constipado!
O gato pensa um bocado!
Pensa no Império Chinês!...
10 Pensa no irmão siamês!...
Mas um gato sem talento
só tem este pensamento:
CAMUNDONGO! CAMUNDONGO!
Se te pego, te viro assim:
15 OGNODNUMAC!!!

O INSTRUMENTO É NECESSÁRIO

Nas ondas do vento
 existe um dragão
 e eu, vago, não tenho
 adaga na mão,
 5 existe a quimera
 da minha evasão
 e eu, vago, não tenho
 a minha ilusão,
 existe a beleza
 10 de toda emoção
 e eu, vago, não tenho
 um lápis senão
 eu punha depressa
 na mesma canção
 15 adaga quimera
 as ondas do vento
 e um lindo dragão.

ORIENTAL

Secreta dor, secreta graça:
 guardar um fogo sem fazer fumaça.

TRÍDUO DE PARTIDO ALTO

Passarinho em Mangueira acorda cedo:
 o meu se ia quando o seu caminho
 virou de volta, atando o samba enredo
 do ontem no amanhã do mesmo ninho.

ORIENTAL

Nos olhos do lobo
 a poeira levantada pelas ovelhas é um bálsamo de rosas.

PROFISSÃO: MENINO

Estudar é desumano!
Só o brinquedo é divino!
Aqui cheguei por engano!
Viver não é pra menino!

CORISCOS

CORISCOS NA SERRA^{XXIII}

Se acaso, por um momento, teu
coração, como o de teu pai, ficar
vazio, arruma a casa, abre a janela,
põe tua roupa nova — para que o
vento a caminho, mais uma vez, te
arrebate vivo.

CORISCOS NA FLORESTA

São seis os elementos: ar, terra,
fogo, água, sexo e morte. Não, são
sete: e lirismo.

CORISCOS NO BAIRRO DOS FUNCIONÁRIOS

A comunicação moderna propaga
eletronicamente o pensamento
contido na notícia, e o volatiliza.

CORISCOS NA LAGOINHA

A borboleta zui pousou no busto
de Palas: Edgar Poe saiu voando.

CORISCOS NO PARQUE

Hermética é a poesia que se expressa em linguagem mímica.

*

Nem sentida nem compreendida, a poesia é transmitida como as febres.

*

Poesia é jogo de logomania dos anjos bons contra os maus.

*

Poesia promete sangue, suor, lágrimas, água, pão, flor e nada.

CORISCOS NO PARQUE

Um sujeito diz: “Eu sou um poeta!”

Tradução: “Eu sou uma alma perdida e nem sei se sou um poeta!”

4.3 *POEMAS (NUNCA) ORGANIZADOS*

Nesta seção, encontram-se poemas ainda não publicados em livro até a presente data. Entre eles, poemas já publicados em jornais ou revistas e inéditos.

4.3.1

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
(TENTATIVA DE EXPRESSÃO)

Teu: um grande sombrero.

Dentro de teu quarto, a luz através da veneziana,
germinas estranhamente.

Te vejo, depois, ao pé dos edifícios

5 e, sem a gente notar, a solidão irrompe em teu poema.

Ninguém percebe a falência da aurora e dos jardins

por detrás de teus óculos enigmáticos,

mas em teu corpo esguio as rosas surgem espontaneamente.

Teu verso penetra na gente, no vizinho, no leiteiro de manhã,

10 visita os homens no baile, nos andaimes, na refeição escassa.

Teu soluço escorre pelas avenidas feito óleo cálido,

estranhos unguentos balsâmicos,

flores esmagadas na ante-sala do dia.

Tu que deste nome às coisas sem ênfase nenhuma,

15 sem carícia nenhuma que o gosto acre de viver,

tu não sabes voar... Caminhas lentamente

com dificuldade penosa

no tempo perdido

e na posta restante.

20 A cidade te engole: pelo cair da tarde, em vossa residência,

o elevador te devolve extenuado, compreensivo, rebelde.

Dos palcos do subúrbio escorregas devagar,

para a noite, para o compromisso frio com teus irmãos,

esplêndidos varões curtidos, difíceis, calados ao pé das fogueiras,

25 porque dizem que é inverno e não se deve alardear o sofrimento.

Vais e vens à sombra dos que te querem

e dos que não te entendem.

Vais e vens, o tempo escorre sem pena e os amigos morrem.

Roupas estreitas no corpo

30 dedicatórias em gastos volumes

notícias de jornal sem doçura de tacto

triste mundo demais

A vida perdeu seu remoto prestígio, mas não podes morrer.
Teu corpo imenso de anatomia e sem certeza,
35 delgado, obstinado, se estende ao longo das ruas
e o povo não sabe que pisa tua epiderme comovida,
marujo bêbedo, porta-estandarte, homem visível.
Teu coração resplandece sempre, ó taciturno,
ó poeta que vive na carne aguda como um punhal!
40 Da comarca em que fundaste o perigo em que tu vives,
distribues cartas irmãs, circulares humanas, invocações calorosas,
barcos despreendidos do silêncio que caminha estranhamente.
E nós, mendigos e desabrigados,
vamos guardar teu retrato na gaveta.
45 Da carne do silêncio plasmaste tuas emoções
tua roupa enlutada, teus olhos fugazes de despedidas longas.
Fraterno e convencional, estendo meus braços compridos
para o enlace de tua humanidade irreparável.

Paulo Mendes Campos
BHte., dez de 1943.

Poema inédito.

Manuscrito a caneta tinteiro preta.

1 folha, frente e verso.

Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa.

CDA - pit - 0043

4.3.2

VOU ME EMBORA PRA IMBITUBA^{XXIV} (1945)

A Manuel Bandeira

Pasárgada é a terra ideal dos poetas, dos melancólicos, dos ensimesmados e de outros indivíduos sem caráter.

Imbituba é um portozinho de Santa Catarina. Há quatro anos atrás, sua praia era linda e seu hotel o mais asseiado do mundo. Parece que havia também por lá uma mina de carvão.

Vou-me embora pra Imbituba
— Pasárgada eu não achei —
Lá não tem muitas mulheres
Com umas três me arranjarei
5 Vou-me embora pra Imbituba

Vou-me embora pra Imbituba
Vou baixar-me noutras bandas
Sobretudo descansantes
Vou pensar na eternidade
10 Ler Otávio de Faria
Descobrir que rei sou eu
Escrever muita elegia
Balango bango balango

Vou-me embora pra Imbituba
15 Pra morrer de nostalgia
Vou tomar porres terríveis
De fazer que seu vigário
Convoque a Congregação
E quando estiver aluado
20 Mar adentro eu entrarei
Talvez volte talvez não
Quê escândalo serei!
Imbituba me fascina
Como chuva que tantana
25 Docemente no telhado

Vou-me embora para lá
Cansei do meu coração
Bem que esse pobre merece
Uns banhos de solidão
30 Imbituba não tem nada
Eu vou pra lá sem razão
Meu Deus, que tristeza doida
Vou por certo me arranjar
Mas se a tristeza aumentar
35 E não se der um jeitinho
Se numa noite a tristura
De todo trepadeirar
Eu não sei se aguentarei
Caminharei para a praia
40 Mar adentro eu entrarei

Talvez volte talvez não

4.3.3

PELA MADRUGADA

Meu segredo é morto —
Não estamos sós —
Um deus absorto
Mas não temos voz

5 Porque, aurora,
 Sorris pelas tardes?
 Eu não quero agora
 Sentimentos grandes.

 Tive umas certezas
10 Tive uma alegria
 Tive umas tristezas
 E alma vadia

 Para que não fale
 Fiz esta canção —
15 Mistério do vale,
 Pesar, solidão.

4.3.4

SONETO

Esse discurso doce mas alheio
Digo-te, amor, que não vale de nada
Mas não me importo não porque me veio
Cantando natural como a balada.
5 E canto aqui meu coração, terreno
De todos os destinos e canções —
Não por ser grande mas por ser pequeno
E tão mutável quando as estações.
Opondo a mim a lucidez da imagem,
10 Igual à luz e sombra de um deserto,
Eu cantarei meu coração, linguagem
De sentimentos que nem sempre tenho.
 Que para mim o bom da poesia
 É ter na disciplina a fantasia.

Diário Carioca, 6 mar. 1949.

Tribuna, Corumbá, 11 mar. 1949.

4.3.5

DE VOLTA DO WEEK-END

Se perguntar por mim digo que sonho
 Traçando figuras no chão, subindo às pedras.
 Digo que aprendo o rasto do animal
 O vôo das perdizes
 5 E mais intimamente
 Uma comparação de folha tenra, de remanso
 E a uva ácida dos trópicos.
 Muito tempo fiquei pelas cidades
 Entre o desejo, a posse e o cansaço
 10 Estendendo a mão ao copo de bebida
 Bisonho como ator de teatro pobre
 À luz crua da ribalta.
 Muito tempo me expus aos seus desastres
 Às misérias da prostituta
 15 Assassinato por ciúme
 Suicídio por embriaguez
 Ou entorpecimento por desânimo.
 Muito tempo fui o autômato
 Usava máscara de papelão nas tardes de ballet
 20 Aprendi as práticas do amor
 E dobrei-me à vontade dos indignos.
 Não digo que a cidade impeça o canto mais nobre.
 Muito aprendemos de seu egoísmo
 De seus acidentes mortais
 25 E de sua incompetência para o amor.
 Digo que precisamos ser pacientes como os bois
 Para que as aves pousem em nossos ombros
 Digo que precisamos ser tal qual os rios
 Água turva no tempo da borrasca
 30 Água límpida na estação calmosa
 Quando os frutos maduros tombam na corrente.
 As cidades costumam ser ao pé do mar
 E têm tantas riquezas
 Mas quem souber esperar o momento do retorno
 35 Esse poderá passear sob as ramagens, pensando,
 E então contar que sua vida não é ponto imóvel no tempo
 Mas uma luz que se desloca entre cintilações diferentes.
 A paz de quem se agitou demasiado
 Não é paz — é começo, é convergência
 40 A tentativa de narrar na calma aparente dos hábitos

Uma conversação de muitas falas.

Pouco importa, nesta latitude medieval, nesta pobreza,
 Que eu me sinta um poeta pequenino.
 De um fulgor persistente a estrela nasce.
 45 Se um astro apenas se mostrasse à terra,
 Seria bem maior a nossa angústia. Porque são muitos,
 Somog levados a pensar nas leis do equilíbrio
 E uma lei não é milagre na terra mas uma construção que terminou.

Nós procurando ver Deus no prodígio
 50 De nossas roupas o vestimos —
 Porque prodígio somos nós.
 Por isso, aqui,
 Nesta absoluta coerência de meus gestos
 Concordando a vontade à poesia
 55 Procuo reunir meus pensamentos
 Como alguém que recolhe suas rezas na hora do crepúsculo.
 Quero a gravidade do um dever a cumprir
 Ser natural como quem não aprendeu mais nada
 Senão a pensar com palavras e denunciar esperança.
 60 Quem não as esgarce um brilho excessivo
 A sua excitação não me confunda como um vinho forte.
 Me aproximo de um Deus com os meus pensamentos
 Nesta hora bem próxima dos crepúsculos,
 Porque agora deve ser muito diferente,
 65 Agora aprendi muitos compassos
 E os músculos repousam.
 Que não leve comigo o desejo feroz de novas emoções
 Porque passou depressa a juventude
 Porque vou mudar de vida à medida que envelheço
 70 Porque o estrago do corpo deve ser outro começo
 Não apenas o momento de quebrar a taça
 Que não traz mais consolação.

Se perguntar por mim aponto as pedras
 Digo que sonho e que meu sonho é pensamento.

4.3.6

POEMAS DE JUNHO**A VOLTA**

Veio com seus olhos de colegial,
Disse que ficou só e abominava a solidão.
Dei-lhe a mão, fomos à praia,
E olhamos o silêncio aberto sobre as pedras
5 Como um esforço de primavera,
Andava um navio ao longe.
Não disse nada.
Tirou os sapatos para correr na areia úmida –
Mas eu sei que não existe infância no seu gesto
10 Apenas o medo de viver.

O CONE DE SOMBRA

O pêndulo das vagas repete a mesma hora.
De um lado, o infinito inominado rumor.
De outro, ilimitado espaço, poesia.
Aqui ficarei
5 Entre o cone desombra
E o ninho da serpente
Com meu coração de punhais solitários.

4.3.7

CANÇÕES**SIGNOS**

Quem me vestiu de roupa nova
 E a porta abriu de minha cova?
 Quem se alegrou quando descri
 Do que passou comigo ali?
 5 Quebrou os mastros do bem, do mal
 E andou de rastros com um punhal?
 A quem falei de amor, de dor
 E a quem não dei o meu amor?

CANTIGA DE NINAR

Dorme meu benzinho
 Aquele clarão
 Não é de avião
 É a luz da lua
 5 Caindo na rua
 Dorme sossegado
 Que teu pai matou
 Aquele soldado
 E a guerra acabou
 10 Dorme que a teu lado
 Cantarei baixinho.

MARIA

Deixei de amar
 Outras mulheres
 Para ajudar
 Teus olhos verdes
 5 Da cor do musgo
 Deixei de amar
 A poesia
 Para abraçar
 Teu movimento
 10 De fonte fria.

4.3.8

*Um estrangeiro de meia idade
viaja de automóvel através
da Bavária procurando de
cidade em cidade de aldeia
em aldeia a sua amada.*

Tília, carvalho, tília.
Meu coração sete torres exaustas.
Meu coração não sabe
não quer
5 não tem.
Com êste coração que a terra há de comer
Viajo a terra.
Com este amor que a terra há de comer
Procuro a terra.
10 Tília, carvalho, tília.
A relva não disfarça o barro.
Mesmo os montes mais altos, acima das nuvens,
São de terra.
Tília, carvalho, tília.
15 De terra
A frágil arquitetura entre o berço e o túmulo
De terra, o púcaro de água, o prato de hortaliças,
De terra, os templos, as vinganças, os livros eternos.
Mas meu coração não sabe.
20 O inverno ainda se demorava pelas árvores.
Sete torres de terra se erguiam na planície
Mas não se refletiam nas águas turvas de meu coração
Tília, carvalho, tília.

Um estrangeiro de meia idade
viaja de automóvel através
da Bavária procurando de
cidade em cidade de aldeia
em aldeia a sua amada.

PAULO
MENDES
CAMPOS

Tília, carvalho, tília.
Meu coração sete tôrres exaustas.
Meu coração não sabe
não quer
não tem.

Com este coração que a terra há de comer
Viajo a terra.
Com este amor que a terra há de comer
Procuro a terra.

Tília, carvalho, tília.
A relva não distarça o barro.
Mesmo os montes mais altos, acima das
nuvens.

São de terra.
Tília, carvalho, tília.
De terra
A frágil arquitetura entre o berço e o
túmulo.

De terra, o púcaro de água, o prato de
hortaliças.

De terra, os templos, as vinganças, os
livros eternos.

Mas meu coração não sabe.
O inverno ainda se demorava pelas árvores.
Sete tôrres de terra se erguiam na planície
Mas não se refletiam nas águas turvas de
meu coração.

Tília, carvalho, tília.

4.3.9 Publicados em *VIOLÃO DE RUA***POEMA PARA SER CANTADO**

Nas maremas nordestinas,
Nas ratoeiras das minas,
Nas falazes leopoldinas,
O povo não morrerá.
5 Usineiros de acidez,
Manganões de manganês,
Fabricantes de aridez,
Sei que o povo viverá.

10 Apesar de seus pesares,
De seus males minelares,
Tricotados nos teares,
O povo não morrerá.
Apesar de seus azares,
De nefandos calabares,
15 De sombrios salazares,
Sei que o povo viverá.

Enganado nos comícios,
Com promessas de armistícios
A seus velhos sacrifícios,
20 O povo não morrerá.
Com a corda no pescoço
Tendo por jantar o osso
Que sobrou de seu almoço
Sei que o povo viverá.

25 Chova embora canivete,
Falaram Sacco e Vanzetti
(E a voz do povo repete):
O povo não morrerá.
Contra o bobo pedagogo,
30 Contra o lobo demagogo,
Contra o ferro, contra o fogo,
Sei que o povo viverá.

Arquivistas fatalistas,
 Romancistas marmoristas,
 35 Jornalistas pessimistas,
 O povo não morrerá.
 Marinheiros mensageiros,
 Madeireiros jornaleiros,
 Fuileiros brasileiros,
 40 Sei que o povo viverá.

Enjaulado nas vielas,
 Ferroado nas cancelas,
 Abatido nas favelas,
 O povo não morrerá.
 45 Apesar dos ministérios,
 Apesar dos cemitérios,
 Apesar dos necrotérios,
 Sei que o povo viverá.

Tubarões do monopólio,
 50 Esso, Gulf, Shell e Pólio,
 Caranguejos do petróleo,
 O povo não morrá.
 Ford Motor Corporation,
 Anaconda Association,
 55 Codes o'fair assasination,
 Sei que o povo viverá.

Nos infernos das fomalhas,
 Nos reversos das medalhas,
 Nos anversos das navalhas,
 60 O povo não morrá.
 Tardes mornas de setembro,
 Noites quentes de novembro,
 Alvas rubras de dezembro,
 Sei que o povo viverá.

Atacado de anquilose,
 65 Botulismo, brucelose,
 Amaurose, silicose,
 O povo não morrerá.
 Dobre o sino pelo pobre,
 70 Dobre o sino, dobre nobre,
 Pelo pobre, dobre, dobre,
 Sei que o povo viverá.

Com as mãos arrebetadas,
As entranhas devoradas,
75 As palavras amarradas,
O povo não morrerá.
Entre as frestas das torturas,
Por detrás das imposturas,
Por baixo das sepulturas,
80 Sei que o povo viverá.

No Brasil, na Argentina,
USA, Cuba, França, China,
Flor ageste da campina,
Só o povo reinará.
85 Um refrão novo e antigo,
Em redor da flor do trigo,
Minha amiga, meu amigo,
Só o povo reinará.

Só o povo reinará.
90 Só o povo reinará.
Só o povo reinará.
Só o povo reinará.
Só o povo reinará.
Só o povo reinará.
95 Só o povo reinará.
Só o povo reinará.

VIVÊNCIA

Moço que fica neste bar comigo
É meu amigo

Sente-se que algum mal o esvazia
Meu pobre amigo

5 Sorriso apenas não é alegria
Do meu amigo

Aquela puta quer dormir contigo
Com meu amigo

10 Mas que desposseção absoluta
Meu mau amigo

No ventre calcinado duma puta
Não há abrigo

Hás de chorar de bêbado e de pena
Como uma hiena

15 Hás de voltar à casa sem desejo
E sujo, amigo

Quando a manhã chegar sobre o outeiro
Meu triste amigo

20 Não vale mesmo a tua vida a pena
De ser vivida

Mas venderás um pouco de ti mesmo
Meu velho amigo

E esquecerás a dor que vai contigo
O teu castigo

25 Fechado ficarás em teus sentidos
Pungente amigo

Indevassável para a luz do sol
Que faz o trigo

30 Oh porque neste Rio de Janeiro
Perdido amigo

Quero encontrar um coração veemente
De companheiro

Quero apertar a mão amiga e dura
Dum operário

35 Mão-martelo que prega a investidura
Do proletário

4.4 NOTAS

^I Trata-se o único poema publicado na *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos* (1946), organizada por Manuel Bandeira, que PMC publicará novamente em livro.

^{II} Em um dos cadernos do poeta, há uma lista denominada “Meus plágios”. Com relação ao poema “A festa”, indica: “v. ‘O bêbedo’ de D. Milano” (Instituto Moreira Salles, Acervo Paulo Mendes Campos, caderno 34, folha 102, anverso).

A nós, no entanto, a relação entre os poemas assemelha-se mais a inspiração do que a plágio. Transcrevemos, aqui, o poema de Dante Milano (2004, p. 29):

O BÊBEDO

O bêbedo que caminha
Que mantos arrastará?
Que santo parecerá?
Gaspar, Melchior, Baltasar?
Um miserável não é,
Logo se vê pelo gesto,
Pela estranheza do olhar.
O bêbedo que caminha
Que rei bêbedo será?

^{III} Carlos Drummond de Andrade faz referência a esse poema no artigo “Sessentão dos bons” (*Jornal do Brasil*, 2 mar. 1982). Vide seção 5 “Recepção crítica”, p. 463-464 desta dissertação.

^{IV} Há uma crônica de Paulo Mendes Campos, “*Video tape da insônia*” (*Cisne de feltro*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001), que inicia tal como a segunda estrofe de “Fragmentos em prosa”: “Da casa em que nasci não me lembro nada. Contam que via o demônio e o apontava na parede, alvoroçadamente, como se fora um anjo. Minha vida começa em Saúde, arraial de minha infância [...]”. Há diferenças, depois, entre os textos, que tornam a crônica mais prosa e o poema mais poema. Carlos Drummond de Andrade, em artigo, chama a atenção para “‘Fragmentos em prosa’: título enganador de longo poema em verso desmesurado, com ritmo infalível”. (ANDRADE, C. D. Sessentão dos bons. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 mar. 1982. O artigo pode ser lido na seção “Recepção crítica” desta dissertação.)

^V Texto muito semelhante a esse, apenas com algumas modificações e sem as quebras dos versos, intitulado “Tens em mim tua vitória”, foi publicado na revista *Manchete* em 13/04/1963. Posteriormente coligido em *O amor acaba: Crônicas líricas e existenciais* (seleção e apresentação de Flávio Pinheiro, Companhia das Letras, 2013, p. 256-257).

^{VI} Texto muito semelhante a esse, apenas com algumas modificações e intitulado “Em face dos mortos”, foi publicado na revista *Manchete* em 30/05/1964. Posteriormente coligido em *O amor acaba: Crônicas líricas e existenciais* (seleção e apresentação de Flávio Pinheiro, Companhia das Letras, 2013, p. 219-221).

^{VII} Texto muito semelhante a esse, apenas com algumas modificações e intitulado “O reino das lembranças”, foi publicado na revista *Manchete* em 01/08/1964. Posteriormente coligido em *O amor acaba: Crônicas líricas e existenciais* (seleção e apresentação de Flávio Pinheiro, Companhia das Letras, 2013, p. 222-224).

^{VIII} Eis aqui um belíssimo caso de crônica e poema que compartilham o mesmo tema, descrevem exatamente a mesma situação, porém de forma marcadamente diversa no que diz respeito aos gêneros poesia e prosa.

A crônica transcrita a seguir foi publicada na revista *Manchete* em novembro de 1964, seis anos após a publicação do poema “Ela” n’*O domingo azul do mar* (1958).

O ARMADOR

Na primeira vez que fui a Porto Alegre queria ser soldado. Contava dezoito anos e (o verbo é adolescente) almejava uma vida a grande velocidade entre o céu e a terra, voando na liberdade da minha solidão. Aprendi ordem unida com um prazer físico, mas não cheguei a decorar a nomenclatura das peças de matar. O capitão, no outono, confiou-me a vigilância duma indolente estrada vermelha, por onde deveria avançar o nosso inimigo. Dormi devagar sobre o fuzil. Quando acordei, ventava nas ramagens altas, e descobri de vez o meu coração paisano, um coração sem inimigos visíveis, e apenas armado de suas heranças obscuras, de seus conflitos. Foi naquele crepúsculo, longe do acampamento, que me senti desligado. O resto seria mero protocolo.

Dez anos depois, retornando em rápida visita à cidade, era funcionário público. Procurei o adolescente, aluno do terceiro ano da Escola Preparatória de Cadetes, e não o vi. Estava para sempre dormindo em Viamão, o cavaleiro duma estrada bordejada de pinheiros.

Tendo redigido a notícia de inauguração do ambulatório da autarquia federal, caminhei um domingo inteiro. Fazia verão e quase ninguém passava pelas ruas. Subi a rua da Praia, cheguei a uma pracinha irremediável, sem abrigo contra o sol, sem raparigas em flor, sem crianças, sem mendigos. Mas havia uma porta aberta numa esquina. Olhei lá dentro e dei com um homem fazendo um caixão de defunto. Um armador, como dizem lá. Só o homem, o resto era caixão empilhado, caixão em pé, caixão deitado, pobres, ornamentais, grandes do tamanho dum gigante, pequenos do tamanho dum anão.

O fúnebre carpinteiro era um camarada robusto e decidido. Assoviava um tanto. Eu admirava as suas mãos hábeis, precisas, talentosas, mãos que teriam feito cadeiras confortáveis, mesas onde as famílias jantam, berços, barcos para atravessar o Guaíba, marcos de porta, por onde se entra e sai, marcos de janela de onde se pode ver a vida duma rua, e até compor uma linda canção, se for a janela de Mario Quintana. Mas as mãos dum armador precisam fazer caixões para os que vão indo. Paciência.

Acontece que de repente me deu medo.

Primeiro, ele bateu os pregos e fez uma caixa comprida com uma tampa. Passando do mano a mano a uma rancheira enroscada, começou a lixar a tábua com um ruído que dava nos nervos. Eu não podia ir embora e também não podia deixar de compreender que aquele homem fabricava o meu caixão.

Contrafeito, ele fingia que não me via imantado de triste sedução. Fingia que não escutava o sobressalto de meu peito. Lixava a tábua com perversa minúcia, gozava o meu horror silencioso, provando com a palma da mão a maciez da madeira. Às vezes, parava o

assovio no ar e assoprava a serragem. Com esquadro e lápis marcou três pontos de cada lado, onde pregou bem pregadas seis alças de metal dourado. Onde seis amigos fortes um dia se agarrarão. Adaptou a fechadura, experimentou demoradamente a chave; como a lingueta emperrasse um pouco, pingou um pouco de óleo na mola do trinco. Forrou por dentro dum tecido brilhante, não do meu gosto, e por fora dum veludo preto com bordados coloridos. Nas quinas aplicou rebites de latão, frisos prateados no sentido horizontal.

Quis dizer-lhe que se tratava dum caixão suntuoso demais para o meu modesto defunto, que preferia ser cremado ou sumir num desastre.

Mas o frio armador nem olhou para a porta. O freguês do caixão não era problema seu. Com um preguinho na boca fez a última volta da repetida rancheira, afastou-se dois passos, contemplou com vaidade o trabalho, e viu que a sua obra era boa. Eu, que nunca prestei, aceitei com humildade o mau-gosto do meu caixão e rumei sem qualquer finalidade para a pracinha do Cinema Capitólio.

Depois, no meu sono em quarto frio de hotel, um esquite branco de velas negras ficou a noite quase toda descendo as correntezas de outro sonho.

Manchete, 21 nov. 1964.

Disponível na página da exposição digital

“Em 1964 – Arte e cultura no ano do golpe”,

do Instituto Moreira Salles:

<em1964.com.br/o-armador-por-paulo-mendes-campos>.

Acesso em: abr. 2018.

^{IX} Fabio Lucas (Encontro com a poesia de Paulo Mendes Campos. *O Estado de S. Paulo*, 30 mar. 1991. Vide seção “Recepção crítica”, nesta dissertação) chama a atenção para a citação indireta de Raimundo Correia nos versos “Tínhamos pombas que traziam tardes / Meigas quando voltavam aos pombais; / Voaram para a morte as pombas frágeis / E as tardes não voltaram nunca mais.” Embora não cite o poema a que se refere, obviamente trata-se de “As pombas” (*Sinfonias*, 1883):

AS POMBAS

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,
Ruflando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoadas...

Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
E eles aos corações não voltam mais...

^x Há um fragmento, publicado em *Diário da Tarde* (1981, p. 29), que poderia ser mais uma estrofe neste poema:

CORISCOS NA SERRA

Se acaso por um momento, teu
coração, como o de teu pai, ficar
vazio, arruma a casa, abre a janela,
põe tua roupa nova – para que o
vento a caminho, mais uma vez, te
arrebate vivo.

^{xⁱ} A situação em que o poema foi composto é relatada por Paulo Mendes Campos também em *Murais de Vinicius*, obra comemorativa de pequena tiragem oferecida, em 1988, como brinde aos clientes por uma empresa de engenharia, depois reeditada pela Civilização Brasileira, em 2000, com organização de Flávio Pinheiro, na coletânea *Murais de Vinicius e outros perfis* (p. 26-27):

A janela do meu quarto no Hotel Montalambert dava para os fundos da Igreja São Tomás de Aquino. Eu estava prostrado na cama depois de ter flanado um dia inteiro. De repente os sinos da igreja começaram a tocar, lá fora e dentro de mim, e eu me levantei e escrevi umas linhas descompassadas, que peço licença de transcrever aqui, para a mais clara compreensão do texto: [...]. Versos sem importância, pobres, mas inelutáveis, inclusive em sua desunidade rítmica. Eu me lembrava do ano em que Apollinaire se casou naquela igreja: 1918. Mas ignorava o dia. Semanas depois, consultando um livro, vi com doce encanto que a data do casamento de Apollinaire aniversariava com o dia no qual escrevi o poeminha: 4 de maio. Sorri como quem recebe uma confiança feliz.

^{xⁱⁱ} O poema foi escrito durante viagem que Paulo Mendes Campos fez à Rússia, China e Polônia, em 1956. No artigo “Um reencontro com a furiosa adolescência” (*Serrote*, n. 8 ½, 2011, p. 3-11), Elvia Bezerra apresenta trechos dos diários de viagem escritos, então, pelo poeta. Num desses trechos, podemos ler:

Varsóvia, 28 de maio, Hotel Bristol
Pequenas providências na cidade, volta ao hotel para almoçar, encontro na escada a australiana, que me beija na face. Não me sinto bem e não vou ao teatro. No balcão do antigo Hotel Bristol: talvez só agora eu me faça consciente da beleza de Varsóvia. Trabalho um poema*, melhor, fico a consertar uma coisa que escrevi.

*“Moscou-Varsóvia”, publicado em *O domingo azul do mar*, 1958, cujos versos se iniciam com: “Se este avião caísse...”. [nota de Elvia Bezerra].

Interessante pontuar, aqui, a maneira como ele se refere ao poema: “Trabalho um poema, melhor, fico a consertar uma coisa que escrevi.” Diz que é poema, para, imediatamente, corrigir-se e substituir por “uma coisa que escrevi”. Vale lembrar a nota, logo no início de *O domingo azul do mar*, onde o autor explica que “Os dois poemas finais foram separados dos restantes porque representam uma crise intelectual e formal, a que chegou o autor.” Os dois poemas em questão são “Poema didático” e “Moscou-Varsóvia” – este último volta, portanto, a ser chamado de poema, mas a sensação de “coisa” permanece, agora mais elaborada, renomeada como “crise intelectual e formal”.

^{xⁱⁱⁱ} VIOLÃO de rua: poemas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962-1963. 3 v. (v.1, set. 1962 / v. 2, dez. 1962 / v. 3, 1963).

Poemas de Paulo Mendes Campos nos v. 1 e v. 2:

v. 1, set. 1962: “Poema para ser cantado” (p. 64-67), “Um homem pobre” (p. 68-74);

v. 3, 1963: “Testamento do Brasil” (p. 116-119), “Vivência” (p. 120-121).

Volume 1 – Na falsa folha de rosto, lê-se: “Cadernos do Povo Brasileiro. / Diretores: / Alvaro Viera Pinto / Ênio Silveira / Volume Extra / desenho de capa: EUGÊNIO HIRSCH / Exemplar Nº 06249 [trata-se de exemplar consultado na Biblioteca do IEB, da Coleção Caio Prado Júnior]. Primeiro de uma série, êste livro foi organizado pelo CENTRO POPULAR DE CULTURA da União Nacional dos Estudantes, sem qualquer pretensão de realizar uma completa antologia, e visa divulgar poetas que usam seus instrumentos de trabalho para participar, de modo mais direto, nas lutas em que ora se empenha o povo brasileiro, revolucionariamente voltado para as exigências de um mundo melhor e mais humano. / Direitos desta edição reservados à / EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A. / Rua 7 de Setembro, 97 / RIO DE JANEIRO / 1962 / Impresso nos Estados Unidos do Brasil / *Printed in the United States of Brazil.*”

Na folha de rosto, lê-se: “VIOLÃO DE RUA / Poemas de / AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA / FERREIRA GULLAR / GEIR CAMPOS / JOSÉ PAULO PAES / MOACYR FELIX / PAULO MENDES CAMPOS / REYNALDO JARDIM / VINICIUS DE MORAES / EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A. / RIO DE JANEIRO”

^{xiv} Uma versão em inglês deste poema foi publicada, com o título “Dreaming of both (Rococo)”, em *Trinca de Copas* (1984). Ver seção 4.1.8 “POEMAS (seção do livro *Trinca de copas*, 1983/1984)” destes poemas reunidos.

^{xv} Esse poema foi derivado de um texto de mesmo nome (“Insônia”), publicado no livro *O anjo bêbado* (Editora Sabiá, 1969, p. 71-73), que pode perfeitamente ser classificado como poema em prosa. O conteúdo compartilhado com o poema foi destacado em negrito e grifado, na transcrição a seguir. A correspondência não se dá palavra por palavra (embora em alguns casos assim se dê), diz respeito principalmente ao conteúdo. Este não é o único caso, na obra de Paulo Mendes Campos, em que acontece esse tipo de derivação – trata-se de prática bastante frequente do autor.

INSÔNIA

A MINHA insônia é um vasto mural no tempo, composto de quadros díspares e desordenados, cuja unidade em todo o cosmos é um **fiozinho** mínimo e invisível dentro da Noite: eu. Quando esse eu desaparecer, os quadros terão desaparecido para sempre do Universo, e isso não será um acontecimento positivo ou negativo; porque não terá a menor importância: vejo a fotografia que tirei com minha mãe ao pé do muro do cemitério do Bon-fim; minha roupa de veludo horrendamente roxa; **a madrugada de garoa em Barbacena**, quando saímos correndo de frio; a mala vermelha de Roberto no Grupo Escolar, uma beleza de mala; **o cavalo botando a cabeça para dentro da janela do hotelzinho** e os olhos faiscantes do cavaleiro, retornando para dizer que se sentira insuportavelmente sozinho depois de nossa visita: **o cavaleiro era Georges Bernanos; os japoneses** em Ircutsqui **a tomar sopa com um ruído intolerável**; Nossa Senhora Auxiliadora com seu manto azul, no centro do pátio; o nome Marmeladov quando eu era menino; **as flores amarelas; o sol na bruma seca de setembro e Maria falando sobre uma música tristíssima de Albeniz; minha briga com o Vaquinha na entrada da capela; aquele menino doidinho que puxou a orelha do frade; o frade que fazia círculos concêntricos com a fumaça do charuto; o raio caindo com estrépito no pátio enlameado; o silvo do carro de boi quando Padre Questor discorria sobre os Déspotas Esclarecidos; o pombo Branquinho retornando ao pombal com uma beleza**

que me desesperava, com o sentimento efêmero e o alvoroço de uma tarde irreparável; a machadinha que eu perdi entre mamoeiros e achei de novo; o meu Polar 22; as flores amarelas; aquela noite em que o amigo Luís me emprestou as obras completas de Verlaine; o camundongo encontrado morto atrás do quadro; a bodocada no olho do gato; o cartão perfumado dentro do livro de Pascal; as meninas que atiravam beijos do adro da matriz; os olhos de Vivian Leigh na Ponte de Waterloo; a capa de Tarzã o filho da selva, de Jacala o crocodilo, de Mowgli o menino lobo; Cifuentes lendo no refeitório a morte de Winnetou, e a gente pretendendo não chorar; a mulata gorda dançando ao amanhecer em um botequim sórdido na Praça da República; a noite de febre e delírio em que ajoelhei aos pés de meu avô, dizendo que eu devia todas as favas do mundo; as flores amarelas; o sol na bruma seca de setembro e Maria falando sobre uma música tristíssima de Albeniz; a noite em que dormi no chão e um exército de formigas passou sobre o meu corpo; o banco da Praça da Liberdade; o tuberculoso morrendo em Alvinópolis; Pedrinho Paulista (isso não vi, mas imagino) descendo do trem para morrer no jardim; o dia em que o circo — o primeiro — desfilou pelas ruas do arraial; Padre Alcides atenazando meus mamilos até que me jorrassem lágrimas de ódio e dor; as flores amarelas; Frei Rufino dizendo, a grande velocidade: res, rei, rei, rem, res, re — latim é muito fácil; quando o automóvel entrou na Praça Paris e vi o mar; dois rapazes pretos cobertos de sangue se trucidando em um bar da Rua Tupis; o italiano, que passava a tarde a fumar cachimbo, sentado na pedra que ficava debaixo de uma árvore espinhosa; o sol na bruma seca de setembro e Maria falando sobre uma música tristíssima de Albeniz; as flôres amarelas; pestanas arqueadas sobre olhos verdes, azuis, castanhos; e capas de chuva; e mão trêmula descalçando luvas; e a imagem de Gautier: Glissant de l'épaule à la hanche,/ La chemise aux plis nonchalants,/ Comme une tourterelle blanche/ Vint s'abattre sur ses pieds blancs; e o resto; e as flores amarelas; e as primeiras gravuras impressionistas: La Gare Saint-Lazare, Un dimanche d'été à la Grande Jatte; os barcos apodrecendo no parque; o general de Garibaldi dentro do esquife no museu-cemitério de Palermo; e flores amarelas; e grandes bispos mortos alçados nas paredes; e flores amarelas; e o cadáver de uma criancinha morta no ano em que nasci; e o sol na bruma seca de setembro e Maria falando sobre uma música tristíssima de Albeniz; e a dama de ouros, o sete de copas, o quatro de paus, e assim por diante, indefinidamente, um fiozinho mínimo e invisível dentro da Noite; e flores amarelas batidas pelo vento, rolando pelo mundo.

^{xvi} Poema publicado pela primeira vez em: FISHER, Ana. *Ouro Preto*: illustrations on a brazilian colonial town. Poesia Paulo Mendes Campos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. A edição consta de um portfólio com 12 folhas de texto, 41 folhas de gravuras (uma das gravuras em página dupla). Dimensões: 49 x 34 cm.

Nessa edição, o poema foi publicado também em inglês, com notas, em versão do próprio Paulo Mendes Campos:

HARANGUE AND PRAYER OF A GUIDE OF OURO PRETO

Ladies and gentlemen,
before Vila Rica vanishes,
let us talk here and now
of What remains, of What passes.

Vila Rica, as even the blind can see,
is made of hills, all of them haunted.
Note carefully these transoms,
these eaves, these balconies!
Already ancient was the theatre when Candiani there sang

the arias of Norma — and bear in mind
that it was only fifty years later that Rui⁽¹⁾ there spoke —
when the civil rights campaign was on.

This Rosário Bridge, also known as Caquende,
was touched by the Ouvidor —
and this other, of elaborated stonework,
is the Contos Bridge, also crossed by the troubadour.

The English Richard Burton — not the Welsh actor
but the good friend of Dom Pedro II —
here showed up one day, with his shallow taste
and his knowledge half profound.

One fine day in 1867 Burton stopped at the Contos Fountain,
quenched his thirst, read the inscription and said:
“Good Heavens! Shocking!
The water of Minas is better than its Latin!”

Although he did not know to praise Aleijadinho's⁽²⁾ carvings,
Burton did have the sense
to compose a line about the old
— but never enough praised — tutu de feijão⁽³⁾.

Mário de Andrade⁽⁴⁾ was here just hanging around,
but with his eyes of multifarious lenses
saw right away the true genius
of Master Antônio Francisco Lisboa.

Then the giant of São Paulo passed by
Mariana of the mournful responses
and, moved, shook the spiritual and white hand
of poor, poor Alphonsus⁽⁵⁾.

On these beautiful linen sheets
embroidered with laces, on these fine muslins,
lay down several unblemished dames
and perhaps three or four or thirty-four queans.

Another Englishman — this time the geologist John Mawe —
after loafing in the aloof cold of Vila Rica,
said: “I’ve never seen such magnificent beds
as the beds of these rich people!”

Just look at the cornices and moldings of these windows!
But truthfully, ladies and gentlemen,
rarely they framed
the well-protected grace of the damsels.

Here slaves were sold.
A beautiful and Young black woman was worth good money.
And they paid up to a thousand cruzados
for a good negro trumpeter!

On the corners of these streets votive niches
were lit and the votive niches
finally mixed the new saints
with the primitive black gods.

There were four newspapers
here in Vila Rica!
And all four of them
seeting with politics!

And when this place
was turned into a foundry,
tax collectors fused the gold
and forged a rebellion.

Here Saint-Hilaire saw the happy,
flirtatious mulatto woman dancing the fandango⁽⁶⁾:
it was a nation already
becoming crossbred and Brazilian.

So, asking for the blessing of Rodrigo de Andrade⁽⁷⁾
and the poetry of Manuel Bandeira⁽⁸⁾,
let us pray that the Vila of yesterday
does not fade nor does the town
which should keep what remains from the past:
for in the line drawings of these engravings
Vila Rica will keep its purest images forever.

PRAYER

Nosso Senhor do Bonfim⁽⁹⁾,
please do not let Vila Rica come to an end!

Nossa Senhora do Rosário,
please preserve thine shrine!

Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias,
lay thy eyes over these ashlar!

Nossa Senhora da Piedade do Morro do Cruzeiro,
be merciful to the land of Minas!

São Francisco de Assis,
herd all the chapels and the main church!

Nossa Senhora das Mercês e dos Perdões,
pray for Vila Rica in its difficulties!

São João Batista,
bless thine chapel and its artist!

São Sebastião,
defend the innocence of the soap-stone!

Sant'Ana,
protect the people of Vila Rica!

Nossa Senhora das Necessidades,
help Vila Rica in time of infirmity!

Nossa Senhora das Dores,
be compassionate with this new atmosphere, with these old colours!

Nossa Senhora da Piedade,
help Vila Rica at the time of orphanhood!

Nossa Senhora do Pilar,
make Vila Rica thy altar!

Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Alto da Cruz,
preserve Ouro Preto, the City of Jesus!

-
- (1) Rui Barbosa (1849-1923) — Statesman and jurist, famous for his speeches. He led the movement to abolish slavery.
 - (2) Antônio Francisco Lisboa (1730?-1814) nicknamed Aleijadinho ("Little Cripple") because of a disease that deformed and seems to have paralyzed his hands towards middle age. He was the son of a Portuguese man and a Negro slave. A mixture of sculptor and architect, a self-made man, Aleijadinho is considered by many as a real genius.
 - (3) Tutu de feijão is a typical dish from the Minas Gerais region. It consists of a mixture of manioc flour and creamy beans. It is often accompanied by a green vegetable called "couve" (kale, cole), rice and fried bacon.
 - (4) Mário de Andrade (1893-1945), poet, fictionist and musicologist considered even today as the spiritual guide of all the literary vanguards in Brazil.
 - (5) Alphonsus de Guimaraens (1870-1921), one of the principal representatives of the Symbolist poetry in Brazil. Judge at the municipality of Mariana where he stayed throughout his life in complete isolation.
 - (6) Fandango is a typical regional Brazilian dance.
 - (7) Rodrigo de Andrade (1898-1969), writer, historian, critic. First director of the National Historic Patrimony Service (Serviço do Patrimônio Histórico Nacional). During his administration (1933) Ouro Preto was decreed a national monument.
 - (8) Manuel Bandeira (1886-1968) — Poet and writer, one of the greatest Modernist poets in Brazil.
 - (9) The Brazilian names of saints were kept in the English version. "Nosso Senhor" means "Our Lord" and "Nossa Senhora" is "Our Lady".

^{xvii} Há uma versão em português deste poema, publicada antes desta, intitulada “Nem juventude nem velhice”, em *Poemas* (Civilização Brasileira, 1979, seção Balada de amor perfeito).

^{xviii} Poema publicado em: CAMPOS, Paulo Mendes. *Carta a Otto ou Um coração em agosto*. Edição e posfácio Elvia Bezerra. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012. p. 16-23. A edição traz, em página espelhada, a transcrição e a versão fac-similar da carta e do poema publicados. O original da carta, datada de 1945, encontra-se no Arquivo Otto Lara Resende / Acervo IMS.

^{xix} O poema, datado de 17 ago. 1945, foi publicado pela primeira vez em 1º dez. 1946, no *Correio da Manhã*, e passará a integrar a seção de inéditos do *Livro de Sonetos*, de Vinicius, na edição de 1991, pela Companhia das Letras, sob coordenação de Otto Lara Resende (BEZERRA, “O soneto de Vinicius e Paulo Mendes Campos, *Blog do IMS*, 2013).

A composição do “Soneto a quatro mãos”, em parceria com Vinicius de Moraes, é relatada em *Murais de Vinicius*, obra comemorativa de pequena tiragem publicada em 1988 sob os auspícios da Carioca Engenharia, que a ofereceu a clientes e amigos, depois reeditada pela Civilização Brasileira, em 2000, com organização de Flávio Pinheiro, como parte integrante da coletânea *Murais de Vinicius e outros perfis* (p. 51-52):

Fernando Sabino morava na Avenida Copacabana, a dez metros do cinema Metro, e eu morava na Avenida Copacabana, a dez metros do Fernando Sabino. Tinha alugado um quarto no décimo andar, oito andares acima do apartamento de Carlos Lacerda. Foi nos fins de 1945. No apartamento do Fernando, numa noite de descaramento etílico, propus a Vinicius que escrevêssemos, no momento, um soneto a quatro mãos. Ele acedeu. Não é essas coisas, mas vale como lembrança. Guardo o manuscrito (a duas mãos)

e o soneto foi ainda publicado no suplemento dominical do Correio da Manhã.

^{xx} De acordo com nota de Elvia Bezerra: “Soneto inédito em livro. Existe versão do primeiro quarteto em datiloscrito do autor em seu arquivo.” (CAMPOS, P. M. De um caderno cinzento. Organização, apresentação e notas Elvia Bezerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 57.)

^{xxi} Por se tratar de miscelânea, o conteúdo do livro *Transumanas* não caberia integralmente nesta reunião de poemas. Vários dos textos são prosa; outros tantos, tradução (nem sempre identificada com clareza). Outros, ainda, foram selecionados pelo autor para integrar a seção “Balada de amor perfeito”, de *Poemas* (Civilização Brasileira, 1979). Neste último caso, os poemas em questão podem ser encontrados na seção 4.1 “POEMAS ORGANIZADOS”, com a indicação de publicação inicial em 1977 e respectivas notas de cotejo entre as versões.

Boa parte do livro é de conteúdo recolhido pelo autor de publicações suas na revista *Manchete* e n’*O Pasquim*.

Nesse caso, optamos por apresentar uma seleção, pois não caberia nesta reunião de poemas o conteúdo integral do livro. Explicitando, porém, que a seleção é nossa, e não do autor.

^{xxii} “Grotta do Jacob” é o nome de um condomínio em Petrópolis, onde Paulo Mendes Campos tinha um sítio. Refere-se, provavelmente, à denominação de uma grotta da região, pois há também o Córrego da Grotta do Jacob. Otto Lara Resende, na crônica “Enfim, a grotta” (*O príncipe e o sabiá*, São Paulo, Companhia das Letras, Instituto Moreira Salles, 1994, p. 208), refere-se a ele: “O fardo do escritor pesa. Paulo Mendes Campos quer recolher-se à sua Grotta do Jacob (Burckhardt?) na serra, dali dar umas escapadas até São João Del Rei. Para trabalhar em paz. Merece, mas será que a inflação deixa?” A crônica foi publicada originalmente em 8 de maio de 1981, ano em que P.M.C. se aposentou.

^{xxiii} Embora separados no tempo e no espaço, esse “corisco” poderia perfeitamente agregar-se ao poema “If” (*O domingo azul do mar*, seção “O tempo da palavra”), como mais um estrofe.

^{xxiv} Publicado em: BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem – Estrela da manhã*. Manuel Bandeira: edição crítica. Coordenação Giulia Lanciani. São Paulo: ALLCA XX; Scipione Cultural, 1998. (Colección Archivos: 1. ed.; 33). Impresso na Espanha. p. 563-564. O poema consta da parte IV. Dossiê, subitem II. Escritos de outros autores, 12. Paulo Mendes Campos – 1945. A nota de rodapé (n. 141, p. 563), associada ao nome do autor, traz o seguinte texto: “Seu texto foi transcrito do original datilografado (1 folha, frente e verso, com timbre do Serviço Público do Estado de Minas Gerais) que está no Arquivo Manuel Bandeira, pertencente ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação-Casa de Rui Barbosa (doc. MB 92 pit). A data indicada e a assinatura do escritor estão no fim da segunda página do original.”

Acrescento, a esses dados, mais uma informação que coletei durante minha pesquisa, em visita à Fundação Casa de Rui Barbosa: ao final da carta, temos: “B. Horizonte, 1945.” Podemos, portanto, deduzir que o poema foi escrito ainda em Minas Gerais, antes da mudança de PMC para o Rio de Janeiro.

5 RECEPÇÃO CRÍTICA

5.1 SESENTÃO DOS BONS

Carlos Drummond de Andrade *

Chega março em seu cavalo pigarço, e temos de reconhecer que essa cor pigarça combina com um ano já não propriamente novo. Algumas esperanças ficaram grisalhas, passou carnaval, vamos trabalhar. Será que vamos, mesmo? Se a Copa do Mundo não nos matar de infarto coletivo, é possível. O Produto Nacional Bruto e o Produto Nacional Líquido esperam que os brasileiros cumpram o seu dever. Aqui um péssimo trocadilho lembraria que procuramos dever o máximo possível. Somos louquinhos por uma nova linha de crédito no exterior. País que não deve muito é país estagnado. Viva o movimento!

Todo esse nariz de cera, e ainda não disse ao que vim. Vim para saudar Paulo Mendes Campos sessentão, um dos bons trabalhadores do Brasil no setor que não dá fortuna: letras. Quantos trilhões de letras já transportou Paulo nas costas para construir o seu edifício invisível de poesia? Invisível para quem não sabe ver. Os outros não só atestam a sua realidade formal como frequentam e habitam seus cômodos com voluptoso [sic] bem-estar.

A poesia de Paulo é requintada e esperta. Nutre-se de um fundo cultural muito rico e de uma sensualidade pagã que ele combina com astúcia. Parece brincar com as ideias, mas sempre as mantém unidas ao sentimento humano, à dor do homem sobre a terra. Capaz de mil piruetas técnicas, o poeta é sempre fiel ao conceito puro de poesia, rendado de impurezas da vida.

Paulo é poeta para poetas, na sutileza de tratamento de temas que ele desenvolve de maneira finamente individual. Sua **Loa Literária do Desengano**, que santifica desde Dostoievski até o Humor, só por artistas verbais deve ser lida e amada. **Fragmentos em Prosa**, título enganador de longo poema em verso desmesurado, com ritmo infalível. A felicidade das traduções que faz de poetas ingleses e outros revela a intenção de desenvolver a operação poética além de sua própria individualidade, identificando-se com a poesia de outros criadores, e transpondo-a num exercício de comunhão.

Nem por isso é poeta difícil; pelo contrário, não se esquivava ao coloquial, ao manuseio de pertences populares, à profunda imersão no rio dos acontecimentos diários. É o poeta do

* ANDRADE, C. D. Sessentão dos bons. *Jornal do Brasil*, 2 mar. 1982. Caderno B, p. 7.

futebol e seus craques, do saxofone da gafeira, o praticante do bar com amigos: em suma, alguém que vive o teor de todos os dias, embora se reservando o luxo de um viver especial, bem seu, bem labiríntico, na raiz de uma poesia que é enigma e solução enigmática.

Não é qualquer um que faz versos como estes a uma bailarina:

Quero escrever meu verso no momento
Em que o limite extremo da ribalta
Silencia teus pés, e um deus se exalta
Como se o corpo fosse um pensamento.

Além do palco, existe o pavimento
Que nunca imaginamos em voz alta,
Onde teu passo puro sobressalta
Os pássaros sutis do movimento.

Mas chega de enaltecer o poeta. Quem escreve crônica neste país tem obrigação de laurear o companheiro que faz da crônica um jogo sempre renovado de surpresas. Paulo, “colunista do morro”, “homenzinho na ventania”, “cego de Ipanema”, “anjo bêbado”, tal como ele intitula suas criações, honra a nossa classe tão discutível, pois há quem nos ache geniais e há quem lastime o espaço que ocupamos nas folhas. O cronista é de certo modo um marginal entre os diplomados em comunicação, e que se distribuem entre as seções e colunas “sérias” do jornal. Não temos especialidade definida, não somos responsáveis pela política, pela economia, pelo trânsito nem sequer pelas palavras cruzadas. Dizemos o que nos passa pela cabeça e quase nunca é sensato; às vezes é lírico, outras epigramático, não raro fútil mas — os leitores devem reconhecer esta virtude — nunca procuramos agravar o mal da vida. Se não apreciarem o cafezinho que lhes servimos pela manhã, paciência; garanto que ele não contém estriquinina.

Paulo acabou inovando no gênero, com seus livros **Transumanas** e **Diário da Tarde**, este último saído quentinho do forno. Seu texto habitual não é nada habitual; pode ter quatro páginas ou duas linhas. Nele cabe tudo; o verso, a reflexão solta, a ironia, a sensibilidade, o chamado calor humano, que alguns confundem com o calor propriamente dito, e incomoda em vez de ajudar, mas que em Paulo é instinto profundo de solidariedade com os oprimidos e os injustiçados. Quem ler **Os Bares Morrem numa Quarta-Feira** depara com o produto litero-jornalístico elevado à sua mais fina expressão. No **Diário da Tarde**, que eu invejo santamente, Paulo faz proezas, acrobacias, saltos mortais, loopings, fregolismos e tudo mais que pode fazer a pena destra, obedecendo à imaginação criadora. Concluindo, com palmas fraternas: este sessentão é dos bons.

5.2 PRESENÇA DO POETA

Guilhermino Cesar[†]

*Não entendo a poesia:
a poesia é que me entende.*

PMC, *Diário da Tarde*, p. 120.

A poesia de Paulo Mendes Campos é ambiciosa: atira longe. Casa habitualmente a experiência neolatina com a inglesa. T. S. Eliot, Lorca, Blake, Verlaine, Juan Ramón Jiménez Borges e Auden, entre outros, são autores com os quais afina o temperamento, para não dizer o sensório do poeta mineiro.

Lendo incansavelmente em várias línguas, e adestrando-se na crônica, preserva bem a sua obra de submissão, voluntária ou obsessiva, aos muitos "ismos" vigentes no círculo em que se move desconfiado e arredio.

Nesse tímido superior vive um rebelde sufocado, algo céptico, ou quando nada infenso à tentação de liderar ou à comodidade de ser liderado. Vê a literatura pela pauta da gratuidade, indiferente ao próprio êxito, diante do qual se constrange. Um ser complexo, em suma, capaz entretanto de dedicação e ternura, sobretudo quando o endereço delas se perfaz em compreensão solidária.

O que me parece essencial nele é a "dispersão" lírica, na linha, mas sem os esgares, de Mário de Sá-Carneiro. O senso do mórbido, a busca de uma coisologia que lhe parece contundente, mas fascinante— eis igualmente outra faceta do poeta e do cronista.

O poema em prosa chegou até nós um pouco antes deste século, com Charles Baudelaire (e ainda, canhestramente, com Raúl Pompéia), mas só atingiu as raízes do bom com os mais recentes, um Alvaro Moreyra, um Rubem Braga, um Paulo Mendes Campos. Talvez por isso, não há grande distância (sobretudo formal) entre muitos poemas e as crônicas do autor de *O Domingo Azul do Mar*.

Depois do Modernismo diminuíram as balizas entre uma e outra. Houve uma como que recuperação da liberdade de criar, além das regras fixas, alguma coisa não tolhida pelos preceitos da Retórica tradicional. O "Cria livremente o teu ritmo", de Ronald de Carvalho, na trajetória da poesia pós-45, nunca teve aplicação tão fértil como nos poemas de Paulo.

[†]CESAR, Guilhermino. Presença do poeta. In: CAMPOS, Paulo Mendes. *Os melhores poemas de Paulo Mendes Campos*. Seleção de Guilhermino Cesar. Direção de Edla van Steen. São Paulo: Global, 1990. p. 7-10.

Ele permeia as formas fixas (mesmo nas traduções que fez de grandes autores universais) de achados sonoros surpreendentemente expressivos. Isso equivale à busca de uma arte poética permissiva, cujos limites se regem pelo bom gosto pessoal, único juiz respeitável nos pleitos da invenção estética.

O melhor, portanto, seria deixar que o leitor, por si mesmo, absorvesse esta poesia ligada à “circunstância” do autor como a sombra ao corpo. Mas não lhe fará mal, quero crer, apontar aqui, nesta introdução necessariamente rápida, alguns espaços poéticos mais bem povoados pela intuição do escritor mineiro.

Embora os ares do mundo lhe envolvam a poesia, Paulo Mendes Campos está preso à humanidade provincial de que é originário. Pai, mãe, avô — o clã familiar foi por ele bem fixado, sem convencionalismos, porém. Nas tintas do quadro poderá até descobrir-se algum desdém; no entanto, essa outra face do amor se impregna de forte sentimento lírico.

A intercorrência desses temas colhidos e não procurados, porque achados no descuido íntimo do pijama e dos chinelos, se dá numa representação muito colorida, e não caem naquele naturalismo dos “cromos” antigos. O “localismo”, no caso, configura-se menos por meio das palavras do que graças à expressividade da massa elocutiva. Nos poemas de “Arquitetura”, isto é bem visível, e certamente bastariam esses flagrantes “domésticos” para autenticar o impulso lírico. A proposta artística, entre nós, raramente foi tão feliz.

Talvez coubesse acrescentar: mesmo quando se abandona, sem polícia (o que é bom) a sonoridades menos exigentes, o autor preserva a individualidade própria. No processo de sua composição, o hermetismo dosado é um excitante de primeira ordem. Essa linha de sombra, estigma de uma família mundial de poetas exemplares, selo característico de um Valéry, acrescenta à obra de Paulo alguma coisa que contribui para lhe definir a categoria mental. “Só para raros”, evidentemente, como diria Hermann Hesse. E isso parece inseparável do mistério por excelência, o da morte, tantas vezes lembrada nesses poemas. Por outro lado, a juventude, suas perplexidades e perguntas, também ocupam na ação poética lugar saliente. O aprendiz de vida, rebelde e impaciente, é de todos os tempos, concordo, mas aqui se expressa como uma flama e originalidade incomuns. Paulo encara a morte sem desespero e a mocidade sem os véus da visão desarmada das “tardes fagueiras” de Casimiro.

Portanto, faça-se a distinção — a nostalgia da infância, em Paulo, é menos uma celebração do passado do que uma “vingança” do coração ferido. De modo que não vejo aí claridades, a efusão, mas a penumbra e solidão do homem desterrado, justamente na situação em que ele inconscientemente se apropria das coisas e fraterniza com as criaturas do mundo nascente. Sob esse ângulo, os livros de Paulo articulam um sistema confessional em cujas

malhas a interpretação psicológica encontra bom pecúlio de frustrações. E o poeta depõe sobre isso segundo a arte poética mais requintada, assistido pelo anjo-da-guarda dos líricos verdadeiramente convincentes.

Além do espírito às voltas com a sua própria juventude amarfanhada, vê-se também a revolta do homem de hoje diante dos desconchavos desta civilização que parece caminhar indefesa, numa alucinada “manhã de Nova Iorque com 30 milhões de relógios” a medir sobretudo o poder desfeito em sorrisos, jogo e logro. As noites de Diamantina, o hedonismo ensolarado e o pauperismo exposto no asfalto de Copacabana, tudo isso ganha também relevo artístico nessa obra. O autor participa, sofre com o presente; evita, porém, a ênfase vulgar e a sonoridade pedestre.

O tímido que se confessa aprende o real em metáforas inesquecíveis. Veja-se o seguinte texto deste volume — “Fragmentos em prosa”. O velho eu romântico é aí transposto ao ajuizamento das conjunturas dolorosas, como que à procura de um paraíso artificial onde se refugie. O fluxo poético é tanto a experiência do vivido quanto a rememoração do sofrimento remoto, anterior à primeira palavra escrita pelo poeta, seja de dor ou de mágoa, de sonho ou de desencanto.

Em outros textos de idêntica expressividade, Paulo se firma a um pequeno grupo de mágicos cujos textos são principalmente ressonâncias interiores da sensibilidade agredida pela rudeza do fato, da práxis, da objetividade enquadrada no espelho burgês [sic].

Nos versos — originais ou traduzidos — de Paulo a mundividência dominante é mais agônica do que impressionista. Por onde quer que vá esse autor mineiro, seja qual for o gênero que cultive — poesia, crônica ou notações críticas, tais como se vê em *Diário da Tarde*, o que sobrenada do esforço intelectual é uma “adivinhação” do mistério.

Finalmente, suas notações críticas (sobre Conrad, Virgínia Woolf, Jiménez, Whitman, Saint-Simon, García Lorca, Pessoa, T. S. Eliot, Pedro Nava, Robert Frost, Shaw) evidenciam um poder de análise excepcional em qualquer língua.

De outra parte, o percurso do autor ficaria incompleto se fossem omitidas as traduções que tem feito de algumas peças da melhor poesia universal. Na parte final desta antologia transcrevo algumas delas.

Ao publicar *O Domingo Azul do Mar* (1958) diz o autor que consentiu “na publicação deste volume na esperança de que a matéria de seus poemas, impressa e entregue à sua sorte, venha, de algum modo, ajudá-lo a libertar-se de seus antigos fantasmas, que não mais o interessam”. Sucede, porém, que só na aparência houve repúdio; na produção seguinte reaparecem aqueles fantasmas obsessivos. E isso não obstante o ulterior enriquecimento

temático, as novas correntes que se introduzem nela, quer do ponto de vista formal, quer pela aquisição da mais perfeita unidade estética. Na diversidade de Paulo existe perfeita unidade, como ocorre, por exemplo, na obra de Fernando Pessoa, segundo a fórmula sugerida por Jacinto do Prado Coelho para melhor explicá-la na sua inusitada polivalência.

As refrações da luz podem variar de efeitos, e aqui temos a documentação disso, mas o foco é sempre o mesmo. Nele e com ele se projeta uma lição de vida que muitos anos além de nós será escutada e admirada. Cumpre-se na permanência o destino da poesia individuada.

5.3 REVELAÇÕES DO POETA PLURAL

Claudio Willer[‡]

A publicação de uma antologia de Paulo Mendes Campos é uma ocasião para que leitores e estudiosos da literatura se aproximem mais da obra de um dos melhores poetas contemporâneos brasileiros. É curioso como, sendo conhecido, no sentido de uma boa parcela de pessoas medianamente informadas saberem de quem se trata, ao mesmo tempo ele é pouco reconhecido enquanto poeta. Seu prestígio como cronista, comparecendo há décadas em jornais e revistas de grande circulação, de certo modo oblitera sua contribuição especificamente poética, de maior importância, além de indissociável de sua prosa.

Talvez o fato de Paulo Mendes Campos, nascido em Belo Horizonte em 1922, ser um poeta plural, cultor de rimas e versos metrificados e, ao mesmo tempo, de versos longos e informais e poemas em prosa de associação livre, próximos ao surrealismo, dificulta sua catalogação e enquadramento em gêneros e tendências. Fazendo parte da geração de 45, não representa, por sua pluralidade, o ideário mais ortodoxo desse momento da história da nossa literatura. Tampouco tem qualquer coisa a ver com os vanguardismos e formalismos que, de certa forma, brotaram da geração de 45. Dos poetas brasileiros, aquele com quem ele melhor poderia ser comparado é Vinicius de Moraes, inclusive na qualidade dos sone- tos. Qualquer dúvida a respeito é resolvida pela leitura de “O visionário”: “Debaixo dos lençóis, a carne unida, / outro alarme mais forte nos separa. / Vai ficar grande e feia a mesma cara / Com que surgimos cegos para a vida. / Vemos o que não vemos. Quando, erguida / A parede invisível, o olhar para / de olhar, abre-se além uma seara / Muito real porém desconhecida. / São dois mundos. Um deles não jeito: / Cheio de gente, é só como o deserto, / Duro e real, parece imaginário. / Também dois corações temos no peito/ Mas não sei se o que bate triste e certo / Vai unir-se além ao visionário.”

Em parte, o reconhecimento insuficiente de sua poesia se deve a sua honestidade e comedimento. Guilhermino Cesar, organizador desta antologia, confirma essa impressão ao classificá-lo como “indiferente ao próprio êxito, diante do qual se constrange”, embora autor de uma poesia ambiciosa, que “atira longe”.

[‡] WILLER, Claudio. Revelações do poeta plural. *Jornal do Brasil*, 25 ago. 1990. Idéias, p. 3-4.

Assim como existem os escritores lineares, cuja obra é uma sequência de etapas ao longo do tempo (João Cabral de Melo Neto é um deles), há escritores circulares, que se reescrevem ao longo de sua obra, voltando aos mesmos temas e obsessões. É o caso de Paulo Mendes Campos. O leitor perceberá, nessa antologia que acaba de sair, o quanto ele retoma, nos livros subsequentes, o que está em *Domingo Azul do Mar*, de 1958, sem dúvida sua obra mais importante, inclusive pela simbologia do título. O Domingo que simboliza outra temporalidade, um *illo tempore* fora da cronologia do mundo utilitário e da vida instrumentalizada. Algo como um tempo utópico: “Todas as funções da alma estão perfeitas neste domingo”, e só nele a plenitude é possível: “Só o domingo não é um dia da semana / Só o domingo é / Alto e anterior ao calendário / Só o domingo pertence / Ao que é invisível no homem / Indivisível no homem”. O tempo do poético encerra em si a plenitude vital e também a morte, a dissolução final da individualidade: “Se este avião caísse, em um domingo azul um peixe até a pedra nadaria [...] e o domingo azul do mar ainda mais azul reluziria.”

Dentre as recorrências temáticas de Paulo Mendes Campos, a mais importante é a própria poesia. Ele é um poeta da intertextualidade, no sentido de escrever frequentemente sobre sua relação com outros textos e outros autores. Guilhermino Cesar, corretamente, abre esta antologia com “Fragmentos em prosa”, que começa assim: “Nasci a 28 de fevereiro de 1922, em Belo Horizonte, / No ano de *Ulysses* e de *The Waste Land*, / Oito meses antes da morte de Marcel Proust, / Um século depois de Shelley afogar-se no golfo de Spezzia. / Nada tenho com eles, fabulosos, / Mas foi através da literatura que recebi a vida / e foi em mim a poesia uma divindade necessária.”

Portanto, as efemérides literárias, balizando a vida, lhe conferem sentido. Isso é reafirmado, mais adiante, na “Loa literária do desengano”, uma louvação a Verlaine, Baudelaire, Li-Po, Rilke, Hölderlin, Whitman e tantos outros. A “Litania da lua”, que abre a seleção da *Balada do [sic] amor perfeito*, é uma série de variações sobre o tema, o satélite tal como visto por outros poetas: Lorca, Dylan Thomas, Drummond, Pessoa, Virgílio, além de artistas que não são poetas, mostrando que a dimensão do poético ultrapassa o texto da poesia. E há muito mais homenagens, a outros autores e a seu papel na formação da sua sensibilidade e consciência, merecendo especial destaque o tributo que ele presta no poema intitulado “Ode a Federico Garcia Lorca”, uma colagem de imagens e textos do poeta andaluz. Em verso longo, o material usado para essa montagem vem principalmente do *Poeta em Nova Iorque*, o que define uma escolha, do lado mais livre e delirante e mais enfático na denúncia social, deixando de lado o Lorca mais regional e popular. Mais que influência, fonte literária, a relação que esse texto estabelece entre os dois poetas é de cumplicidade: “Enquanto os poetas

se atiram ao mar, minhas unhas arranham a pele da noite e sei que existes. [...] Devolvo-te meu canto imperfeito no espanto de um menino que lançasse um pedra no fundo de um poço e em vão esperasse o baque final tão cheio de paz.”

Essa fidelidade a suas leituras, esse amor plenamente assumido pelos textos e seus autores, é uma das características diferenciadoras do autor de *O domingo azul do mar*. Ele trabalha com a gênese da criação poética, afirmando que não se cria no vazio, não há uma invenção em estado puro, sem outro texto que a preceda. Como muito bem mostra Octavio Paz, em seu *Os filhos do barro*, na modernidade “o poeta não é o ‘autor’, no sentido tradicional da palavra, porém um momento de convergência das distintas vozes que confluem no texto”. Por isso, ainda segundo o grande ensaísta e poeta mexicano, “O poeta não se serve das palavras — é o seu servidor”. E servidor, também, de outros poetas, poderíamos acrescentar, tomando Paulo Mendes Campos como exemplo, apontando ainda, como demonstração de coerência e de fidelidade à poesia, seu trabalho como tradutor. E, mais ainda, um livro como *Diário da tarde* (1981), onde se opera uma fusão entre o texto do outro e o texto próprio, já que se trata de uma sequência, dividida em capítulos, de ensaios literários e biográficos, traduções, e mais crônicas e poemas dele mesmo, arrumados como sucessivos exemplares de um jornal impossível.

Esse trabalho voltado para o texto alheio não significa, de modo algum, que a dimensão da vida esteja ausente da poesia de Paulo Mendes Campos. Ao contrário: sendo poética, iluminada pela poesia, a vida comparece em sua plenitude, indissociável da morte, que é cantada em versos antológicos: “Tenho olhos para não estar cego quando chegar, / Tenho mãos para pressenti-la no ar, quando chegar, / Quando de tudo que vivi chegar, todos os sonhos e insônias, / De minhas devassidões, anseios, aborrecimentos, / Quando a grande e pequenina morte que carrego comigo chegar.”

O pleno do Domingo marítimo e azul e o vazio da morte esperada e recente são povoados por personagens-título de poemas — “O Visionário”, “O bêbado”, “O Suicida” — que também são duplos do poeta, metáforas do artista-criador, suas sombras. Isso fica mais evidente no inquietante final de “O bêbado”: “Como entenderemos este ser obscuro / Cujos passos se extraviam e se afastam de nós / E se aproximam e se perdem em atropelo.[§] / Quando seu rosto se inclina para o chão / E outra vez levanta com um sorriso de paz e de ironia, / Sentimos uma luz de mentira em seus olhos / E tontos de lucidez disfarçamos.” Em Paulo Mendes Campos, todos os aspectos do real — particularmente o cotidiano e a memória do

[§] “E se aproximam de novo e se perdem em atropelo.” [nota minha].

passado, retomados e reescritos à medida que sua obra avança no tempo, — têm qualquer coisa de epifania, de revelação, ao aparecerem filtrados pela experiência poética, em primeira instância uma experiência de apreensão da poesia. Assim como os surrealistas proclamavam buscar uma “mais-realidade”, pode-se dizer que Paulo Mendes Campos busca uma “mais-poesia”, tomando como seu fundamento a experiência poética.

Antologias sempre podem ser discutidas, quanto ao critério de seleção. No caso particular desta, pode-se questionar a exclusão de alguns extremos, de experiências mais radicais, deixando a poesia de Paulo Mendes Campos um pouco mais arrumada e menos anárquica do que é na íntegra. É pena não ter entrado um poema em prosa surreal, de associações livres, como o “Poema das aproximações”. Também devia constar o “Sentimento do tempo”, que expressa uma poética, a condição do autor como meio, veículo da palavra: “Mas há imagens que não podia explicar: me ultrapassavam.” Além disso, esse poema tem a característica de começar informal, em verso longo, e no meio derivar para rima e o metro, sem perder a unidade. Simboliza, portanto, uma qualidade do conjunto da obra de Paulo Mendes Campos, que é a diversidade, sem perda da identidade. Quanto aos poemas traduzidos que fazem parte da antologia, eles deveriam ser publicados na forma em que estão no *Diário da tarde*, mantendo a relação de continuidade com os textos de autoria de seu tradutor. Mas nenhuma dessas ressalvas pode servir como pretexto para deixar passar a oportunidade de prestar reconhecimento a esse fiel servidor da poesia, e por isso um grande poeta, que é Paulo Mendes Campos.

5.4 ENCONTRO COM A POESIA DE PAULO MENDES CAMPOS

Fábio Lucas^{**}

Poemas^{††} de Paulo Mendes Campos (São Paulo, Global) constituem uma antologia organizada por Guilhermino César para a coleção dirigida por Edla van Steen. Permitem ao leitor um encontro com toda a produção poética do autor, que se iniciou em 1951 com *A Palavra Escrita*. *Poemas* incluem também um conjunto de traduções, uma das especialidades do poeta.

Paulo Mendes Campos tomou-se conhecido cronista, alinhando-se entre os maiores graças à qualidade de sua prosa, de grande aceitação pelo público. O poeta, de importância, tem ficado por vezes esquecido à sombra do cronista. Ei-lo agora em apurada amostra.

Paulo Mendes Campos traz nos seus poemas fascinante unidade temática e permanente inquietação formal. Sua poesia apresenta uma densa atmosfera metafísica, algumas vezes dissimulada em prestidigitacões verbais e cômicas estrofações, disfarçadamente dirigidas ao riso ou ao jogo de espírito. Mas o comando do sentido está antes na especulação acerca da vida e da morte, da passagem do tempo e sobre o drama da existência do que nos alegres exemplos de poder de comunicação.

Marcam a poesia de Paulo Mendes Campos, principalmente na primeira fase, os rebuscamentos da herança afetiva, notadamente o renascimento da criança ou a permanência de figuras marcantes. O menino, por exemplo, é destinatário de alguns poemas e de muitos versos. “O tempo” — dirá — “é meu jardim, o tempo abriu / Cantando suas flores insepultas”. (poema “Translúcido”). E, em “Camaféu”, deparamos com esta amável recordação da avó, em imagens ousadas bem ao gosto do poeta: “O mar é uma louça que se parte contra as penhas, enquanto minha avó / Fechava a geladeira com um jeito suave, anterior às geladeiras.” Observe-se o comentário ligeiramente prosaico, em que a força afetiva é modificada pela evocação do tempo “anterior às geladeiras”.

Paulo Mendes Campos estima os poemas longos, em que se acotovelam imagens brilhantes e citações ora explícitas, ora meramente sugeridas como forma de atrair o leitor para o mesmo depósito cultural.

^{**} LUCAS, Fábio. Encontro com a poesia de Paulo Mendes Campos. *O Estado de S. Paulo*, 30 mar. 1991. Cultura, p. 10. [Publicado posteriormente como: _____. Recensão crítica a “Poemas”, de Paulo Mendes Campos. *Revista Colóquio/Letras*. Recensões Críticas, n. 127/128, p. 291-2, jan. 1993.]

^{††} Refere-se a *Os melhores poemas de Paulo Mendes Campos* (São Paulo, Global, 1990).

Com arte, o poeta por vezes constrói metáforas grotescas e imagens desfocadas, com um descentramento que não raro lembra a retórica surrealista. Em “Sonho de uma Infância”, por exemplo, anota: “Um cisne repetia o fácilimo soneto do exílio.”

O poema “Infância” articula uma paisagem polifacetada no início: “Há muito, arquiteturas corrompidas, / Frustrados amarelos e o carmim / De altas flores à noite se inclinaram / Sobre o peixe cego de um jardim.”

E, em dado ponto, deparamos com um trecho em que as imagens extravagantes se casam com uma citação indireta de Raimundo Correia: “O cavalo Joaquim era vermelho / Com duas rosas brancas no abdômen; / A noite o vi comer um girassol; / Era um cavalo estranho feito um homem. / Tínhamos pombas que traziam tardes / Meigas quando voltavam aos pombais; / Voavam para a morte as pombas frágeis / E as tardes não voltavam nunca mais.”^{‡‡}

O *topos* do “mundo às avessas” por vezes se apresenta. É o caso do “Sermão do Diabo”, réplica ao bíblico Sermão da Montanha. A inversão de funções é palpável, uma alteração conceitual cujo efeito final diz: “bem-aventurados o Deus que cria o universo e o demônio que o perdoa.”

No poema “Pesquisa”, encontra-se esta passagem de intensiva metaforização: “Os cães discursam nos quintais, e o vento, / Grande cão infeliz, / Investe contra a sombra.” A propósito, o lado metafísico do signo “cão” reaparece no “Poema Didático”: “Acuado como um cão metafísico, eu gania para a eternidade”. Diga-se que, na edição de *O Domingo Azul do Mar* (Rio, Civilização Brasileira, 1958), Paulo Mendes Campos reservou para a parte final do volume duas composições, “Poema Didático” e “Moscou-Varsóvia”, ressaltando que “foram separados dos restantes porque representam uma crise intelectual e formal a que chegou o autor”.

O cromatismo surreal visita alguns poemas. Exemplo: “A Luz em Diamantina”: “Quando a luz desembarca em Diamantina / a banda de música das coisas afina / seus instrumentos / há restos de acordes noturnos e tristezas / pendurados nos varais.” E o poeta cultiva os símbolos exóticos e abusivos em “Os Relógios”: “Dois caças a jacto, escuros / piratas, sobem ao céu da Holanda, / onde outrora voavam as vacas”.

Na pesquisa formal, Paulo Mendes Campos não se esquece de sacralizar/dessacralizar o soneto. Controvertida relação. Imaginem um sonetista exímio tentando reduzir o velho modelo a uma prosa alucinatória como em “Pequeno Soneto em Prosa”, no qual se lê, por

^{‡‡} No penúltimo e no último versos transcritos, há discordância com livro, onde se lê: “voaram” e “voltaram”. [nota minha]

exemplo: “Mas na praça aristotélica de Goethe, ou na planície platônica de Proust, sobra espaço (e capim) para a besta quadrada.”

No livro *Arquitetura*, temos sonetos, somente sonetos. Um deles, “Finis Coronat Opus”, termina assim: “Este soneto chora por ser prosa. / Prosa cerzida por um architecto / Que já se demoliu no seu projecto.” E os sonetos “Projeto” e “Tanque de Roupa Scherzo”^{§§} denunciam certa aproximação aos sonetos de Jorge de Lima.

Paulo Mendes Campos serve-se do fazer poético para registrar suas admirações. Lorca é celebrado na “Ode a Federico García Lorca”. “Loa Literária do Desengano” constitui um poema de afinidades eletivas.

O humor infiltra-se em vários textos. Motes. Paráfrases. Os “Motes ao Infinito”, por exemplo. Citemos: “descalça vai para a praia / Leonor, de biquíni de cambraia.” Ou: “eu vi a Gioconda em Paris: / mamona lisa nunca vi”. O mesmo se dá com “Cantiga de Nibelungo”.

A parte final de *Poemas* encerra traduções de William Blake, T. S. Eliot, James Joyce, Rosalía de Castro, Apollinaire, Claudel, Neruda. J. L. Borges, Xavier Villaurrutia, Emily Dickinson, Carl Sandburg, W. H. Auden, Montale, García Lorca, Juan Ramón Jiménez e E. E. Cummings, todas de alta realização na escolha dos poetas, dos poemas e das palavras em português.

A “restrição” que fazemos a *Poemas* de Paulo Mendes Campos incide na revisão tipográfica, eivada de incorreções lamentáveis. A seleção de Guilhermino César foi criteriosa, altamente inspirada.

^{§§} Na primeira publicação de *Arquitetura*, em *Poemas* (Civilização Brasileira, 1979), lê-se: “TANQUE DE ROUPA: SCHERZO”, com dois pontos. Na antologia de que trata Fabio Lucas (Melhores poemas de Paulo Mendes campos, Global, 1990, p. 135), os dois pontos estão presentes no sumário; porém, no miolo do livro, houve erro, tendo sido os dois pontos trocados por ponto e vírgula. [nota minha].

5.5 RESGATE DO POETA PAULO

Affonso Romano de Sant'Anna ***

Conheci Paulo Mendes Campos. Nos anos 1980 até estivemos juntos (com Fernando Sabino, Hélio Pellegrino, Otto Lara e outros) numa homenagem no Automóvel Clube em Belo Horizonte. Ele era um papo tão irônico quanto surpreendente. Aqui no Rio, cruzava por ele lá no Leblon, ele às vezes entrando ou saindo de um bar. Indo mais longe no passado, em 1962 (eu ainda estudante), autografamos o volume *Violão de rua*, numa festa na União Nacional dos Estudantes (UNE). Ali estavam também Vinicius de Moraes, Geir Campos, Ferreira Gullar e outros.

Quando Paulo morreu, em 1991, fiz-lhe uma crônica (“Mais um poeta se vai”), que está no livro *Mistérios gozosos*. Outro dia, aconteceram algumas coisas que trouxeram à tona, de novo, o nome do poeta. Carlos Heitor Cony escreveu uma crônica lembrando-se de Paulo, dos tempos de redação e boemia literária. Mas o que me chamou a atenção foi o fato de Cony se referir a algo que também ficou na minha lembrança. Lembrava ele o fato de Paulo ter sido massacrado por Mário Faustino em artigo publicado no Suplemento Literário do Jornal do Brasil. Mário tinha lá uns 27 anos e resolveu julgar toda a literatura brasileira. Era pau no lombo de todo mundo. Até Drummond apanhou. Paulo Mendes, no mesmo jornal, foi também criticado severamente por Heitor Martins, que era nosso companheiro aí em Belo Horizonte.

Sempre achei que aquela pancadaria dupla tinha afetado a vida literária de Paulo Mendes Campos. Claro que a bebida e a vocação para a dispersão ajudaram a jogar o poeta/cronista no esquecimento histórico. Mas a arrogância das vanguardas na época foi responsável pela inquisição nada poética que jogou no lixo toda a poesia da Geração 45.

Mexi outro dia nuns papéis e descobri uma anotação de 2 de abril de 1986, que começava assim: “De repente, pego, por acaso, o livro *Poemas*, de Paulo Mendes Campos, e me surpreendo com a qualidade de vários deles. Vou escrever-lhe uma carta. Se assustará. O livro não é novo, é de 1979. Ele foi prejudicado na sua trajetória por vários fatores, como a dispersão boêmia e alcoólica. Mas um dos motivos foi o concretismo. Lembro-me das críticas de Heitor Martins e Mário Faustino no Suplemento Literário do Jornal do Brasil, quando saiu *Domingo azul do mar*. Foram arrasadoras. Cortaram o voo do poeta”. Dizia algumas coisas

*** SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Resgate do poeta Paulo*. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 ago. 2011. Caderno de Cultura.

mais sobre problemas da vida literária e concluía: “Ele tem lances de grande poeta, como em “Infância” e “Poema didático”. Às vezes lembra Drummond. E lembra também a dicção da poesia inglesa, não fosse ele tradutor de T.S. Eliot e casado com uma inglesa. Tem uns poemas sobre o cotidiano e o Rio excelentes. Exemplo: “Litogravura” – descrevendo o bonde bêbado como uma fera na jaula dos trilhos”.

Outro dia, li que o Instituto Moreira Salles quer reativar a obra de PMC. Faz bem. A vida literária tem muitas injustiças. É como uma bolsa de valores. A cotação dos autores oscila.

A fúria justiceira, arrogante e predatória daqueles que expulsam do sistema os desiguais, em vez de enriquecer, só empobrece nossa cultura. Há pessoas que se julgam donas da história. A poesia sobrevive a isso. Resgatemos o poeta Paulo.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA DE PAULO MENDES CAMPOS

LIVROS – EDIÇÕES EM VIDA (ORDEM CRONOLÓGICA)

CAMPOS, Paulo Mendes. *A palavra escrita*. Gravura de Athos Bulcão. Niterói: Hipocampo, 1951. [poemas]

Composto a mão. 6º. Livro das Edições Hipocampo. Impresso (“acabou-se de imprimir”) a 25 de outubro de 1951 – 126 exemplares papel ingres autenticados pelo autor: de 1 a 100 para os subscritores, de 1 a XX para o poeta, de A a F para os editores Geir Campos e Thiago de Mello. [Contém 36 poemas.]

_____. *O domingo azul do mar*. Capa de Raymundo Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. Coleção Vera Cruz (Literatura brasileira), v. 15. [poemas]

Ganhador, em 1959, do prêmio Alphonsus de Guimaraens do Ministério de Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, na qualidade de melhor livro de poesia de 1958. A comissão julgadora era formada por Antônio Olinto, Augusto Meyer e Manuel Bandeira.

_____. *O cego de Ipanema*. Capa de Carlos Thiré. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960 (2. ed. 1961). [crônicas]

_____. *Homenzinho na ventania*. Capa de José Henrique Bello. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962. [crônicas]

_____. *O colunista do morro*. Capa de Maurício Porto. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1965. [Prosa prosa; Prosa poema; Uma experiência com ácido lisérgico].

_____. *Testamento do Brasil & O domingo azul do mar*. Capa de Glauco Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966. [poemas]

“Nota da editora: Este volume é uma reedição de ‘O Domingo Azul do Mar’, acrescida de vinte e três novos poemas, reunidos sob o título de ‘Testamento do Brasil’.”

_____. *Hora do recreio*. Capa e vinhetas de Fortuna. Rio de Janeiro: Sabiá, 1967. [humor]

_____. *O anjo bêbado*. Capa de Marius Lauritzen Bern. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969. [Livro 1 – Crônicas; Livro 2 – Exercícios; Livro 3 – Experiências; Livro 4 – De bom humor.]

_____. *27 de Paulo Mendes Campos – Poéticas, patéticas e patetas*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1975.

_____. *Rir é o único jeito* (Supermercado). Ilustrações de Dil. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1976. (Reedição de *Hora do recreio*.)

_____. *Transumanas*. Ilustrações e capa de Ziraldo. Rio de Janeiro: Codecri, 1977. (Coleção Edições do Pasquim; v. 15).

_____. *Antologia poética*. Ilustração de Djanira (5 águas-fortes). Rio de Janeiro: Fontana, 1978. 55 p.; il. com caixa.

Tiragem de 100 exemplares numerados de 1 a 100. Impresso nas oficinas do Museu de Armas Ferreira da Cunha, papel tipo craft de fabricação nacional Klabin. As águas-fortes são assinadas pela autora.

FISHER, Ana. *Ouro Preto*: illustrations on a brazilian colonial town. Poesia Paulo Mendes Campos. São Paulo: Nacional, 1978.

[*Poema de P.M.C.: “Arenga e reza de um guia de Ouro Preto” e sua tradução: “Harangue and prayer of a guide of Ouro Preto”.*]

CAMPOS, Paulo Mendes. *Poemas*. Orelha de Otto Lara Resende. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. (Coleção Poesia hoje, v. 30). [2. ed., Civilização Brasileira, 1984].

DJANIRA; CAMPOS, Paulo Mendes. *Djanira. Últimas pinturas e gravuras. Paulo Mendes Campos. Poemas*. Rio de Janeiro: Fontana, 1980. 62 p. Pranchas com 18 quadros e 3 gravuras de Djanira (feitas especialmente para ilustrar o livro de Paulo Mendes Campos). 21 poemas de Paulo Mendes Campos. Tiragem de mil exemplares. Cadernos soltos acondicionados em capa dura.

CAMPOS, Paulo Mendes. *Os bares morrem numa 4a. feira*: crônicas. São Paulo: Ática, 1980. (Coleção de autores brasileiros; 58).

_____. *Diário da Tarde*. Capa Walter Lewy. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: Massao Ohno, 1981. (Coleção Vera Cruz; v. 331).

_____. *Crônicas escolhidas*. São Paulo: Ática, 1981.

IMPRESSÃO do Brasil. Fotografia Pedro Henrique. Poema Paulo Mendes Campos [“Impressão do Brasil”]. Projeto gráfico/roteiro Ziraldo. São Paulo: Olivetti do Brasil, 1981.

_____. *Trinca de copas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. [Experiência com LSD; Poemas traduzidos; Poemas].

_____. *A arte de ser neta*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985. (Coleção Passelivre; v. 41). [Literatura infanto-juvenil].

_____. *Os melhores poemas de Paulo Mendes Campos*. Seleção Guilhermino Cesar. Direção Edla van Steen. São Paulo: Global, 1990. [2. ed. 1997; 3. ed. 2000].

LIVROS – EDIÇÕES PÓSTUMAS (ORDEM CRONOLÓGICA)

CAMPOS, Paulo Mendes. *Balé do pato e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1998. (Para gostar de ler; v. 24).

_____. *O amor acaba* – Crônicas líricas e existenciais. Organização Flávio Pinheiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. *Artigo indefinido*: crônicas literárias. Organização e apresentação Flávio Pinheiro. Rio de Janeiro: Record; Civilização Brasileira, 2000.

_____. *Murais de Vinícius e outros perfis*. Organização Flávio Pinheiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *Brasil brasileiro* – Crônicas do país, das cidades e do povo. Organização Flávio Pinheiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *Alhos e bugalhos* – Crônicas humorísticas. Organização Flávio Pinheiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

_____. *O gol é necessário* – Crônicas esportivas. Organização Flávio Pinheiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *De um caderno cinzento* – Apanhadas no chão. Organização Flávio Pinheiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000(checar ano).

_____. *Cisne de feltro*: crônicas autobiográficas. Organização e apresentação Flávio Pinheiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. *Quatro histórias de ladrão e outras crônicas*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

_____. *Primeiras leituras*: crônicas escolhidas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CAMPOS, Paulo Mendes. *Carta a Otto ou um coração em agosto*. [1945] São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012. [carta + poema]

_____. *O mais estranho dos países* – Crônicas e perfis. Seleção Flávio Pinheiro. Posfácio “O cronista da solidão” Sérgio Augusto. Evocação biográfica “Enfim a grota” Otto Lara Resende. São Paulo: Companhia das Letra, 2013.

_____. *O amor acaba* – Crônicas líricas e existenciais. Seleção e apresentação Flávio Pinheiro. Posfácio “A vida não vale uma crônica” Ivan Marques. São Paulo: Companhia das Letra, 2013.

_____. *Diário da Tarde*. Ilustrações Veridiana Scarpelli. São Paulo: IMS, 2013.

_____. *Diário da Tarde*. Posfácio Leandro Sarmatz. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. *De um caderno cinzento* – Crônicas, aforismos e outras epifanias. Organização, apresentação e notas Elvia Bezerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. *Melhores poemas*. Organização Humberto Werneck. Direção Edla van Steen. 4. ed. São Paulo: Global, 2015.

DISCOS

MORAES, Vinícius de; CAMPOS, Paulo Mendes. *Poesias*, v. II. Rio de Janeiro: Festa, 1956. 1 LP, 10 pol. [Lado B – poemas de Paulo Mendes Campos, voz: Paulo Mendes Campos – Infância; O homem da cidade; Pesquisa; Despede teu pudor; Poema didático; IF].

SABINO, Fernando; PELLEGRINO, Helio; RESENDE, Otto Lara; CAMPOS, Paulo Mendes. *Os quatro mineiros*. Intérprete: Francis Hime. Rio de Janeiro: Som Livre, 1981. Álbum duplo, 2 LP, 33 rpm, 12 pol. [Disco 2, Lado B – depoimento e poemas de Paulo Mendes Campos, voz: Paulo Mendes Campos – Biografia; Balada de amor na praia; Declaração de males; Balada de amor perfeito; Depoimento; Sala de jantar; Varanda; Tanque de roupa: Scherzo].

LIVROS – TRADUÇÕES REALIZADAS PELO AUTOR – POESIA (ordem cronológica)

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo (org.). *Antologia de poetas franceses*: (do século XV ao século XX). Rio de Janeiro: Tupy, 1950.
[tradutores: Carlos Drummond de Andrade e Paulo Mendes Campos]

ELIOT, Thomas Sterns. *A terra inútil*. Tradução Paulo Mendes Campos. Ilustrações de Fayga Ostrower [quatro xilogravuras originais a duas cores]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Philobiblion, 1956. Coleção Maldoror; v. 3. 58 p.
Tiragem de 300 exemplares; miolo com cadernos soltos, compostos na prensa a mão A Veronica por Manuel Segalá.

NERUDA, Pablo. *Canto geral*. Tradução Paulo Mendes Campos. São Paulo: Difel, 1979. (16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.)

_____. *Residência na Terra I*. Tradução Paulo Mendes Campos. São Paulo: L&PM, 1980a.

_____. *Residência na Terra II*. Tradução Paulo Mendes Campos. São Paulo: L&PM, 1980b.

_____. *Diário da Tarde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: Massao Ohno, 1981. [miscelânea]

_____. *Trinca de copas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. [seção “Poemas traduzidos”]

**LIVROS – TRADUÇÕES REALIZADAS PELO AUTOR – PROSA e TEATRO
— TRADUÇÃO DO ORIGINAL**

HUA, Ellen Kei. *Meditações do Kung Fu e sabedoria chinesa proverbial*. Tradução Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Ediouro, 1982.

KLEIST, Heinrich Von. *Teatro de marionetes*. Tradução Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Serviço de documentação, 1952. (Os Cadernos de Cultura).

LEWIS, C. S. *As crônicas de Nárnia*. Ilustrações de Pauline Baynes. Tradução Paulo Mendes Campos, Silêda Steurnagel (A última batalha). São Paulo: Martins Fontes, 2010. 750 p. Volume único. [Conteúdo: O sobrinho do mago. O leão, a feiticeira e o guarda-roupa. O cavalo e seu menino. Príncipe Caspian. A viagem do peregrino da alvorada. A cadeira de prata. A última batalha. Três maneiras de escrever para crianças.]

SHAKESPEARE, William. *Os dois cavalheiros de Verona*. Cronologia (“Shakespeare e sem tempo”) Sergio Flaksman. Apresentação Geraldo Carneiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993. Edição bilíngue.

YEATS, William Butler. *Teatro*. Tradução Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Delta, 1963.

**LIVROS – TRADUÇÕES REALIZADAS PELO AUTOR – PROSA —
TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO**

AUSTEN, Jane. *Orgulho e preconceito*. 2. ed. Tradução e adaptação Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Singular, 2009.

BARRIE, James. *Peter Pan*. Tradução e adaptação Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Edições de Ouro & Tecnoprint, 1972.

BAUM, Lyman Frank. *O mágico de Oz*. Tradução e adaptação Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969.

CAMPOS, Paulo Mendes. *Dom raposo é fogo!* Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1970. (Coleção Calouro.) [Baseado na obra folclórica “Le roman de Renart”.]

CAMPOS, Paulo Mendes. *Contos de Shakespeare*. Tradução e adaptação Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Ediouro, 1970 (16ed. 1985; 1991; 1996; 1997; 2001, 2003, 2005; 2006) / Nova Fronteira, 2011 (2013).

DAUDET, Alphonse. *Cartas do meu moinho*. 2. ed. Tradução e adaptação Paulo Mendes Campos. São Paulo: Scipione, 2001.

[Prêmio Monteiro Lobato, da Fundação Nacional de Livros Infanto-Juvenis, em 1990, pela adaptação.]

DICKENS, Charles. *O Sr. Picwick: em flagrantes*. 3.ed. Tradução e adaptação Paulo Mendes Campos. São Paulo: Scipione, 2002.

FLAUBERT, Gustave. *Bouvard e Pecuchet: dois patetas iluminados*. 2. ed. Tradução e adaptação Paulo Mendes Campos. São Paulo: Scipione, 2002.

[Menção honrosa pela adaptação, 1988 Jabuti.]

LOFTING, Hugh. *O fabuloso Dr. Pacífico – O médico dos bichos (Dr. Dolittle)*. Tradução e adaptação Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Ediouro, 1975.

MAUPASSANT, Guy de. *Bola de sebo e outras histórias*. Tradução e adaptação Paulo Mendes Campos. São Paulo: Scipione, 1988.

[Recebeu o prêmio Jabuti em 1989 pela adaptação.]

PIETRE, André. *Marxismo*. Tradução de Paulo Mendes Campos, Waltensir Dutra e Maria da Glória Ribeiro da Silva. 3. ed. refundida e atualizada. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

RUSKIN, John. *O rei do rio de ouro*. Tradução e adaptação Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1970.

VERNE, Julio. *Vinte mil léguas submarinas*. Tradução e adaptação Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Ediouro, 1970.

_____. *Viagem ao redor da lua*. Tradução e adaptação Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Ediouro, 1971.

_____. *A volta ao mundo em 80 dias*. Tradução e adaptação Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Ediouro, 1972.

WELLS, H. G. *A máquina do tempo*. Tradução e adaptação Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1972.

WILDE, Oscar. *O Príncipe Feliz e outros contos*. Tradução e adaptação Paulo Mendes Campos. Ilustrações Lras Bo. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 2005.

ANTOLOGIAS E LIVROS ORGANIZADOS PELO AUTOR (ordem cronológica)

CAMPOS, Paulo Mendes. *Forma e expressão do soneto*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação, 1952. (Os Cadernos de Cultura). 56 p.

[Pequeno ensaio sobre o soneto intitulado: “Forma e expressão do soneto” + antologia de sonetos de poetas brasileiros]

_____. *Páginas de humor e humorismo*. Rio de Janeiro: MEC, 1956.

_____. *Antologia brasileira de humorismo*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1965.

_____. (Apresentação, coordenação de textos e assessoria geral). *Belo Horizonte de Curral Del Rei à Pampulha*. Belo Horizonte: Centrais Elétricas de Minas Gerais, 1982.

_____. (Org.) *Mariana: arte para o céu*. Belo Horizonte: Comissão Pró-restauração da Catedral e Orgão da Sé de Mariana, 1985. Textos de Alphonsus de Guimaraens Filho; Francisco Curt Lange et al.

LIMA, Jorge de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969. [2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974]

MEIRELES, Cecília. *Flor de poemas*. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1972. [Nova Fronteira, 1993].

MORAES, Vinicius de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969.

CORRESPONDÊNCIA PUBLICADA

CAMPOS, Paulo Mendes. *Carta a Otto ou um coração em agosto*. [1945] São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012. [carta + poema]

SABINO, Fernando. *Cartas na mesa*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
[*Cartas de Fernando Sabino a Hélio Pellegrino, Paulo Mendes Campos e Otto Lara Resende. As cartas a P.M.C. datam de 1947 a 1966*].

_____. Paris vista por Paulo Mendes Campos. [1949] *Serrote*, Instituto Moreira Salles, n. 9, p. 225-7, 2011.[*carta a Otto Lara Resende*]

ENTREVISTAS CEDIDAS PELO AUTOR (ordem cronológica)

EDIFÍCIO, Belo Horizonte, n. 1, p. 15-16, jan. 1946. “E agora, José?” “A arte é um luxo”. Entrevista com Paulo Mendes Campos.

ARAÚJO, Zilah Corrêa de. Mário Mendes Campos no depoimento de seu filho Paulo Mendes Campos. *MINAS GERAIS. Suplemento Literário*, v. 1, n. 9, p. 4, out. 1966.

ENTREVISTA de Paulo Mendes Campos a *O Pasquim*, n. 30, jan. 1970. In: SÉRGIO AUGUSTO e JAGUAR (Orgs.). *O Pasquim*. Antologia 1969-1971. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006. v. 1.

MENDONÇA, José Márcio. Adeus cronistas. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 14 mar. 1972. In: OLIVEIRA, Elisabeth Brait Rodrigues et. al. *Aulas de redação*. São Paulo: Atual, 1981.

ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. “Paulo Mendes Campos – Na mutação permanente reside a graça lúdica da literatura” [Entrevista]. *O Globo*, Matutina, Cultura, p. 29, 20 mar. 1984.

ALMEIDA FILHO, Narceu de (Coord.). Fotos de Isabel Garcia. Os quatro mineiros do apocalipse. *Ele & Ela*, n. 117, p. 14-23, jan. 1979. Entrevista com Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e Fernando Sabino.

MARINHO, Beatriz. Paulo Mendes Campos. A literatura não aconteceu na minha vida: ela veio no sangue. Entrevista a Beatriz Marinho. *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, p. 1-3, 22 set. 1985.

SILVEIRA, Joel. Paulo Mendes Campos: um erudito sem erudição. [Entrevista.] In: *A milésima segunda noite da Avenida Paulista*. Posfácio Fernando Morais. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 161-169.

ENTREVISTAS REALIZADAS PELO AUTOR

ANJOS, Cyro dos. Crise do espírito I e II. *A manhã*, 21 e 28 nov. 1948.

Cyro dos Anjos responde, por meio de um texto, a um inquérito feito por PMC e entregue a "alguns de seus confrades" no qual os inquiria sobre "a atitude de cada um, em face dos problemas do espírito, no mundo contemporâneo".

CAMPOS, Paulo Mendes. Reportagem com Manuel Bandeira. 1 – A Cinza das Horas. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 19 set. 1948.

CAMPOS, Paulo Mendes. Reportagem com Manuel Bandeira. 2 – “Carnaval” e “O ritmo dissotluto”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 26 set. 1948.

CAMPOS, Paulo Mendes. Reportagem com Manuel Bandeira. 3 – “Libertinagem”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 3 out. 1948.

CAMPOS, Paulo Mendes. Reportagem com Manuel Bandeira. 4 – De “Estrela da manhã” a “Mafuá do Mulungo [sic]”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 10 out. 1948.

CAMPOS, Paulo Mendes. Manuel Bandeira fala de sua obra. *Província de São Pedro*, n. 13, Porto Alegre, 1949.

_____. Marques Rebêlo: um escritor olha o mundo. (Entrevista a Paulo Mendes Campos.) *MINAS GERAIS. Suplemento Literário*, v. 2, n. 66, p. 3, dez. 1967.

CAMPOS, Paulo Mendes. Manuel Bandeira fala de sua obra. *Travessia*, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 5, n. 13, p. 124-140, 1986. [Republicado tal como na revista *Província de São Pedro*, Porto Alegre, n. 13, 1949, com licença do autor.]

BANDEIRA, Manuel. *Poesia e prosa*. Introdução geral por Sérgio Buarque de Holanda e Francisco de Assis Barbosa. Notas preliminares de [...] “Reportagem literária” Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1958.

RESENDE, Otto Lara. “Quem é Otto Lara Resende?” Entrevistador: Paulo Mendes Campos. In: _____. *O príncipe e o sabiá*. Organização Ana Miranda. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto Moreira Salles, 1994. p. 296-316.

ARTIGOS PUBLICADOS (Seleção)

CAMPOS, Paulo Mendes. A evolução de Manuel Bandeira até “Libertinagem”. *Revista Brasileira*, Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, ano IV, n. 11, p. 81-86, out. 1944.

_____. Paul Valéry. *Correio da Manhã*, 4 nov. 1945.

_____. Semana Literária – O pensamento poético. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 13 jul. 1947. 2ª Sessão, p. 1.[Publicado também em: Orfeu, Rio de Janeiro, n. 1, primavera 1947.]

_____. Flauta de papel. *Diário Carioca*, 8 mai. 1957. [sobre Manuel Bandeira]

_____. Guimarães Rosa. *MINAS GERAIS. Suplemento Literário*, v. 6, n. 261, p. 4, ago. 1971.

_____. O antilirismo de um grande poeta brasileiro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1972. Livro, Suplemento do *Jornal do Brasil*, p. 8. [sobre Dante Milano]

_____. O Poema sujo, a pátria distante. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1976. Caderno B, p. 4.

PREFÁCIOS, POSFÁCIOS, APRESENTAÇÕES, ORELHAS, TEXTOS INSERIDOS EM PUBLICAÇÕES ETC.

BRAGA, Rubem. *As boas coisas da vida*. Prefácio “Assim canta do sabiá” de Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Record, 1991.

GULLAR, Ferreira. *Poema Sujo*. DVD (108 min) 2010 IMS. Encarte com textos de Paulo Mendes Campos e Vinicius de Moraes. [O texto de P. M. C., “O Poema sujo, a pátria distante”, foi publicado originalmente em: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1976. Caderno B, p. 4.]

JAGUAR. *Átila, você é bárbaro*. Prefácio Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MACHADO, Aníbal Monteiro. *A arte de viver e outras artes*: Cadernos de João, ensaios, crítica dispersa, auto-retratos. Depoimento Paulo Mendes Campos. Apresentação Leandro Konder. Ilustrações de Cadernos de João Manuel Segalá. Rio de Janeiro: Graphia, 2006.

NAVA, Pedro. *Beira-Mar*: memórias / 4. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. Texto de orelha de Paulo Mendes Campos.

REGO, José Lins do. *Fogo morto*. 42. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. Edição comemorativa dos 50 anos do romance. [autores secundários: Ivan Cavalcanti Proença, Otto Maria Carpeaux, Antonio Candido, Paulo Mendes Campos]

WALLACE, Edgar. *O hades dourado*. Introdução Paulo Mendes Campos. Tradução Ayres Carlos de Souza. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1985.

_____. *O mistério dos três carvalhos*. Introdução Paulo Mendes Campos. Tradução Ayres Carlos de Souza. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1986.

_____. *A mulher dupla*. Introdução Paulo Mendes Campos. Tradução Ayres Carlos de Souza. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1986.

LIVROS – PARTICIPAÇÃO EM ANTOLOGIAS DE POEMAS

AMOR canto segundo. Rio de Janeiro: Alumbramento, 1977. [poemas de Lêdo Ivo, Mário Quintana, Paulo Mendes Campos, Augusto Frederico Schmidt, Cassiano Ricardo, João Cabral de Melo Neto, Dante Milano, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Péricles Eugenio da Silva Ramos.]

(Edição limitada a 488 exemplares – os 100 primeiros são acompanhados de uma litografia assinada por Augusto Rodrigues.)

BANDEIRA, Manuel. *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zelio Valverde S. A., 1946.

(Em 1964, por ocasião da segunda edição revisada e aumentada, publicada pela editora Organização Simões, Bandeira exclui Paulo Mendes Campos por considerar que este deixara de ser bissexto e passara à categoria de “poeta contumaz”.)

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*: seguida de uma antologia. Posfácio de Otto Maria Carpeaux. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

[De Paulo Mendes Campos: “Cântico a Deus”]

[Primeira edição: RJ: Casa do Estudante Brasileiro, 1946 – P. M. C. não consta da primeira edição.]

BANDEIRA, Manuel; AYALA, Waldir. *Antologia dos poetas brasileiros*: fase moderna v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. 2v.

[De Paulo Mendes Campos: “Sentimento do tempo”, “Auto-retrato”, “Elegia 1947”, “Pesquisa”].

BASTOS, Antonio Dias Tavares (Org.). *Anthologie de La poésie brésilienne contemporaine*. Traduction Antonio Dias Tavares Bastos. Paris: Éditions Pierre Tisné, 1954.

[De Paulo Mendes Campos: “Poème des approximations” (p. 267)].

CAMPOS, Milton de Godoy. *Antologia poética da Geração de 45*. (1ª série). São Paulo: Clube de Poesia, 1966.

JACOBI, Ruggero (Org.). *Poesia brasileira del novecento*. Ed. A. Long, 1973.

[*Poemas de Paulo Mendes Campos: “Os domingos”, “Le domeniche”; “Previsão”, “Previsione”; “Poema entrecortado”, “Poema spezzettato”; “No verão”, “D’ estate”; “Lápis-tinta”, “Lápis copiativo”.*]

LOANDA, Fernando Ferreira de. *Antologia da nova poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1965. [poemas de Mauro Mota, Bueno de Rivera, Domingos Carvalho da Silva, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Alphonsus de Guimaraens Filho, João Cabral de Melo Neto, Paulo Mendes Campos, Marcos Konder Reis, Darcy Damasceno, José Paulo Moreira da Fonseca, Lêdo Ivo, Geir Campos, Fernando Ferreira de Loanda, Afonso Félix de Sousa, Thiago de Mello, Ferreira Gullar, Octávio Mora.]

[*poemas de P.M.C.: “Os lados”, “O poeta no bar”, “A prostituta”, “Moscou-Varsóvia”*]

LOANDA, Fernando Ferreira de. *Antologia da nova poesia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Orfeu, 1970.

MORICONI, Ítalo (Organização, introdução e referências bibliográficas). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

[*Poema de P. M. C.: “Litogravura”*]

OS CEM melhores poetas brasileiros do século. Seleção José Nêumane Pinto. Textos introdutórios e notas bibliográficas de Rinaldo de Fernandes. São Paulo: Geração Editorial, 2001 [1. ed. jan. 2001; 1. reimpressão mar. 2001; 2. ed. fev. 2004].

[*Poema de P. M. C.: “Infância”*]

RODRIGUES, Claufe; MAIA, Alexandra. *100 anos de poesia – Um panorama da poesia brasileira no século XX*. Rio de Janeiro: O Verso, 2001.

[*Poema de P. M. C.: “Epitáfio”*]

SESC e CLUBE DE POESIA. *Geração de 45 / 50 anos*. Exposição Comemorativa: catálogo. Concepção Emilie Chamie. Curadoria Mário Chamie. São Paulo: SESC, 1985.

[*Poema de P. M. C.: “Motes no infinito”*]

VIOLÃO de rua: poemas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962-1963. 3 v.

[*Poemas de PMC: v. 1 - “Poema para ser cantado”, “Um homem pobre”; v. 3 – Testamento do Brasil, “Vivência”.*]

LIVROS – PARTICIPAÇÃO EM ANTOLOGIAS - prosa

[OBS: A participação em antologias de crônicas não será inserida de maneira completa nesta bibliografia]

ARAÚJO, Laís Corrêa de. (Organização, pesquisa e introdução.). *Sedução do horizonte*. Belo Horizonte: Sistema Estadual de Planejamento, Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996.

[*Textos de Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Henriqueta Lisboa, Abgar Renault, Pedro Nava, João Alphonsus, Cyro dos Anjos, Autran Dourado, Roger Bastide, Monteiro Lobato, Arthur Azevedo, Machado de Assis e outros.*]

CAMPOS, Paulo Mendes; VEIGA, José J. *As eternas coincidências*. Organização da coleção Rosemary Alves. Apresentação Flávio Pinheiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. (Literatura em minha casa. 8ª série, v. 2. Crônica e conto). Ministério da Educação, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Programa Nacional da Biblioteca da Escola (PNBE). Venda proibida.

CRÔNICAS 1, 2, 3, 4, 5. São Paulo: Ática, 1977-1980. Para Gostar de Ler; v. 1-5.
[Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Mário Caferio, Aderbal Moura].

DAMATA, Gasparino (org.). *Antologia da Lapa: vida boêmia no Rio de ontem*. Rio de Janeiro: Leitura, 1965.
[vários autores, dentre eles Machado de Assis, Lima Barreto, Drummond, Vinicius, Bandeira, Rubem Braga, Eneida, Paulo Mendes Campos, Lúcio Cardoso, Di Cavalcanti, João do Rio etc.]

ELENCO de cronistas modernos. Rio de Janeiro: Sabiá, 1971. (José Olympio: 5. ed., 1976; 7. ed. 1979; 13. ed. 1994; 18. ed. 2001; 20. ed. 2004; 21. ed. 2005...).
[Textos de Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos, Rachel de Queiroz e Rubem Braga. Trata-se de nova edição rebatizada de Quadrante 1 e 2, também nesta bibliografia.]

HOWER, Alfred; PRETO-RODAS, Richard A. (Eds.). *Crônicas Brasileiras: A Portuguese Reader*. Gainesville: University Press of Florida, 1971. (Series: University of Florida Center for Latin-American Studies.)

MIRANDA, Wander Melo. *Belo Horizonte: a cidade escrita*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; Assembleia Legislativa de Minas Gerais, 1996.
[Textos de Paulo Mendes Campos, Oswald de Andrade, Olavo Bilac, João Alphonsus, Mario de Andrade, Henriqueta Lisboa, Carlos Drummond de Andrade, João do Rio, Murilo Mendes, Cyro dos Anjos, Abgar Renault, Pedro Nava, Fernando Sabino, Hélio Pellegrino, Otto Lara Resende, Rubem Braga e outros.]

VÁRIOS AUTORES. *O mundo é uma bola: Crônicas, futebol & humor*. Ilustração Alcy. São Paulo: Ática, 2006. Coleção Quero Ler. [Paradidáticos]
[Drummond, Sabino, Veríssimo, Millôr, Scliar, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Rachel de Queiroz, Armando Nogueira, David Coimbra]

PEDROSA, Mário (org.). *Humor*. São Paulo: Raízes, 1979.
[Textos de Caulos, Carlos Drummond de Andrade, Claudius, Ferreira Gullar, Fortuna, Henfil, Jaguar, Juarez, Miguel, Millôr Fernandes, Paulo Mendes Campos, Redi, Rubem Braga, Vinicius de Moraes, Zélio, Ziraldo]

QUADRANTE 1. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962. (4. ed. 1966).
[Crônicas de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga].

QUADRANTE 2. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.
[Crônicas de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga].

SEIXAS, Heloisa (org.). *As obras-primas que poucos leram*. Rio de Janeiro: Record, 2005, v. 2; 2006, v. 4.

• BIBLIOGRAFIA SOBRE PAULO MENDES CAMPOS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Sessentão dos bons. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 mar. 1982. Caderno B, p. 7.

ANDRADE, Euclides Marques de. As transumanas de Paulo. *MINAS GERAIS. Suplemento Literário*, Belo Horizonte, v. 13, n. 610, p. 12, jun. 1978.

BETELLA, G. K. “Os quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse e suas biografias vicárias: Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos na escrita de perfis”. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 21, n. 60, p. 247-270, maio/ago. 2007.

_____. “O lirismo no limite: a crônica de Rubem Braga e Paulo Mendes Campos”. *Revista Letras*, Curitiba, v. 78, p. 9-28, 2009.

BEZERRA, Elvia. Um encontro com a furiosa adolescência [Texto de apresentação]. Impressões de viagem – Diários inéditos de Paulo Mendes Campos registram os dois meses que passou entre União Soviética, China e Polônia. [1956] *Serrote*, Instituto Moreira Salles, n. 8 ½, p. 3-11, 2011.

_____. Dos cadernos de Paulo Mendes Campos. *Blog do IMS*, 2 abr. 2013. Disponível em: <<https://blogdoims.com.br/dos-cadernos-de-paulo-mendes-campos-por-elvia-bezerra/>>. Acesso em: maio 2018.

_____. *Diário da Tarde*: o volume involuntário (I) e (II). *Blog do IMS*, 14 e 15 nov. 2013.

_____. O soneto de Vinicius e Paulo Mendes Campos. *Blog do IMS*, 15 out. 2013. Disponível em: <<https://blogdoims.com.br/o-soneto-de-vinicius-e-paulo-mendes-campos-por-elvia-bezerra/>>. Acesso em: maio 2018.

_____. Lições de boemia – o álcool e os bares nos cadernos de Paulo Mendes Campos. *Piauí*, ed. 88, jan. 2014.

_____. O laboratório do cronista. [Apresentação]. In: CAMPOS, Paulo Mendes. *De um caderno cinzento – Crônicas, aforismos e outras epifanias*. Organização, apresentação e notas Elvia Bezerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BRAIT, Beth. Paulo Mendes Campos – “em literatura sempre quis ser um poeta”. *O Estado de São Paulo*, 3 ago. 1991. Cultura, p. 3-4.

CASTRO, Ruy. “Paulo Mendes Campos”. In: *Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 286-90.

CESAR, Guilhermino. Presença do poeta. In: CAMPOS, Paulo Mendes. *Os melhores poemas de Paulo Mendes Campos*. São Paulo: Global, 1990.

CONY, Carlos Heitor. “Um poeta dos poetas”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 mai. 2011. Ilustrada. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1305201123.htm>. Acesso em: 11 dez. 2014.

COZER, Raquel. Acerto de contas. *Folha de São Paulo*, 2 mar. 2013.

FAUSTINO, Mário. O domingo azul do mar. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1958. Suplemento Dominical, coluna Poesia-Experiência, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&PagFis=86661.

_____. “Poesia de circunstância”. In: _____. *De Anchieta aos concretos*. Pesquisa e Organização Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 341-58. [Crítica a *O domingo azul do mar*, republicada do *Jornal do Brasil*, 20 abr. 1958].

FERNANDES, Helio. “O grande poeta Paulo Mendes Campos, que lancei em 1951, quando dirigia a revista Manchete, eu e ele com 30 anos, redescoberto e republicado”. *Tribuna da Imprensa*. Disponível em: <http://www.tribunadainternet.com.br/o-grande-poeta-paulo-mendes-campos-que-lancei-em-1951-quando-dirigia-a-revista-manchete-eu-e-ele-com-30-anos-redescoberto-e-republicado/>. Acesso em: maio 2018.

HECKER FILHO, Paulo. Um poeta experimental. *O Estado de São Paulo*, 5 set. 1959. Suplemento Literário, p. 1. [Crítica a *O domingo azul do mar*].

HOMEM, Homero. O ano poético. *Leitura*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 26-27, jan. 1959. [Crítica a *O domingo azul do mar*].

LUCAS, Fábio. Encontro com a poesia de Paulo Mendes Campos. *O Estado de S. Paulo*, 30 mar. 1991. [Publicado posteriormente como: _____. Recensão crítica a “Poemas”, de Paulo Mendes Campos. *Revista Colóquio/Letras*. Recenções Críticas, n. 127/128, p. 291-2, jan. 1993.]

MARQUES, Ivan. A vida não vale uma crônica. In: CAMPOS, Paulo Mendes. *O amor acaba*. Crônicas líricas e existenciais. Seleção e apresentação Flávio Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 265-76.

MARTINS, Heitor. O domingo azul do mar. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1958. Suplemento Dominical, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&PagFis=86655

_____. Campo sem base. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 ago. 1958. Suplemento Dominical, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&PagFis=90906

MENDONÇA, José Márcio. Adeus cronistas. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 14 mar. 1972. In: OLIVEIRA, Elisabeth Brait Rodrigues et. al. *Aulas de redação*. São Paulo: Atual, 1981.

MILLIET, Sérgio. Dezembro, 23. In: _____. *Diário Crítico*. 2. ed. São Paulo: Martins; Editora da Universidade de São Paulo, 1981. v. 8 [1951]. p. 134-5.

PEREZ, Renard. Paulo Mendes Campos. In: _____. *Escritores brasileiros contemporâneos*. 2. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. 2ª Série, p. 317-31.

PINHEIRO, Flávio. O resto é aflição de espírito. [Apresentação]. In: CAMPOS, Paulo Mendes. *O amor acaba: crônicas líricas e existenciais*. Seleção e apresentação Flávio Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 9-14.

PÓLVORA, Hélio. O lugar da crônica. *Jornal do Brasil*. Caderno B, p. 2. Rio de Janeiro, 24 dez. 1969. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&PagFis=146659>.

Acesso em: 15 dez. 2014.

RESENDE, Otto Lara. O jovem poeta setentão. In: _____. *Bom dia para nascer*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RESENDE, Otto Lara. Enfim, a grotá. In: *O príncipe e o sabiá e outros perfis*. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto Moreira Salles, 1984. p. 205-208. [Texto originalmente publicado no jornal *O Globo*, 8 maio 1981. Posteriormente publicado em: CAMPOS, Paulo Mendes. *O mais estranho dos países – Crônicas e perfis*. Seleção Flávio Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 341-345.]

ROCHA, João Cesar de Castro. Homem de letras, cético de si mesmo. *O Estado de São Paulo*, 16 mar. 2013. Cultura.

SÁ, Jorge de. Paulo Mendes Campos: a linguagem poética. In: _____. *A crônica*. SP: Ática, 2005.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Mais um poeta se vai. In: _____. *Mistérios Gozosos*. São Paulo: Rocco, 1994.

_____. Resgate do poeta Paulo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 ago. 2011. Caderno de Cultura.

SANTOS, Luciano Rosa da Cruz. "O tempo é meu disfarce". *Poesia Sempre*, ano 13, n. 21, p. 191-205, 2005.

WERNECK, Humberto. Poeta em verso e prosa. In: CAMPOS, Paulo Mendes. *Melhores poemas: Paulo Mendes Campos*. Organização Humberto Werneck. Direção Edla van Steen. São Paulo: Global, 2015.

WILLER, Claudio. Revelações do poeta plural. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1990. Ideias, p. 3-4.

_____. Plácido poeta plural. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 jul. 1991. Ideias, p. 10-11. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_11&PagFis=37967>. Acesso em: 24 set 2014.

_____. Paulo Mendes Campos, um poeta da poesia. *Agulha Revista de cultura*, n. 20, Fortaleza, São Paulo, jan. 2002. Disponível em:

<<http://www.revista.agulha.nom.br/ag20campos.htm>>. Acesso em: 18 set. 2014.

_____. Ler Paulo Mendes Campos. *Blog do Claudio Willer*. Postado em: “Artigos, opiniões, provocações”, 2 mar. 2013. Disponível em:

<<http://claudiowiller.wordpress.com/2013/03/02/ler-paulo-mendes-campos/>>. Acesso em: 18 set. 2014.

• **Monografias, Dissertações e Teses**

BARRETO, Francismar Ramírez. *Apontamentos para uma revisão conceitual da crônica contemporânea: o espírito dos anos 70 nas crônicas de Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MORGADO, Andrêya Garcia da Paixão. *Um jogo de letras: a crônica literária e o futebol*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

PAIVA, Aline Domingues de. *Tradutores mineiros: o caso de Paulo Mendes Campos*. Monografia (Bacharelado em Letras com ênfase em tradução) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

SANTOS, Luciano Rosa da Cruz. *Verso e controvérsia: a poesia de Paulo Mendes Campos sob o signo de 45*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SANTOS, Maria Bispo dos. *Boule de Suif* de Guy de Maupassant: transformação e permanência na adaptação de Paulo Mendes Campos para jovens leitores. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SOARES, Claudio Luis de Oliveira. *Paulo Mendes Campos: crônicas de sol e domingo azul*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. Belo Horizonte: Edições Pindorama, 1930.

_____. Fim de um poeta. *Magazine*, [sem indicação de mês] 1945.

_____. *A bolsa e a vida*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.

_____. *Confissões de Minas*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

_____. Poesia 1930-62: de Alguma poesia a Lição de coisas. Edição crítica preparada por Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

ANDRADE, Mário de. *Mário e o pirotécnico aprendiz*. Organização, introdução e notas Marcos Antonio de Moraes. Apresentação Eneida Maria de Souza. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros: Giordano; Belo Horizonte: UFMG, 1995.

ARRIGUCCI JR., Davi. Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira. 2. ed., 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *O guardador de segredos*: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BANDEIRA, Manuel. Confidências a Edmundo Lys. [1946] In: _____. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. P. 670-672. [Crônica publicada em: *Andorinha Andorinha*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.]

_____. *Itinerário de Pasárgada*. Estabelecimento de texto, apresentação e notas Carlos Newton Júnior. São Paulo: Global, 2012.

BOMENY, Helena. *Guardiães da razão*: Modernistas mineiros. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Tempo Brasileiro, 1994.

CABRAL, Cleber A. Literatura e edição: a Sociedade Editora Amigos do Livro como projeto político. In: SAID, Roberto; NUNES, Sandra. (Orgs.). *Margens teóricas*: memória e acervos literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: CANDIDO, Antonio et. al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

CRENI, Gisela. *Editores artesanais brasileiros*. Belo Horizonte: Autêntica; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2013.

ELIOT, T. S. *Ensaaios*. Tradução, introdução e notas Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989.

_____. *De poesia e de poetas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ETIENNE FILHO, João. Memórias de um secretário do Dr. Alceu. *Síntese Nova Fase*, v. 20, n. 61, p. 173-180, 1993.

_____. João Etienne Arreguy Filho. In: MEMÓRIA do jornalismo mineiro. Belo Horizonte: Departamento de Comunicação Social PUC-MG; Centro de Referência Audiovisual da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte, [1995?]. p. 7-53.

FAUSTINO, Mário. *De Anchieta aos concretos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GINSBURG, Jaime. Cegueira e literatura. *Aletria* (UFMG), Belo Horizonte, v. 10/11, p. 53-64, 2004.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. Um retrato do artista. In: _____. *Por que ler Manuel Bandeira*. São Paulo: Globo, 2008.

HUXLEY, Aldous. *As portas da percepção – Céu e inferno*. São Paulo: Globo, 2002.

MÁRIO de Andrade: depoimento sobre a geração mineira da década dos 40. *MINAS GERAIS. Suplemento Literário*, Belo Horizonte, v. 11, n. 522, p. 6-7, set. 1976.

NAVA, Pedro. *Beira-mar: memórias 4*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

_____. *Galo-das-trevas: As Doze Velas Imperfeitas: memórias, 5*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

ORFEU. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1947-1953. 9 v.

PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PEREZ, Renard. *Escritores brasileiros contemporâneos*. 2. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. 2v.

RESENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio; CCBB, 1995.

RESENDE, Otto Lara. *O príncipe e o sabiá*. Organização Ana Miranda. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto Moreira Salles, 1994.

REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. São Paulo, 1947-1953. 7 v.

REVISTA DE POESIA E CRÍTICA, Brasília, 1976-1996. 20 v.

RIBEIRO, Raphael Rajão (coord.). *Histórias de bairros de Belo Horizonte: Regional Oeste*. Belo Horizonte: Arquivo Público da Cidade, 2011.

SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. 75.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANTOS, Alexsandro do Nascimento. *Pátria, nação, povo brasileiro na produção didática de Manoel Bomfim e Olavo Bilac: Livro de Leitura (1899) e Atravez do Brasil (1910)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, PUC-SP, 2010.

SOUTO, R. M. A.; SILVA, S. F. Anníbal Marques da Costa e a "matemática em versos e prosas" – histórias da matemática na São João del-Rei do início do século XX. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 17, n. 1, p. 219-234, 2011.

VALÉRY, Paul. *The art of poetry*. Introduction by T. S. Eliot. New York: Princeton University Press, 1985.

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais (1920-1970)*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANEXO A – Carta de Mário de Andrade a Otto Lara Resende (24.09.1944)

(Os grifos, ao longo da transcrição, são meus.)

Acervo do Instituto Moreira Salles, RJ,
arquivo de Otto Lara Resende.

Publicada na revista *Serrote*, n. 1, 2009.

Disponível em:

< <https://www.revistaserrote.com.br/2011/06/de-mario-para-otto/> >.

Acesso em: maio 2018.

São Paulo, 24.09.44

Otto,

Faz uma semana que cheguei d'aí e talvez já seja tempo de principiar escrevendo a vocês. Fiz questão de não escrever antes, não só voluntária, mas voluntariosamente, na espera que a quotidianidade do trabalho depurasse a lembrança, e tempo e distância abrandassem o sentimento. Não por mim, que bem pouco estou me incomodando com resguardar do mundo o espetáculo dos meus arroubos, mas por causa de vocês, que merecem mais respeito. E justiça. Ainda nestas palavras sou verdadeiro, coerente comigo, pois escrevi desde sempre e em público que só temia e respeitava os mais novos. Não são palavras pra agradar. Mas, francamente: daqui em diante, eu, por mais que me esforce por ser clarividente a respeito de vocês, ser “inteligente” e fazer justiça, eu temo ver errado – errado não, mas demais – de tal forma o coração se derrama pelos meus pensamentos. Eu sei e proclamo: Viva o amor! que será sempre o mais clarividente dos juízos. Não é o bem-querer que eu temo, porém os seus desvios, a condescendência, e em principal a boba esperança.

Lhe escrevo. Por que lhe escrevo primeiro? “Eu sou trezentos”, e não consigo saber firme qual dos trezentos me move. Não sei. Talvez eu esteja mais próximo do Hélio,¹ mas talvez você esteja mais próximo de mim... (Não imaginei procurado, esta sutileza: saiu sem eu querer e não a entendo bem! Apenas sei que é verdadeira.) Talvez porque seja a carta mais fácil. O Hélio me preocupa demais... O Paulo é o que mais me inquieta... Você nem me inquieta, nem me preocupa exatamente. A modos que você me “ocupa”; a sua presença é menos insistente, mas é mais constante, me envolve com aquele silêncio quente das conviências. Nós já nos conhecemos desde o princípio do mundo.

Deve ser isto que me leva a escrever primeiro a você: aquele seu dramático poema daquela noite... noite dramática, estranhíssima, insolúvel e inqualificável (sem sentido pejorativo) no Cassino de Pampulha. Ah, Otto, pra que você foi perceber a minha tristeza lá dentro da minha... boa educação! Isso me fez um benefício doloroso, um mal admirável. Meu Deus! Nem é bem isso, eu não sei! A tristeza nem estava lá dentro, nem estava só em mim... Nem se disfarçava na boa educação de ninguém... Que noite estranha... Havia alegria também, havia principalmente prazer. Mas depois do desejo de estar ali que nos levou lá, no

prazer de estar lá, é certo que quase todos nós, do nosso grupo, não queríamos estar ali. Estávamos angustiados. E será sempre impossível limitar toda a complexidade do motivo.

Mas é bem mais fácil, é claro, determinar o meu desejo. Eu desejava estar no bar, conversando com vocês. Aí sim, a minha tristeza podia se exercer no prazer e na alegria, sem falsificação. Na verdade, Otto, vocês formam um grupo extraordinário dentre os grupos de moços que conheço no Brasil. Falo exatamente do que me pareceu ser o grupo, você, o Hélio, o Paulo, o Fernando, não sei até que ponto do Figueiró, e com a presença perfeita, a antepresença do Emílio. Os outros são muito moços, sensivelmente “outra geração”, menos na idade que pelo deslumbramento em que ainda vivem no aprendizado da vida, o Sábato, o Frederico, Geraldo, Renato etc. E há também os outros, como um Alphonsus, por exemplo, que são, em relação ao grupo, distantes. E há o Murilo, pra enriquecer o grupo com um “caso”. O Murilo é o caso do grupo. O mais assentado do grupo, mas sem ter o “assentamento” mais firme de você; o mais grato da gente sentir, o mais cômodo, figura admirável de descrição, que disfarça o seu drama interior no drama mais acessível da sua dificuldade de criação, inteligentíssimo, perseguido pela própria inteligência. Não quero saber se vocês têm do nosso grupo esta mesma compreensão, mas imagino que será bom elemento pra conscientização, em vocês, do grupo que formam, esta compreensão de quem os vê com o mais perfeito dos carinhos e sem esperança. Sem nenhuma esperança.

Espera um pouco, Otto: “sem nenhuma esperança” quer dizer aqui que eu não prometo futuros “brilhantes”, isso não me interessa, sou infenso às profecias, e gosto do agora-já. E o que tem de extraordinário o grupo de vocês é o agora-já. Talvez alguns de vocês cheguem a pais de família. Talvez alguns sejam no futuro grandes escritores. Não interessa. Também vocês, além de promessas enormes que não me interessam, têm defeitos, têm perigos. Estes me interessam muito. Talvez demais. Mas não gosto de falar nessas coisas em voz alta coletiva. Prefiro falar em voz baixa, que se escuta mais. Irei dizendo de um por um, depois que ler e estudar o que trouxe comigo. Ainda nem peguei porque fiz questão de não pegar. Eu, por enquanto, compreendo por demais vocês em mim, e corria o risco de compreender demais os versos, ideias, tendências de vocês, em vocês. E isso é, seria um mal enorme que desvirtuava o juízo. Seria uma condescendência.

(Principiei impensadamente esta carta e fui obrigado a interromper pra ir almoçar.) Mas como eu ia falando, se há grande força lírica, se há boa força intelectual em vocês, o que me entusiasma é o grupo. Se eu fiquei querendo bem vocês, muito bem, bem leal, sem a menor espécie de interesse torvo, eu juro, embora disposto a batalhar por vocês me quererem sempre muito – bem interessadíssimo pois, mas só interessado do puro bem-querer –; e se noto meio assustado, meio interrogativo, que se quero bem a cada um de um jeito diferente – que isto é mesmo o problema mais misterioso do bem-querer, este querer bem que não é a mais ou a menos quando chega no ponto da amizade, mas é diferente — e de todos os bem-quereres que eu trouxe, é você o que eu pressinto menos acidentado no futuro, mais possível de caminho calmo, sem reservas, sem inquietações, sem brigas, sem perigos (ao Paulo, por exemplo, eu quero bem com raiva; é o por quem, injustamente pra com todos os outros, eu

mais prontamente me sacrificaria; é o que mais periga por ser o mais errado como atitude intelectual, embora como atitude sentimental, ou melhor: como exercício do sentimento talvez seja o mais certo)... Meu Deus! me perdi completamente! Deixo isto pra explicar depois. Onde eu queria chegar neste parágrafo era louvar o grupo que vocês fazem, pela força de cada um, pela diferença de cada um, pelo exercício da amizade que soube escolher sem por isso depender de nenhum estreito “espírito de grupo”. É preciso o espírito de grupo, isso é um bem grande, uma felicidade, um exercício digníssimo de vida humana, uma grave modéstia, e um conforto sempre. E como eu invejo isso em vocês! Eu nunca tive isso em minha vida e sempre desejei isso. Talvez tenha sido o que mais me faltou. Mas me incorporar aos grupos de mais novos seria uma falsificação de tudo. Seria impossível, sobretudo, diante da lealdade natural das idades. E os meus companheiros de geração, guardo deles este ressentimento, ainda vinham oitocentistamente tão apegados ao exercício do individualismo, nesta terra sem tradições nem raciais nem culturais, que jamais pudemos viver os benefícios, os confortos, as forças do grupo. Vocês estão com muito melhores condições e por isso eu insisto em chamar a atenção de vocês sobre o vosso grupo. Vocês também não possuem tradições nem raciais nem culturais que permitam só por si o exercício do grupo. Mas já tem maior consciência dos coletivos, que o sofrimento deste tempo novo lhes dá. Vocês, eu vejo, eu sinto, já não estão eneguecidos pela mania vaidosa do exercício *interior* dos individualistas. São individualistamente caracterizados, e tão diferentes mesmo uns dos outros, mas nesse exercício *exterior* do individualismo, que deriva das tendências pessoais e das convicções. O que eu chamo depreciativamente de exercício “interior” do individualismo, interior e menos profundo, era aquele em que vivíamos, nascido apenas da preliminar perniciosa de que era *preciso* ser diferente, já conseguia duvidar da torre de marfim, mas não passava duma derivação dela, e propunha abertamente o *slogan* “nada de grupo! nada de escolas!”, feito sapos que se quisessem elefantes, gorgolejando “eu sou eu!”... Vocês precisam amar o vosso grupo e não será invejar demais se me ponho antes de mais nada amando o grupo de vocês e refazendo nele o que eu nunca pude ter. Não é inveja, é saudade.

E tanto mais que, por mais que me tivesse aplicado a descobrir qualquer espírito de grupo estreito, defensivo, em vocês, não consegui perceber isso. Há, de preferência, o sentimento do grupo, que se às vezes poderá dar de uns pra com os outros, uma compreensão excessiva que criam – compreensão, e não louvor — e isto é também com perigo: é lindo, é admirável mesmo, vale a pena correr o perigo pra ter o favor dessa felicidade.

E guardei a impressão feliz de que é no grupo, que é em grupo, que vocês preservam o exercício da sua mocidade. Pouco importam as discussões, as brigas mesmo, graves, gravíssimas que vocês possam ter entre si, tão graves como uma reunião atual de Roosevelt, Churchill e Stalin, porque nessas coisas não tem proporção nem relatividade. O Grupo é como que o único segredo da mocidade de vocês. Porque as demais solturas, excessos de álcool carnavalesco, namoros, procuras de zona, cassinices: isso pra vocês não é mocidade mais, não é deslumbramento nem descobrimento, nisso vocês já são tão velhos, tão humanos e tão

feitos, tão pobres ou tão ricos, tão sinceros e tão ridículos como qualquer janota senil. Isso não é mocidade, é janotismo. Não é mocidade, é servidão.

Aqui entra explicação do que eu falei do Paulo. Parte apenas, que outra parte eu escreverei a ele. Eu disse que ele talvez estivesse mais certo que os outros de vocês, no exercício do sentimento. Desculpe, mas estou me lembrando daquela cena alusiva a isso, pra mim tão dolorosa meu Deus! em que a cotia, percebendo a triste precocidade de Macunaíma criança, resmunga pensativa que “curumi faz isso não”, e joga caldo envenenado no menino, ele cresce com a ação do veneno e vira homem-feito pra sempre... Já escrevi uma vez ao Hélio o quanto me amarga essa precocidade humana de vocês todos, moços, principalmente do Brasil, precoces já por este deserto clima do Brasil e ainda por cima preconizados pelo nosso tempo e roubados por isso do gozo livre de sua mocidade... Como vocês são homens-feitos! Como vocês são experientes! E sobretudo: como vocês são compelidos a viver uma vida de homens-feitos, mandados por obrigações e compromissos que ainda não deviam ter!... Eu sofro isso, Otto, sofro isso muito, e estou imaginando que você sofre também, porque soube descobrir no seu poema a parte melhor da minha tristeza, a solidariedade pra com vocês, cuja mocidade o mundo roubou.

Por isso eu gosto muito, no sentido mais e espontâneo do “gosto de ti porque gosto”, do Figueiró, cujos versos li quando ainda estava aí, versos de moço. Do grupo ele é o único que escreve coisas de moço! Como eu sorria feliz lendo os versos dele. Cheguei a imaginar num poema escrito por ele, intitulado pernosticamente de propósito: “Do semvergonhismo jovem”, em que ele exclamasse que era moço, que era deslumbrado com o gozo da vida, que era feliz, mas que inventava uma infelicidade inexistente nele, porque é gostoso se mostrar infeliz... Entre vocês, quando o Figueiró chegava (e como fica expressivo o nome Figueiró!), quando ele chegava, era uma brisa, um prazer desfaticante que chegava. É certo que o Hélio e você e o Murilo, e o Fernando se estivesse aí, me deixavam mais felizes, mas o Figueiró me dava mais alegria, mais esquecimento. E quem sabe se mais verdade.

Eu compreendo o Paulo na espécie da sua gratuidade. Mais da sua disponibilidade que da sua gratuidade exatamente. Não creio, como o Hélio enxerga, que isso o aproxima de Gide. Se há, se houver qualquer coincidência possível, eu imagino mais no Paulo um como que desespero inconsciente pela mocidade que estão querendo roubar dele. É o que mais sente, de vocês, o desequilíbrio entre a maturidade imposta e a mocidade roubada, entre a mocidade feita e a mocidade espontânea. De maneira que se explode num cântico a García Lorca, pouco depois desliza em análises muito finas e bastante grã-finas, sobre o lago. Aliás Gide é moral. É mesmo tremendamente moral, através do seu amoralismo convencionado (não convencional) e da curiosidade pelo ato gratuito. Ao passo que o Paulo é imoral. É, eu creio, exatamente in-moral, não-moral, contra-moral, enquanto tudo isso são elementos viris do exercício da mocidade. O Paulo não me pareceu feliz. Me pareceu mesmo o mais infeliz de vocês todos. Não sei se ele queria que eu dissesse isto nesta carta que está me saindo tão coletiva, mas que ele se ressentia de mim não me faz mal. Não me pareceu que vocês estivessem bastante conscientes, bastante compreensivos do Paulo. É o mais envelhecido de vocês, o mais

maltratado por si mesmo, o que mais luta em favor do exercício da mocidade. Como pensamento não é o mais amadurecido, mas é o mais gasto. Como moço, talvez seja o mais criança... O Hélio é o mais audaciosamente comprometido com a vida de vocês todos, nesse sentido é o mais viril, mas se preserva numa auroralidade irredutível.

Você... *du bist die Ruhe*. Você é a paz, é não a sua, eu sei, mas a minha melhor paz, a lembrança mais grata e mais profunda dentre os conhecimentos que fiz desta vez em Belo Horizonte. É a lembrança que guerreia. Era justo que eu levasse agora outras tantas folhas de papel lhe confidenciando o que penso e sinto de você, Otto, mas agora que chegou o momento, eu não tenho o que dizer e sinto assim como se nos ligasse uma velha amizade. Quem descobriu isto aliás foi você e o disse admiravelmente no seu poema de Pampulha. Eu já vinha distinguindo você dentro do grupo, desde a conversinha fatigada do bar no primeiro dia, como a inteligência mais profunda do grupo. A que menos sobrenadava ao léu dos acidentes da vida e também das leituras. Isso me repunha em mim naqueles tempos passados do Modernismo, em que na malta turbilhonante que formávamos, eu era, sem vaidade falsa, o mais consciente e exigente de conhecimentos e o mais seguro de propósito. Eu sabia o que iria fazer e onde iria parar. Você não precisa saber tanto: os caminhos de agora por certo são os mais dolorosos, mas são menos incertos. E eu me revivia em você. Alma curiosidade esfomeada pela sua inteligência, pelo seu pensamento, me tomou desde o primeiro dia, você nem queira imaginar.

Até que foi o estouro juvenilíssimo do seu poema do Cassino. Era a velha amizade que nos surpreendia no princípio do caminho. Confesso que fiquei atordoado e com os olhos úmidos quando li o seu poema. Não consigo saber se é bonito como obra de arte, não sei, juro que não sei. Mas queima como adivinhação e marca pra sempre como sentimento. Trouxe o manuscrito comigo. Vou lhe passar à máquina uma cópia pra você guardar. Não publique, que essas coisas muitas vezes o falso olho do mundo tem por fraqueza. Mas guarde. Não é fraqueza e muito menos dependência, é força. Ah, minhas esplêndidas compreensões de mocidade! Esse foi o seu melhor exercício de mocidade, desses dias inesquecíveis pra mim. Guarde. Algum dia você há de sorrir desses versos pelo que eles têm de mais maravilhoso, a generosidade do moço. Mas acredite: eles apreenderam o que há de mais verdadeiro e de perfeito em mim. E paro aqui, lhe mandando o meu mais profundo afeto, amigo.

Eu, quando principiei esta carta, sinceramente: não sabia o que ia dizer. Mas decerto pressentisse alguma coisa e por isso me socorri de você. Não sei até que ponto a carta saiu confidencial. Na verdade a escrevi pra você, e se me deixei levar sem reticência foi porque escrevia a você. Não consigo saber o que pode ser sabido dela pelos outros, sem prejudicar ninguém. Confio em você. Amigo velho.

P. S. Acabo de copiar eu mesmo o poema de você. A impossibilidade de ajuizar esteticamente continua a mesma. Mas, “artisticamente”, o seu poema é da mais legítima Poesia; e, sem ter nenhuma incompreensão que o prejudique, tem vários traços de compreensão tão aguda de mim mesmo, que eu preferia não saber, não me tornar claramente consciente deles. Repito: o seu poema me dói admiravelmente.

São Paulo, 25

Otto,

Fui reler essa carta pra mandar e fiquei surpreendido com o tom exageradamente sério dela. Quis escrever outra mas logo reconsiderei, e achei que devia mandar assim mesmo. É séria, é grave por demais, não sei, mas não é insalubre. É preferível que eu tome a sério você desde o princípio e no princípio; as felicidades e alegrias virão depois e creio que terão muito tempo pra se gozar.

E também reconsidero outra coisa: lhe peço mostrar a carta aos que ela interessa de perto, ao Hélió, ao Paulo, ao Murilo. Fica mais leal assim e assumo a responsabilidade do que penso e sinto nela. E irei escrevendo aos poucos, desde o princípio do mês que vem, assim que me livre dum trabalho urgente que estou fazendo pra Argentina, e possa ler com mais calma os versos que trouxe comigo. Avise disto o Alphonsus também, por favor. E diga ao Babá que se ainda não mando a cópia integral da *Lira Paulistana* é porque estou esperando a opinião do Manuel Bandeira sobre a disposição gráfica duma instância, que hesito em expor em versos livres, ou mais francamente em prosa.